O LIVRO DE CATULO

BU

Tradução, Introdução e Notas
de João Angelo Oliva Neto

0.324.453-7
UFSC-BU

edusp

04 ABR. 2000
PREÇO 28.12
REGISTRO 0.324.453-7
DATA DO REGISTRO 29.9.00
BU/DPT
0.324.453-7
871-1
C369l

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Catulo
O Livro de Catulo / Tradução comentada dos poemas de Catulo João Angelo Oliva Neto. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. – (Texto e Arte; 13).

Bibliografia.
ISBN: 85-314-0338-3

1. Catulo 2. Catulo – Crítico e interpretação 3. Poetas latinos – Crítica e interpretação I. Oliva Neto, João Angelo II. Título. III. Série.

96-0688 CDD-873.0109

Índices para catálogo sistemático:
1. Poetas latinos : Apreciação crítica 873.0109

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374
6º andar – Ed. da Antiga Reitoria – Cidade Universitária
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil Fax (011) 211-6988
Tel. (011) 813-8837 r. 216

Printed in Brazil 1996

Foi feito o depósito legal

170329
SC-00048762-8
SC00048762-8

O que amas de verdade permanece,
o resto é escória
O que amas de verdade não te será arrancado
O que amas de verdade é tua herança verdadeira...

Ezra Pound, *Cantares*, 81*

para Guilherme Rocha Oliva,
Gui

* Tradução de Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, em Ezra Pound, *Poesia*, edição do centenário de nascimento de EP, 2. ed., São Paulo, Hucitec, 1985, p. 202.

SUMÁRIO

Prólogo 11
Introdução 15

O Livro de Catulo 65

Antologia 161
Notas 181
Bibliografia 257
Índice das Ilustrações 263
Índice Onomástico 267
Índice de Primeiros Versos 277
Envoi 279

PRÓLOGO

Este livro contém toda a obra que nos restou do poeta latino Caio Valério Catulo. Tem por princípio que uma tradução pretensamente poética de poesia seja o ponto culminante na relação entre estudioso e poeta, o ponto em que as metamorfoses produzidas no leitor pelo poema, mesmo de outra língua, exijam reações conscientes, respostas que se consubstanciem concretamente em versos e, quem sabe, em poesia. Assim, traduzir em verso toda a obra desse autor é um modo de tratá-la, e discutir os princípios que norteiam a tarefa de traduzir textos latinos é duas vezes pertinente: informa as coordenadas da presente tradução e faz jus ao substrato do desenvolvimento da literatura latina – a incorporação do legado cultural grego, na qual a necessidade de traduzir desempenhou papel muito importante.

Este livro destina-se ao leitor não-especialista. Habituado a um tipo de poesia que, *em linhas muito gerais*, dispõe no próprio poema a maior parte das condições contextuais de sua leitura, o leitor contemporâneo considera estranha e difícil a poesia que pressupõe o conhecimento de uma série de informações apenas indicadas no poema, mas, na verdade, *ausentes* dele. Fábulas mitológicas, versos de outros poetas e eventos histórico-políti-

cos, tudo os poetas da Antigüidade abordavam supondo já ser bem conhecido do seu público, um público a que não era necessário ser enfático. A poética antiga, como se vê, é *alusiva* e, ao contrário da poética romântica, da qual ainda hoje estamos imbuídos, é também sempre voltada para o mundo exterior, mesmo quando trata de sensações. Será possível observar que o modo mais característico da exterioridade, na absoluta maioria dos cantos de Catulo e de outros autores romanos, é a presença de um interlocutor, quase sempre nomeado, que, com o eu-poético e o leitor, faz o poema instaurar-se como encontro de pessoas, ou melhor dizendo, como reunião de personagens em cena. Nestas cenas, com muita freqüência, o poema, mesmo quando trata dos sentimentos do sujeito-lírico, concretiza-se como fala de personagem, como um dos lados da conversa, já que os textos não são necessariamente dialogados. Por tudo isso, o tipo de leitura que se faz de textos modernos não pode ser simplesmente transferido para textos antigos. Como o que se deseja aqui é difundir poesia latina, é dever evitar que o leitor interessado frustre-se por força de uma leitura infecunda. Torná-la propícia é o objetivo deste livro.

Ler poemas de Catulo requer a compreensão da mecânica que os anima, a poética helenística, que, tendo formado autores como Virgílio e Horácio, não ocupa, contudo, nos estudos clássicos, a mesma posição proeminente daqueles que formou. É bem verdade que, para a tradição literária posterior, toda ela baseada no latim, estes poetas romanos são mais influentes que os próprios poetas greco-helenísticos que os influenciaram, e o são a tal ponto que fizeram cair no esquecimento um autor como Calímaco de Cirene, poeta tão importante – dada a envergadura daqueles que o imitaram – quanto desconhecido. Calímaco é uma espécie de porta-voz da poética helenística, é o autor que Catulo sempre tem em mira e será muita vez mencionado neste livro. Portanto, a tradução dos poemas de Catulo vem precedida de "Introdução", dirigida a quantos desejem familiarizar-se com a natureza específica da poesia helenístico-calimaquiana. Para que se possam remeter notas, a "Introdução" não está dividida em capítulos, mas em parágrafos numerados, embora seja visível a tripartição temática – poética de Calímaco, poética de Catulo, aspectos da tradução. Estão em português todos os títulos de obras antigas e todas as citações de autores estrangeiros.

O texto latino básico é o estabelecido por Georges Lafaye para a coleção "Les Belles Lettres", cotejado com outros, indicados na "Bibliografia". Todo acolhimento de lições divergentes foi expressamente indicado.

Na tradução dos poemas, optou-se por grafar com letras maiúsculas todos os substantivos e adjetivos pátrios, como nas edições de textos latinos, como é regra no inglês e como ocorre na tradução italiana feita por Salvatore Quasimodo. O procedimento visa a facilitar ao leitor não-iniciado a compreensão de termos que não encontrará em nenhum dicionário de língua portuguesa. Assim, por exemplo, ao ler *Sagas*, *Partos*, *Medos*, no poema *11*, saberá imediatamente que se trata de povos e não do plural dos substantivos comuns *saga*, *parto* e *medo*. Da mesma forma, no epigrama de Calímaco ("Introdução", 15), ao ler *Náxio*, termo ausente em qualquer léxico de nossa língua, o leitor terá a possibilidade de recorrer a obras similares sobre cultura grega, que o informarão referir-se o termo à ilha de Naxos.

As "Notas" começam por apresentar sumariamente o esquema de todos os metros utilizados por Catulo. Logo a seguir, foram agrupadas conforme o poema a que se referem e vêm indicadas pelo número do verso e pelo termo ou expressão que se quer explicar. Localizam-se após o conjunto de poemas e possibilitam ao leitor escolher a passagem que gostará de ver detalhada. Privilegiando o objetivo de esclarecer o texto, mostram a recorrência de expressões que o poeta utiliza e procuram identificar a origem delas. Às informações de comentadores, estas notas amiúde incluíram, cabe dizer, comentário, análise e interpretação do tradutor.

Como remate, segue-se uma "Antologia" de traduções de Catulo. O critério de seleção foi apresentarem primordial preocupação com poesia, de modo que lá se poderá ver como a poética desse autor, em geral, e até uns mesmos poemas ressoam diversamente nos versos de vários poetas-tradutores deste século e do século passado.

INTRODUÇÃO

1. Um poeta, quanto mais sofisticado e diverso for, mais sujeito a controvérsia: ou não se atinge a complexidade própria de sua sofisticação ou rejeitam-se, por escrúpulos de toda ordem, temas integrantes de sua diversidade. Catulo foi um desses. A julgar pela opinião de T. S. Eliot, era um rufião[1], e pela de Baudelaire, ele e seu bando eram poetas grosseiros e puramente epidérmicos, sem misticismo algum[2]. Cícero, contemporâneo do grupo de Catulo, mais de uma vez referiu-se a eles com desdém: chamava-os[3] pelo termo grego *neóteroi*, "juvenis", com que implicava aversão não só à novidade dos poemas, mas também – compreensível num louvador dos costumes dos ancestrais – à juventude, supostamente temerária, daqueles poetas. Mais tarde, tachou-os[4] de *poetae noui*, "poetas modernos", e, acusando-os por não apreciar Ênio, antigo poeta latino, diz serem *cantores Euphorionis*[5],

1. T. S. Eliot, "What is a Classic", p. 62.
2. Charles Baudelaire, *Les Fleurs du Mal et Autres Poèmes* (Paris, Flammarion, 1982, p. 176). Esta observação vem em nota junto ao poema escrito em latim "Franciscae Meae Laudes".
3. *Cartas a Ático*, 7, 2, 1.
4. *O Orador*, 6, 1.
5. *Tusculanas*, 3, 45.

expressão cujo sentido deletério é "repetidores de Euforião", poeta grego do período helenístico.

2. Nascido em Verona entre 87 e 84 e morto entre 57 e 54 a.C., Catulo presenciou os últimos anos do regime republicano, época de guerras civis e turbulência social: a revolta de escravos, liderada por Espártaco (73-71 a.C.), a conspiração de Catilina (63 a.C.), o 1º triunvirato (60 a.C.), as campanhas de César na Gália e na Britânia (entre 58 e 55 a.C.) etc. Nesse fim de era, houve aquele discernimento próprio de toda crise e seu brilho crepuscular; foi tempo de grande efervescência cultural e – fato que tardaria a observar-se – de liberdade para homens e mulheres. De Catulo pouco se sabe. Filho de gente abastada, transferiu-se para Roma. Depois, integrando a comitiva do pretor Mêmio, foi enviado à Bitínia, onde pretendeu, sem sucesso, fazer rápida fortuna por meios nem sempre lícitos, como era comum na administração das províncias. Nessa ocasião, para cumprir os devidos rituais funéreos, teria visitado o túmulo do irmão, morto e sepultado na Tróade.

3. Catulo pertenceu a um grupo de poetas e intelectuais[6] que, nos meados do século I a.C., rompeu com o passado literário romano, representado pela tradução da *Odisséia* de Lívio Andronico (280-204 a.C.), pela *Guerra Púnica* de Névio (269-201 a.C.) e sobretudo pelos *Anais* de Ênio (239-169 a.C.). Tomando a designação dos antigos anais pontificais (registro dos acontecimentos mais importantes de cada consulado), Ênio compôs um longo poema épico sobre a história de Roma. Os *Anais* foram para o período arcaico o que a *Eneida* foi para a época de Augusto: a epopéia nacional; entende-se a indignação que causaram os *neóteroi* num homem como Cícero. No entanto, a própria expressão de Cícero, perdido o traço pejorativo, tornou-se emblema, pelo que dizer "neotéricos", poetas novos, é referir-se com justeza àqueles poetas. A importância deles consistiu em introduzir em Roma certa poesia helenística que já se praticava desde o século III a.C. no âmbito muito maior, hemisférico, do Mediterrâneo helenizado por Alexandre, ou, em sentido inverso, poderia dizer-se que os neotéricos incluíram a poesia latina na literatura mais sofisticada do período, que era escrita em grego.

6. A maioria dos poetas novos era da Gália Cisalpina, ao norte da Itália. São eles: Licínio Calvo, Hélvio Cina, Varrão Atacino, Quinto Cornifício, sua irmã Cornifícia, Valério Catão, Cornélio Nepos, Fúrio Bibáculo, Tícidas.

Tradicionalmente, mas sem nenhuma evidência histórica, esta figura é considerada o próprio Catulo. Pintura mural (fragmento), Sirmione Grutas de Catulo. Século I d.C.

Trilharam para alargar o caminho aberto por Lévio (?-129?), autor dos *Erotopaegnia* (*Jogos de Amor*), que começam a utilizar em latim a poética do helenismo. Essa poética ganha força com a vinda a Roma em 73 a.C. do poeta Partênio de Nicéia, capturado na terceira guerra mitridática e prisioneiro da família de Hélvio Cina, um dos poetas novos. Partênio, com os *Erotikà Pathémata* (*Sofrimentos do Amor*), muito alentou a nascente elegia romana e suas *Metamórphoseis* parecem ter influenciado as *Metamorfoses* de Ovídio.

4. A literatura grega mais influente sobre os romanos não foi a arcaica, desaparecida com o advento da *pólis*, nem mesmo a clássica, encerrada com o fim da *pólis*, mas a que se desenvolve a partir de então, a literatura helenística. O início do período helenístico é datado na morte de Alexandre em 323 a.C., quando seus lugar-tenentes dividem o império, formando os reinos dos Selêucidas, com capital em Antioquia; dos Atálidas, em Pérgamo; e dos Ptolomeus Lágidas, em Alexandria. Mas a origem primeira remonta à batalha de Queronéia em 338 a.C., em que Felipe II da Macedônia, seu pai, venceu a Confederação das Cidades Gregas, derradeiro alento da *pólis*. Esse período estende-se até a batalha de Ácio em 31 a.C. – queda do Egito, último reino helenístico – e nele formam-se os elementos condicionantes da poética a que não só a obra de Catulo, mas grande parte da literatura latina está submetida[7].

5. É preciso, antes de tudo, salientar que um período tão vasto no tempo e no espaço não pode ser rotulado, sem alguma inexatidão, por um único termo, seja ele "helenismo" ou qualquer outro, e que alguns de seus aspectos já se manifestavam antes dos feitos de Alexandre[8]. As conseqüên-

7. "Desde o século III a.C. existira um helenismo latino, jamais idêntico ao grego, porém jamais separável dele. Os homens que o criaram se tornaram em dois séculos os senhores do mundo de fala grega. Depois disso, a distinção entre helenismo grego e romano permaneceu válida, mas não havia barreira política entre os dois e a revolução cristã os envolveu." Em Arnaldo Momigliano, *Os Limites da Helenização*, p. 17. Sobre a mesma questão, declara Paul Veyne: "A civilização romana foi uma parte importante da cultura helenística". Em nota afirma que a expressão é de Eduard Norden, *Die römische Literatur* (Leipzig, Teubner, 1954), p. 22. Em "L' hellénisation de Rome et la problématique des acculturations", p. 3. E ainda sobre isso Marrou assevera: "Não há, de um lado, uma civilização helenística, do outro, uma civilização latina, mas, como bem o exprime o alemão com seu cômodo pedantismo, uma *hellenistisch-römische Kultur*. Só cabe falar numa cultura latina para designar um (*sic*) *facies* secundário, uma variedade particular desta civilização única". Em Henri-Irénée Marrou, *História da Educação na Antigüidade*, p. 375.

8. Um claro exemplo disso é a concepção e a prática educativas dos sofistas, já no século IV: "Com o advento

cias de suas vitórias foram enormes: a principal é que aquilo que era incipiente então se concretizava: o fim da *pólis* como a microcósmica instância pela qual o homem grego, o cidadão, quer no âmbito urbanístico-arquitetônico, quer no político e religioso, participava de tudo. As dimensões da Cidade permitiam que com ela os cidadãos mantivessem relação a todo tempo orgânica, sem alheamento. O particularismo de cada Cidade grega era antes a forma específica de seus cidadãos tomarem parte no todo, e assim situarem-se no mundo, do que um tipo qualquer de sectarismo. Essa especificidade foi substituída por uma concepção universalista, o ecúmeno, isto é, o mundo habitado por homens civilizados, que usavam uma língua comum, a *koiné*, forma do grego que qualquer um podia usar "desde Marselha até a Índia, do Cáspio às Cataratas"[9]. É o tempo do homem cosmopolita, do cidadão do mundo, antecipado pelos sofistas e por Demócrito: "o universo inteiro é pátria para a boa alma". O cosmopolitismo fez perceber que era próprio do mundo inteiro o que até então só fora possível por meio da Cidade. Tendo nessa língua comum seu veículo, desenvolve-se nova concepção de cultura e de saber, com a substituição do critério de nacionalidade pelo de crença na onipresença da razão. No século III a.C. essa idéia foi expressa pelas escolas estóica e epicurista, fundadas após a desintegração da *pólis*. A despeito das diferenças, ambas visavam o homem no seu interior e individualidade, buscando instituir pensamentos, normas e ação que lhe possibilitassem reconciliar-se com a natureza. Desarticulado o universo espiritual da Cidade, vedava-se ao homem participar coletiva e publicamente da vida política e interferir de perto nas decisões que lhe diziam respeito, porque emanavam de esferas agora distantes. Vedava-se-lhe assim sua compenetração

dos sofistas, a educação se tornou especializada e profissional, aberta apenas aos que a podiam e queriam pagar. Então, pela primeira vez, assistia-se a uma divisão real entre os ilustrados e os simples, com a conseqüência natural de que as classes educadas, nas diferentes cidades, começaram a sentir mais afinidades umas com as outras do que com os não-educados da sua própria cidade. A *cosmopolis* estava perto". Em H. D. F. Kitto, *Os Gregos*, p. 279, itálico do original. Werner Jaeger confirma: "Foi com os sofistas que esta palavra [*paidéia*, "educação"], que no século IV e durante o helenismo e o império havia de alargar cada vez mais a sua importância e a amplitude de seu significado, pela primeira vez foi referida à mais alta *arete* humana". Esta concepção pedagógica engendra, ainda que embrionariamente, a idéia de Humanidade: "É o que a *téchne* política dos sofistas ensina, e que é, para Protágoras, a verdadeira educação e o vínculo espiritual que conserva unidas a comunidade e a civilização humanas". Em *Paideia. A Formação do Homem Grego*, pp. 311 e 324, respectivamente. Logo a seguir se verá como estas idéias se efetivaram.

9. W. Tarn & G. T. Griffith, *Hellenistic Civilisation*, p. 3.

com o todo. Aquelas escolas, portanto, ao situar a razão, o *lógos*, na natureza, que é igual em toda parte, e ao estabelecer que a natureza do homem é parte da natureza inteira, possibilitaram-lhe reunir-se com a totalidade (inteireza), que agora é o mundo inteiro mesmo (ubiqüidade): o todo uno – *pánta hén*, na formulação de Heráclito – antes concebido por necessária mediação da *pólis*, agora o é pela consciência da unidade de todos os *homens*:

> Assim, independentemente dos grandiosos sistemas tanto de Platão quanto de Aristóteles, os estóicos encontraram preparado seu terreno. O "Uno" deve ser unificado com os "Muitos"; a Natureza deve entrar em aliança ofensiva e defensiva com o "Homem"; os homens, como indivíduos, devem estar alinhados com a Humanidade, o universal. Embora os fatores do estoicismo devam ser encontrados no pensamento grego anterior, os catastróficos eventos seculares exigiram sua reorganização. O Helenismo chegou a ter contrastes e exclusões; a originalidade do estoicismo está na sua corajosa tentativa de fornecer inclusões, clamor imperativo, dadas as circunstâncias da época[10].

Assim, se o universo filosófico da *pólis* é o platonismo, o dos grandes impérios é o estoicismo. Transformavam-se com isso as mentes, instaurava-se certo clima de liberdade, porque, com a helenização, estendia-se a grande número de pessoas e lugares a forma grega de cultura e educação, a *paidéia*, que, quando circunscrita à Grécia e vizinhança, era também o critério de separação entre gregos e estrangeiros, os bárbaros (os que "balbuciavam", os que não falavam grego). O critério passava a ser, ainda que elitista, mais intelectual e menos étnico. Com a fundação de Alexandria e o desenvolvimento de Pérgamo, apareceram novos pólos culturais que marcaram o período, pelas diferenças que apresentaram.

6. No que toca à literatura, é de ressaltar a definitiva incorporação da escrita como fundamento da cultura. Utilizada pelos gregos desde muito antes, a escrita, ainda no século V, Época Clássica, sofria restrições de Platão, no *Crátilo* e no *Fedro*, por causa do abalo por ela produzido na memória. A memória é a base do mundo oral, cujo monumento é Homero e toda a litera-

10. R. M. Wenley, *Stoicism and its Influence*, p. 80. O conceito de "humanidade", ou do correlato e quase sinônimo "fraternidade", é amiúde apresentado como conseqüência *direta*, quase *premeditada*, da obra do próprio Alexandre; haja vista, por exemplo, o respectivo capítulo, intitulado "O Gênio de Alexandre ou a Fraternidade", num livro de cultura grega para *iniciantes* e por isso mesmo muito importante. Ainda que o próprio Wenley não associe a idéia de *humanidade* especificamente a Alexandre, é relevante aqui mencionar o artigo de H. C. Baldry, "The Idea of Mankind", pp. 169-195, que reposiciona com mais cautela a questão. O livro mencionado é o de André Bonnard, *A Civilização Grega*, p. 585.

Lição de retórica. Relevo em mármore de um sarcófago romano. Metade do século II d.C.

tura arcaica grega, e que a dialética socrática procurava preservar. O aprisionamento do espírito pelo corpo, que os pitagóricos expressavam pelo adágio *sôma sêma* – "o corpo é túmulo" –, é o mesmo que o sinal escrito exerce sobre a palavra oral, como se verifica pelos outros significados desses dois termos, "o sinal grafado", *sêma*, é "cadáver", *sôma*, a que se opunham as "palavras aladas" de Homero. É notável a pertinência do que Borges afirma sobre o culto ao livro e sobre a escrita, mesmo com ligeiro desacordo quanto ao primeiro:

> Os antigos não professavam nosso culto ao livro – coisa que me surpreende; viam no livro apenas um sucedâneo da palavra oral. Aquela frase sempre citada, *scripta manent, verba volant*, não significa que a palavra oral seja efêmera, mas que a palavra escrita é algo duradouro e morto. Em vez disso, a palavra oral tem algo de alado, de inconstante; *alado e sagrado*, como disse Platão. Todos os grandes mestres da humanidade foram, curiosamente, mestres orais.
>
> Tomemos o primeiro caso: Pitágoras. Sabemos que Pitágoras, deliberadamente, não escreveu. Não escreveu porque não quis prender-se a uma palavra escrita. Sentiu, sem dúvida, que *a letra mata e o espírito vivifica* – que constaria, mais tarde, na Bíblia[11].

Os intelectuais helenísticos percebiam ser irreversível a consolidação da escrita e, embora fossem bem conscientes do abalo produzido por ela no mundo oral, jamais contemplaram seus predecessores como quem observa inimigos vencidos. Ao contrário, a própria escrita e a consciência de serem escribas, o apego ao livro, como qualquer nova atitude ligada à cultura, tinham apoio e justificação no fato de servir ao legado dos antecessores, preservando-o, o que outra coisa não é que o sentido dialético da tradição: tinham de ser conspicuamente diferentes deles para continuar a exercer, em *outras* circunstâncias, a *mesma* função de poetas. Percebendo ser outra a dinâmica da produção cultural graças precisamente à escrita, os poetas helenísticos, para inserir-se nessa tradição e continuá-la, tiveram muita vez que *explicitar* o caráter gráfico de sua obra. Assim, apesar de inalteradas as condições para divulgar poesia – que era recitada para um público distante dos custosos livros – os autores desse período não deixaram de exibir a presença emblemática da escrita e de um contato originário entre olho e desenho de palavra. Em Teócrito, por exemplo, a disposição dos versos imita o desenho do objeto ali descrito, são os *Tekhnopaígnia*[12]. E no

11. Jorge Luis Borges, "El libro", em *Borges, Oral* (Buenos Aires, Emecé Editores/ Editorial de Belgrano, 1986), p. 14. A referência bíblica é São Paulo, *Epístola aos Coríntios*, II, 3, v. 6.
12. Trata-se do poema "Syrinx", ("Sírinx" ou "Siringe", literalmente "caniço"), palavra que designa a flau-

processo mesmo de assimilação da cultura grega pelos romanos, que já estava ocorrendo, o livro, materialmente considerado como repositório e veículo de textos escritos, teve enorme importância:

> Um elemento que deve ser seriamente avaliado, se se quer compreender, na sua concretude, o impacto na cultura romana dos textos escritos da literatura grega, é a época em que tiveram início na própria Grécia a produção do livro e o comércio livreiro, que, a julgar pelos mais antigos documentos em nosso poder, não foram anteriores ao século IV[13].

Adiante a questão será retomada.

7. Na arquitetura helenística manifesta-se a tendência ao grandioso, visível em Alexandria, Pérgamo e em Rodes, e curiosamente percebe-se na pintura e na poesia desse período a afeição ao diminuto, ao delicado, descobrindo-se pela primeira vez, conforme Lesky[14], a criança, na graciosa individualidade de seu corpo e de seu espírito. Aperfeiçoa-se o sistema heliocêntrico, mas a superstição assume a forma da Astrologia. No campo da Retórica, ao estilo enxuto e simétrico de oradores áticos do século V há certa reação, estruturada por meio da sucessão rápida de frases curtas e do acúmulo de recursos conceptuais e sonoros, praticada na Ásia Menor. Quando estes dois estilos foram introduzidos em Roma, os oradores, conforme sua orientação, eram chamados respectivamente *attici* ("aticistas") e *asiatici* ("asianistas"). O estabelecimento do debate aticismo/asianismo e sua contínua reedição ao longo do tempo foram importantíssimos: basta lembrar que têm sido a base de outras questões capitais para a história da cultura e da arte, como a do Clássico/não-Clássico, que é retomada, a *seu modo* em *seu tempo*,

ta de Pã, formada por sete caniços de tamanhos diferentes. Há ainda outros exemplos de *Tekhnopaígnia*, poemas figurados: *Pélekys*, ''Machado''; *Ptéryges*, ''Asas''; *Oón*, ''Ovo'', de Simias de Rodes (*c*. 300 a.C.) e dois intitulados *Bomós*, ''Altar'', atribuídos a Dosíadas de Creta (*c*. 270 a.C.).

13. Em Bruno Gentili *et al.*, *Storia della Letteratura Latina*, p. 32.

14. Albin Lesky, *Historia de la Literatura Griega*, p. 728. Sobre o tema da criança na literatura, Körte e Händel afirmam: ''Ainda que seja certo que, com o helenismo e, especialmente, por causa do ''Hino a Ártemis'' de Calímaco, conquistou-se para o menino e para os sentimentos infantis um novo posto na literatura, esse fato, contudo, está relacionado intimamente com a nova atitude diante da lenda, ou seja, não se trata tanto, como se poderia crer, de um desenvolvimento da capacidade humana de sentir. Também outras épocas tiveram um coração apto para a natureza infantil; só que o relato das lendas oferecia pouca oportunidade para seu desenvolvimento. Isto será diferente na nova época, com uma atitude completamente distinta diante das ações míticas''. Em *La Poesia Helenistica*, p. 109.

pelo debate Clássico/Barroco e Clássico/Romântico[15]. Contudo, o evento causador de grandes mudanças na cultura, inclusive quanto a sua transmissão, foi a criação da Biblioteca e do Museu de Alexandria, por Ptolomeu I, Sóter.

> A Biblioteca existe *ab aeterno*. Desta verdade cujo corolário imediato é a eternidade futura do mundo, nenhuma mente razoável pode duvidar. O homem, o imperfeito bibliotecário, pode ser obra do acaso ou dos demiurgos malévolos; o universo, com sua elegante dotação de prateleiras, de tomos enigmáticos, de infatigáveis escadas para o viajante e de retretes para o bibliotecário sentado, só pode ser obra de um deus[16].

8. O Museu, "morada das Musas", lugar onde eram cultuadas, agregava sábios para discutir problemas científicos de qualquer ordem, com toda sorte de regalias – até salários, refeições gratuitas, isenção de impostos – a expensas do poder público. Por ter caráter de mera investigação e contenda em Ciência, diferiam das instituições atenienses, que propugnavam por determinadas idéias. O sábio agora estava livre da faina diuturna e das lides políticas. Nasciam aí as sociedades puramente científicas e a primeira universidade do mundo[17]. A Biblioteca foi o local onde os Ptolomeus pretende-

15. Os manuais de história literária de concepção biologista – nascimento, crescimento, apogeu, decadência e morte –, tendo considerado o século V o auge da Grécia, portanto *modelo*, por isso mesmo *Clássico*, consideram também, com base na oposição Clássico/não-Clássico, a época helenística, posterior, anacronicamente *Barroca*: "clássica é a literatura nacional ático-helênica; barroca a helenística escrita em grego". Em Ernst Bickel, *Historia de la Literatura Romana*, p. 172. Ou então consideram-na *beletrista* e *decadente*: "depois desta estação dos escritores no Museu e na Biblioteca, sabemos já que a poesia alexandrina será uma poesia – de poetas talvez – de *letrados* com certeza" (em André Bonnard, *op. cit.*, p. 636, itálico do original). Essa concepção, assumida entre nós como prática pedagógica, é responsável por grande parte do desinteresse e, então, pela ignorância quanto ao período helenístico. Comparece até num autor como Gordon Williams, que, se focaliza oportunamente a poesia latina como produto de poetas criativos e conscientes de que criavam sob os pólos da tensão *tradição/originalidade*, ao discutir, porém, a relação do poeta romano com a comunidade, faz a seguinte observação sobre os alexandrinos: "O poeta romano podia perceber uma diferença já por volta do século IV a.C.: a ligação real com ocasiões sociais estava bastante restrita ao drama, e mesmo nesse tempo a tragédia estava em declínio e a própria história da comédia não continuou além do século seguinte. Então ele teve que desviar seu olhar de Atenas para Alexandria, onde curiosa visão viria ao encontro de seus olhos: bibliotecários e estudiosos que escreviam poesia como tarefa concomitante às oficiais – situação bem oposta à da época de ouro; aqui, pessoas desempenhavam funções que as justificavam e explicavam como seres sociais, enquanto, por assim dizer, tiravam férias, como poetas. A poesia que dessa maneira escreveram refletia a sua posição na sociedade: era estudada e cuidadosamente artística, ininteligível, de fato, para quem não tinha uma biblioteca a sua frente". Em *Tradition and Originality in Roman Poetry*, p. 34.
16. Jorge Luis Borges, "La Biblioteca de Babel", em *Prosa Completa* (2 vols., Barcelona, Bruguera, 1980), vol. 1, p. 455.
17. André Bonnard, *op. cit.*, p. 623.

ram reunir, de início, todo o patrimônio grego existente, depois tudo o que se poderia reunir, para traduzir ao grego. É deste tempo a versão grega, feita por 72 sábios judeus[18], dos antigos poemas hebraicos, conhecidos depois como o Velho Testamento. Os primeiros Ptolomeus não poupavam esforços para aumentar o acervo: chegavam a reter navios carregados de rolos, fazer copiá-los e restituir apenas as cópias, ou até mesmo perder fiança para não devolver livros emprestados. Faziam-se cópias em massa; presume-se que à época de Ptolomeu II, o Filadelfo, o conjunto das várias bibliotecas do complexo contava com mais de 742 000 volumes[19]. São desse tempo o escólio – comentário auxiliar de um texto –, o aparato crítico, a discussão filológica, a exegese. Entram em cena o bibliotecário, que era também poeta, e a catalogação; surge o sonho borgiano de reunir todos os livros do mundo. Nasce a mais contumaz bibliofilia. A Biblioteca é responsável pela conservação da maioria dos livros da Antigüidade que hoje lemos.

9. Mudando a atitude perante o texto, a atividade da Biblioteca modificou a concepção mesma da palavra poética, do fazer próprio da poesia. Dos três principais poetas do período helenístico, dois foram bibliotecários em Alexandria, Calímaco de Cirene (300-240 a.C.) e Apolônio de Rodes (295-215 a.C.). Teócrito de Siracusa (*c.* 270 a.C.) viveu em Alexandria e travou conhecimento com os Ptolomeus e com Calímaco. Ao reunir o duplo ofício de bibliotecário, tal como se delineou acima, e de poeta, acomodaram esses autores sua criação ao legado da tradição, que conheciam muito bem. Esse legado, que lhes cabia por ofício preservar, dava substância às obras, era seu universo de consideração, de modo que criar novas obras, cumprir o inelutável apelo à criação, significava referir, mencionar, citar o passado.

18. ''O encontro dos dois povos dirigentes foi como que selado pela acolhida reservada por Ptolomeu à delegação dos 72 eruditíssimos judeus, escolhidos em número de seis para cada tribo de Israel.'' Em Luciano Canfora, *A Biblioteca Desaparecida*, p. 35. A história verdadeira dessa tradução tem, porém, outros objetivos: ''A fim de atender às necessidades religiosas do judaísmo da diáspora, traduziu-se a Bíblia para o grego, em versão conhecida como a dos Setenta, assim chamada porque, segundo a tradição, fora redigida por setenta doutores, no reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-247). Trata-se, na realidade, de uma obra de grande envergadura, cuja elaboração exigiu sem dúvida mais de um século''. Em Marcel Simon e André Benoit, *Judaísmo e Cristianismo Antigo: De Antíoco Epifânio a Constantino*, p. 73.

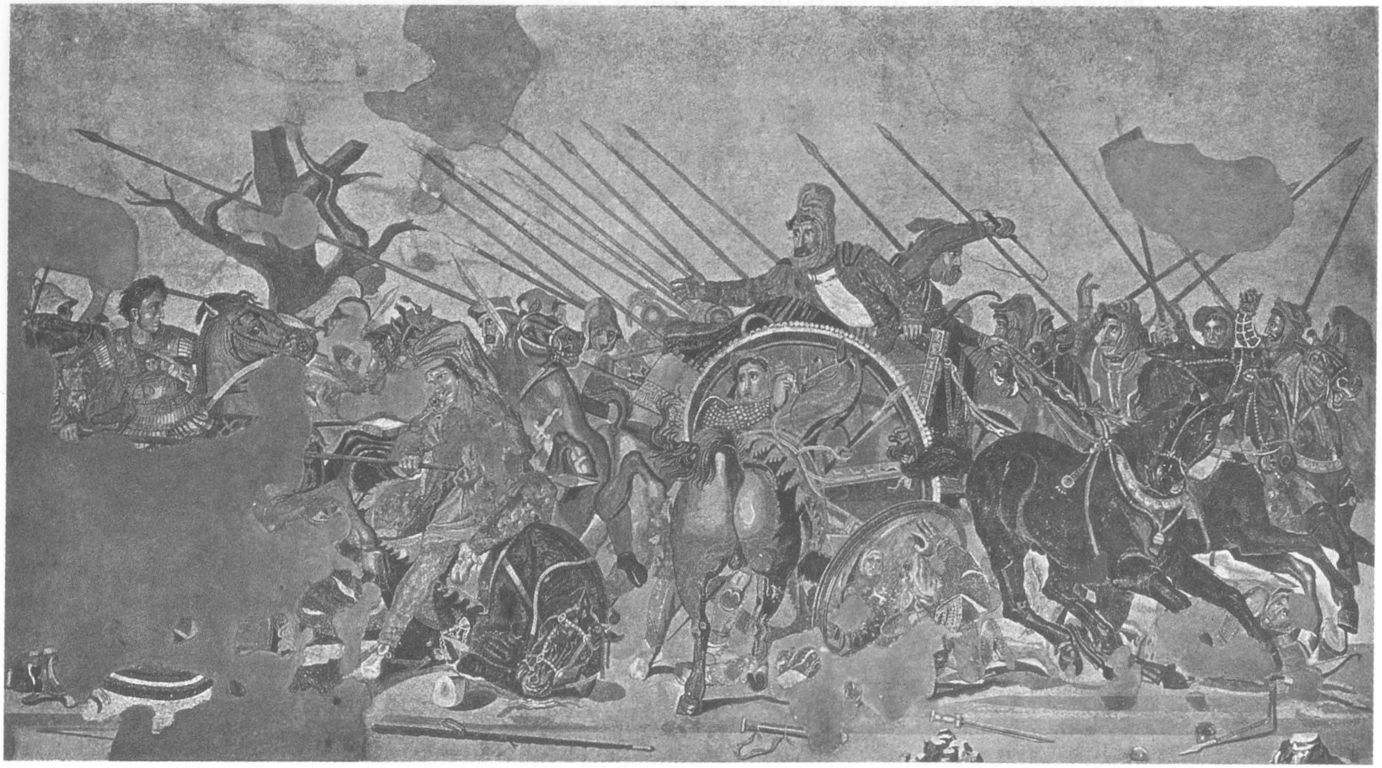
19. ''O rolo é a 'unidade de medida' nos cálculos bibliotecários. Por isso as fontes antigas nos fornecem aqueles números à primeira vista impressionantes – centenas de milhares de rolos –: exatamente pelo costume de contar não as obras, mas os rolos.'' Em Luciano Canfora, *op. cit.*, p. 173.

Por conseqüência, de necessidade que era, imitar objetivou-se como valor, sem o traço negativo que a sensibilidade moderna, sobretudo após o Romantismo, denuncia e rejeita. Tendo, de início, nos monumentos do passado seu objeto, imitar era antes homenagem do que plágio. Era a possibilidade que esses autores tinham de emular, segundo o eterno caráter agonístico da cultura grega. Imitar permitia-lhes exibir sua vasta erudição, palavra-chave desta poética, pois o movimento de elaboração de novas obras, direito assegurado de qualquer época, voltava-se não para a novidade isenta de substância, por isso mesmo impensável, mas para o rebuscar na origem aspectos menos conhecidos dos antigos mitos e tradições. Só assim eram *originais*. O elemento diferenciador com que todo autor procura suprir uma lacuna e que motiva seu trabalho insinuava-se a partir do antigo patrimônio comum. Num fragmento, Calímaco diz *amártyron oudèn aéido*[20], "nada canto, que não esteja documentado". Veja-se a relação que estabelece Dodds entre a assimilação do modo de vida no período helenístico, resultante das conquistas de Alexandre, e a originalidade:

> E, com este nivelamento de determinantes locais, esta liberdade de movimento no espaço, houve um nivelamento análogo de determinantes temporais, houve uma nova liberdade para o espírito recuar no tempo e escolher à vontade, da experiência passada dos homens, aqueles elementos que melhor podia assimilar e explorar. O indivíduo começou a usar a tradição conscientemente, em vez de ser usado por ela. Isto é mais evidente nos poetas helenísticos, cuja posição a este respeito era como a dos poetas e artistas de hoje em dia. "Ao falarmos hoje da tradição", diz Auden, "já não estamos a dizer o mesmo que no século XVIII: uma forma de trabalhar transmitida de uma geração para a seguinte; referimo-nos a uma consciência de todo o passado no presente. A originalidade já não significa uma ligeira modificação pessoal do predecessor imediato de alguém; significa a capacidade de encontrar em qualquer obra de qualquer época ou lugar chaves para o tratamento do assunto de cada um". Que isto se aplica à maior parte, se não a toda poesia helenística, não é preciso prová-lo: explica tanto a força como a fraqueza de obras como os *Argonautica*, de Apolônio, ou os *Aitia*, de Calímaco. Mas também o podemos aplicar à filosofia helenística: o uso que Epicuro faz de Demócrito e o uso estóico de Heráclito são casos pontuais[21].

Num segundo momento, a imitação, já estabelecida como prática valorizada, além dos antigos, contemplava também os poetas contemporâneos, colegas de ofício e arte. Trocavam versos, poemas, faziam o jogo das

20. Fragm. 612, em Pfeiffer, *Callimachus*, vol. 1 – *Fragmenta*, p. 418.
21. E. R. Dodds, *Os Gregos e o Irracional*, pp. 254-255. Aristóteles sobre isso afirma: "o poeta deve criar servindo-se atinadamente do legado tradicional", *Arte Poética*, XIV, em Aristóteles, Horácio, Longino, *A Poética Clássica*, p. 33.



Cena da batalha de Isso (333 a.C.) entre Alexandre e Dario
Mosaico proveniente da casa dos Vetii, Pompéia
Segunda metade do século II a.C.

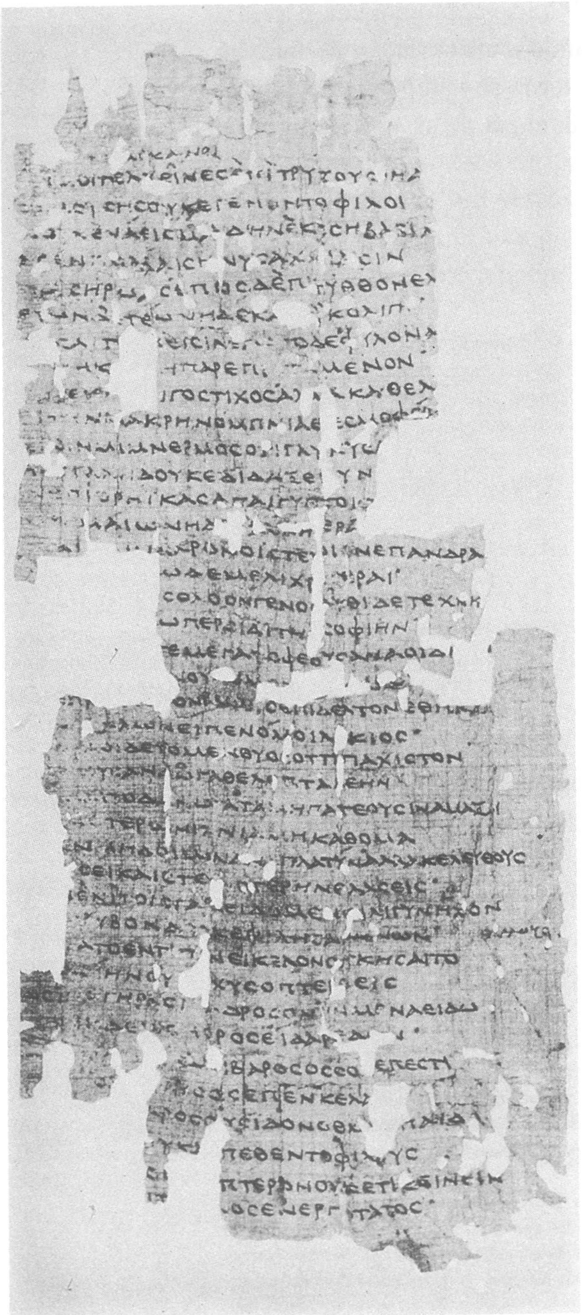
homenagens ao se tomarem uns aos outros como temas. Se a imitação era um valor, a alusão era sua técnica.

10. A técnica da alusão consistia em reproduzir um trecho, um verso, ou apenas uma imagem de outro poeta, de maneira que o leitor se comprazia em identificar a proveniência, comparar e avaliar. Tudo isso está no termo grego *paígnion* e no verbo latino correspondente *ludere* (donde "aludir", cognato de *lusus*, "jogo"), que enfeixa as noções de compor/cantar os poemas, de com eles jogar/disputar e de brincar/representar, tal como ocorre em Catulo. É uma poética ligeira, só nos limites em que a expressão signifique "leveza" e "rapidez", porque, em conseqüência do que o caráter lúdico e a grandeza passada obrigavam, esta poética, para vigorar, devia exibir refinamento, sofisticação e cuidado com o detalhe: numa palavra, devia lidar com a precisão. Leveza, precisão, rapidez, elementos desejados tão antigamente, que integram – é curioso notar – as atuais *Seis Propostas para o Próximo Milênio* de Italo Calvino[22], configuram com propriedade o que é "alexandrino", em oposição a "helenístico", mais genérico.

11. Calímaco de Cirene, o mais representativo dessa vertente, é o poeta alexandrino por excelência, aquele que mais influiu não só em Catulo e poetas novos, como também naqueles que as velhas histórias da literatura consideram legatários apenas do período arcaico e clássico, como Virgílio e Horácio[23]. Compôs os *Áitia* (*Origens*), hoje fragmentários, poema erudito sobre a origem de festas, costumes, nomes, cidades, e, por determinação do segundo Ptolomeu, os *Pínakes* (*Catálogos*) de todo acervo da biblioteca. É, assim, um *poietés háma kài kriti-*

22. Italo Calvino, *Seis Propostas para o Próximo Milênio*.

23. São notáveis as afirmações de Wendell Clausen: "Tenho criticado, ocasionalmente, comentadores recentes por sua negligência quanto à poesia helenística, uma vez que aqueles que utilizam comentário naturalmente supõem que ele contém o que é necessário para compreenderem e apreciarem o texto. Deste preconceito contra a poesia helenística os antigos comentadores e leitores de Virgílio felizmente estão livres; para eles (como para Virgílio) não havia descontinuidade na poesia grega, para eles Calímaco era um poeta comparável a Píndaro. [...] Virgílio era um poeta helenístico, um poeta que foi educado e que escrevia nessa tradição. É claro que tinha vasta leitura na poesia grega anterior; também o tinham os poetas helenísticos. É claro que a principal referência da *Eneida* é Homero, mas Virgílio imita Homero (por mais profunda que seja a ressonância de sua própria poesia) como o faria um poeta helenístico, como Apolônio fez. Virgílio pode ser descrito como Poeta Novo da segunda geração, com uma técnica literária, e daí, uma sensibilidade literária, formadas por cuidadoso e incansável estudo dos poetas helenísticos e seus descendentes romanos, os Poetas Novos da primeira geração". Em *Virgil's Aeneid and the Tradition of Hellenistic Poetry*, pp. ix-x.



Fragmento do prólogo dos *Áitia*, de Calímaco. Papiro. Século II d.C.

kós ("poeta e ao mesmo tempo crítico")[24]. Veja-se como em sua poesia a Palavra, equivale dizer, a Linguagem, espelhando a apropriação de falas já referida, além de matéria declarada do poema, torna-se independente e autônoma, vigorando descontextualizada, compacta, cheia de si, neste epigrama bem-humorado:

Um estrangeiro, lá de Atarnes, vindo a Pítaco
de Mitilene, filho de Hírrias, fala:
"Velho, oscilo entre dois enlaces, uma noiva
pela riqueza e raça está a meu lado,
a outra me supera. E então? Toma comigo
a decisão: qual levo ao himeneu?"
Este, o cajado erguendo, arma de velhos, fala:
"Aqueles te darão toda a palavra".
Num largo trívio, rápidos peões nas mãos,
uns meninos rodavam, dando golpes.
"Segue seus passos", diz; o estranho foi lá; lá
gritavam: "Vai, pega!, que está a teu lado".
Ao ouvi-lo, o estrangeiro não quis ricas bodas,
compreendera o presságio dos meninos.
Tal como ele casou com mais modesta noiva,
tu, assim, vai!, pega a que está a teu lado[25].

O significado mais profundo desse poema é ser a *resposta helenística*, de fundamento estóico, à fugacidade perdida da palavra oral: na medida em que a palavra escrita carrega circunstâncias e condições de seu enunciado e dificulta ser a bel-prazer por outros apropriada – mérito da palavra oral, "alada" – era necessário, pois, nova forma de apropriação, que a desprendesse daquelas circunstâncias condicionantes: nasce assim, como prática valorizada, a citação fora de contexto, a citação que se desvia do sentido original e é antes prova de acuidade que de descuido[26].

24. Ainda que designasse precisamente Filetas de Cós, poeta anterior a Calímaco, esta expressão cabe a todos os poetas-bibliotecários. Pode-se avaliar a importância desse escritor por ter sido seu nome, junto com o de Calímaco, invocado por Propércio (3, 1, 1), elegíaco romano, coevo de Virgílio e Horácio, como inspirador de sua poética.

25. Epigrama I, traduzido da edição de Cahen. Callimaque, *Les Origines, Réponse aux Telchines, Élegies, Épigrames, Iambes et Piéces Lyriques, Hécale, Hymnes*, p. 111.

26. Enylton de Sá Rego, que vincula Machado de Assis ao escritor grego Luciano de Samosata (125?-190? d.C.) e à sátira menipéia, *nascida na época helenística*, afirma: "Partiremos aqui do reconhecimento de que os textos de Machado citam freqüentemente outros autores, e que freqüentemente suas citações não correspondem aos textos citados. Machado, portanto, é um 'deturpador de citações' [...] Em nossa opinião, no entanto, a utilização de citações truncadas não deve ser explicada pela qualidade da memória do autor, mas

12. Num outro epigrama, Calímaco repudia os poemas cíclicos, ou seja, os longos poemas épicos de modelo homérico. Com isto, não só concretiza em literatura a tendência ao diminuto, como polemiza com Apolônio de Rodes, autor das *Argonáuticas*, um dos que chama de *telkhînes* (demônios, espíritos invejosos), por escrever um poema épico em quatro cantos, com mais de seis mil versos. Não era repúdio a Homero, mas, ao contrário, era a consciência crítica de que a forma poética que então materializava a época não era a longa epopéia:

Eu odeio o poema cíclico; da estrada
 que muitos leva, traz, cá, lá, não gosto.
Que vagueia detesto o amante nem da fonte
 bebo e me afasto de lugar comum.
Lisânias, tu, sim, és ouro, ouro, mas antes
 que o diga o Eco, alguém diz: "outro o tem"[27].

13. Já se observa, na contínua reverência ao legado, a atitude borgiana de recusar a criação da obra de arte monumental. Calímaco afirmava: *tò mega biblíon íson tôi megáloi kakôi*, "um grande livro é igual a um grande mal". (Era precisamente essa atitude que os neotéricos tinham em vista quando se opunham a seus predecessores, pois mesmo estes haviam se formado sob o influxo alexandrino, mas não calimaquiano.) Desenvolvem-se, assim, dois gêneros de poemas, designados por dois diminutivos, o epílio (pequena épica) e o idílio (pequeno quadro). São em geral textos de até quatrocentos versos, longos quiçá para o padrão atual, mas cuja brevidade é relativa à épica. O epílio foi muito praticado por Euforião da Calcídia (276 a.C.?), como mostram os restos papíreos encontrados. Foi diretor da Biblioteca de Antioquia e sua influência sobre os neotéricos deveu-se a ter cumprido extremosamente o ideário alexandrino. O epílio *Hécale* de Calímaco, de que também só há fragmentos, influiu diretamente sobre os poemas *Dictina*, de Valério Catão; *Esmirna*, de Hélvio Cina; *Io*, de Licínio Calvo; *Glauco*, de Cornifício, poetas novos, e sobre o *Ciris e o Culex*, que constam da *Appendix Vergiliana*. O poema *64*, o mais longo de Catulo, é

sim por uma prática literária associada à tradição luciânica", em *O Calundu e a Panacéia: Machado de Assis, a Sátira Menipéia e a Tradição Luciânica* (Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989), pp. 111-112.
27. Epigrama 28, traduzido da edição de Cahen, *op. cit.*, p. 125.

Relevo de mármore em forma
de vagina com a inscrição:
Dáfnis dedica isto ao Supremo (Zeus)
É provavelmente um ex-voto
pela obtenção de uma cura
Proveniente de Atenas. Século IV a.C.

UFSC

exemplo de epílio. O idílio foi criado por Teócrito e, embora o termo nenhuma relação tivesse com a poesia bucólica e pastoril, passou a designar, por causa de sua obra, esse tipo de poemas. Pequeno foi seu influxo sobre os neotéricos, mas enorme sobre as *Bucólicas* de Virgílio, poeta da geração seguinte.

14. Tanto Euforião quanto Calímaco escreveram *arái*, "imprecações", gênero de poemas que contêm invectivas e maldições, motivadas, no período arcaico, pelo sentimento de justiça ultrajada, e dotadas, no período helenístico, de requinte literário e erudição mitológica, sem embotar sua lâmina verbal, como se pode verificar na *dira* (palavra latina que traduz *ará*) de Catulo, o poema *108*, segunda imitação, signo do signo.

15. O epigrama, forma breve, nascida talvez das inscrições tumulares, teve em Calímaco e demais helenísticos cultores diligentes e transformou-se em gênero literário autônomo. Seus epigramas guardam aquele traço característico de dar voz à lápide e a objetos votivos, que, em vez de trazer a fala de um narrador alheio, eles mesmos falam o texto ali presente, recurso potencializado pelo cunho literário que possuem, como se vê neste epigrama:

> Não jaz na terra Lico, o Náxio, mas no mar
> viu a nau, junto, a vida viu perder-se
> ao voltar, mercador, de Egina. Em plainos úmidos
> vai seu corpo, seu nome eu levo, mero
> túmulo, e vera clamo esta palavra: "evita,
> ó nauta, o mar, quando as Cabras mergulham"[28].

16. Outros apresentam erotismo pederástico, que expressa em geral encanto com o belo corpo de um jovem; é a chamada *moûsa paidiké* ("poesia sobre o menino"), que em Catulo comparece no conjunto de poemas para Juvêncio.

17. Cultivou-se a elegia, poema de maior extensão, de origem controversa, mas provavelmente ligada ao epigrama tumular, de que mantém a estrutura binária em dísticos, um hexâmetro e um pentâmetro. Elegia designa hoje só a composição de tema e tons tristes, um lamento; na Antigüidade, entre gregos e romanos, embora tivesse também este sentido, significava o

28. Epigrama 18, traduzido de Cahen, *op. cit.*; p.121.

poema composto naqueles versos, chamados dísticos elegíacos. A designação era formal, sem vínculo necessário entre gênero e assunto, que, assim como no epigrama, era variado. Em Catulo, que praticou ambos, conforme a dimensão e o conteúdo de um texto em dísticos, não é sempre fácil saber se é um longo epigrama ou uma elegia breve; seja como for, sua seção elegíaca abre-se com o poema *65*, que menciona Calímaco, e apresenta a seguir, poema *66*, tradução latina de sua elegia "A Trança de Berenice".

18. Hinos Calímaco também compôs e em sua obra são parte mais importante do que na de Catulo. Os hinos arcaicos, segundo o que se observa nos hinos homéricos, são composição poética de explícita função litúrgica na celebração pública e coletiva do deus ou deusa cujo nome vem no início dos cantos, quase sempre em primeiro lugar. Exibem as várias manifestações da divindade, a teofania, sua presença, percebida pelos homens de antanho. Os hinos helenísticos de Calímaco é provável que não se destinassem ao ofício público. Se, por um lado, tiveram minorada aquela mágica dimensão do culto, por outro, ganham em sofisticação literária, pois, numa parte característica deles, arquiteta-se o artifício de haver um narrador que, presente à cerimônia, descreve-a para o ouvinte, de modo a não se reproduzir ingenuamente, no dizer de Umberto Eco[29], o modelo antigo, nem se abster o público de fruir um hino. Tal mediação narrativa provém dos Mimos (antigo gênero de poesia dramática), que, dentre seus diversos elementos constitutivos, apresentam diálogo de vários interlocutores, ação, e descrição de situações anedóticas. Para a escrita de Catulo, importa menos o hino – de que temos um só exemplo, o poema *34*, e sem aquela interessante mediação – do que o conjunto destas três características mímicas, ocorrentes em alguns poemas. De Calímaco, devem-se referir também os *Iámboi* (*Iambos*). Nesta obra, hoje fragmentária, percebe-se que o termo iambo começa a generalizar-se, não designando apenas o metro de certas composições satíricas, mas o próprio teor satírico delas, como será comum em Catulo. Empregan-

29. Umberto Eco, *Pós-escrito a O Nome da Rosa*, p. 57. À guisa de comparação, vale citar todo o passo: "A resposta pós-moderna ao moderno consiste em reconhecer que o passado, já que não pode ser destruído porque sua destruição leva ao silêncio, deve ser revisitado: com ironia, de maneira não inocente".

do principalmente o metro coliâmbico, Calímaco satiriza concepções literárias e morais[30] de seus contemporâneos.

19. O livro de Catulo, tal como nos chegou, contém pouco mais de cem poemas e apresenta, sob o ponto de vista métrico, três grandes partes: de *1* a *60*, temos composições em metros variados, os polímetros; os poemas de *61* a *68* são mais conhecidos como *carmina docta* ("poemas eruditos"), mas são também chamados, dada a extensão, *carmina longiora*, *maiora* ("poemas mais longos, maiores"); nenhuma dessas designações refere-se ao metro, que é variado. De *65* a *116*[31], só ocorrem poemas em dísticos elegíacos.

20. No poema *1*, de abertura, Catulo chama seu livro *libellus*, "livrinho", primeiro substantivo do livro, fazendo inequívoca alusão à tópica alexandrina do diminuto, da palavra escrita e do amor ao livro, embora em Roma as condições para divulgar poesia também pressupusessem oralidade. Esse termo *libellus*, à parte possíveis significações afetivas do diminutivo, devia designar propriamente o tamanho do livro, do qual estivessem talvez excluídos os longos *carmina docta*. O assunto é controverso e os comentadores divergem. De qualquer forma, é com dificuldade que se pode aplicar aos longos poemas eruditos e a algumas elegias maiores, de tom mais grave, a designação presente no mesmo poema de abertura, que é *nugae*, "nugas", "bagatelas", "ninharias". Nugas é o termo técnico com que Catulo traduz o grego *paígnia* e nomeia, de sua obra, aquela mesma poesia calimaquiana, ligeira, que realiza (usa também o próprio verbo *ludere*, poema *50*). Não sendo a ligeireza defeito, como já demonstrado, o que porventura sobrar de depreciativo nesses termos, assim como em *ineptiae*, "inépcias", do poema *14*, só pode ser visto em Catulo como irônica modéstia, jamais a licença para designar algo menor, como em Cícero, ao referir-se uma vez mais a ele já morto: *poetam non audio in nugis* ("não dou ouvidos a um poeta de ninharias")[32]. Compreende-se a posição de Cícero ao se ler o *Discurso em Defesa do Poeta Árquias*, em que expõe sua visão do melhor poeta, a saber, o

30. "Verdadeira *lanx satura*, os *Iambi* devem ter influenciado a sátira romana." Em C. A. Trypanis, *Greek Poetry – from Homer to Seferis*, p. 272.

31. Como se vê, os poemas *65*, *66*, *67* e *68* pertencem aos *carmina longiora*, pela sua extensão, e também à seção elegíaca, pelo metro.

32. *Paradoxos*, 26.

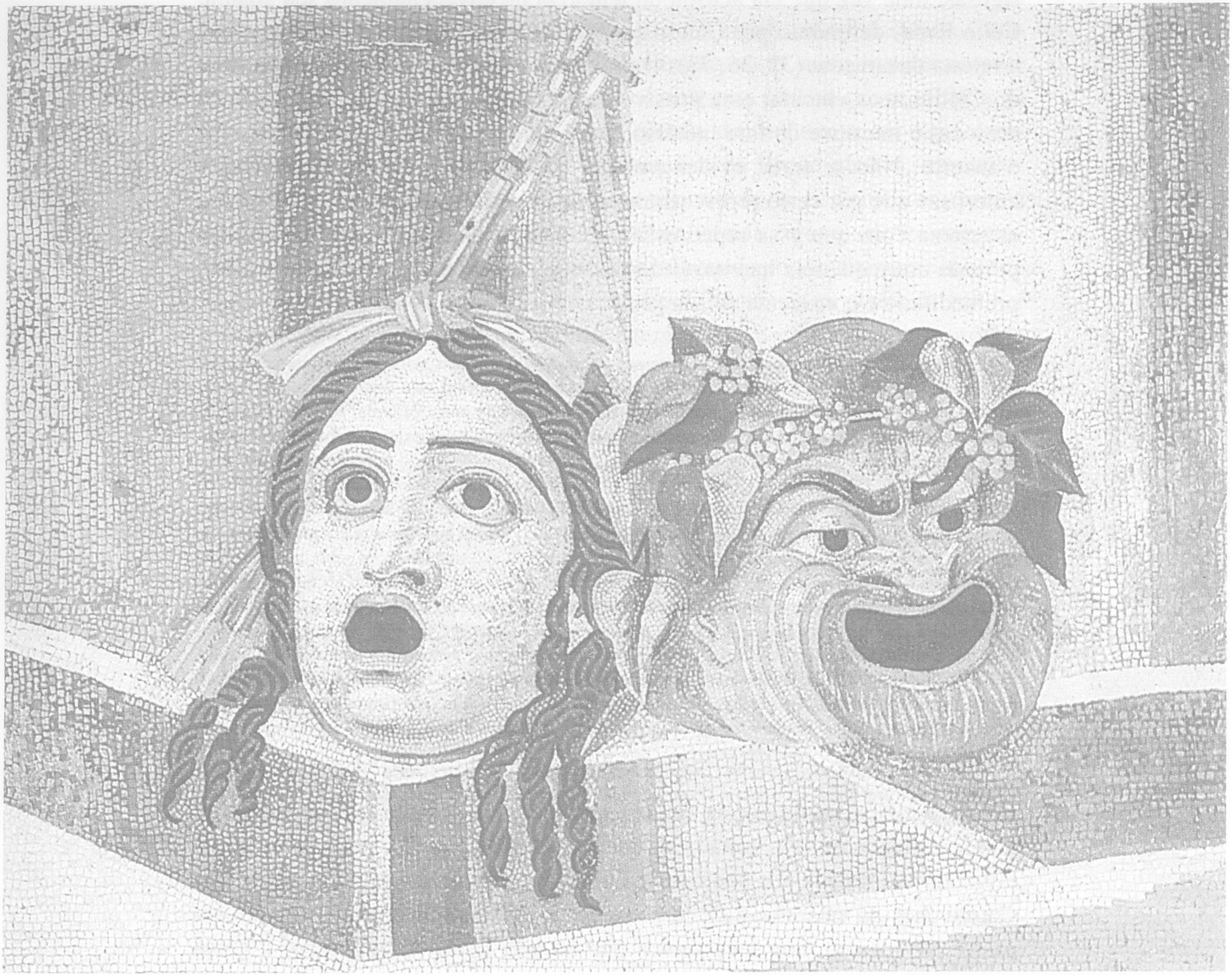
uates, aquele que põe seu talento e obra diretamente a serviço dos valores morais favoráveis ao bem-estar do Estado, *ciuitas*. Edificante num estadista. Talvez possa causar estranheza a opinião de Baudelaire e de Eliot (ver acima, 1). No entanto, as considerações destas figuras exponenciais podem ser tomadas como exemplo da típica leitura dos críticos posteriores à Antigüidade, sobretudo os enformados pela mentalidade do Romantismo, pois constelam o mesmo equívoco: tomar como biográfico tudo que é narrado, como pessoal o que é engendrado. É bem verdade que o próprio Catulo desencadeou o processo ao dar à *persona*, à máscara poética que utiliza, o seu próprio nome, e o intensificou ao bipartir essa *persona* em locutor e interlocutor, como a devassar seu espaço íntimo, parecendo dar a ver ao ouvinte/leitor o que se lhe passava na alma. Na verdade, esses artifícios são inerentes ao agenciamento da linguagem, com vistas a maior eficiência, segundo os preceitos da Retórica, que na Antigüidade incluía teoria e crítica literárias. Dessa forma, discursos em praça pública e poemas eram tanto mais eficientes quanto mais parecessem verdadeiros, quanto mais verossímeis. Ser verossímil onde se lida com a subjetividade é parecer sincero, e a sinceridade, ou antes, a impressão de sinceridade, deve ocultar seus artifícios: *ars est celare artem* ("arte é ocultar a arte"). Muitos são estes artifícios, desde o *tópos* propriamente literário, reconhecível pelos letrados, até a menção de personalidades da vida pública romana, reconhecível por todos, mas que se torna poesia por ter sido capturada pela linguagem poética. É no limite e nos modos dessa captura que a menção deve vigorar e ter valor, que será antes literário que histórico ou biográfico. Tal processo, semelhante àquele que entendemos por *ficção*, tem, segundo Aristóteles, amplitude universal e não particular[33].

21. Então pode-se falar de Lésbia, criptônimo[34] de Clódia, irmã de Clódio Pulcro[35]. A tradição afirma que com ela Catulo manteve relações, pe-

33. "Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro do que sem ele; a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro *fatos quais poderiam acontecer*. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a História; aquela enuncia *verdades gerais*; esta relata fatos particulares. Enunciar verdades gerais é dizer que espécie de coisas um indivíduo de natureza tal vem a dizer ou fazer *verossímil ou necessariamente*; a isso visa a Poesia ainda quando nomeia personagens" (grifos meus). Aristóteles, *Arte Poética*, IX, *op. cit.*, p. 28.

34. Apuleio, *Apologia*, 10.

35. Aristocrata mas tribuno da plebe que demagogicamente alterou seu nome segundo os hábitos de fala do povo, afeito a pronunciar como simples "ô" o ditongo "au"; assim de Claudius, passou a chamar-se Clodius.



Máscaras teatrais (*personae*) da tragédia e da comédia
Mosaico romano. Século I a.C.-I d.C.

rigosas, uma vez que ela acusou de tentativa de envenenamento seu amante Célio Rufo, defendido por Cícero no *Discurso em Defesa de Célio*, em que a retrata duramente (32, 36, 78). O problema não é crer se Catulo teria amado Clódia, mas vincular essa possível experiência ao termo poético Lésbia e deslocar o interesse do fato literário, que é certo, para um fato histórico, que é incerto. Não se trata, evidentemente, de subtrair a Catulo experiências amorosas que por certo repercutiram na sua poesia, mas sim de questionar a estreiteza com que essa repercussão é considerada, que torna o efeito dos poemas conseqüência inevitável das vicissitudes do autor antes que produto premeditado e consciente de sua poética:

> Porque a exaltação do amor e uma pessoa amada foram adotadas pelos romanos como parte integrante da poesia lírica de todo tipo, o ideal erótico não indicava apenas uma convicção quanto aos objetos do desejo, mas uma convicção quanto à poesia e à relação do poeta com ela, sobre a posição do poeta na sociedade, e sobre a relação do poeta com a realidade. Nem todos os poetas chegaram a formulações semelhantes dessa convicção, condicionadas como sempre não só pelo temperamento mas pelos tempos. Enquanto Catulo escreveu impetuosa poesia política e poemas amorosos muito reais, Ovídio escolheu transformar poesia amorosa em fuga da épica e da política, chegando a sugerir que a amante a quem se dirigia era invento de sua imaginação (*Amores*, 2, 17, 29). O quão natural era para Roma este ideal, ou, se foi emprestado, o quão popular se tornou, e o efeito que então exerceu sobre homens e mulheres reais só se pode conjecturar, embora a forte reação humorística que teve sugira ter sido largamente aceito. Sua premissa estrutural divide o mundo (representado pelo poema) em duas personagens, a figura perseguidora, que é o poeta/*amator*, e a figura perseguida, que é a amada. No mais das vezes, não se percebe que a amada tenha, fora do poema, uma realidade que corresponda àquela dos homens reais, Catulo, Horácio, Propércio, Tibulo, Ovídio – em parte porque seu nome verdadeiro é mantido em segredo e mascarado por um de fantasia, em geral grego. Assim, enquanto o amante em cada poema é uma versão ideal do poeta, a amada é uma versão ideal de uma figura cuja identidade é apenas vaga e inconstante – mais ideal do que real[36].

Dessa maneira, numa poesia tão objetiva e tópica como a latina, resultante da mentalidade *antiga*, voltada ao que é exterior e público, percebe-se que o clima de intimidade nos poemas de Catulo é efeito de sua poética. O próprio Catulo lhes dá esta chave de leitura ao dizer: "a um poeta pio convém ser casto/ ele mesmo, aos seus versos não há lei./ Estes só têm sabor e graça quando/ são delicados, sem nenhum pudor..." (*16*, 2-7). Separam-se poema e poeta[37]. Designar a *persona* da mulher amada pelo termo Lésbia pode re-

36. Em Amy Richlin, *The Garden of Priapus. Sexuality and Aggression in Roman Humor*, pp. 32-33.
37. Essas conclusões são de Archibald Allen, autor do artigo "Sincerity and the Roman Elegists", capital para a elucidação da questão. Este artigo reposiciona de forma precisa a separação entre poesia e biografia entre

produzir a prosódia do nome Clódia, mas antes evoca o nome e a poesia de Safo de Lesbos, pois num tipo de verso por ela criado, o verso sáfico, Catulo compõe dois poemas só, porém fundamentais: num, em que praticamente traduz o texto grego, poema *51*, revela os sintomas físicos que manifesta ao ver Lésbia. O outro, poema *11*, é um recado de despedida, ou seja, estas composições são respectivamente início e fim da ficção afetiva, marcados com aludir a essa poetisa de versos que são a própria perfeição em poesia amorosa. Em Catulo, tudo é antes intertexto, criado rigorosamente nos modos alexandrinos já discutidos, que um apaixonado relato em verso daquilo que viveu. A palavra Lésbia, como se disse, nomeia a *persona* da mulher amada e nessas odes é alusão, homenagem, à Musa de Lesbos, e o próprio nome do poeta dá voz a uma *persona* que encena não os gestos de sua pessoa mas de um grupo[38].

22a. Esta noção de grupo quer significar que as postulações do poeta, mesmo lírico, independentes da vinculação tópica a qualquer tradição, possivelmente retratam, mas certamente ultrapassam suas opiniões pessoais, ao contrário do que se afirma, por exemplo, sobre Catulo ou qualquer outro, com base na *subjetividade* da poesia lírica. Gordon Williams, ao focalizar a audácia de Horácio em dirigir-se aos seus concidadãos, aponta que na poesia da época de Augusto encontram-se duas tradições: uma é a da sátira de Lucílio, aristocrata que em poesia falava em seu nome, à maneira de Arquíloco. A outra

tradição remonta ao passado grego dos grandes gêneros literários, como a épica, e apresenta o poeta não como indivíduo particular mas como profeta que fala não por si mesmo, em sua capacidade particular, mas como representante impessoal de uma autoridade que vem de fora dele. Na medida em que tal poeta

os romanos, embora a paternidade e os méritos da idéia tenham ficado com Paul Veyne, pelo seu livro *A Elegia Erótica Romana*, que cita o artigo.

38. ''A *persona* do narrador é semelhante em todos os tipos de humor sexual romano. Não só é romano e do sexo masculino, mas toma a ofensiva. Quando não está presente a intenção de ofender, isto é, num texto que não seja invectiva, os estereótipos persistentes são claramente aqueles que afirmam a normalidade e a dominância do homem romano: a prostituta, a mulher libertina, a esposa colérica, a mulher velha, o belo rapaz, o homossexual passivo, o marido corneado, o homem velho, o estrangeiro, o escravo (inteligente ou não), todos pertencem a uma sociedade patriarcal e de propriedade privada, na qual o matrimônio é normal e os problemas dos homens casados de meia-idade recebem a maior atenção. A mensagem do humor sexual, mesmo daquele mais indulgente, é: 'vejam o que esses aí estão tramando'. Mas muito desse humor não é indulgente e o conteúdo de ameaça é grande.'' Em Amy Richlin, *op. cit.*, p. 65.

fala de si, o faz na sua *persona* de poeta e não como cidadão individual: assim Ênio fala de si mesmo e Cícero e Lucrécio e Catulo, em certa medida, nos seus poemas longos[39].

Por surpreendente que seja a afirmação, o que nela se deve interrogar (e na passagem Williams sugere sem dizer) é o que sustenta, para o poeta romano, a condição de ter voz coletiva, ainda que se lhe negue ser profeta. A resposta é o caráter oral que o mundo latino possuía ainda no final da República e, ligada a isso, a posição privilegiada da poesia do tempo de Catulo e de Lucrécio por causa das condições histórico-políticas para o exercício da palavra oral. Estas condições são o próprio regime republicano, que, a despeito da crise que atravessava, se baseava ainda no exercício da palavra no Fórum, que decerto enformava tanto a produção quanto a recepção de poesia, pois assistia-se ao debate dos partidos políticos, ou mesmo das facções, e suas personagens, passíveis de captura, todos, pela outra modalidade de palavra, dialeticamente complementar à dos discursos, que é a da poesia. Se a poesia latina tardo-republicana foi, como já visto, formalmente tributária do helenismo, apoiava-se, porém, num substrato histórico-político diferente, que lhe repercutia na forma, como se verá. Preliminarmente é preciso dizer que a diferença não se deve ao que haja ou não de oral na poesia alexandrina, examinada em si mesma, mas ao fato de que no regime imperial, dinástico e centralizado dos Ptolomeus, a conquista e a manutenção de seu poder político não dependiam do exercício da palavra contenciosa na praça pública. Em Alexandria não havia condições nem necessidade para qualquer *performance* de uma palavra partidária que, enfrentando uma outra, procurasse envolver e cooptar espetacularmente a coletividade, de modo que a poesia alexandrina não apresenta os sinais da tensão própria do litígio partidário, político e ideológico. Em Roma – é oportuno aqui dizer – com o fim do regime republicano, o mesmo relaxamento caracterizou, na etapa seguinte da história política e literária, o correspondente latino do império dos diádocos e sua literatura, que é o império de Augusto e sua poesia, produzida pelos poetas cooptados por Mecenas, espécie de ministro da cultura do principado[40]. Mas na

39. Gordon Williams, *op. cit.*, p. 48.
40. Bruno Gentili (*op. cit.* p. 313), comparando a poesia patriótica de Horácio e de Virgílio com a poesia erótica de Propércio, Tibulo e Ovídio, considera "difícil" a integração destes três autores à ideologia oficial de Augusto, restauradora da antiga moral romana. Não parecerá nada difícil esta integração, se considerarmos que

própria Roma, tivemos no final da República uma poesia que utilizou os recursos técnicos alexandrinos – inclusive a explicitação da escrita como o sucedâneo cabível da oralidade – na oportunidade histórica e no devido ambiente arquitetônico-político[41] que o regime oferecia para as práticas sociais e coletivas da palavra oral. Numa conjuntura histórica em que a palavra era coletiva e a tal ponto agonística e orgânica, o poeta não podia contemplar de fora e de cima tal situação, como nos regimes imperiais, mas antes era parte dela e mesmo esta participação levava em conta a pertinência coletiva de sua voz poética. Assim, não podia haver posições subjetivas idiossincráticas, não podia haver posições individualistas. A própria subjetividade, que de fato existe na lírica, deve ser entendida como que a estratégia persuasiva de se colocar na voz testemunhal da *persona* poética uma percepção que é de vários, de modo que a subjetividade é antes *intersubjetividade*:

Em nossa cultura, a interação entre escritor e leitor durante o processo criativo é intensamente limitada por nossa compreensão da autonomia do artista e da integridade do poema. Poetas solitários produzem poemas para que sejam lidos por leitores isolados; quando poeta e público encontram-se num recital de poesia, o evento em geral mais parece um ritual de comunhão do que um banquete. De fato, a idéia de que o público tenha algo a dizer sobre que tipo de poemas o poeta deveria escrever ou como deveriam ter sido escritos choca-nos como absurda. O poeta que vai batendo de porta em porta, em busca de alguém de sua espécie, livrando-se daqueles que não conseguem estar a sua altura, ainda hoje é figura admirada, pelo menos no meio acadêmico.

Porém, poesia era uma arte profundamente social para Catulo e seu círculo, e considerava-se que perdia tempo o poeta que perambulava em busca de inspiração. Para Catulo, poesia era feita da relação de alguém com amigos, amantes e inimigos. Sua recepção também era social: poemas eram recitados em banquetes e aí eram igualmente criticados. E então, antes que os poemas de Catulo tivessem um público genérico, eram mostrados a uma roda de amigos íntimos, que os elogiavam ou detectavam seus defeitos. Esta situação fez de Catulo o revelador das necessidades e desejos de uns poucos, mas bons, uma adaptação que provavelmente achamos embaraçosa, dada a alienação de grande parte da produção artística de nosso tempo. Essa consciência por parte de Catulo torna sua poética mais suscetível de convenções do que a nossa, mais desejosa de estabelecer a partilha de um espaço entre leitor e escritor, como uma toalha estendida entre eles para um piquenique[42].

a questão ali não era o tema, mas o proveito que para o regime advinha do paralelismo Império dos Diádocos – elegia helenística/ Império de Augusto – elegia romana. Indiretamente a elegia erótica era o *decorum* do regime imperial. Ver adiante, em 22b, citação de Paratore.

41. Este ambiente é a organização político-arquitetônica da cidade-estado, da *pólis*, condição que Roma possuía: ''Ao delinear-se o desenvolvimento da influência grega na cultura romana, geralmente não se dá a devida atenção a um importante dado básico: Roma, como as cidades etruscas, é uma *pólis*, uma cidade-estado, que em suas estruturas políticas apresenta semelhanças notáveis com as cidades gregas''. Em Antonio La Penna, *La Cultura Letteraria a Roma*, p. 6.

42. Charles Martin, *Catullus*, pp. 67-68.

Assim sendo, se a oralidade, por um lado, em si mesma consubstanciava, para a palavra de Catulo, uma generalidade em princípio indefinida, por outro, as conjunturas históricas mencionadas fizeram necessária a mediação de um grupo mais organicamente definido entre o poeta e a comunidade. Este grupo é o cenáculo, o círculo de intelectuais. Esses círculos, introduzidos em Roma pelos Cipiões depois da guerra contra Cartago, não se apartavam da vida política:

> E o que é muito importante é que não existe na sociedade romana uma classe de "intelectuais", apartados da ação política e que se consagravam somente à especulação ideológica. Nada que possa ser comparado aos "filósofos" do século das luzes. Os homens que têm responsabilidades políticas são os mesmos que refletem sobre as idéias[43].

22b. O que não se pode com segurança afirmar é se todos os poetas *novos* ou *neotéricos* de que temos notícia participavam do mesmo agrupamento ideológico, formando escola. Mas Suetônio nos informa que César conseguiu atrair a figura de Calvo (82 a.C.-?), poeta novo, orador aticista e amigo de Catulo, bem como fazer reaproximar-se de si o próprio Catulo[44]. Sob uma perspectiva literária, a noção de círculo ou cenáculo fazia a mediação também entre as próprias experiências de personalidades históricas, o que é um fato social, e a sua captura pela linguagem dos poetas do grupo a que pertencem ou dos grupos rivais, o que é um fato literário. Em relação aos alexandrinos, há, assim, esse fato poético distinto, verificável de imedia-

43. Pierre Grimal, em Prefácio ao livro de Marcello Gigante, *La Bibliothèque de Philodème et l'Épicurisme Romain*, p. 10.

44. "Como Caio Calvo, depois de o haver difamado [a César] nos seus epigramas, tentasse reconciliar-se com ele através de amigos, escreveu-lhe ele próprio, espontaneamente, em primeiro lugar. Valério Catulo, com seus versículos sobre Mamurra, imprimira-lhe um ferrete eterno, ele não o escondia, e no entanto, quando este poeta apresentou-lhe desculpas, admitiu-o à sua mesa nesse mesmo dia, e nunca deixou de manter relações de hospitalidade com o pai dele." Em *Vida dos Doze Césares*, 73 (trad. João Gaspar Simões, s/l, Editorial Presença), pp. 41-42. A despeito da magnanimidade e clemência que, de forma sutil, a passagem de Suetônio confere a César, e que podem de fato ter sido reais, é mais relevante aí perceber como era importante para as intenções políticas de César contar com poetas entre seus aliados, e poder capitalizar politicamente o benefício que trariam como poetas, isto é, por causa de sua poesia: "Catulo alveja César e os seus amigos Vatínio e Mamurra com epigramas sangrentos, e declara-lhe abertamente no c. 103 não ter interesse nenhum em tê-lo por amigo. No entanto, estes poetas, no mundo da cultura, levavam à obra de César uma formidável ajuda indirecta e involuntária, na medida em que facilitavam a renovação dos costumes e dos sentimentos, no sentido duma cada vez maior mistura das tradições romanas com as da Grécia e do Oriente, que César tinha em vista para tornar, cada vez mais claramente, universal a missão e o domínio de Roma". Em Ettore Paratore, *História da Literatura Latina*, p. 313.

to na prática da alusão, que se em Alexandria incidia sobretudo nos poetas-bibliotecários, aliados ou rivais, em Roma estendia-se, sob a forma de apóstrofe, precisamente a personalidades como Cícero, César, Calvo, Hortênsio, todos homens públicos e literatos, que ilustram magnificamente a natureza do ambiente romano. E todos os nomes de pessoas, tal como a palavra Lésbia, sofrem semelhante captura pela função poética. Entretanto, diferentemente de Lésbia, que é criptônimo, vários são nomes de pessoas reais, a julgar pela menção daquelas personalidades, sobretudo César e Cícero. No caso destes, que além de reais foram figuras públicas e notórias, o que é tratado pela função poética não é a pessoa deles mas o que há de público nelas, que é seu cargo, o modo de seu desempenho e as injunções inevitáveis do exercício do poder. Mencionar Cícero e César em poemas é, como vimos, estabelecer poeticamente o embate entre as correntes estético-ideólogicas em que se inserem, de um lado, o poeta e de outro, em cada caso, o orador ou o general. A existência do cenáculo, tal como se mostrou, garante que o poeta não cometia a impertinência de referir-se publicamente à individualidade de outrem, nem de expor em público suas próprias posições individuais, como seria o caso em Roma, em que a dimensão coletiva da vida tinha tanta importância e a particular tão pouca. A mentalidade romana, em geral, repudiava, por considerar sério risco às instituições, instrumentalizarem-se cargos para projeção própria, o que levava a ocupar o âmbito coletivo, concernente a todos, por disposições particulares e idiossincráticas. E especificamente para o cenáculo dos neotéricos, todo tipo de excesso – muito poder ou dinheiro, muitas frases ou versos – e o enfatuamento que produz caracterizavam ainda a falta de elegância e encanto programáticos e eram por isso alvo das lanças verbais de Catulo. Assim, aos feitos de César, reconhecidos no poema *11*, porém já exorbitantes a ponto de atrair soez adulação, o poeta – função da lírica *ab origine* – os recoloca no lugar ao dizer: "pouco me importa, César, querer te agradar/ nem quero saber se és grego ou troiano" (poema *93*). Com Marco Túlio Cícero estabelece relação de proporcionalidade inversa entre a qualidade do ofício de um e outro: "[Catulo] tanto pior de todos os poetas/ quanto tu o melhor dos defensores" (*49*, 6-7). Não há posição absoluta: superando a ironia da expressão "ó tu mais loquaz dos filhos de Rômulo", que abre o poema, esses versos são a postulação, serena e objetiva, da má-

As Nove Musas
Mosaico do pavimento
de uma vila em Trèves
Século III d.C.

xima incompatibilidade entre seus mundos, o do "defensor", advogado, e o do "poeta". Este cenáculo propugnava pela corrente aticista na Oratória; integrava-o, dissemos, Caio Licínio Calvo, um dos porta-vozes do movimento, não florescente na prosa latina por obra e prestígio de Cícero.

23. Concretizada, portanto, a formação de um círculo e individuados seus agentes e idéias, a alusão feita a eles pelo poeta, somada à rejeição muito clara ao que lhes é contrário, mais que intertextualidade, ganha estatuto de metapoesia. Catulo ocupa a poesia de circunstância e serve-se de seus elementos constitutivos para, em vários textos, ao falar com amigos poetas, falar da poética que os anima, exibi-la, integral, na dupla articulação de matéria e forma mesma do poema: dedica o livrinho a Cornélio Nepos, que apreciava as nugas (poema *1*): faz loas a Cecílio (*35*), a Licínio Calvo (*50*), a Caio Cina (*95*); interpela Valério Catão (*56*), poetas novos, todos, e anuncia filiar-se a Calímaco (*65* e *116*). Dá vaias ao mesmo Calvo, que lhe dera um livro ruim de poesias (*14*), a Sufeno (*22*) e Volúsio (*36*), excessivos, e anuncia, também no carme *95*, não se filiar a Antímaco, antigo poeta grego, modelo de verbosidade. Os demais nomes cumprem respectivamente seu papel: Juvêncio é o menino favorito de Catulo. Verânio e Fabulo são as máscaras de seus melhores amigos, seguidos de Alfeno, Álio e Célio. Flávio, Fúrio, Aurélio, Egnácio, Quíntio, Tapo, são a máscara dos êmulos. Talo, Gélio, Ravido, Mamurra, Ameana, Aufilena, Vibênio, Emílio, Nasão, Silão, a dos desafetos. Todos eles, na absoluta maioria dos poemas, são o interlocutor interpelado por Catulo, um *tu* ou *vós*, que transmitem a sensação de proximidade ou de urgência. Essa prática, semelhante à conversa trivial, simples na sua manifestação, na verdade prende-se à diatribe estóico-cínica. O termo grego *diatribé* ("entretenimento", "passa-tempo", "conversa" e daí "discussão") designa a forma dialogada com que os estóicos e cínicos faziam o proselitismo de suas idéias[45]. Assim, mesmo o tom colo-

45. "A diatribe, dita estóico-cínica porque segundo os antigos o gênero surgiu no âmbito dessas filosofias, era o tratado, em forma de propaganda, de problemas éticos e práticos – por exemplo, os perigos da riqueza, da ira, da curiosidade etc. – reavivado por exemplos históricos, citações poéticas e amiúde pela introdução de um interlocutor imaginário, contra quem se polemiza. Este gênero literário se desenvolveu na Grécia, paralelamente ao diálogo, a partir do século III a.C." Em Bruno Gentili *et al.*, *op. cit.*, p. 234. O elo propriamente poético entre a diatribe e a poesia de Catulo são os *Íamboi* e os *aítia* de Calímaco: "Tanto quanto ou mais até que nos *Aitia* [nos *Íamboi*], a fantasia do poeta unia um ao outro os trechos da recolha por transições pitorescas, por intervenções de personagens diversas ou do próprio poeta. E ao que parece, as discussões morais ou literárias alternavam-se de maneira viva com as narrações curiosas. De um lado, é ainda o modo dos *Ai-*

quial, que não exclui a carnalidade de relações reais de Catulo, é preceito do gênero a que seus poemas se vinculam: a dicção do poeta, segundo a verossimilhança desejada, com auxílio dos elementos tópicos do poema de circunstância, faz parecer espontâneo e emotivo o que em verdade é *também* construção, com metas bem precisas.

24. A espontaneidade dos polímetros e epigramas, se programaticamente deve iludir, não deve porém enganar. É bem verdade que recolhem elementos vários do *sermo uulgaris*, a fala comum, e se diferenciam muito do tom elevado, ainda quando irônico, dos *carmina docta*, cuja filiação aos modos de erudição alexandrina é mais visível. Mas tal como eles, os polímetros e epigramas estão permeados de verdadeira engenharia poética, só que outra[46], constituída não mais pelo aparato mitológico, mas por uma série de outras palavras técnicas que constituem um léxico neotérico[47] bem preciso. A sofisticação e o refinamento alexandrinos vêm marcados com termos próprios e podem então misturar-se, sem perda, àquele tom de espontaneidade, com que Catulo faz como que crônicas da vida romana. Assim *uenustus* é o que tem em si Vênus e por Vênus entenda-se, mais que o verbete "deusa do amor", a totalidade da experiência amorosa, em qualquer domínio: é o que encanta em pessoas e objetos. *Lepor* é a graça, daí *lepidus*, que recobre a ligeireza graciosa do que é leve, e *inlepidus*, o que é pesado, sem graça. *Facetiae* são concretamente atitudes, em geral ditos, cheios de vivacidade; *facetus*, quem a tem, donde *infacetus* e *inficetus*. Quase sinônimos destes são os termos *salsus*, "o que tem sal", "que é espirituoso", tal como em

tia; mas de resto é um modo bem diferente, mais livre, que interpela o público e o leitor, discutindo com eles, e associa narração à dissertação moral. Tudo isso, bem entendido, no estado de mutilação em que nos chegaram os *Iambos*, a custa se pode perceber. Mas é o bastante para entrever toda importância do que se anuncia no iambo calimaquiano e que se mostrava talvez na obra de um poeta contemporâneo, Fênix de Cólofon; é uma primeira forma métrica da *diatribe*, que terá perfeita realização poética em Roma, na sátira de Lucílio e de Horácio". Em Émile Cahen, *op. cit.*, pp. 148-149. Ver acima, parágrafo 18 e, abaixo, 26.

46. Compare-se o tratamento que cada vertente dá ao mesmo assunto, Lésbia ter amantes; nos *carmina docta*: "e embora com um só Catulo não contente,/ porque é discreta, as raras fugas vamos/ tolerar (não causemos tédio como os tolos)", *68*, 135-137, que mesmo sem trazer o nome de Lésbia, pertence ao ciclo. Nos polímetros: "[Lésbia] agora nos becos e encruzilhadas/ descasca os filhos de Remo magnânimo", *58*, 4-5. Duas máscaras: a do tipo superior, civilizado e indiferente, e a do amante traído e rancoroso. Criação, *póiesis, poética*.

47. Tomo a expressão "léxico neotérico" da introdução de Alfonso Traina, em Catullo, *I Canti*, p. 14, significando um conjunto de termos que, se não é de uso exclusivo de Catulo, não deixa de caracterizar, porém, um aspecto da poética de seu grupo.

Afrodite numa concha, acompanhada
de Eros. Escultura helenística em
terracota proveniente de Corinto
Século IV-III a.C.

português dizemos (daí *insulsus*, "insosso", "sem sal") e, mantendo-se a metáfora do gosto, *sapiens*, que significa não só "quem sabe", mas "quem, por isso, tem gosto", e também "o que tem sabor"; daí *insipiens* e *insapiens*. *Elegans* é propriamente aquele que sabe escolher, *eleger* o que há de melhor em tudo, donde *elegantia, inelegans*. É, em geral, associado a *urbanus*, aquele que é dotado da cortesia própria da cidade, *urbs* (Roma, por excelência), em oposição à rusticidade do campo, *rus*. Lembremos que erudição, uma das palavras-chave da poética alexandrina e neotérica, em latim *eruditio* (*ex* + *rudis*), é na origem tirar o que há de rude em alguém, pelo que consigna sua inequívoca vinculação à cidade, traço de seu carácter moderno. *Deliciae, amores* não são as sensações interiorizadas: o primeiro ("delícias") designa qualquer objeto, motivo de alegria de alguém e dos seus prazeres, incluindo sexuais; é amiúde um ser vivo – animal de estimação, como um pássaro em Catulo, ou até uma criança escrava[48] – com que se brinque e se divirta; *amores,* embora no plural, é a pessoa, objeto do amor que se tem, ou mais comumente, dos amores com ela praticados. O poeta que lida com todo esse tenro material, o poeta neotérico, é identificado por *tener*, "terno", "o poeta de ternuras" (poema *50*), visíveis pelo emprego dos diminutivos.

25. Referências precisas a práticas sexuais não são exclusivas da poética de Catulo[49], embora ele seja o mais antigo poeta latino em que aparecem. As três formas de penetração nomeiam-se com verbos e substantivos específicos: *futuere/fututio*, vaginal; *paedicare/paedicatio*, anal; *irrumare/irrumatio*, oral. Poeticamente, a precisão se mostra como o principal elemento agenciador da *agressão sexual*[50], própria do gênero satírico, ao qual pertencem muitos poemas de Catulo, como se verá a seguir. A designação das práticas sexuais diz respeito a quem penetra, tomado como elemento ativo. O sujeito desta ação é a *persona* satírica e seu estatuto é o de cidadão[51].

48. Marcial, 5, 34.

49. Amy Richlin afirma: "Pelo material que será apresentado nos capítulos seguintes, é possível fazer generalizações seguras sobre o uso da linguagem obscena em latim: de que o conceito de limites aplicados a palavras específicas é amplamente comprovado não somente pela [carta de Cicero], *Cartas aos Familiares*, 9, 22, mas por todo humor sexual romano". *Op. cit.*, p. 25. Ver nota seguinte.

50. Na *Priapea*, conjunto anônimo de poemas fálicos, as três formas de penetração são também as respectivas punições que sofrerão os invasores do pomar sob a guarda de Priapo, deus fálico.

51. Ver nota 38.

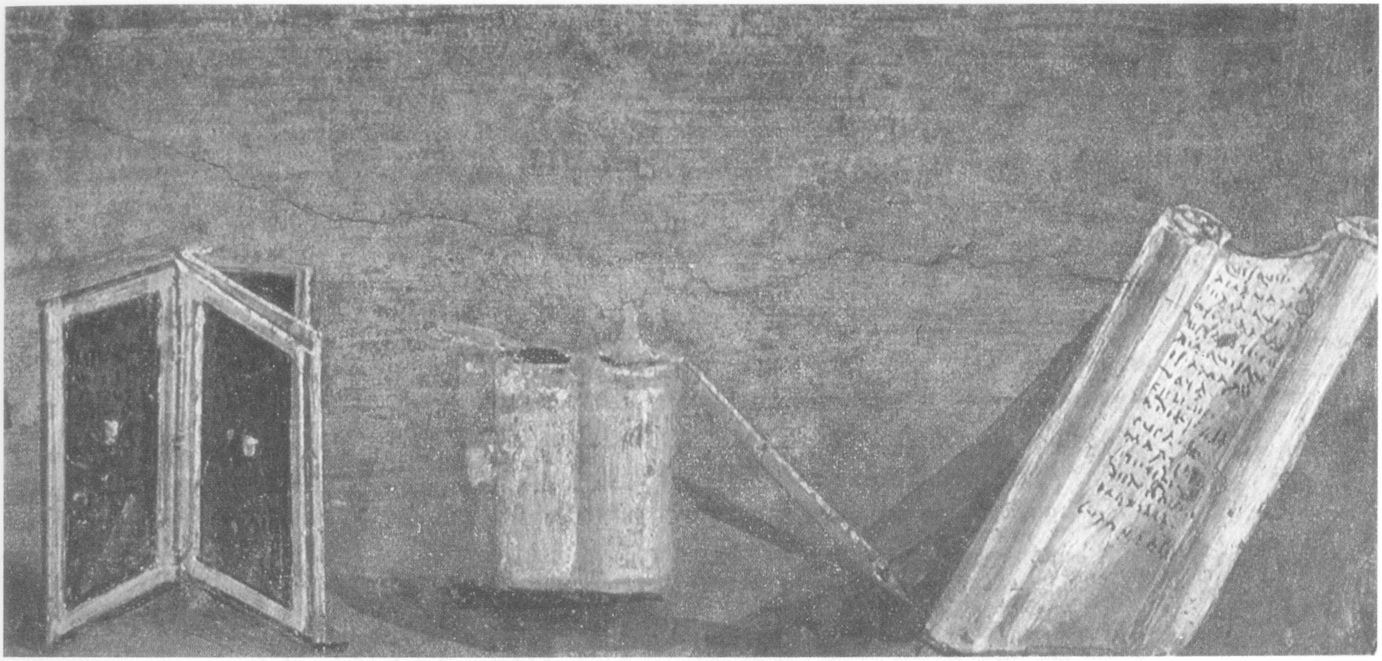
Dessas três práticas, *irrumare* é a única em que há verbo correspondente à ação de quem é penetrado, *felare/felatio*, porque nela se supõe sua participação ativa. O objeto são, em geral, homens, mulheres e rapazes, cuja condição *não* é a mesma do agressor. A inferioridade dessas pessoas é comunicada pela passividade, sintática no texto, sexual no ato ali descrito. No homossexualismo, segundo a moral endossada pelo texto satírico, a passividade, por ser identificada com os que têm estatuto inferior, como mulheres e escravos, é vergonhosa segundo a *uirtus*[52] ideal dos romanos e é, por isso, o próprio substrato da invectiva. Ser ativo, em quaisquer relações, inclusive as sexuais, é comportamento necessário e próprio do cidadão, senhor de si e de suas paixões, de modo que os termos *pathicus* e *cinaedus* apresentam intensa carga ofensiva. *Pathicus* (do grego *páskho*, "sofrer", "suportar"), propriamente o pederasta passivo, é palavra aparentada a "passivo" e por ela bem traduzida. *Cinaedus*, palavra grega de origem obscura, tal como *pathicus* empregada à larga nas invectivas, designa o praticante da felação, o catamito. A grande carga de ofensa é ainda maior quando a condição moral que designam é conseqüência da ação da *persona* satírica, como se vê no poema *16*. *Puer* é o menino, escravo quase sempre, que serve em tudo a seu senhor: de escanção do vinho a objeto sexual. O termo lembra o sentido original de pederasta (*paid* + *erastés*, "que ama os meninos") e de *paedicare*. Catulo muita vez toma de empréstimo a imagem da passividade, com a respectiva carga de danos, para metaforizar empreendimentos mal-sucedidos. O verbo *moechor* ("ter amantes") não designa exatamente, como abonam os dicionários, a relação *adúltera*, que pressupõe uma relação oficial, mas nomeia qualquer intercurso amoroso carente da sanção da *fides* ("fé ", "fidelidade" e a respectiva "confiança"). Fundamento da moral e da religião romanas, a *fides* presidia todas as relações entre os homens – comerciais, conjugais – e, como apoio da *pietas* ("piedade"), presidia também a ligação entre homens e deuses. O relacionamento sem a *fides* não se confi-

52. "Quando um romano, ainda no tempo do Império, fala de *uirtus* (a palavra da qual deriva 'virtude' e que significa, propriamente, a qualidade de ser um homem, *uir*) refere-se menos à conformidade com valores abstratos do que à afirmação em ato, voluntária, da qualidade viril por excelência, ao domínio de si – atribuindo, não sem desdém, à fraqueza feminina a *impotentia sui* [impotência com relação a si mesmo] a incapacidade de dominar a natureza." Em Pierre Grimal, *A Civilização Romana* (Lisboa, Edições 70, 1988) pp. 67-68.

gurava como *foedus*, como "pacto", como "aliança". Assim, o verbo *moechor* e os substantivos *moechus/moecha* e *amica* ("amante") têm cunho pejorativo.

26. Convém lembrar que nos polímetros e epigramas, em que todos esses elementos estão majoritariamente presentes, comparecem também, além dos traços mímicos referidos, ingredientes típicos da sátira romana, como a invectiva pessoal muito agressiva, o calão, o tom baixo, a relação provocativa e direta com a realidade contemporânea e a atitude anticonformista para com a tradição. Entretanto, diferentemente dos satíricos romanos – Ênio, Lucílio, Horácio, Juvenal e Pérsio –, cujas sátiras foram identificadas como tais (*sermones, saturae*), as peças satíricas de Catulo vêm dispersas no *liber* sem identificação externa, de modo que o teor satírico é sempre e somente reconhecível de dentro para fora, a partir dos próprios elementos formais e de sua estruturação no interior do poema. Sendo, pois, menos explícitos, são mais engenhosos, são mais *poéticos*.

27. Só agora, então, é oportuno asserir que de todos os ciclos formais ou temáticos existentes na obra de Catulo, o mais interessante, pensamos, é o ciclo dos metapoemas, o dos poemas que discutem o *poiên*, o fazer próprio da poesia, porque, por sua natureza, condicionam todos os outros. E o fazem a tal ponto, que a menção a temas aparentemente distantes, como práticas sexuais, subordina-se amiúde ao propósito *principal* e *dominante* de discutir poesia, como no poema *16*, exemplar, e vários outros, que serão identificados na anotação. Por isso, este conjunto de textos, que, para um poeta renovador, é provavelmente a culminância de seu processo poético, para o leitor deve ser, porém, o primeiro, o que abre nosso olhar para os demais. O grupo dos metapoemas inclui os textos que abordam a palavra escrita e o livro, em qualquer dos seus aspectos, justamente porque, como já se viu, para a poesia alexandrina calimaquiana, inclusive a escrita em latim, como a de Catulo, livro, papel, papiro, palavra grafada, emblemados, têm a significação poética e histórica (já mencionada no parágrafo 6) de, estabelecendo diferença, estender os limites da antiga tradição oral e ao mesmo tempo fazê-la prosseguir já modificada. Como objeto, que o leitor detém, o livro contém os poemas; como signo, está contido neles, identificando-



Tabuinha de cera, rolo, estilo e tinta. Pintura mural
(detalhe), Pompéia. Século I d.C.

os para o leitor. Os termos ligados à materialidade do livro exibem, assim, por parte do poeta, a tentativa de agenciar todas as possibilidades expressivas.

28. Por tudo isso, deve-se dizer que, em Catulo, ocultar, ou ao menos, uniformizar a variedade de níveis lingüísticos e, assim, dissimular a estruturação poética dos textos não chega ao ponto de querer simular um tom realístico. Considerando-se a existência do cenáculo, grupo apartado que cria e é criado por regras precisas de apurada linguagem, observadas nos poemas, esta bela linguagem, esta caligrafia, no duplo sentido de *bela* e *particular* escrita, explicita-se como insígnia, sinal diferente e diferenciador. Portanto, engendrada como signo que brinca com a realidade (o poeta nomeia com seu próprio nome a *persona* lírica e a satírica) mas programaticamente perceptível como simulacro e ilusão (o poeta separa poeta e poema), essa poética exibe-se como espelho, como jogo (*lusus/lūdere*), diversão e afastamento que a investem da capacidade de dizer certas coisas com a seriedade própria de tudo aquilo que importa por nada mais a não ser pelo fato de tratar-se só de um jogo.

29. Praticamente desconhecido na Idade Média, Catulo foi redescoberto no Renascimento, e a partir daí não foi mais esquecido. Da queda que é todo esquecer, escritores são resgatados pela nobre atividade da tradução, de que se passa a tratar.

> A tradução equivale à própria definição do ser humano enquanto ser dotado de uma linguagem de comunicação articulada. Embora corra-se o risco da generalização, é preciso acentuar este caráter amplo do conceito de tradução: senhor de linguagens, a das artes, a das ciências, a da especulação filosófica, a dos gestos, a dos ritos, e não somente da verbal, o homem é aquele ser que traduz. Traduz: leva adiante (de *traducere*) ou transfere (de *translatio*) o sentido. É claro que em ambas as vozes latinas os dois conceitos estão articulados. Levar adiante e transferir são aproximações ao mesmo processo de transformação do sentido original. Precisamente por serem aproximações, é que entre uma e outra está situado o processo de transformação: a busca pelo sentido original implica tanto o movimento para além quanto a transferência de contextos. Por isso, é possível pensar a tradução como uma empresa à beira da impossibilidade permanente. Traduzir significaria assim distanciar-se cada vez mais do sentido original pela modificação de um contexto básico perdido. Não é pois sem razão que o problema da tradução, para alguns, termina por apontar a própria condição fragmentária e perdida do homem. A metáfora da Torre de Babel recupera este sentido religioso: a busca pela possibilidade de um retorno à Voz Única[53].

53. João Alexandre Barbosa, "Envoi: A Tradução como Resgate", em *As Ilusões da Modernidade*, pp. 155-156.

As primeiras traduções em verso para o português[54] são: as de Almeida Garrett (1799-1854), escritas por volta de 1824 e que ele deixou inéditas; as de Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875); a atribuída a Aires de Gouveia (que se denominava a si mesmo "curioso obscuro" 1828-1916): esta tradução, escrita pelos meados do século passado, só foi publicada em 1912; a de Lucindo Filho (1847-1896) e as de Francisco Otaviano (1825-1899)[55], românticos de além e aquém-mar. Se a mentalidade romântica é responsável, como vimos (9 e 20), por distorções ainda presentes na leitura de autores latinos, ela mesma responde, porém – há que dizê-lo também no início dessa seção –, pela atitude crítica que a Tradução pode (deve) ter, para elevar-se, ela mesma, ao estatuto de obra de arte. É de Walter Benjamin a observação, presente no que é um dos mais profundos textos sobre o tema, "A Tarefa do Tradutor", ensaio que postula justamente a traduzibilidade de qualquer obra literária, e que com a mesma vênia merece aqui citar-se:

> A cisão entre conteúdo e linguagem impede a transposição e ao mesmo tempo torna-a supérflua. Pois qualquer tradução de uma obra pertencente a um determinado momento da história da linguagem, considerando-se um determinado aspecto de seu conteúdo, significa tradução para todas as línguas restantes deste conteúdo e deste aspecto. Assim a tradução transplanta o original para um terreno que, ironicamente, é mais definitivo, uma vez que o original não pode ser transferido por uma segunda transposição mas somente sobre este terreno ser reerguido sempre novo, em outro tempo. Não é à toa que o termo "irônico" aqui traga à mente os Românticos. Eles, mais que quaisquer outros, eram dotados de uma intuição do viver das obras literárias, viver esse do qual a tradução é o testemunho supremo. Para ser exato, eles mal reconheciam a tradução neste sentido, mas voltaram toda sua atenção à crítica, que igualmente representa um momento, ainda que menor, do reviver das obras literárias. Mas ainda que eventualmente a teoria dos Românticos quase não se tenha dirigido à tradução, sua importante obra como tradutores testemunha a percepção que tiveram da natureza essencial e da dignidade dessa forma literária[56].

54. Baseiam-se estas informações no oportuno trabalho de Luís de Souza Rebelo, *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*.
55. Sobre o poeta Francisco Otaviano, Antonio Candido fala: "As suas preferências entre os latinos indicam de maneira significativa essa dualidade de espírito, reunindo o apaixonado e desabrido Catulo ao sereno e pacato Horácio. (Todo burguês traz na alma um Horácio que oferece compensações ao seqüestro forçado de um Catulo)". Sobre os poemas diz: "[...] o seu melhor conjunto de poemas talvez sejam as traduções – isto é, situações poéticas onde o impulso criador era dado por outrem, cabendo-lhe pôr em jogo qualidades que possuía em alto grau: gosto, ouvido, plasticidade. Vertendo Horácio, Catulo, Alfieri, Byron, Shelley, Ossian, Moore, Musset, Victor Hugo, Uhland, Goethe, Schiller, Shakespeare, é sempre poeta excelente", em *Formação da Literatura Brasileira*, vol. 2, pp. 103-104.
56. "The Task of the Translator", em *Illuminations*, pp. 75-76 e "La Tâche du Traducteur", em *Oeuvres*, vol. 1, pp. 268-269. A aguda reflexão de Benjamin é de fato verificável nos nossos autores românticos, a julgar pelo já notório caso de Odorico Mendes, tradutor da obra toda de Homero e Virgílio. No entanto, o estatuto da tradução postulado por Benjamin, associado às afirmações de Antonio Candido, obriga, de um lado, a di-

Adiante outras questões teóricas da tradução serão retomadas. A única tradução completa da obra de Catulo, em prosa, com estabelecimento próprio de texto, aparato crítico, em edição bilíngüe, é de Agostinho da Silva (1933). Há várias antologias, seleções temáticas de poemas, das quais, segundo tenham prioritária preocupação com poesia, qualquer que seja, destacam-se: a de Péricles Eugênio da Silva Ramos (1964); de Haroldo de Campos (1970); de Nelson Ascher (1983); de Luiz Antônio de Figueiredo e Ênio Aloísio Fonda (1986); de José Paulo Paes (1990). Como vários traduziram os mesmos poemas, é possível comparar perdas e ganhos, diferenças e preferências, conforme o muita vez inexplicável mas real "gosto mais" de tradutores e leitores. Veja-se como a tradução romântica de Garrett, feita entre 1821 e 1824, é mais enxuta e parecida com a de Haroldo de Campos do que a do "curioso obscuro" – cinqüenta anos mais nova, mas com rimas e estrofes:

A Lésbia

Vivamos, minha Lésbia, amemos sempre,
E os rumores dos velhos rabugentos
Saibamos desprezar, tê-los em nada.
O sol pode morrer, tornar de novo;
Nós, se uma vez a breve luz nos morre,
Uma e perpétua noite dormiremos.
Oh! mil beijos me dá, depois um cento,
E mil outros depois, mais outro cento,
E outros mil, e outros cem; e quando ao cabo
Muitos milhares ajuntarmos deles,
Em maga confusão juntá-los-emos,
Que não saibamos nós, que ninguém saiba,
Nem maldoso nenhum possa invejar-nos,
Se de tantos souber, tão doces beijos.

Almeida Garrett[57]

vulgação das traduções dos demais românticos, e de outro, a revisão do ajuizamento crítico que têm recebido como poetas, se suas traduções receberem crítica favorável, como as de Francisco Otaviano, bem apreciadas pelo próprio Candido.

57. Em Américo da Costa Ramalho, "Garrett tradutor de Catulo", pp. 38-41.

Vivamos, minha Lésbia, e amemos,
e as graves vozes velhas
– todas –
valham para nós menos que um vintém.
Os sóis podem morrer e renascer:
quando se apaga nosso fogo breve
dormimos uma noite infinita.
Dá-me pois mil beijos, e mais cem,
e mil, e cem, e mil, e mil e cem.
Quando somarmos muitas vezes mil
misturaremos tudo até perder a conta:
que a inveja não ponha o olho de agouro
no assombro de uma tal soma de beijos.

Haroldo de Campos[58]

Do amor, minha Lésbia,
vivamos nas leis;
que os chascos dos velhos
não valem três réis.

O sol põe-se, e volta
do mundo ao festim;
a nós, vindo o ocaso,
a noite é sem fim.

Oh! dá-me mil beijos,
mais mil e mais cem;
mil outros, cem outros,
mais mil dar-me vem.

E, quando fizermos
já muito milhar,
a conta devemos
depois transtornar.

Tal soma de beijos
convém não saber;
podia invejar-nos
um outro qualquer.

Aires de Gouveia[59]

58. Em Ezra Pound, *ABC da Literatura*, p. 170.
59. Em *As Elegias e os Carmes de Tibullo e Algumas Elegias de Propercio e Carmes Fugitivos de Catullo Traduzidos em Portuguez por um Curioso Obscuro*, p. 201.

Este poema *5* é um dos mais conhecidos de Catulo, e mais traduzidos.

30. Do poema *32*, podem-se cotejar três versões. Duas têm dicção bastante próxima ao original, a de Luiz Antônio de Figueiredo com Ênio Aloísio Fonda e a de José Paulo Paes. A terceira é recriação de Nelson Ascher, em caracteres maiúsculos e palavras justapostas, recuperando a compacidade das inscrições latinas em pedra:

Te peço, minha doce Ipsitila,
Delícias minhas, graça, mimos meus,
Ordena que, finda a sesta, eu te procure.
E caso ordenes, cogita tais cuidados:
Despe de trava ou tranca a tua porta,
Não te assaltem coceiras de sair.
Mas fica em casa, em raro preparo
De nove, gota a gota, nove fodas.
Se assim quiseres, pressa!, não hesites,
Que eu, já almoçado, e farto à farta,
Perfuro a um só tempo toga e túnica!

Luiz Antônio de Figueiredo e
Ênio Aloísio Fonda[60]

Eu te peço, minha doce Ipsitila,
Delícia e encanto deste meu viver:
Convida-me a passar contigo a sesta.
Caso me convidares, cuida bem
De que não ponham tranca em tua porta
E não te dê vontade de sair.
Fica em casa, tranqüila, preparando-te
Para nove trepadas sucessivas.
Se preferires, vou agora mesmo:
Almocei bem e ora farto, ressupino,
Furo, de impaciência, túnica e toga.

José Paulo Paes[61]

60. Luiz Antônio de Figueiredo & Ênio Aloísio Fonda, *Catulo, Poemas*, s/p.
61. José Paulo Paes, *Poesia Erótica em Tradução*, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 33.

DESEIOTEIPSITILAEQVEMECHAMES
ESTATARDEAOSDELEITESEDELITOS
DETEVLEITOPORÉMCVIDAQVEOVTRO
NÃOBATALOGOAPORTAEMMINHACARA
NÃOSAIASPOISMASTEPREPARAPARA
NOVEROVNDSETESÃOININTERRUPTO
CASOQVEIRASCONVIDAMEDEPRESSA
POISALMOÇADOCVRTOAMINHASESTA
AGORAAQVIDEITADOEEMDEVANEIOS
COMMEVPINTOAVARARCVECAECALÇA

Nelson Ascher[62]

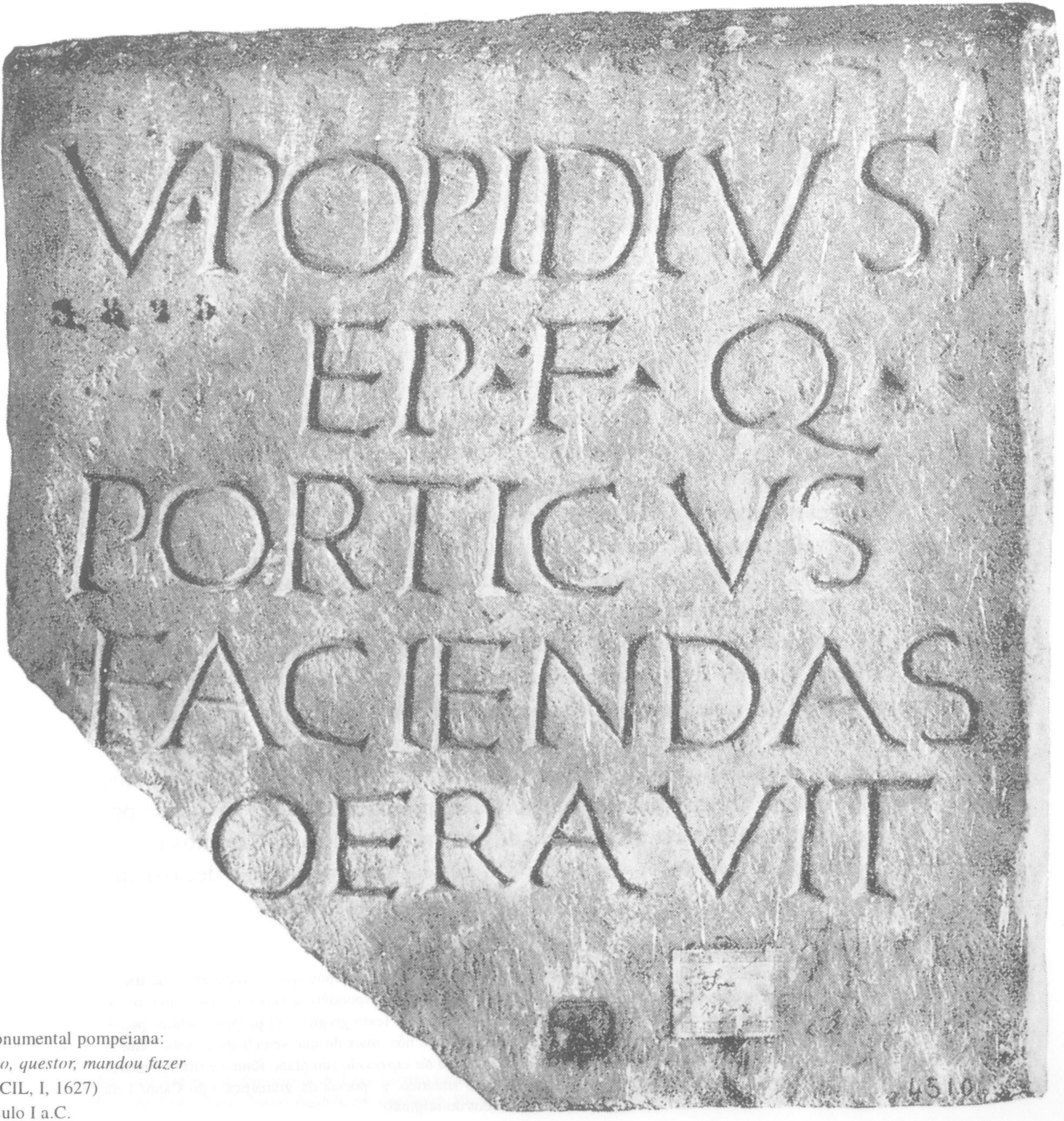
31. Dada a importância do metro na poesia antiga, a ponto de ser critério de agrupamento de poemas e, mais que isso, por ser o que resta do ritmo da música que a acompanhava, tocada na lira ou na flauta, achou-se melhor vertê-la em versos métricos. Por desejo de semelhança, sempre se manteve o mesmo número de versos do original[63], respeitando-se o mais possível a seqüência cinematográfica das imagens.

32. Os dísticos elegíacos, formados por um hexâmetro, verso igual ao da épica, e uma variação deste, o hexâmetro cataléctico (chamado equivocadamente de pentâmetro) traduziram-se também em dísticos, de 12 e 10 sílabas, por crer-se essencial o movimento rítmico binário.

33. À variedade métrica dos polímetros respondeu-se com metros variados, não com a rigidez que impusesse relação biunívoca entre cada metro latino e o correspondente português. Assim, os hendecassílabos latinos, que são maioria, foram traduzidos maiormente por decassílabos, em que se poderá notar ainda certa diversidade de andamentos: além dos acentos costumeiros na 6ª – heróico – e na 4ª e 8ª – sáfico – empregou-se o decassílabo

62. Nelson Ascher, *Ponta da Língua*, p. 42.

63. O pressuposto teórico subjacente a esta postura deve-se a Haroldo de Campos, que, introduzindo sua tradução do Canto I da *Ilíada*, afirma: "busquei [...] estabelecer uma correspondência verso a verso com o original (ou seja, obter, em português, o mesmo número de versos do texto grego)". O próprio tradutor pouco adiante explica que, mais do que correspondência (como para nós, mais do que semelhança), está "empenhado em recriar, em nossa língua, quanto possível, a *forma da expressão* (no plano fônico e rítmico-prosódico) e a *forma do conteúdo* (a 'logopéia', o desenho sintático, a 'poesia da gramática') do Canto I da *Ilíada*". Em "Para Transcriar a *Ilíada*", p. 145 (itálicos do original).



Inscrição monumental pompeiana:
Víbio Popídio, questor, mandou fazer os pórticos (CIL, I, 1627)
Início do século I a.C.

provençal, acentuado na 4ª e na 7ª sílabas (poemas *1*, *27* e *46*) e o de acento na 5ª (poemas *27* e *58*). Versos octossilábicos com acento na 5ª são empregados no poema *40* e dodecassílabos, no *4*, *17* e *52*.

34. Experimentaram-se alguns metros menos comuns, como o hendecassílabo, verso de arte maior, no poema *8*, com acento na 5ª sílaba, e no poema *60*, com acento na 7ª sílaba; o eneassílabo, acentuado na 5ª sílaba, nos poemas *26* e *38*, e na 3ª, 6ª e 9ª sílabas, no *32*. Os longos versos do poema *30* ensejaram experimento insólito: versos de 14 sílabas, com acentos regulares na 2ª, 5ª, 8ª e 11ª: trata-se, na verdade, da justaposição de um pentassílabo e um eneassílabo, com andamento anapéstico.

35. Outra coordenada básica da tradução foi dar a ver em português o cuidado verbal de Catulo. Assim, ao estilo elevado e erudito, ao léxico e à sintaxe menos simples dos *carmina docta* retribui-se, descontada a sonegação própria de todo tradutor, com elementos emprestados a vertentes poéticas de língua portuguesa igualmente elevadas, eruditas e menos simples. Nos polímetros, pode-se observar a recolha de expressões da fala comum, "jogo de cintura" (*16*), "sair fora" (*30*), "sair por aí fora" (*32*): "metrificação do coloquial, aproveitando o embalo de seu ritmo próprio". Esta lição de Pignatari[64] não é, no caso de Catulo, tampouco em Shakespeare, concessão juvenil, visto que sua juventude, ou antes, a jovialidade dos poemas não é uma causa da personalidade do poeta, mas o efeito de sua poética. Tentou-se ali uma tradução atual, que, como bem apontou Antônio Medina Rodrigues, "se diferencia de uma tradução moderna porque esta visa a uma decisiva interferência na polêmica das formas da poesia, ao passo que aquela quer somente fazer passar o original, o que, numa imagem de Walter Benjamin, seria o mesmo que o passar do vento numa harpa eólia"[65]. Além de expressões da fala, existem aqui e ali pequenas colagens de trechos da nossa música popular, que caberá ao leitor atento reconhecer, qual o costume dos alexandrinos.

36. Ao que já se disse sobre os metros antigos, acrescente-se que alguns deles são originários e característicos de outros gêneros de poesia,

64. Décio Pignatari, *Retrato do Amor quando Jovem*, p. 13.
65. Prefácio a *Catulo. 20 Poemas*, trad. Isabel De Lorenzo e João Angelo Oliva Neto, s/p.

como a comédia e a sátira, caso da medida dos poemas *8*, *22*, *31*, *37*, *39*, *60*, o coliambo, originário dos Mimos, já referidos. Por conseqüência, a mera presença dessa medida consubstanciava o clima de alegria, ou pilhéria, na "estória" contida em todos estes poemas, exceto o *8*; neste, a estória, ou nos termos da Teoria Literária, a *fábula* por si mesma, não é alegre, pois marca a auto-exortação do "poeta" para esquecer a amada, o que bastou para se crer no seu desespero. No entanto, o metro não condiz com a fábula, e esse é o encanto do poema. Pode-se interpretá-lo como a simples ironia de Catulo a significar que não se trata da história dele, desunindo poema e poeta. É correto e não é tudo. O poema encena a atitude do amante abandonado, dilacerado entre a tristeza de seu abandono, construída pela fábula e – lembrando a plenitude própria do cidadão – o público dissimular dessa tristeza em alegria, engendrada pelo metro. Mesmo sendo jogo de cena, integrante da ficção amorosa, a dissimulação pode ser patética, pode ser cômica. Pareceu cômica. Como em português não há vinculação fixa entre metro e gêneros cômicos ou satíricos, transferiu-se para o léxico, mais precisamente para a invectiva do poema, a comicidade métrica: "Ai de ti, maldita, que vida te resta?"[66] Por vezes, quando substantivos próprios e adjetivos pátrios, cuja presença é forçosa no texto vertido, não dificultam a tradução, o andamento é bem recuperável, como no poema *4*, em trímetros jâmbicos (*Phasélus* íl-/ *le quém uidé-/ tis hóspit*és) traduzidos em versos de iguais 12 sílabas e também em três partes, o dodecassílabo trimétrico, acentuado na 4ª, 8ª e 12ª sílabas: "Esse bar*qui*nho que estais *ven*do, ó foras*tei*ros".

37. Quanto à tradução de expressões e elementos gerais da cultura latina, não se ignorou sua correspondência com elementos da brasileira. Embora não literal, a tradução atinge, por isso, semelhança correlativa. Desse modo, no poema *26*, os nomes de ventos europeus foram omitidos e a sensibilidade que se tinha a eles foi substituída por nosso apreço comum ao bom tempo, acolhendo-se aqui a proposta poundiana do *Make it New*. Para traduzir o poema *93*, optou-se pela intervenção, em que a oposição "branco ou preto" verte-se pela quase auto-referente "grego ou troiano".

66. O esclarecimento sobre a dissonância deste poema devo às aulas de Francisco Achcar.

38. Considerando-se, agora teoricamente, a tradução, é importante afirmar primeiro que, no âmbito helenístico, esta atividade era a efetivação em literatura do cosmopolitismo estóico, também introduzido em Roma. Em segundo lugar, entre os romanos, se, como vimos, o livro era o meio material da aculturação da *paidéia* grega, a tradução foi, desde o início do processo, o modo privilegiado de sua ocorrência. Pela *Odisséia* de Lívio Andronico, percebe-se que a origem mesma da literatura romana confunde-se com a prática da tradução; esta, de resto, nunca cessou, mesmo quando, em plena aculturação, já se utilizavam outros modos, como a *reelaboração*[67], realizada sobretudo pelos autores dramáticos arcaicos, Plauto e Terêncio, e, como visto, a *imitação*, efetivada pela absoluta maioria dos autores latinos[68]. Sendo um dos meios de formação de uma literatura *própria*, ainda que *apropriada*, traduzir manifestou-se como prática fundamental e valorizada de cultura e, na medida em que se revelou como esforço consciente de assimilar-se a uma Tradição, acabou por interferir nela e necessariamente defini-la (e definir-se), aqui também, como dinâmica e dialética[69]. E precisamente porque a *paidéia* em Roma foi aculturada, tendo gloriosa existência anterior, este sentido ativo da Tradição, da qual a tradução foi procedimento básico, talvez seja, mais que todos os temas e mesmo formas assim transmi-

67. A reelaboração era designada pelo termo *uertere* e a tradução, como a entendemos, pelo verbo *exprimere*; ver original da palavra ''verti'' empregada por Cícero na citação abaixo, *conuerti*, e poema *65*, 16, *expressa*.

68. Neste fenômeno histórico, que é a aculturação, é possível considerar cada um desses modos como etapas, cuja origem no tempo é relativamente precisa, e que, no entanto, ao continuar, passaram a coexistir, tornando-se possibilidades à disposição dos autores latinos.

69. Quanto a essa questão, da perspectiva de teórico da literatura, João Alexandre Barbosa, no ensaio já citado, em primeiro lugar considera a tradução não apenas instrumento de dinamização da Tradição, ou seja, não apenas sua parte integrante, mas, por meio de um exemplo bem oportuno, considera a tradução *como a própria interpretação romana da cultura grega*: ''Na verdade, sob o ângulo da produção de sentidos, a tradução importa na possibilidade de ser caracterizada como veículo de interpretações. Traduzir já não significa buscar o Sentido mas apontar para a própria feição polissêmica das linguagens. Tradutor: intérprete. Neste sentido tanto se pode dizer que a Cultura Latina interpreta a Grega quanto Pablo Casals interpreta Bach'' (*op. cit.*, p. 156). Em segundo lugar, ao tornar crítica essa dimensão exegética da tradução, João Alexandre Barbosa dá-lhe a mesma capacidade seletiva identificada por Dodds no período helenístico: ''Sendo assim, na medida em que a tradução é vista como produção de sentidos, envolvendo o processo de interpretação, a passagem de um código a outro, seja ele qual for, exige o exercício da crítica. Tradução: crítica do sentido. A passagem tem algo de vertiginoso. Mas que interpretação não se coloca nos limites da vertigem? Interpretar, traduzir, criticar são termos de um mesmo e único processo: caminhos e descaminhos por entre as sendas das linguagens'' (*idem*, p. 157). Assim, o passo esclarece um fenômeno histórico, a militância de um crítico e a pretensão de um tradutor.

tidos, o maior legado da Romanidade[70]. Com efeito, a prática da tradução no Egito dos Ptolomeus já possuía caráter de política cultural, porque era o instrumento do acúmulo de saber pretendido. No entanto, a civilização helenística pensava-se e ainda hoje é entendida, mesmo com elementos estrangeiros, como continuação da grega; é parte da civilização grega[71]. Assim, tudo aquilo que os gregos helenísticos, em Alexandria ou alhures, traduziam era somado ao grande patrimônio do passado. Algo diverso ocorreu com os romanos. Estes, após a destruição de Cartago, consideravam o que já possuíam inadequado a sua nova posição num Mediterrâneo helenizado. Então, assimilavam para possuir, não para acrescentar; e para possuir, além de imitar, traduziam[72]. Estabeleceu-se, dessa forma, em Roma, como que uma linhagem de autores-tradutores: nela está Cícero, que foi tradutor de poesia, trazendo para o latim o poema *Phainómena* (*Os Fenômenos*), do poeta helenístico Arato de Solos (*c.* 315-? a.C.); os fragmentos desse trabalho estão reunidos na *Aratea*. Mais tarde, pôs em latim os discursos de Demóstenes e Ésquines, relativos à "Questão da Coroa", versões hoje perdidas, para as quais, porém, escreveu pequeno mas precioso ensaio introdutório, verdadeiro breviário sobre tradução, que é o tratado *Sobre o Melhor Estilo de Oradores*; a certa altura (5, 14), Cícero propõe o traduzir como instância de comunicabilidade entre culturas, e muito claramente discrimina tradução de significados de tradução de termos:

> não verti como tradutor, mas como orador, com as mesmas idéias e suas formas, bem como figuras e palavras adequadas ao nosso uso. Não considerei necessário verter palavra por palavra, mas preservei o sentido geral e a força das palavras. Não julguei ser preciso enumerar uma a uma ao leitor, mas mostrar o seu peso[73].

70. Essa mesma atitude é a base da mais precisa formulação moderna do assunto, o ensaio "Tradition and the Individual Talent", de T. S. Eliot, que, portanto, ao discorrer sobre *tradição*, o faz também sobre *tradução*.

71. "A civilização helenística permaneceu grega na língua, nos costumes e sobretudo na consciência de si mesma." Arnaldo Momigliano, *Os Limites da Helenização, p. 13.*

72. Ressalvando-se sua específica opinião sobre a originalidade, releva notar mais estas observações de Momigliano: "a assimilação da língua, dos costumes e crenças gregos é indistinguível da criação de uma literatura nacional que, com toda a imitação de modelos alheios, foi imediatamente original, autoconfiante e agressiva" (*op. cit.*, p. 22) e "Vista como um todo, a assimilação da cultura e da língua gregas foi fácil e rápida. Os filósofos e retóricos gregos se tornaram parte da forma de vida romana. Em 92 a.C., quando alguém tentava instalar uma escola de eloqüência em latim, os censores da época se mostravam firmemente contrários [...]. O grego se tornou praticamente compulsório para a sustentação do império romano. Nunca poderemos determinar quanto do sucesso do imperialismo romano está implícito neste esforço deliberado dos romanos para aprender a se exprimir e pensar em grego. Nem podemos fazer mais do que conjecturar sobre as conseqüências do desconhecimento do latim por parte dos gregos" (*idem*, p. 25).

73. Tradução inédita de Isabel Carvalho De Lorenzo em *De Optimo Genere Oratorum de Cícero: Tradução e Comentário*, p. 10.

A linhagem de tradutores inclui o próprio Catulo, que além da ode sáfica, traduziu de Calímaco a elegia "A Trança de Berenice", com bastante precisão e esmero, inclusive quanto à ordem das palavras no verso, como se verifica pelo cotejo com os fragmentos gregos.

39. Por fim, sabe-se que traduzir é lidar com o idioma, palavra com que os gregos designavam a particularidade intransferível de cada língua. A poesia é o grau máximo dessa particularidade e por isso sua morada mais arcana. Quanto ao Latim, isto pode servir de escusa. Quanto ao Português, quer-se declarar que se, por um lado, todo trabalho de pesquisa ligado a tão antigas letras é sempre tributário do que se fez e faz nos países de primeiro mundo, pelo que se agradece com empenho, por outro, a Tradução, que decorre desse trabalho, na medida em que dialogue com as esferas mais sublimes da língua portuguesa – a poesia – e se destine a quem a cultive, perfaz o limite daquilo que ninguém pode fazer por nós, os que falamos português no Brasil. Esse é o limite em que aqui se produzem, não arremedos, ainda que industriosos e bem-intencionados, mas, como fez Manuel Odorico Mendes, grande, o *Virgílio Brazileiro*, a *Eneida Brazileira*, difícil meta. Uma espécie de amor à pátria, também e só no limite em que a pátria de alguém é a sua língua.

O LIVRO DE CATULO

Uns bons, uns médios, muitos versos maus lereis
aqui: não de outro modo faz-se um livro.

MARCIAL, 1,16

Versus domini Benevenuti de Campexanis de Vincencia
de resurrectione Catuli poete Veronensis

Ad patriam uenio longis a finibus exul;
causa mei reditus compatriota fuit
scilicet a calamis tribuit cui Francia nomen
quique notat turbae praetereuntis iter
quo licet ingenio uestrum celebrate Catullum,
cuius sub modio clausa papirus erat.

Versos de Benvenuto Campesani de Vicenza
sobre a ressurreição de Catulo, poeta de Verona[1]

À patria torno de um exílio em longes terras;
voltei por causa de um compatriota,
a quem de fato a França o nome dá dos cálamos
e que a via em que a turba vai vigia.
Com zelo igual, sim, celebrai vosso Catulo,
cujos papiros sob tonéis jaziam.

1. Este epigrama vem junto aos mais antigos códices de Catulo (século XIV) e celebra a reaparição de seus poemas, que, segundo Chatelain (*apud* Lafaye, p. xxix), foram encontrados no abandono, por um veronês de nome Francesco, "a quem de fato a França o nome dá".

O LIVRO DE CATULO

1

A quem dedico esta graça de livro
novinho em folhas recém-buriladas?
A ti, Cornélio, pois tu costumavas
ver uma coisa qualquer nestas nugas,
já desde o tempo em que ousaste, primeiro
na Itália inteira, explicar toda a História
em três volumes mui sábios – por Júpiter! –
muito difíceis. Contigo então, leve,
leva este quê, o que for, de livrinho:
que viva, ó deusa virgem, mais de um século!

2

Pássaro, delícias da minha amiga –
com quem brincar e ter no colo, a quem
no ataque dar a ponta dos dedinhos
e acres dentadas incitar costuma

CATVLLI VERONENSIS LIBER

1

Quoi dono lepidum nouum libellum
arida modo pumice expolitum?
Corneli, tibi; namque tu solebas
meas esse aliquid putare nugas,
iam tum cum ausus es unus Italorum
omne aeuum tribus explicare cartis
doctis, Iupiter, et laboriosis.
Quare habe tibi quicquid hoc libelli,
qualecumque; quod, o patrona uirgo,
plus uno maneat peremne saeclo.

2

Passer, deliciae meae puellae,
quicum ludere, quem in sinu tenere,
quoi primum digitum dare adpetenti
et acris solet incitare morsus,

Mosaico proveniente da
casa do Fauno, Pompéia
Século I d.C.

Pintura mural (detalhe)
casa de Vênus marinha
Pompéia. Século I d.C.

quando lhe apraz ao meu desejo ardente
um capricho, um gracejo preparar,
não sei qual, um consolo à sua dor,
creio, para acalmar o ardor assim –
ah poder eu também brincar contigo
e tristes aflições tirar do peito
é tão bom para mim quanto à menina
veloz se diz que foi a maçã de ouro
que o cinto atado há muito enfim soltou.

3

Podeis chorar, ó Vênus, ó Cupidos,
e quantos homens mais sensíveis vivam:
morreu o pássaro de minha amiga,
o pássaro, delícias da menina,
que bem mais que seus olhos ela amava,
pois era mel e tanto a conhecia
quanto a filha conhece a própria mãe
e de seu colo nunca se movia
mas saltitando em torno aqui e ali
somente a ela sempre pipiava.
Agora vai por via escura lá
de onde, dizem, ninguém voltou jamais.
Ah! malditas, vós, trevas más do Orco
que devorais as belas coisas todas:
um pássaro tão belo me roubastes.
Ah, que maldade! Ah, pobre passarinho!
Por tua culpa os olhinhos dela estão
vermelhos e inchadinhos de chorar.

4

Este barquinho que estais vendo, ó forasteiros,
diz que foi mais veloz que todos os navios
e que a leveza de nenhum lenho a nadar
fora capaz de superá-lo quer com remos

cum desiderio meo nitenti
carum nescio quid lubet iocari
et solaciolum sui doloris,
credo, ut tum grauis acquiescat ardor;
tecum ludere sicut ipsa posse
et tristis animi leuare curas
tam gratum est mihi quam ferunt puellae
pernici aureolum fuisse malum,
quod zonam soluit diu ligatam.

3

Lugete, o Veneres Cupidinesque,
et quantum est hominum uenustiorum.
Passer mortuus est meae puellae,
passer, deliciae meae puellae,
quem plus illa oculis suis amabat;
nam mellitus erat suamque norat
ipsam tam bene quam puella matrem,
nec sese a gremio illius mouebat,
sed circumsiliens modo huc modo illuc
ad solam dominam usque pipiabat.
Qui nunc it per iter tenebricosum
illuc, unde negant redire quemquam.
At uobis male sit, malae tenebrae
Orci, quae omnia bella deuoratis;
tam bellum mihi passerem abstulistis.
O factum male! o miselle passer!
Tua nunc opera meae puellae
flendo turgiduli rubent ocelli.

4

Phaselus ille, quem uidetis, hospites,
ait fuisse nauium celerrimus,
neque ullius natantis impetum trabis
nequisse praeterire, siue palmulis

voar fosse preciso quer com linho e diz:
não o desdiz a onda horrenda do Adriático,
as ilhas Cíclades ou Rodes tão famosa,
não o desdiz a má Propôntida da Trácia
nem o temível Ponto Euxino, negro mar,
lugar onde este (após) barquinho foi bem antes
selva frondosa pois no cimo do Citoro
muitos farfalhos fez seu cabelo de folhas.
Amástris Pôntica!, ó Citoro rico em toras!,
tudo isto foi, tudo é de ti bem conhecido,
diz o barquinho – e desde as últimas origens
afirma ter estado em pé em tua colina,
os remos ter molhado então em tuas águas
e desde lá em meio a mares indomáveis
seu senhor ter levado quer à esquerda quer
à destra houvesse vento, ou Júpiter, propício,
num bordo e noutro de uma só vez incidisse,
nem voto algum jamais aos deuses litorais
diz que fez, quando a este lago cristalino
vinha por mares nunca dantes navegados.
Mas isto tudo foi outrora, agora, à parte
descansa em calma e envelhece e se dedica
a ti, Castor, e a ti, ó gêmeo de Castor.

5

Vamos viver, minha Lésbia, e amar,
e aos rumores dos velhos mais severos,
a todos, voz nem vez vamos dar. Sóis
podem morrer ou renascer, mas nós
quando breve morrer a nossa luz,
perpétua noite dormiremos, só.
Dá mil beijos, depois outros cem, dá
muitos mil, depois outros sem fim, dá
mais mil ainda e enfim mais cem – então
quando beijos beijarmos (aos milhares!)
vamos perder a conta, confundir,
p'ra que infeliz nenhum possa invejar,
se de tantos souber, tão longos beijos.

opus foret uolare siue linteo.
Et hoc negat minacis Adriatici
negare litus insulasue Cycladas
Rhodumque nobilem horridamque Thraciam,
Propontida trucemue Ponticum sinum,
ubi iste post phaselus antea fuit
comata silua; nam Cytorio in iugo
loquente saepe sibilum edidit coma.
Amastri Pontica et Cytore buxifer,
tibi haec fuisse et esse cognitissima
ait phaselus; ultima ex origine
tuo stetisse dicit in cacumine,
tuo imbuisse palmulas in aequore,
et inde tot per impotentia freta
erum tulisse, laeua sive dextera
uocaret aura, siue utrumque Iupiter
simul secundus incidisset in pedem;
neque ulla uota litoralibus diis
sibi esse facta, cum ueniret a marei
nouissime hunc ad usque limpidum lacum.
Sed haec prius fuere; nunc recondita
senet quiete seque dedicat tibi,
gemelle Castor et gemelle Castoris.

5

Viuamus, mea Lesbia, atque amemus,
rumoresque senum seueriorum
omnes unius aestimemus assis.
Soles occidere et redire possunt;
nobis cum semel occidit breuis lux,
nox est perpetua una dormienda.
Da mi basia mille, deinde centum,
dein mille altera, dein secunda centum,
deinde usque altera mille, deinde centum.
Dein, cum milia multa fecerimus,
conturbabimus illa, ne sciamus,
aut ne quis malus inuidere possit,
cum tantum sciat esse basiorum.

6

Flávio, tuas delícias a Catulo,
se não forem sem graça e elegância,
quererias contar e calar não
poderias. Não sei que tipo, a puta
febril que agora adulas. Confessá-lo
te envergonha. Que tu solteiras noites
já não deitas proclama um leito, em vão
sem voz, fragrante a flores e perfumes
Sírios, e os travesseiros de um e de outro
roçados por igual, os mexericos
e o remexer da cama toda trêmula.
Nada vale calar teus coitos sórdidos.
Por quê? Uns tão fodidos flancos não
mostrarias se inépcias evitasses.
O que de bom ou mau então tu fazes
conta-me. Quero a ti e a teus amores
ao céu erguer com meu ligeiro verso.

7

Perguntas, Lésbia, quantos beijos teus
bastam p'ra mim, e quantos são demais.
Quantos sejam os grãos de areia Líbica
a jazer em Cirene, em láser fértil,
entre o templo de Júpiter ardente
e de Bato vetusto o sacro túmulo;
quantas estrelas, quando cala a noite,
aos amores dos homens testemunham
(furtivos), tantos beijos tu beijares
basta a Catulo, insano, e é demais.
Assim os curiosos não consigam
computar nem más línguas pôr quebranto.

6

Flaui, delicias tuas Catullo,
nei sint inlepidae atque inelegantes,
uelles dicere, nec tacere posses.
Verum nescioquid febriculosi
scorti diligis; hoc pudet fateri.
Nam te non uiduas iacere noctes
nequiquam tacitum cubile clamat
sertis ac Syrio fragrans oliuo,
puluinusque peraeque et hic et ille
attritus, tremulique cassa lecti
argutatio inambulatioque.
Nam nil stupra ualet, nihil, tacere.
Cur? Non tam latera ecfututa pandas,
nei tu quid facias ineptiarum.
Quare quicquid habes boni malique,
dic nobis; uolo te ac tuos amores
ad caelum lepido uocare uersu.

7

Quaeris quot mihi basiationes
tuae, Lesbia, sint satis superque.
Quam magnus numerus Libyssae harenae
lasarpiciferis iacet Cyrenis,
oraclum Iouis inter aestuosi
et Batti ueteris sacrum sepulcrum,
aut quam sidera multa, cum tacet nox,
furtiuos hominum uident amores,
tam te basia multa basiare
uesano satis et super Catullo est,
quae nec pernumerare curiosi
possint nec mala fascinare lingua.

Cena erótica. Mosaico central de
um pavimento da Vila del Casale em Piazza
Armerina, Sicília. Século III-IV d.C.

8

Infeliz Catulo, deixa de loucura,
e o que pereceu considera perdido.
Outrora brilharam-te dourados sóis
quando ias aonde levava a menina
amada por nós como ninguém será;
lá muitos deleites havia que bem
querias tu e ela não queria mal.
É certo, brilharam-te dourados sóis...
Agora ela não quer: tu, louco, não queiras
nem busques quem foge nem vivas aflito,
porém duramente suporta, resiste.
Vai, menina, adeus, Catulo já resiste,
não vai te implorar nem à força exigir-te
mas quando ninguém te quiser vais sofrer.
Ai de ti, maldita, que vida te resta?
Pois quem vai te ver? P'ra quem te enfeitarás?
E quem vais amar? De quem dirás que és?
Quem hás de beijar? Que lábios vais morder?
Mas tu, Catulo, resoluto, resiste.

9

Verânio, dos amigos o primeiro,
de todos os trezentos mil que tenho,
voltaste a tua casa, a teus Penates,
irmãos (um coração) e idosa mãe?
Voltaste. Ah, que notícia tão feliz!
Vou te ver são e salvo e ouvir contares
feitos, lugares, povos lá da Ibéria
com teu jeito e, chegando a ti meu rosto,
teus lábios belos vou beijar e os olhos.
Ó quantos homens vivam tão felizes,
quem mais que eu é alegre ou mais feliz?

8

Miser Catulle, desinas ineptire,
et quod uides perisse perditum ducas.
Fulsere quondam candidi tibi soles,
cum uentitabas quo puella ducebat
amata nobis quantum amabitur nulla.
Ibi illa multa tum iocosa fiebant,
quae tu uolebas nec puella nolebat.
Fulsere uere candidi tibi soles.
Nunc iam illa non uolt; tu quoque, inpotens, noli,
nec quae fugit sectare, nec miser uiue,
sed obstinata mente perfer, obdura.
Vale, puella. Iam Catullus obdurat,
nec te requiret nec rogabit inuitam;
at tu dolebis, cum rogaberis nulla.
Scelesta, uae te; quae tibi manet uita!
Quis nunc te adibit? cui uideberis bella?
Quem nunc amabis? cuius esse diceris?
Quem basiabis? cui labella mordebis?
At tu, Catulle, destinatus obdura.

9

Verani, omnibus e meis amicis
antistans mihi milibus trecentis,
uenistine domum ad tuos penates
fratresque unanimos anumque matrem?
Venisti. O mihi nuntii beati!
Visam te incolumem audiamque Hiberum
narrantem loca, facta, nationes,
ut mos est tuus, applicansque collum
iocundum os oculosque suauiabor.
O quantum est hominum beatiorum,
quid me laetius est beatiusue?

10

Varo, para que eu visse seus amores,
de meu ócio no Fórum me levou.
Puta!, assim pareceu-me de repente
mas não sem elegância ou sem encanto.
Chegando lá, de assuntos vários nós
falamos, entre os quais tudo que havia
na Bitínia, as vantagens que eu tivera,
quanto dinheiro enfim lá consegui.
Respondi como foi, que nada aos próprios
pretores, que à coorte nada havia
com que mais perfumassem seus cabelos;
pior aos que o pretor foi fode-bocas,
que à coorte não deu um grão de areia.
"Porém", replicam, "o que – contam – lá
nasceu é certo que compraste: uns homens
p'ra a liteira." Então eu, por me passar
a ela por alguém bem-sucedido,
digo: "não foi p'ra mim tão má província,
ainda que em sorteio mal obtida,
que não comprasse oito homens bem robustos."
(Mas cá ou lá não tinha eu nenhum
que o pé quebrado de uma velha cama
pudesse no seu colo colocar.)
Então com uns trejeitos de veado
ela diz: "meu Catulo, por favor,
me empresta um pouco os homens, pois eu quero
ser levada ao Serápis." "Mas espera",
digo, "o que há pouco eu disse possuir,
foge-me a razão, Caio Cina, meu
companheiro, foi ele quem comprou.
Porém se é meu ou se é dele, e daí?
Uso tão bem como se fosse meu.
Mas tu és bem sem graça e enfadonha:
não deixas que ninguém seja esquecido."

10

Varus me meus ad suos amores
uisum duxerat e foro otiosum,
scortillum, ut mihi tum repente uisum est,
non sane inlepidum neque inuenustum.
Huc ut uenimus, incidere nobis
sermones uarii, in quibus, quid esset
iam Bithynia, quo modo se haberet,
ecquonam mihi profuisset aere.
Respondi id quod erat, nihil neque ipsis
nec praetoribus esse nec cohorti,
cur quisquam caput unctius referret.
Praesertim quibus esset irrumator
praetor, nec faceret pili cohortem.
"At certe tamen", inquiunt, "quod illic
natum dicitur esse, comparasti
ad lecticam hominis." Ego, ut puellae
unum me facerem beatiorem,
"non", inquam, "mihi tam fuit maligne,
ut, prouincia quod mala incidisset,
non possem octo homines parare rectos."
At mi nullus erat nec hic neque illic
fractum qui ueteris pedem grabati
in collo sibi collocare posset.
Hic illa, ut decuit cinaediorem,
"quaeso", inquit, "mihi, mi Catulle, paulum
istos commoda; nam uolo ad Sarapim
deferri." "Mane", inquii puellae;
"istud quod modo dixeram me habere,
fugit me ratio; meus sodalis
Cinna est Gaius, is sibi parauit.
Verum, utrum illius an mei, quid ad me?
Vtor tam bene quam mihi pararim.
Sed tu insulsa male ac molesta uiuis,
per quam non licet esse neglegentem."

11

Fúrio e Aurélio, amigos de Catulo –
se for até os extremos Indos, onde
praias contunde a onda do oriente
que soa ao longe

ou se entre Hircanos ou morosos Árabes
ou Sagas ou os Persas porta-setas
ou os mares que o Nilo (sete gêmeas
fauces) colora

ou se através dos Alpes for tão altos,
do grande César vendo os monumentos,
o Reno Gálico e os Bretões horrendos,
último povo –

dispostos a enfrentar todo perigo
vindo por via do querer divino,
dizei palavras à minha garota,
poucas e boas!

Vá viver e gozar com seus amantes,
que, juntos, uns trezentos ela agarra
nenhum de fato amando mas os membros
rompendo em todos

e não se volte mais ao meu amor
que caiu por sua culpa como a flor
do último prado, em que, passando, o arado
então tocou.

12

Asínio Marrucino, não é belo
o teu uso da mão esquerda em meio
a riso e vinho: aos distraídos furtas
o lenço. Pensas que isto é fino? Foge-te,

11

Furi et Aureli, comites Catulli,
siue in extremos penetrabit Indos,
litus ut longe resonante Eoa
tunditur unda,
siue in Hyrcanos Arabasue molles,
seu Sagas, sagittiferosue Parthos,
siue quae septemgeminus colorat
aequora Nilus,
sive trans altas gradietur Alpes,
Caesaris uisens monimenta magni,
Gallicum Rhenum, horribilesque ulti-
mosque Britannos,
omnia haec, quaecumque feret uoluntas
caelitum, temptare simul parati,
pauca nuntiate meae puellae
non bona dicta.
Cum suis uiuat ualeatque moechis,
quos simul complexa tenet trecentos,
nullum amans uere, sed identidem omnium
ilia rumpens;
nec meum respectet, ut ante, amorem,
qui illius culpa cecidit uelut prati
ultimi flos, praetereunte postquam
Tactus aratro est.

12

Marrucine Asini, manu sinistra
non belle uteris in ioco atque uino;
tollis lintea neglegentiorum.
Hoc salsum esse putas? fugit te, inepte;

inepto, o quanto é feio e sem encanto.
Tu não crês em mim? Crê em Polião,
o teu irmão, que dá uma fortuna
por teus furtos. É jovem bem versado
no que tem graça e elegância. Então
ou aguarda trezentos decassílabos
ou me devolve o lenço. Não me importa
o seu valor, porém o lenço é minha
lembrança dos amigos: um tecido
de Sétabis mandaram-me Fabulo
e Verânio da Ibéria, de presente.
E devo amá-lo à vera qual Verânio
eu amo, meu pequeno, e qual Fabulo.

13

Jantarás bem, Fabulo, em minha casa,
muito em breve se os deuses te ajudarem,
se contigo levares farto e bom
jantar, e não sem fina artista, vinho,
graça e as risadas todas. Isso tudo,
se levares, encanto meu, garanto,
jantarás bem, pois teu Catulo tem
o bolso cheio de teias de aranha.
Em troca aceitarás meros amores
e o que há de mais suave ou elegante,
pois um perfume te darei que à minha
garota Vênus e os Cupidos deram,
que ao sentires aos deuses vais pedir
te façam, Fabulo, todo nariz.

14

Se não mais que meus olhos te amasse, ótimo
Calvo, por um presente assim eu ia
odiar-te com ódio de Vatínio.
Pois que fiz eu, então o que falei

quamuis sordida res et inuenusta est.
Non credis mihi? crede Pollioni
fratri, qui tua furta uel talento
mutari uelit; est enim leporum
dissertus puer ac facetiarum.
Quare aut hendecasyllabos trecentos
expecta aut mihi linteum remitte;
quod me non mouet aestimatione,
uerum est mnemosynum mei sodalis.
Nam sudaria Saetaba ex Hibereis
miserunt mihi muneri Fabullus
et Veranius; haec amem necesse est
ut Veraniolum meum et Fabullum.

13

Cenabis bene, mi Fabulle, apud me
paucis, si tibi dei fauent, diebus,
si tecum attuleris bonam atque magnam
cenam, non sine candida puella
et uino et sale et omnibus cachinnis.
Haec si, inquam, attuleris, uenuste noster,
cenabis bene; nam tui Catulli
plenus sacculus est aranearum.
Sed contra accipies meros amores
seu quid suauius elegantiusue est;
nam unguentum dabo, quod meae puellae
donarunt Veneres Cupidinesque,
quod tu cum olfacies, deos rogabis,
totum ut te faciant, Fabulle, nasum.

14

Nei te plus oculis meis amarem,
iocundissime Calue, munere isto
odissem te odio Vatiniano;
nam quid feci ego quidue sum locutus,

por me perderes com tão maus poetas?
Que ao teu cliente os deuses mandem muitos
males, que tantos ímpios te enviou.
Se, como penso, este presente novo –
um achado – te dá Sila, o gramático,
para mim não vai mal, mas bem e é belo,
por não desperdiçares teus esforços.
Deuses santos, que livro infame e horrível!,
que sem dúvida tu a teu Catulo
deste para morrer súbito neste
dia de dons, das Saturnais, tão bom!
Isso não vai ficar assim não, pérfido!,
pois se o dia raiar, até os livreiros
eu vou correr e os Césios, os Aquinos,
Sufeno juntar, todos os venenos,
e te retribuir com tais suplícios.
Mas vós, adeus!, daqui agora ide
lá de onde vós trouxestes pés ruins,
tédio do séc'lo!, péssimos poetas!

14 b

Se acaso vós leitores sois
das minhas inépcias e as mãos
não vos repugnar ao tocar-nos,
AFASTAI A SEVERIDADE
POIS VERSOS VIRÃO MAIS PICANTES.

15

A ti eu me confio e meus amores,
Aurélio, e de pudor eu peço vênia
pois se já desejaste algo em teu ânimo
que mantivesses casto e inteirinho,
preserves em pudor este menino,
não digo das pessoas – delas nada
temo a passar na praça aqui e ali

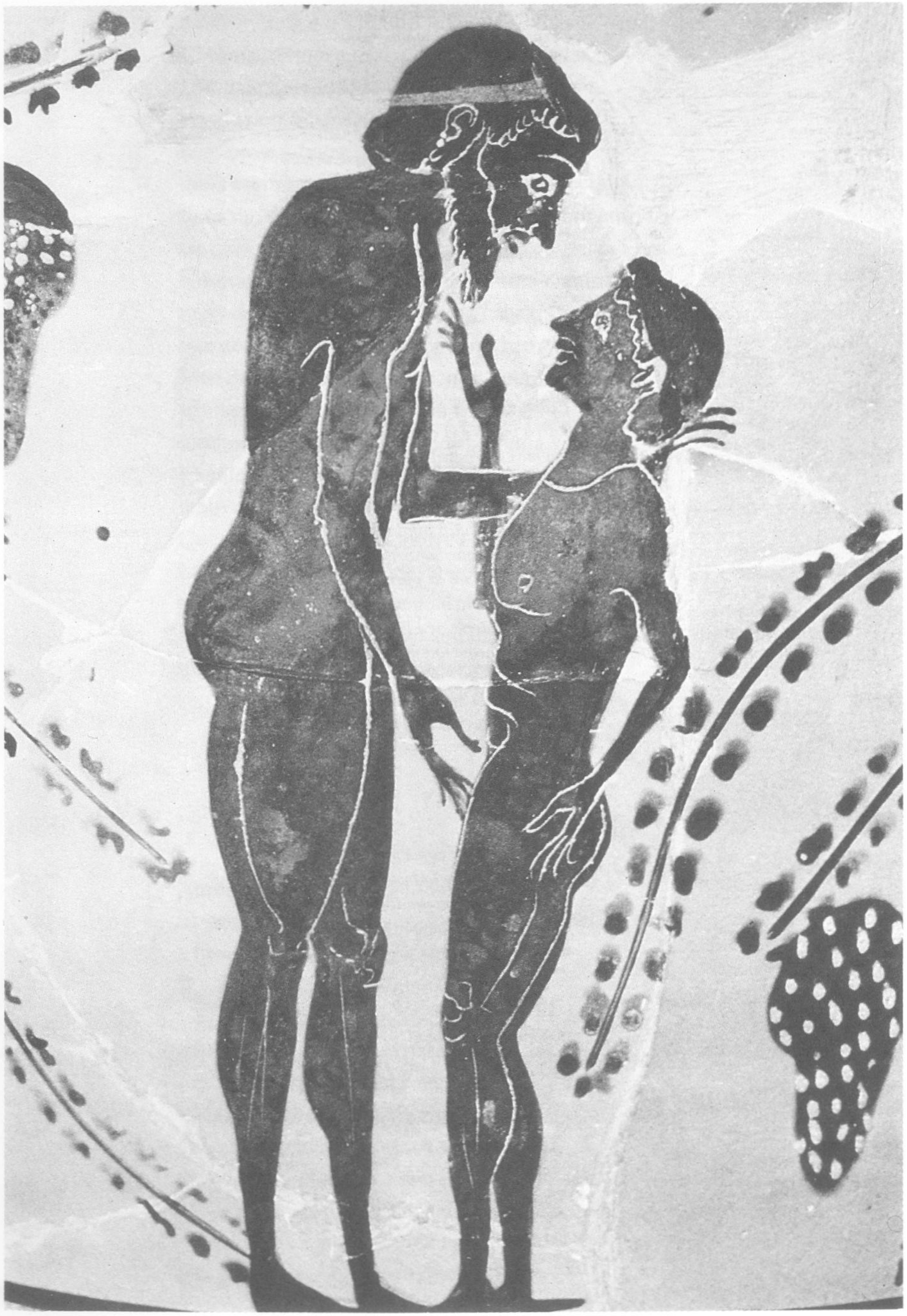
cur me tot male perderes poetis?
Isti dei mala multa dent clienti,
qui tantum tibi misit impiorum.
Quod si, ut suspicor, hoc nouum ac repertum
munus dat tibi Sulla litterator,
non est mi male, sed bene ac beate,
quod non dispereunt tui labores.
Dei magni, horribilem et sacrum libellum!
Quem tu scilicet ad tuum Catullum
misti, continuo ut die periret
Saturnalibus, optimo dierum.
Non non hoc tibi, false, sic abibit;
nam, si luxerit, ad librariorum
curram scrinia, Caesios, Aquinos,
Suffenum, omnia colligam uenena,
ac te his suppliciis remunerabor.
Vos hinc interea, ualete, abite
illuc unde malum pedem attulistis,
saecli incommoda, pessimi poetae.

14b

Siqui forte mearum ineptiarum
lectores eritis manusque uestras
non horrebitis admouere nobis,
omnem ponite nunc seueritatem:
nam uersus ueniunt proteruiores.

15

Commendo tibi me ac meos amores,
Aureli. Veniam peto pudentem,
ut, si quicquam animo tuo cupisti,
quod castum expeteres et integellum,
conserues puerum mihi pudice,
non dico a populo; nihil ueremur
istos, qui in platea modo huc modo illuc



Cena pederástica. Pintura
vascular ática (detalhe)
Século VI a.C.

com suas próprias coisas ocupadas.
Minha paúra és tu, e é o teu pau,
fatal aos bons, fatal aos maus meninos;
por onde queiras, como queiras, leva-o,
quando saíres, pronto para tudo.
Só ele excluo, sim, pudicamente,
pois se uma idéia má ou louca fúria
te impelir, pérfido, a tamanho crime
de contra ele investir, outro eu,
então, ah!, infeliz e malfadado,
pelos pés arrastado, por teu rabo
aberto vão passar mugens e rábãos.

16

Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos,
Aurélio bicha e Fúrio chupador,
que por meus versos breves, delicados,
me julgastes não ter nenhum pudor.
A um poeta pio convém ser casto
ele mesmo, aos seus versos não há lei.
Estes só têm sabor e graça quando
são delicados, sem nenhum pudor,
e quando incitam o que excite não
digo os meninos, mas esses peludos
que jogo de cintura já não têm.
E vós, que muitos beijos (aos milhares!)
já lestes, me julgais não ser viril?
Meu pau no cu, na boca, eu vou meter-vos.

17

Ó Colônia, que sobre a longa ponte queres
dançar, pular, porém a pontezinha, em frágeis
pernas, salvas dos troços de um naufrágio, temes
que se desmonte e deite-se no fundo pântano.
Que tenhas, qual desejas, firme ponte e Sálios

in re praetereunt sua occupati;
uerum a te metuo tuoque pene
infesto pueris bonis malisque.
Quem tu qua lubet, ut lubet, moueto
quantum uis, ubi erit foris, paratum;
hunc unum excipio, ut puto, pudenter.
quod si te mala mens furorque uecors
in tantam impulerit, sceleste, culpam,
ut nostrum insidiis caput lacessas,
a! tum te miserum malique fati,
quem attractis pedibus patente porta
percurrent raphanique mugilesque.

16

Pedicabo ego uos et irrumabo,
Aureli pathice et cinaede Furi,
qui me ex uersiculis meis putastis,
quod sunt molliculi, parum pudicum.
Nam castum esse decet pium poetam
ipsum, uersiculos nihil necesse est,
qui tum denique habent salem ac leporem,
si sunt molliculi ac parum pudici
et quod pruriat incitare possunt,
non dico pueris, sed his pilosis
qui duros nequeunt mouere lumbos.
Vos, quei milia multa basiorum
legistis, male me marem putatis?
Pedicabo ego uos et irrumabo.

17

O colonia, quae cupis ponte loedere longo,
et salire paratum habes, sed uereris inepta
crura ponticuli axulis stantis in rediuiuis,
ne supinus eat cauaque in palude recumbat;
sic tibi bonus ex tua pons libidine fiat,

dancem nela e o sagrado invoquem: mas te peço,
Colônia, dá-me a graça de grandes risadas.
Um meu concidadão de tua ponte eu quero
ver de ponta-cabeça (aos pés) cair no lodo,
bem onde a borra do fedido pântano é
mais escura e é bem mais profundo o precipício.
Sem sal, é homem néscio qual nenê de um ano
ou dois, que dorme ao braço frouxo de um pai lasso.
Novinha em flor, casou com ele uma menina
mais delicada do que as tenras cabritinhas
que zelar é mister, como as uvas bem negras.
Mas deixa-a divertir-se quando quer, nem liga,
não se abala, mas como um tronco da Ligúria,
tombado a machadada, jaz sobre uma vala
e sente tudo como se não fosse nada,
tanto este espanto de homem nada vê nem ouve.
Quem é, se vive ou já morreu nem ele sabe.
Lançá-lo quero agora desta ponte abaixo
p'ra ver se acorda deste estúpido letargo
e, em lama espessa, larga seu inerte espírito
qual ferragem de mulas presa em duro barro.

[18-20]

21

Aurélio, pai das fomes todas, não
só destas mas de quantas foram, são
e hão de ser ainda no futuro:
desejas pôr no cu dos meus amores
e não o ocultas, pois ao lado ficas,
colado brincas, tudo experimentas.
Em vão. Pois vou meter na tua boca
que armadilhas já armas contra mim.
Se agisses satisfeito, eu calaria,
que só com isto sofro: que o menino
aprenda, ai!, sentir fome, sentir sede.
Então desiste enquanto tens pudor
p'ra não lhe pores fim de pau na boca.

in quo uel Salisubsilis sacra suscipiantur;
munus hoc mihi maximi da, colonia, risus.
Quendam municipem meum de tuo uolo ponte
ire praecipitem in lutum per caputque pedesque,
uerum totius ut lacus putidaeque paludis
liuidissima maximeque est profunda uorago.
Insulsissimus est homo, nec sapit pueri instar
bimuli tremula patris dormientis in ulna.
Quoi cum sit uiridissimo nupta flore puella,
et puella tenellulo delicatior haedo,
adseruanda nigerrimis diligentius uuis,
ludere hanc sinit ut lubet, nec pili facit uni,
nec se subleuat ex sua parte, sed uelut alnus
in fossa Liguri iacet suppernata securi,
tantundem omnia sentiens quam si nulla sit usquam,
talis iste meus stupor nil uidet, nihil audit,
ipse qui sit, utrum sit an non sit, id quoque nescit.
Nunc eum uolo de tuo ponte mittere pronum,
si pote stolidum repente excitare ueternum,
et supinum animum in graui derelinquere caeno,
ferream ut soleam tenaci in uoragine mula.

[18-20]

21

Aureli, pater esuritionum,
non harum modo, sed quot aut fuerunt
aut sunt aut aliis erunt in annis,
pedicare cupis meos amores.
Nec clam; nam simul es, iocaris una,
haerens ad latus omnia experiris.
Frustra; nam insidias mihi instruentem
tangam te prior irrumatione.
Atque id si faceres satur, tacerem;
nunc ipsum id doleo, quod esurire,
a! meme, puer et sitire discet.
Quare desine, dum licet pudico,
nei finem facias, sed irrumatus.

22

Este Sufeno, Varo, bem conheces,
é mordaz, bem gracioso, tão urbano
e mesmo assim faz versos infindáveis.
Creio que escritos tem dez mil ou mais
e não em palimpsesto como é uso:
papel fino, volumes novos, novos
umbílicos, correia em couro púrpura,
pautas a plomo e aparo à pedra-pomes.
Mas ao se ler, aquele belo e urbano
Sufeno mais parece quem com terra
mexe ou gado, tanto é instável, vário.
Como explicar? Alguém que há pouco tão
fino – ou mais – tão polido parecia
é mais sem graça que um capim sem graça
assim que toca em poesia, e nunca
é mais feliz que ao escrever poemas,
tanto ele se ama, tanto ele se admira.
Ah! todos temos tal falha. Ninguém
há que em algo não possas um Sufeno
ver. Cada um carrega o próprio erro,
mas não vemos o alforje a nossas costas.

23

Ó Fúrio, que não tens dinheiro ou bolso,
nem percevejos nem aranha ou fogo,
mas tens um pai e tens madrasta cujos
dentes podem comer até as pedras.
Tudo vai bem p'ra ti junto a teu pai
e à tábua que é a esposa de teu pai.
Não admira, pois todos passais bem,
muito bem digeris, nada temeis:
incêndios ou desabamentos graves,

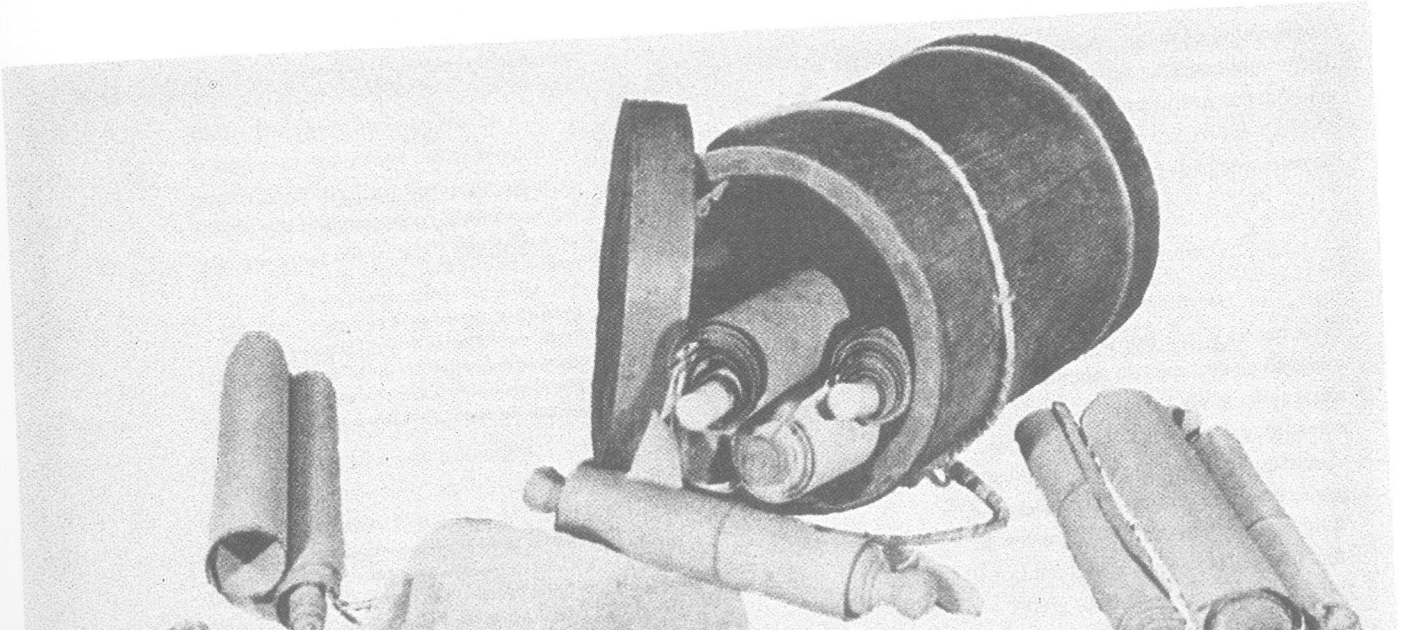
22

Suffenus iste, Vare, quem probe nosti,
homo est uenustus et dicax et urbanus,
idemque longe plurimos facit uersus.
Puto esse ego illi milia aut decem aut plura
perscripta, nec sic ut fit in palimpseston
relata; cartae regiae, nouei libri,
nouei umbilici, lora rubra membranae,
derecta plumbo et pumice omnia aequata.
Haec cum legas tu, bellus ille et urbanus
Suffenus unus caprimulgus aut fossor
rursus uidetur; tantum abhorret ac mutat.
Hoc quid putemus esse? qui modo scurra
aut siquid hac re tritius videbatur,
idem infaceto est infacetior rure,
simul poemata attigit, neque idem umquam
aeque est beatus ac poema cum scribit;
tam gaudet in se tamque se ipse miratur.
Nimirum idem omnes fallimur, neque est quisquam
quem non in aliqua re uidere Suffenum
possis. Suus cuique attributus est error;
sed non uidemus manticae quod in tergo est.

23

Furei, cui neque seruos est neque arca
nec cimex neque araneus neque ignis,
uerum est et pater et nouerca, quorum
dentes uel silicem comesse possunt,
est pulcre tibi cum tuo parente
et cum coniuge lignea parentis.
Nec mirum; bene nam ualetis omnes,
pulcre concoquitis, nihil timetis,
non incendia, non graues ruinas,

Rolos de pergaminho
e sua caixa (*capsa* ou *scrinium*)
Reconstituição



feitos ímpios ou dolos de veneno
nem os outros acasos do perigo.
E mais: corpos mais rijos do que cornos
tendes ou do que existe de mais firme,
graças ao sol, ao frio, graças à fome.
Por que não estarias bem feliz?
Não tens suor, saliva nunca tens
nem muco e a má coriza do nariz.
A tal pureza junta mais pureza,
pois tens o cu mais limpo que um saleiro:
num ano inteiro nem dez vezes cagas
e tão mais duro do que grãos e pedras
que nas mãos, se esfregares e amassares,
jamais sujar os dedos poderias.
Estas vantagens tão felizes, Fúrio,
não queiras desprezar e crer que é pouco.
Dos sestércios que imploras de costume
desiste, que já és feliz bastante.

24

Ó tu, que és a fina flor dos Juvêncios,
e não só destes, mas de quantos foram,
são e serão ainda no futuro:
antes riquezas mil de Midas desses
àquele que não tem dinheiro ou bolso,
que te deixares ser por ele amado.
"Quê?, não é homem belo?", dizes. É.
Mas falta ao belo ter dinheiro ou bolso.
Deixa p'ra lá, releva de bom grado.
(Sim, mas ele não tem dinheiro ou bolso.)

25

Talo, bicha, mais mole que pêlo de coelho,
que miolo de ave ou o lóbulo de uma orelhinha,
que o pênis lânguido de um velho, e aranhas, teias;

non facta impia, non dolos ueneni,
non casus alios periculorum.
Atqui corpora sicciora cornu
aut siquid magis aridum est habetis
sole et frigore et esuritione.
Quare non tibi sit bene ac beate?
A te sudor abest, abest saliua,
muccusque et mala pituita nasi.
Hanc ad munditiem adde mundiorem,
quod culus tibi purior salillo est,
nec toto decies cacas in anno,
atque id durius est faba et lapillis;
quod tu si manibus teras fricesque,
non umquam digitum inquinare posses.
Haec tu commoda tam beata, Furei,
noli spernere nec putare parui.
Et sestertia quae soles precari
centum desine, nam sat es beatus.

24

O qui flosculus es Iuuentiorum,
non horum modo, sed quot aut fuerunt
aut posthac aliis erunt in annis,
mallem diuitias Midae dedisses
isti, quoi neque seruus est neque arca,
quam sic te sineres ab illo amari.
"Qui? non est homo bellus?" inquies. Est;
sed bello huic neque seruus est neque arca.
Hoc tu quam lubet abice eleuaque;
nec seruum tamen ille habet neque arcam.

25

Cinaede Thalle, mollior cuniculi capillo
uel anseris medullula uel imula oricilla
uel pene languido senis situque araneoso,

Talo, rapina, mais que túrbida procela,
se a lua mostra mulherengos bocejantes,
devolve o manto que de mim roubaste e o lenço
de Sétabis e meus bordados Tínios, tolo,
que usas por aí, quais se fossem teus, herdados.
Agora tira as unhas deles e devolve,
que a lanugem, que é teu ladinho, e as mãos molinhas
vão ter riscos, rabiscos de tosca vergasta,
vais te agitar demais, qual diminuta nau,
que insano a vir o vento em alto-mar surpreende.

26

Fúrio, teu sitiozinho não recebe
o vento sul nem o que vem do oeste
nem o do norte, frio, nem o do leste:
recebe uma hipoteca de quinhentos.
Ah!, mas que vento feio e pestilento!

27

Menino que vertes velhos Falernos,
me serve, ministro, taças amargas,
que a lei de Postúmia, a mestra, requer,
mais bêbada que uva em mosto embebida.
Fora daqui, águas, ide bem longe –
ruína do vinho – junto aos severos
migrai, que este é puro néctar de Baco.

28

Amigos de Pisão, coorte mísera,
de bagagem levinha e bem ligeira,
caro Verânio e tu, ó meu Fabulo:
ei!, como vão as coisas? Já bastante
frio e fome passastes com um frouxo

idemque Thalle turbida rapacior procella,
cum luna mulierarios ostendit oscitantes
remitte pallium mihi meum, quod inuolasti,
sudariumque Saetabum catagraphosque Thynos,
inepte, quae palam soles habere tamquam auita.
Quae nunc tuis ab unguibus reglutina et remitte,
ne laneum latusculum manusque mollicellas
inusta turpiter tibi flagella conscribillent,
et insolenter aestues uelut minuta magno
deprensa nauis in mari uesaniente uento.

26

Furi, uillula uostra non ad Austri
flatus opposita est neque ad Fauoni
nec saeui Boreae aut Apheliotae,
uerum ad milia quindecim et ducentos.
O uentum horribilem atque pestilentem!

27

Minister ueteli puer Falerni,
inger mi calices amariores,
ut lex Postumiae iubet magistrae
ebria acina ebriosioris.
At uos quo lubet hinc abite, lymphae,
uini pernicies, et ad seueros
migrate: hic merus est Thyonianus.

28

Pisonis comites, cohors inanis
aptis sarcinolis et expeditis,
Verani optime tuque, mi Fabulle,
quid rerum geritis? satisne cum isto
vappa frigoraque et famem tulistis?

destes? Não há no livro algum lucrinho
no "DEVE", como eu tenho, pois seguindo
o meu pretor, no lucro lanço os gastos?
(Mêmio, tu, lento e sempre, este teu pau
meteste-me na boca, e eu deitado.)
Mas pelo visto vós tivestes sorte
igual, pois estais fartos de um pau nada
menor. (Arranja amigos da nobreza!)
Que os deuses, deusas muitos males mandem-vos,
ó vergonha de Rômulo e de Remo.

29

Quem pode ver, quem pode suportar
(só um veado, um viciado em jogo!)
Mamurra ter o que a Gália Comada
tinha antes e a última Britânia?
Rômulo chupador, tu vês e agüentas?
E ele agora, superior, super-rico,
vai perambular pelas camas todas
qual os branquinhos pombos, qual Adônis?
Rômulo chupador, tu vês e agüentas?
És bem veado, viciado em jogo!
Em nome disto foi, comandante único,
que no ocidente andaste à ilha última
p'ra que este teu Pinto todo fodido
comesse ali duzentos ou trezentos?
É outra a liberdade dos ladrões?
Não fodeu tudo? Não consumiu tudo?
Dilapidou primeiro os bens do pai,
depois despojos Pônticos, e após,
Ibéricos, bem sabe o Tejo aurífero.
Temem-no as Gálias, temem-no as Britânias.
Esse infeliz por que ajudais? Que sabe
mais que devorar grandes patrimônios?
Em nome disto, em Roma ó mais potentes!,
ó sogro, ó genro, destruístes tudo?

Ecquidnam in tabulis patet lucelli
expensum, ut mihi, qui meum secutus
praetorem refero datum lucello?
O Memmi, bene me ac diu supinum
tota ista trabe lentus irrumasti!
Sed, quantum uideo, pari fuistis
casu: nam nihilo minore uerpa
farti estis. Pete nobiles amicos!
At uobis mala multa dei deaeque
dent, obprobria Romulei Remique.

29

Quis hoc potest uidere, quis potest pati,
nisi impudicus et uorax et aleo,
Mamurram habere quod Comata Gallia
habebat ante et ultima Britannia?
Cinaede Romule, haec uidebis et feres?
Et ille nunc superbus et superfluens
perambulabit omnium cubilia
ut albulus columbus aut Adoneus?
Cinaede Romule, haec uidebis et feres?
Es impudicus et uorax et aleo.
Eone nomine, imperator unice,
fuisti in ultima occidentis insula,
ut ista uostra diffututa Mentula
ducenties comesset aut trecenties?
Quid est alid sinistra liberalitas?
Parum expatrauit an parum elluatus est?
Paterna prima lancinata sunt bona;
secunda praeda Pontica; inde tertia
Hibera, quam scit amnis aurifer Tagus;
timentque Galliae hunc, timent Britanniae.
Quid hunc malum fouetis? aut quid hic potest,
nisi uncta deuorare patrimonia?
Eone nomine, urbis o potissimei,
socer generque, perdidistis omnia?

30

Alfeno, que esqueces e enganas parceiros unânimes,
já não sentes dó, ó cruel, de teu bom, doce amigo?
Trair-me, enganar-me já não imaginas, ó pérfido?
As ímpias ações dos mortais não deleitam celícolas,
e nem te preocupas e em males me largas tão mísero.
Mas diz, o que façam os homens, em quem tenham fé?
Perverso, decerto ordenavas-me a alma vender,
levando-me a esse amor como se fosse seguro
e agora sais fora e teus ditos e todos teus feitos
permites que os ventos e as névoas os levem em vão.
Se tu te esqueceste, se lembram os deuses, se lembra
a Fé, que fará que teu feito te cause remorsos.

31

Sírmio, pérola de ilhas e quase-ilhas,
que aos ombros um Netuno e outro leva,
nos lagos límpidos, no vasto mar:
tão feliz, tão contente te reencontro,
mal crendo ter deixado a Tínia e os campos
Bitínios para ver-te em segurança!
Que é melhor que a missão cumprida, quando
a mente larga o fardo e fatigados
da viagem ao nosso lar voltamos,
no leito repousamos tão querido?
Isto é o que temos por fadigas tantas.
Ó bela Sírmio, ao teu senhor te alegra!
Alegrai-vos, ondas Lídias do lago,
arrebentai na praia em gargalhadas!

32

Peço minha, boa, doce Hipsitila,
minhas delícias, meus encantos, pede
que eu vá dormir a sesta junto a ti.

30

Alfene immemor atque unanimis false sodalibus,
iam te nil miseret, dure, tui dulcis amiculi?
Iam me prodere, iam non dubitas fallere, perfide?
Nec facta impia fallacum hominum caelicolis placent;
quae tu neglegis ac me miserum deseris in malis.
Eheu quid faciant, dic, homines, cuiue habeant fidem?
Certe tute iubebas animam tradere, inique, me
inducens in amorem, quasi tuta omnia mi forent.
Idem nunc retrahis te ac tua dicta omnia factaque
uentos irrita ferre ac nebulas aerias sinis.
Si tu oblitus es, at dei meminerunt, meminit Fides,
quae te ut paeniteat postmodo facti faciet tui.

31

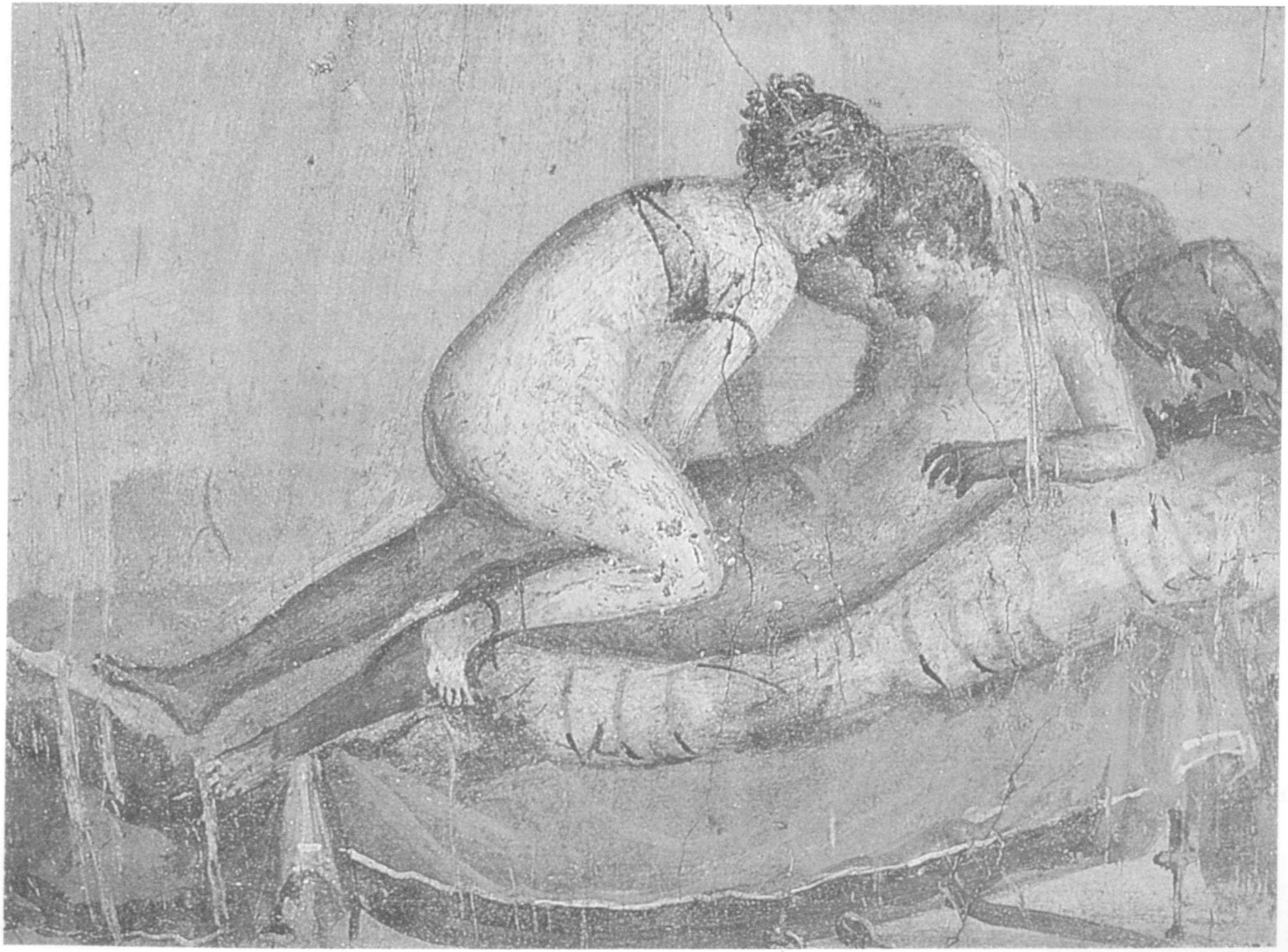
Paene insularum, Sirmio, insularumque
ocelle, quascumque in liquentibus stagnis
marique uasto fert uterque Neptunus,
quam te libenter quamque laetus inuiso,
vix mi ipse credens Thuniam atque Bithunos
liquisse campos et uidere te in tuto.
O quid solutis est beatius curis,
cum mens onus reponit ac peregrino
labore fessi uenimus larem ad nostrum
desideratoque acquiescimus lecto.
Hoc est quod unum est pro laboribus tantis.
Salue, o uenusta Sirmio, atque ero gaude;
gaudete uosque, o Lydiae lacus undae;
ridete, quicquid est domi cachinnorum.

32

Amabo, mea dulcis Hypsithylla
meae deliciae, mei lepores,
iube ad te ueniam meridiatum.

Casal de amantes
Pintura mural, anterior a 79 d.C.

Casal de amantes
Pintura mural proveniente da
casa do Centenário, Pompéia
Anterior a 79 d.C.



E se pedires cuida disto: que outro
não introduza entraves na portinha
nem queiras tu sair por aí fora.
Mas fica em casa e vai te preparando
para umas nove contínuas trepadas.
E se é que vais chamar-me, chama logo,
que almoçado, deitado, e satisfeito,
tanto a túnica eu furo quanto o manto.

33

Ó tu, melhor ladrão dos balneários,
Vibênio, pai, e o filho bem veado,
(o pai tem a direita corrompida,
o filho tem o cu devorador)
por que não ides ao exílio em torpes
terras, se das rapinas do pai todo
o povo sabe e tão peludas nádegas,
filho, não poderás vender por nada?

34

Diana dá-nos proteção,
meninas puras e meninos,
Diana, puros, cantaremos,
meninos e meninas.

Ó Latônia, do imenso Júpiter
progênie grande e generosa,
que a mãe em Delos deu à luz
ao lado da oliveira,

que de montanhas fosses dona,
e de florestas que verdejam,
de pradarias misteriosas,
dos rios que ressoam.

Et si iusseris, illud adiuuato,
nequis liminis obseret tabellam,
neu tibi lubeat foras abire,
sed domi maneas paresque nobis
nouem continuas fututiones.
Verum, siquid ages, statim iubeto;
nam pransus iaceo et satur supinus
pertundo tunicamque palliumque.

33

O furum optime balneariorum,
Vibenni pater, et cinaede fili,
(nam dextra pater inquinatiore,
culo filius est uoraciore)
cur non exilium malasque in oras
itis, quandoquidem patris rapinae
notae sunt populo, et natis pilosas,
fili, non potes asse uenditare?

34

Dianae sumus in fide
puellae et pueri integri;
Dianam pueri integri
puellaeque canamus.

O Latonia, maximi
magna progenies Iouis,
quam mater prope Deliam
deposiuit oliuam,

montium domina ut fores
siluarumque uirentium
saltuumque reconditorum
amniumque sonantum,

Juno Lucina és tu chamada
pelas puérperas em dores,
tu, poderosa Trívia, chamam-te
Lua, a de luz não sua.

Tu, pelo curso de teu mês,
medindo, deusa, o andar dos anos,
de frutos bons os tetos rústicos
do camponês completas.

Em qualquer nome que te agrade,
sejas sagrada e como sempre
em benefícios sê propícia
para a nação de Rômulo.

35

A Cecílio – poeta de ternuras,
meu companheiro – peço, ó papel, digas
venha a Verona, atrás deixando os muros
da Nova Como e o litoral do Lário,
pois algumas idéias de um amigo
meu e dele também desejo que ouça.
Se sábio for, vai devorar estradas
ainda que mil vezes ao partir
linda amiga de volta o chame e as mãos
lançando ao colo implore por ficar
(se o que me agora dizem é verdade,
morre de louco amor ela por ele,
pois quando leu delíneos sobre a deusa
Díndima, desde então à coitadinha
flamas queimam-lhe a íntima medula.
Te perdôo, menina mais versada
do que a Musa de Safo: bela está
Cibele em versos de Cecílio, grande).

tu Lucina dolentibus
Iuno dicta puerperis,
tu potens Triuia et notho es
dicta lumine Luna.

Tu cursu, dea, menstruo
metiens iter annuum
rustica agricolae bonis
tecta frugibus exples.

Sis quocumque tibi placet
sancta nomine, Romulique,
antique ut solita es, bona
sospites ope gentem.

35

Poetae tenero, meo sodali
uelim Caecilio, papyre, dicas
Veronam ueniat, Noui relinquens
Comi moenia, Lariumque litus;
nam quasdam uolo cogitationes
amici accipiat sui meique.
Quare, si sapiet, uiam uorabit,
quamuis candida millies puella
euntem reuocet manusque collo
ambas iniciens roget morari,
quae nunc, si mihi uera nuntiantur,
illum deperit inpotente amore;
nam quo tempore legit incohatam
Dindymi dominam, ex eo misellae
ignes interiorem edunt medullam.
Ignosco tibi, Sapphica puella
musa doctior; est enim uenuste
magno Caecilio incohata mater.

36

Anais de Volúsio, ó papéis cagados!,
dos votos liberai minha garota,
porque à sagrada Vênus e a Cupido
votos fez, se eu voltasse para ela:
e se não mais lançasse duros iambos,
os mais seletos textos deste péssimo
poeta ao deus de tardo pé daria
para arder entre lenhos infecundos.
E a péssima garota achou melhor
votar-vos, lépida e faceira, aos deuses.
Então, deusa do mar azul nascida,
que o Idálio sagrado e os campos Úrios,
bem como Ancona e Cnido rico em canas
habitas, e Amatunte e também Golgos
e Dirráquio, estalagem do Adriático,
considera este voto feito e pago,
se ele não for sem graça e sem encanto.
Vós, entretanto, vinde às vossas chamas
ó cheios de rusticidade e feios
Anais de Volúsio, ó papéis cagados!

37

Lúbrica taberna, ó contubernais,
nona coluna após os Dioscuros,
só vós (achais) que tendes pau, podeis
só vós comer qualquer menina e achar
que os outros são uns bodes? Ou será,
porque estais bem sentados, comportados,
cem, duzentos boçais, achais não ouse
eu só meter na boca de duzentos
comensais? É crer: contra vós, cacetes!,
nessa taberna vou grafar grafitos
pois a menina, que a meu peito foge,
amada quanto ninguém mais será
por quem tão grandes guerras já pugnei,

36

Annales Volusi, cacata carta,
uotum soluite pro mea puella;
nam sanctae Veneri Cupidinique
uouit, si sibi restitutus essem
desissemque truces uibrare iambos,
electissima pessimi poetae
scripta tardipedi deo daturam
infelicibus ustilanda lignis.
Et hoc pessima se puella uidit
iocose lepide uouere diuis.
Nunc, o caeruleo creata ponto,
quae sanctum Idalium Vriosque apertos
quaeque Ancona Gnidumque harundinosam
colis quaeque Amathunta quaeque Golgos
quaeque Durrachium Hadriae tabernam,
acceptum face redditumque uotum,
si non inlepidum neque inuenustum est.
At vos interea uenite in ignem,
pleni ruris et inficetiarum
Annales Volusi, cacata carta.

37

Salax taberna uosque contubernales,
a pileatis nona fratribus pila,
solis putatis esse mentulas uobis,
solis licere quicquid est puellarum
confutuere et putare ceteros hircos?
An, continenter quod sedetis insulsi
centum an ducenti, non putatis ausurum
me una ducentos irrumare sessores?
Atqui putate; namque totius uobis
frontem tabernae sopionibus scribam.
Puella nam mei, quae meo sinu fugit,
amata tantum quantum amabitur nulla,
pro qua mihi sunt magna bella pugnata,

senta-se aí. E ela, ledos, lestos,
todos amais, é certo, e o que é indigno,
todos ralé, putanheiros dos becos:
e mais que todos tu, belos cabelos,
filho da Celtibéria, rica em coelhos,
Egnácio!, a quem faz lindo espessa barba
e dentes limpos com urina Ibérica.

38

Vai mal, Cornifício, o teu Catulo
vai mal e padece demais, muito
mais, a cada dia, a cada hora.
E tu – se era nuga, se era nada –
que consolo deste, que palavras?
Sinto ódio. Assim, és meus amores?
Só poucas palavras, certas, mais
tristes que o lamento de Simônides.

39

Egnácio, porque brancos tem os dentes,
a qualquer hora ri. No tribunal
quando o orador as lágrimas desperta
ele ri. Ante a pira de um bom filho,
único, quando a mãe lamenta a perda
ele ri; o que for, onde for, faça
o que faça, ele ri; tem este vício
pouco elegante e nada refinado.
Devo assim, caro Egnácio, te advertir:
nem se fosses Romano ou Tiburtino,
Sabino ou o Umbro parco ou o gordo Etrusco,
o Lanuvino escuro, dentes lustros,
ou Transpadano (cito os meus também)
ou qualquer um que cuida bem dos dentes,
caberia que risses toda hora:
um riso tolo é o que há mais tolo, mas...

consedit istic. Hanc boni beatique
omnes amatis, et quidem, quod indignum est,
omnes pusilli et semitarii moechi;
tu praeter omnes une de capillatis,
cuniculosae Celtiberiae fili,
Egnati, opaca quem bonum facit barba
et dens Hibera defricatus urina.

38

Malest, Cornifici, tuo Catullo,
malest, me hercule, et laboriose,
et magis magis in dies et horas,
quem tu, quod minimum facillimumque est,
qua solatus es allocutione?
Irascor tibi. Sic meos amores?
Paulum quid lubet allocutionis,
maestius lacrimis Simonideis.

39

Egnatius, quod candidos habet dentes,
renidet usque quaque. Sei ad rei uentum est
subsellium, cum orator excitat fletum,
renidet ille. Si ad pii rogum fili
lugetur, orba cum flet unicum mater,
renidet ille. Quicquid est, ubicumque est,
quodcumque agit, renidet; hunc habet morbum,
neque elegantem, ut arbitror, neque urbanum.
Quare monendum est te mihi, bone Egnati.
Si urbanus esses aut Sabinus aut Tiburs
aut parcus Vmber aut obesus Etruscus
aut Lanuuinus ater atque dentatus
aut Transpadanus, ut meos quoque attingam,
aut qui lubet, qui puriter lauit dentes,
tamen renidere usque quaque te nollem;
nam risu inepto res ineptior nulla est.

és Celtibero, e lá na Celtibéria
com o que mija cada um costuma-se
escovar de manhã dente e gengiva.
Quanto mais, pois, teus dentes são brilhantes
mais se vê que bebeste tanta urina.

40

Que pensamento mau, pobre Ravido,
precipitou-te contra os meus iambos?
Que deus, que foi por ti mal invocado
te leva a provocar insana rixa?
É p'ra caíres na boca do povo?
Que queres? Ser notado a qualquer custo?
Serás!, porque quiseste meus amores
amar, então terás longo castigo.

41

Ameana, menina tão fodida,
dez mil cobrou-me e muito bem contados,
essa tal de nariz todo disforme,
amante do falido Formiano.
Ó parentes, que tendes seu cuidado,
amigos, médicos, mandai vir todos!
Não é sã a menina nem costuma
no espelho se enxergar como ela é.

42

Decassílabos!, vinde, quantos sois,
todos, de toda parte, todos vós:
uma puta indecente me reputa um
joguete e diz que não devolve as vossas
tabuinhas para ver se suportais.
Vamos processar, vamos reclamar!

Nunc Celtiber es; Celtiberia in terra,
quod quisque minxit, hoc sibi solet mane
dentem atque russam defricare gingiuam
ut quo iste uester expolitior dens est,
hoc te amplius bibisse praedicet loti.

40

Quaenam te mala mens, miselle Rauide,
agit praecipitem in meos iambos?
Quis deus tibi non bene aduocatus
uecordem parat excitare rixam?
An ut peruenias in ora uulgi?
Quid uis? qua lubet esse notus optas?
Eris, quandoquidem meos amores
cum longa uoluisti amare poena.

41

Ameana puella defututa
tota milia me decem poposcit,
ista turpiculo puella naso,
decoctoris amica Formiani.
Propinqui, quibus est puella curae
amicos medicosque conuocate;
non est sana puella, nec rogare
qualis sit solet aes imaginosum.

42

Adeste, hendecasyllabi, quot estis
omnes undique, quotquot estis omnes.
Iocum me putat esse moecha turpis
et negat mihi uestra redditum
pugillaria, si pati potestis.
Persequamur eam, et reflagitemus,

Jovem segurando estilete
e tabuinha de cera
Pintura mural, anterior a 79 d.C.

Perguntais quem é? É aquela que vedes
de indecente andar, rindo com seus gestos
debochados, de boca arreganhada.
Fazei o cerco a ela e reclamai:
"Puta fétida, devolve os cadernos,
devolve, fétida puta, os cadernos."
Tu nem ligas? Ó lama, lupanar,
ou o que podes ser de mais perdido.
Mas não se creia ser isto o bastante.
Se nada mais se pode, o rubor vamos
pôr na cara de pau desta cadela.
Outra vez conclamai com voz mais alta:
"Puta fétida, devolve os cadernos,
devolve, fétida puta, os cadernos."
Mas nada conseguimos, nada ocorre.
Mudemos de estratégia e de maneira
para ver se podeis conseguir mais:
"Pudica e proba, devolva os cadernos."

43

Salve, menina de nariz não mínimo,
de pés não belos, não escuros olhos,
dedos não longos, boca nada límpida,
e fala nem um pouco refinada,
amante do falido Formiano.
Por acaso a província te acha bela?
És tu que és comparada à minha Lésbia?
Que estúpido, que século sem graça!

44

Ó sítio meu, Sabino ou Tiburtino,
(julga que és Tiburtino quem não quer
de coração ferir Catulo... mas
quem quer se empenha em lutas que és Sabino)
Sabino ou, sendo exato, Tiburtino,

quae sit quaeritis. Illa, quam uidetis
turpe incedere, mimice ac moleste
ridentem catuli ore Gallicani.
Circumsistite eam et reflagitate:
"moecha putida, redde codicillos;
redde, putida moecha, codicillos."
Non assis facis? o lutum, lupanar,
aut si perditius potes quid esse.
Sed non est tamen hoc satis putandum.
Quod si non aliud potest, ruborem
ferreo canis exprimamus ore.
Conclamate iterum altiore uoce
"moecha putida, redde codicillos;
redde, putida moecha, codicillos."
Sed nil proficimus, nihil mouetur.
Mutanda est ratio modusque nobis,
siquid proficere amplius potestis;
"pudica et proba, redde codicillos."

43

Salue, nec minimo puella naso
nec bello pede nec nigris ocellis
nec longis digitis nec ore sicco
nec sane nimis elegante lingua,
decoctoris amica Formiani.
Ten prouincia narrat esse bellam?
Tecum Lesbia nostra comparatur?
O saeclum insapiens et infacetum!

44

O funde noster seu Sabine seu Tiburs,
(nam te esse Tiburtem autumant, quibus non est
cordi Catullum laedere; at quibus cordi est,
quouis Sabinum pignore esse contendunt)
sed seu Sabine siue uerius Tiburs,

fui de bom grado à tua suburbana
vila e expulsei do peito a tosse feia
que meu ventre me deu, que mereci,
de apetecer as ceias suntuosas.
Pois como quis conviva ser de Séstio,
Discurso contra Âncio, Candidato,
li, cheio de veneno e pestilência.
Coriza fria, então me veio e, atroz,
a tosse, até que ao seio teu fugi.
E aí com ócio e urtiga recobrei-me.
Refeito, mostro imensa gratidão
por ti por não punires minha falta.
Já não suplico (ao receber escritos
ímpios de Séstio) a mim não cause o frio
coriza e tosse e sim ao próprio Séstio,
que me convida quando faz maus livros.

45

Septímio, junto a Acme, seus amores,
que ao peito abraça, diz-lhe: “minha Acme,
se não te amo agora e não vou sempre
todos os anos loucamente amar-te,
o mais que possa até morrer de amor,
sozinho eu na Líbia ou Índia tórrida,
enfrentarei leões de verdes olhos.”
Falou. E Amor, se com a esquerda antes,
com a direita deu aprovação.
E Acme, virando levemente o rosto,
e ébrios olhinhos de menino, doce,
a beijar com aquela boca rubra,
lhe diz: “Septimiozinho, minha vida,
escravos só deste senhor seremos
pois, bem maior e muito mais agudo,
arde-me um fogo nas medulas moles.”
Falou. E Amor, se com a esquerda antes,
com a direita deu aprovação.
Com bom auspício então eles partiram,
com mútuas almas amam-se um ao outro.

fui libenter in tua suburbana
uilla malamque pectore expuli tussim,
non inmerenti quam mihi meus uenter,
dum sumptuosas appeto, dedit, cenas.
Nam, Sestianus dum uolo esse conuiua,
orationem in Antium petitorem
plenam ueneni et pestilentiae legi.
Hic me grauido frigida et frequens tussis
quassauit usque dum in tuum sinum fugi
et me recuraui otioque et urtica.
Quare refectus maximas tibi grates
ago, meum quod non es ulta peccatum.
Nec deprecor iam, si nefaria scripta
sesti recepso, quin grauedinem et tussim
non mi, sed ipsi Sestio ferat frigus,
qui tunc uocat me, cum malum librum fecit.

45

Acmen Septimius suos amores
tenens in gremio “mea” inquit “Acme,
ni te perdite amo atque amare porro
omnes sum assidue paratus annos
quantum qui pote plurimum perire,
solus in Libya Indiaque tosta
caesio ueniam obuius leoni.”
Hoc ut dixit, Amor, sinistra ut ante,
dextra sternuit approbationem.
At Acme leuiter caput reflectens
et dulcis pueri ebrios ocellos
illo purpureo ore sauiata
“sic” inquit “mea uita Septimille,
huic uni domino usque seruiamus,
ut multo mihi maior acriorque
ignis mollibus ardet in medullis.”
Hoc ut dixit, Amor, sinistra ut ante,
dextra sternuit approbationem.
Nunc ab auspicio bono profecti,
mutuis animis amant, amantur.

Septímio, pobrezinho, só quer ter
Acme, mais do que as Sírias e as Britânias.
Só de Septímio Acme, fiel, faz
suas delícias, seus prazeres todos.
Quem é que viu pessoas mais felizes?
Quem é que viu ser mais propícia Vênus?

46

Vem primavera e devolve calor,
vai-se o furor no equinócio do céu,
se acalma às brisas de cálidos ventos.
Catulo, os campos da Frígia deixemos,
férteis campinas da quente Nicéia;
vamos voando às cidades da Ásia.
Trépido, o espírito anseia vagar,
sem peso os pés recuperam vigor.
Adeus, suaves encontros de amigos:
levados juntos bem longe de casa,
vias diversas nos levam de volta.

47

Pórcio e Socrátion, duas mãos esquerdas
de Pisão, peste e fome universal.
Priapo sem prepúcio, ele vos quer
mais que a meu Veraninho e meu Fabulo?
Vós banquetes, grandiosas festas, fartas
desfrutais já de dia e meus amigos
nas esquinas imploram por convites?

48

Beijar os teus olhos – Juvêncio –
de mel, beijaria mil vezes,
cem mil, sem ficar satisfeito,

Vnam Septumius misellus Acmen
mauult quam Syrias Britanniasque:
uno in Septimio fidelis Acme
facit delicias libidinisque
quis ullos homines beatiores
uidit, quis Venerem auspicatiorem?

46

Iam uer egelidos refert tepores,
iam caeli furor aequinoctialis
iocundis Zephyri silescit aureis.
Linquantur Phrygii, Catulle, campi
Nicaeaeque ager uber aestuosae;
ad claras Asiae uolemus urbes.
Iam mens praetrepidans auet uagari,
iam laeti studio pedes uigescunt.
O dulces comitum ualete coetus,
longe quos simul a domo profectos
diuersae uariae uiae reportant.

47

Porci et Socration, duae sinistrae
Pisonis, scabies famesque mundi,
uos Veraniolo meo et Fabullo
uerpus praeposuit Priapus ille?
Vos conuiuia lauta sumptuose
de die facitis? mei sodales
quaerunt in triuio uocationes?

48

Mellitos oculos tuos, Iuuenti,
siquis me sinat usque basiare,
usque ad milia basiem trecenta,

Primavera
Pintura mural proveniente
da cidade de Estábias
Século I d.C.

nem mesmo se a messe de beijos
mais espessa fosse, mais densa
que um feixe de espigas bem cheias.

49

Ó tu mais loquaz dos filhos de Rômulo,
de quantos são e quantos foram, Cícero,
e de quantos hão de ser no futuro;
um muito obrigado te diz Catulo –
o pior dentre todos os poetas –
tanto pior de todos os poetas
quanto tu o melhor dos defensores.

50

No ócio de ontem, Licínio, muitas lides
mantivemos em verso em meus cadernos
quando o trato era sermos delicados.
Cada um de nós versos escrevendo,
breves, lidava num e noutro metro
em troca mútua em meio a riso e vinho.
De lá parti, Licínio, tão aceso
por tua graça e teus encantamentos,
que ai de mim, nem a ceia me aprazia
nem meus olhos cobria a paz do sono,
mas indômito em fúria no meu leito
eu me virava ansiando ver o dia,
falar contigo, estar contíguo a ti.
Porém, os membros lassos do trabalho,
depois de semimortos repousar,
a ti, meu caro, eu fiz este poema
e nele poderás ler minha dor.
Mas cuida bem, não sê ousado, minhas
preces, querido, peço, não desprezes,
por que não te prescreva penas Nêmesis.
É austera a deusa, e cuida não feri-la.

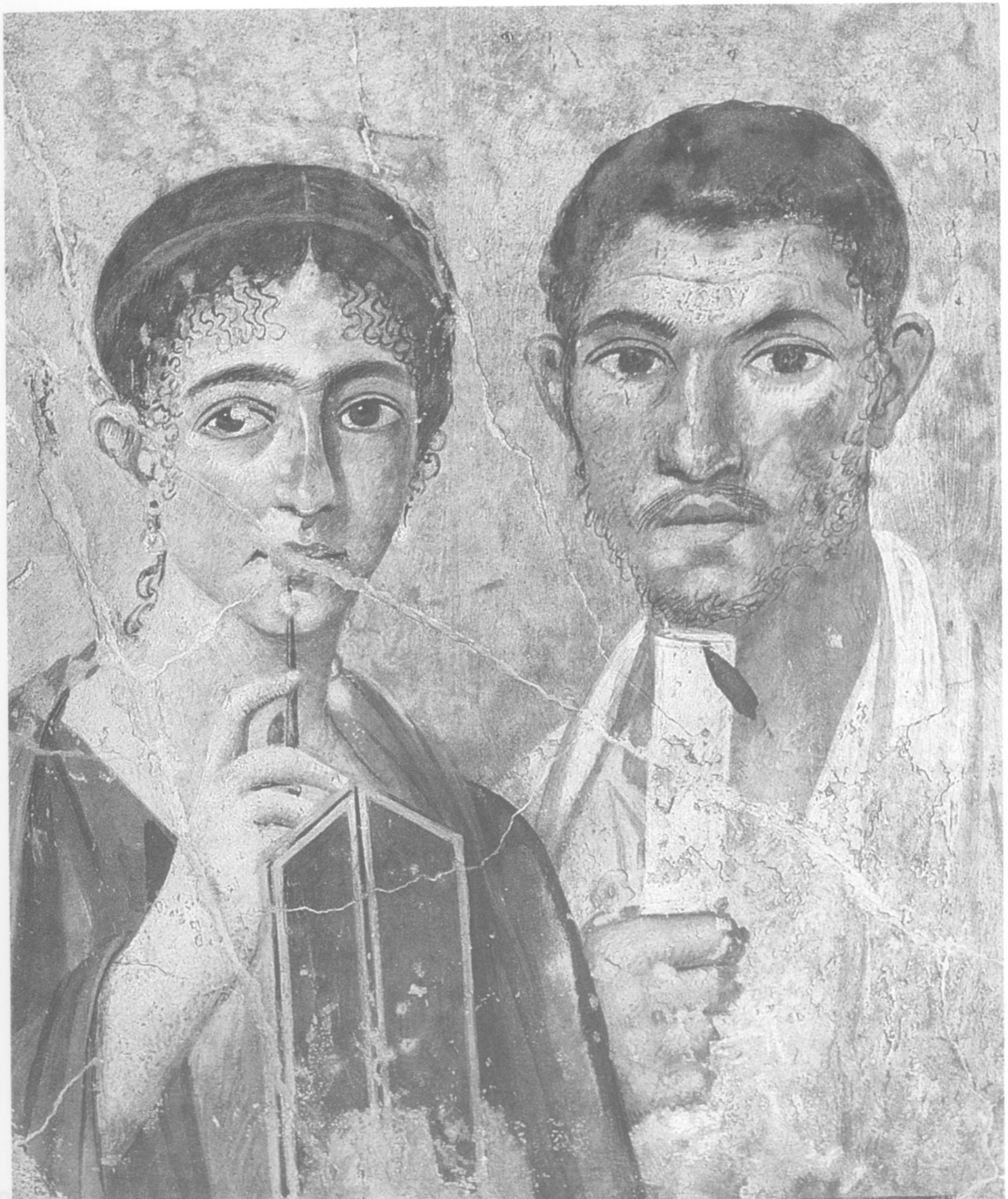
nec numquam uidear satur futurus,
non si densior aridis aristis
sit nostrae seges osculationis.

49

Disertissime Romuli nepotum,
quot sunt quotque fuere, Marce Tulli,
quotque post aliis erunt in annis,
gratias tibi maximas Catullus
agit pessimus omnium poeta,
tanto pessimus omnium poeta
quanto tu optimus omnium patronus.

50

Hesterno, Licini, die otiosi
multum lusimus in meis tabellis,
ut conuenerat esse delicatos.
Scribens uersiculos uterque nostrum
ludebat numero modo hoc modo illoc,
reddens mutua per iocum atque uinum.
Atque illinc abiei tuo lepore
incensus, Licini, facetiisque,
ut nec me miserum cibus iuuaret,
nec somnus tegeret quiete ocellos,
sed toto indomitus furore lecto
uersarer cupiens uidere lucem,
ut tecum loquerer, simulque ut essem.
At defessa labore membra postquam
semimortua lectulo iacebant,
hoc, iocunde, tibi poema feci,
ex quo perspiceres meum dolorem.
Nunc audax caue sis, precesque nostras,
oramus, caue despuas, ocelle,
ne poenas Nemesis reposcat a te.
Est vemens dea; laedere hanc caueto.



Pintura mural
proveniente da casa de
Terêncio, Pompéia
Anterior a 79 d.C.

51

Ele parece-me ser par de um deus,
ele, se é fás dizer, supera os deuses,
esse que todo atento o tempo todo
contempla e ouve-te

doce rir, o que pobre de mim todo
sentido rouba-me, pois uma vez
que te vi, Lésbia, nada em mim sobrou
DE VOZ NA BOCA

mas torpece-me a língua e leve os membros
uma chama percorre e de seu som
os ouvidos tintinam, gêmea noite
cega-me os olhos.

O ócio, Catulo, te faz tanto mal.
No ócio tu exultas, tu vibras demais.
O ócio já reis e já ricas cidades
antes perdeu.

52

Eh, Catulo, por que demoras em morrer?
Nônio, escrófula, ocupa o assento curul,
Vatínio jura, por um falso consulado:
por que Catulo tu demoras em morrer?

53

Quantos risos com não sei quem na praça
que – quando com seu muito brilho os crimes
de Vatínio meu Calvo denunciava –
bem admirado, erguendo os braços, disse:
"deuses grandes, tem verve este nanico!"

51

Ille mi par esse deo uidetur,
ille, si fas est, superare diuos,
qui sedens aduersus identidem te
spectat et audit
dulce ridentem, misero quod omnis
eripit sensus mihi; nam simul te,
Lesbia, aspexi, nihil est super mi
vocis in ore,
lingua sed torpet, tenuis sub artus
flamma demanat, sonitu suopte
tintinant aures, gemina teguntur
lumina nocte.
Otium, Catulle, tibi molestum est;
otio exultas nimiumque gestis.
Otium et reges prius et beatas
perdidit urbes.

52

Quid est, Catulle? quid moraris emori?
Sella in curulei struma Nonius sedet,
per consulatum perierat Vatinius;
qui est, Catulle? quid moraris emori?

53

Risi nescio quem modo e corona
qui, cum mirifice Vatiniana
meus crimina Caluos explicasset,
admirans ait haec manusque tollens,
"di magni, salaputtium disertum!"

54

Em Otão, a cabeça pequenina,
as pernas feias de Hério, semi-sujas,
o peido de Libão, leve, sutil
senão o resto, penso, detestais,
tu e Fufício, velho remendado.
Terás ódio outra vez de meus iambos,
sem que o mereçam, ó comandante único.

55

Peço-te, se não for acaso estorvo,
mostres tua penumbra onde é que fica.
De ti no Campo menor fui dar busca,
de ti no Circo, dentre os livros todos,
de ti no sacro templo do grã Júpiter. [5]
No passeio de Pompeu Magno juntas
as menininhas todas eu parei;
porém pelo seu rosto as vi serenas,
mas eu, ah!, te solicitava assim:
"e meu Camério?, ó péssimas meninas!" [10]
Uma delas, de seios nus, me diz:
" 'stá aqui escondido em meus mamilos róseos."
Tolerar-te já é trabalho de Hércules. [13]
Nem se eu virasse o guardião de Creta,
nem se eu voante em asas fosse Pégaso,
nem se eu Ladas ou Perseu, pés alados,
nem brancas bigas rápidas de Reso;
mais: dá-me pés de pluma e aves velozes,
qual é o curso dos ventos vai saber,
que domados, Camério, me darias
e mesmo assim exausto em cada músculo,
eu consumido por fadigas tantas
estaria, querido, de buscar-te.
Querido, com soberba tal te negas? [14]
Diz-me onde estarás, mostra tua cara,
coragem!, corre os riscos, crê na luz.
Retém-te a tez de leite de meninas?

54

Otonis caput oppido pusillum,
herei rustica semilauta crura,
subtile et leue peditum Libonis,
si non omnia, displicere uellem
tibi et Fuficio seni recocto.
Irascere iterum meis iambis
inmerentibus, unice imperator.

55

Oramus, si forte non molestumst,
demonstres, ubi sint tuae tenebrae,
te in Campo quaesiuimus minore,
te in Circo, te in omnibus libellis,
te in templo summi Iouis sacrato. [5]
In Magni simul ambulatione
femellas omnes, amice, prendi,
quas uultu uidi tamen serenas.
A! uel te sic ipse flagitabam:
"Camerium mihi, pessimae puellae!" [10]
Quaedam inquit, nudum sinum reducens,
"em heic in roseis latet papillis."
Sed te iam ferre Herculei labos est. [13]
Non custos si fingar ille Cretum,
non si Pegaseo ferar uolatu,
non Ladas ego pinnipesue Perseus,
non Rhesi niueae citaeque bigae;
adde huc plumipedas uolatilesque,
uentorumque simul require cursum,
quos iunctos, Cameri, mihi dicares,
defessus tamen omnibus medullis
et multis langoribus peresus
essem te mihi, amice, quaeritando.
Tanto ten fastu negas, amice? [14]
Dic nobis ubi sis futurus, ede
audacter, committe, crede lucei.
Num te lacteolae tenent puellae?

Se na boca fechada tens a língua,
todos os frutos perderás do amor.
Vênus se alegra com verbosa fala.
Mas se preferes, cala tua lábia,
enquanto és cúmplice de meu amor.

56

Coisa de rir, Catão, cheia de gozo!
Decente a teu ouvido e gargalhadas.
Ri, Catão, quanto mais amas Catulo.
A coisa é de rir, tão cheia de gozo.
Há pouco surpreendi um rapazinho
montando uma garota. Sobre ele
eu, – loa a Vênus – duro, despenquei.

57

Tudo certo entre os chupadores ímprobos,
Mamurra, que é passivo, e César. Não
admira: as manchas de ambos, iguaizinhas,
Romana uma e a outra Formiana,
tão bem gravadas não serão lavadas;
sofrendo de um só mal os gemeozinhos,
numa caminha só dois pedantinhos,
a fim de amantes um não menos que outro,
companheiros rivais de menininhas:
tudo certo entre os chupadores ímprobos.

58

Célio: nossa Lésbia, aquela tal Lésbia,
Lésbia, aquela, única que Catulo
amou mais que a si e todos os seus,
agora nos becos e encruzilhadas
descasca os filhos de Remo magnânimo.

Si linguam clauso tenes in ore,
fructus proicies amoris omnes;
uerbosa gaudet Venus loquella.
Vel si uis, licet obseres palatum.
Dum nostri sis particeps amoris.

56

O rem ridiculam, Cato, et iocosam
dignamque auribus et tuo cachinno.
Ride, quicquid amas, Cato, Catullum;
res est ridicula et nimis iocosa.
Deprendi modo pupulum puellae
trusantem; hunc ego, si placet Dionae,
protelo rigida mea cecidi.

57

Pulcre conuenit improbis cinaedis,
Mamurrae pathicoque Caesarique.
Nec mirum; maculae paris utrique,
urbana altera et illa Formiana,
impressae resident nec eluentur;
morbosi pariter, gemelli utrique
uno in lecticulo, erudituli ambo,
non hic quam ille magis uorax adulter,
riuales sociei puellularum.
Pulcre conuenit improbis cinaedis.

58

Caeli, Lesbia nostra, Lesbia illa,
illa Lesbia, quam Catullus unam
plus quam se atque suos amauit omnes,
nunc in quadruuiis et angiportis
glubit magnanimi Remi nepotes.

59

Rufa, que é de Bolonha, chupa Rúfulo,
(a esposa de Menênio). Muito a vistes
roubar das tumbas, sacra, a ceia, e quando
seguia o pão da pira ao chão rolado,
semitosado, o coveiro a enxotava.

60

Acaso uma leoa das montanhas Líbias,
ou Cila, que tem cães que ladram nas virilhas
te gerou de alma assim tão dura e tão medonha,
que à voz de quem, nas últimas, suplica dás
só teu desprezo, ah insensato coração!?

61

INVOCAÇÃO A HÍMEN
Ó tu que habitas o Hélicon,
deus da raça de Urânia,
que ao esposo a virgem terna
raptas, Himeneu Hímen,
ó Hímen Himeneu,

de flores cinge as têmporas,
de suave olente amáraco,
toma o véu e aqui vem,
vem – brancos pés trazendo
sandálias amarelas –;

ébrio de um dia alegre,
com voz de prata canta
canções de casamento,
batendo os pés no chão,
na mão trazendo a tocha,

59

Bononiensis Rufa Rufulum fellat,
uxor Meneni, saepe quam in sepulcretis
uidistis ipso rapere de rogo cenam,
cum deuolutum ex igne prosequens panem
ab semiraso tunderetur ustore.

60

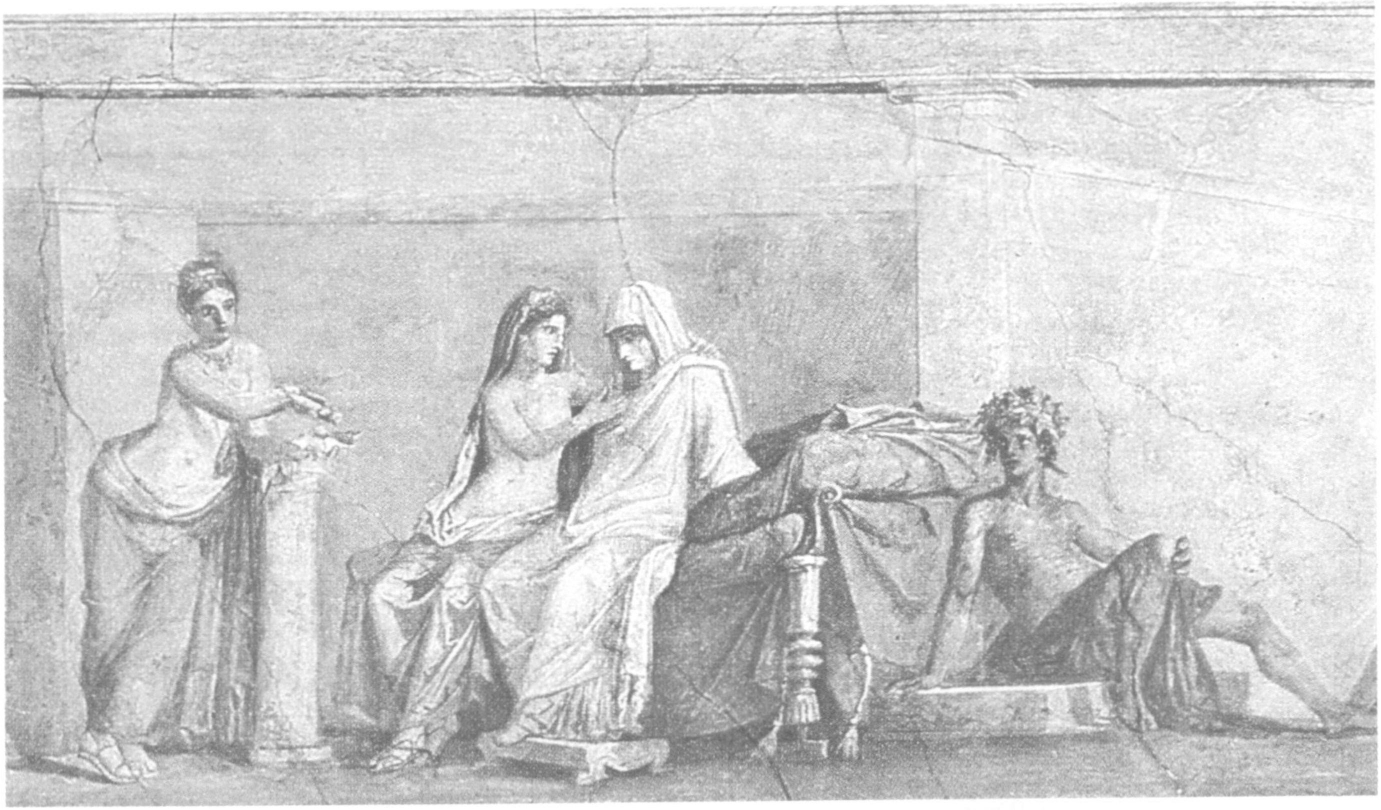
Num te leaena montibus Libystinis
aut Scylla latrans infima inguinum parte
tam mente dura procreauit ac taetra,
ut supplicis uocem in nouissimo casu
contemptam haberes, a! nimis fero corde?

61

Collis o Heliconiei
cultor, Vraniae genus,
qui rapis teneram ad uirum
uirginem, o Hymenaee Hymen,
o Hymen Hymenaee,

cinge tempora floribus
suaue olentis amaraci,
flammeum cape laetus, huc
huc ueni niueo gerens
luteum pede soccum,

excitusque hilari die
nuptialia concinens
uoce carmina tinnula
pelle humum pedibus, manu
pineam quate taedam.



Na câmara nupcial, a recém-casada, com o véu (flâmeo), é assistida pelas *pronubae* e o deus Hímen aguarda sua hora para consumar o himeneu
Pintura mural (detalhe), século I a.C.

pois Júnia vem a Mânlio,
qual Vênus desde o Idálio
veio a Páris, juiz;
que a noiva case bem
com sina bem propícia,

brilhante como asiática
murta em raminhos flóridos,
aos quais as Hamadríades
com róridas gotinhas
a gozo vêm nutrir.

Aqui faz tua entrada,
deixa Téspias e as grutas
Aônias da montanha,
que, fonte fresca, ninfa,
rega em torno Aganipe:

casada a esposa, em casa
de amor retém-lhe a mente,
que anseia o novo esposo
qual hera a ir laçando
aqui, ali o tronco.

E em coro, vós, intactas
jovens, a quem já vem
dia igual, em cadência
cantai "Himeneu Hímen,
ó Hímen Himeneu",

p'ra que ele ouvindo alegre
se apresse a seu ofício
e aqui venha a trazer
a Vênus boa e bons
amores conjugar.

Que deus amados devem
amantes invocar?
Mais culto quem terá
no céu? Himeneu Hímen,
ó Hímen Himeneu;

Namque Iunia Manlio,
qualis Idalium colens
uenit ad Phrygium Venus
iudicem, bona cum bona
nubet alite uirgo,

floridis uelut enitens
myrtus Asia ramulis,
quos Amadryades deae
ludicrum sibi rosido
nutriunt humore.

Quare age huc aditum ferens
perge linquere Thespiae
rupis Aonios specus,
nympha quos super irrigat
frigerans Aganippe,

ac domum dominam uoca,
coniugis cupidam noui
mentem amore reuinciens,
ut tenax hedera huc et huc
arborem implicat errans.

Vosque item simul, integrae
uirgines, quibus aduenit
par dies, agite in modum
dicite "o Hymenaee Hymen,
o Hymen, Hymenaee",

ut lubentius, audiens
se citarier ad suum
munus, huc aditum ferat
dux bonae Veneris, boni
coniugator amoris.

Quis deus magis est ama-
tis petendus amantibus?
Quem colent homines magis
caelitum? o Hymenaee Hymen,
o Hymen Hymenaee.

a ti tremente o pai
invoca, a ti as jovens
do seio soltam cintos,
por ti de ouvido atento
receia o novo esposo;

do regaço da mãe
tu mesmo deste em mãos
de um moço ardente a moça
em flor, Himeneu Hímen,
ó Hímen Himeneu.

Sem ti não pode Vênus
obter o que depois
aprove a boa fama;
mas pode se quiseres.
Que deus com este ombreia?

Sem ti nenhuma casa
pode dar filhos (pais
na prole não se apóiam);
mas pode se quiseres.
Que deus com este ombreia?

O país que carece
de teus ritos não pode
dar guardas às fronteiras;
mas pode se quiseres.
Que deus com este ombreia?

APELO À NOIVA
Abri as trancas, moça!
Vem! Não vês como tochas
agitam claras tranças?
POR QUE A DEMORA? PASSA
O DIA! VEM, Ó NOIVA!

NÃO VÁS OLHAR A CASA
QUE FOI TUA nem tarde
OS PÉS pudor ingênuo,
ao qual se dás ouvidos
choras pois tens de ir;

Te suis tremulus parens
inuocat, tibi uirgines
zonula soluunt sinus,
te timens cupida nouos
captat aure maritus.

Tu fero iuueni in manus
floridam ipse puellulam
dedis a gremio suae
matris, o Hymenaee Hymen,
O Hymen Hymenaee.

Nil potest sine te Venus,
fama quod bona comprobet,
commodi capere; at potest
te uolente. Quis huic deo
compararier ausit?

Nulla quit sine te domus
liberos dare, nec parens
stirpe nitier; at potest
te uolente. Quis huic deo
compararier ausit?

Quae tuis careat sacris,
non queat dare praesides
terra finibus; at queat
te uolente. Quis huic deo
compararier ausit?

Claustra pandite ianuae;
uirgo, ades. Viden ut faces
splendidas quatiunt comas?
Cur moraris? Abit dies:
prodeas, noua nupta.

Neue respicias domum,
quae fuit tua, neu pedes
tardet ingenuus pudor;
quem tamen magis audiens,
flet quod ire necesse est,

não chores que não corres
perigo, Aurunculéia,
porque, mulher mais bela,
nenhuma verá vir
o claro sol do mar:

qual num jardim de cores
de um rico senhor vê-se
erguer-se o hiacinto.
Por que a demora? Passa
o dia! Vem, ó noiva!

Vem, noiva, se te apraz,
e ouve nossas palavras;
não estás vendo? As tochas
agitam tranças de ouro.
Vem, noiva, ó nova esposa;

não tens leviano esposo,
afeito aos adultérios;
entregue a vícios nunca
irá deitar-se longe
de teus mamilos tenros,

mas como vinha fléxil
se enlaça à planta perto,
ele se enlaçará
em teu abraço. Passa
o dia, vem, ó noiva!

APÓSTROFE AO LEITO
Ó leito, QUE ADORNADO
a todos OS AMORES
TIRO EM PURPÚREA VESTE
FEZ E em brancos pés TE ERGUE
A ÍNDIA, EBÚRNEAS TÁBUAS:

quanto prazer virá
a teu senhor a noite
inteira, que o terá
ao meio-dia. E passa
o dia, vem, ó noiva!

flere desine. Non tibi, Au-
runculeia, periculum est,
nequa femina pulcrior
clarum ab Oceano diem
uiderit uenientem.

Talis in uario solet
diuitis domini hortulo
stare flos hyacinthinus.
Sed moraris, abit dies;
prodeas, noua nupta.

Prodeas, noua nupta, si
iam uidetur, et audias
nostra uerba. Vide ut faces
aureas quatiunt comas;
prodeas, noua nupta.

Non tuus leuis in mala
deditus uir adultera
probra turpia persequens
a tuis teneris uolet
secubare papillis,

lenta sed uelut adsitas
uitis implicat arbores,
implicabitur in tuum
complexum. Sed abit dies;
prodeas, noua nupta.

O cubile, quod omnibus
dignum amoribus instruit
ueste purpurea Tyros,
fulcit India eburnei
candido pede lecti,

quae tuo ueniunt ero,
quanta gaudia, quae uaga
nocte, quae medio die
gaudeat! Sed abit dies;
prodeas, noua nupta.

CORTEJO NUPCIAL
Erguei a tocha, moços,
já vejo vir o véu;
ei! cantai em cadência
"ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu!"

Lasciva não se cale
a graça Fescenina
nem nozes negue às crianças
e às crianças dê nozes
o favorito, ouvindo
findar-se o amor do dono;

dá nozes aos meninos,
inútil favorito:
com nozes bem brincaste;
Talásio agora sirvas,
dá nozes, favorito!

Escravo, desprezavas
caseiras ontem e hoje.
Agora um outro tosa
teus cachos, ah infeliz!
Dá nozes, favorito!

Ó esposo perfumado,
a custo (dizem) deixas
glabros jovens, mas deixa-os.
Ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu!

Prazeres só tiveste
os lícitos. Agora
a esposos não são lícitos.
Ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu!

E, noiva, tu não negues
os que o marido peça
por não pedir alhures.
Ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu!

Tollite, o pueri, faces;
flammeum uideo uenire.
Ite, concinite in modum
"io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee".

Ne diu taceat procax
fescennina iocatio,
nec nuces pueris neget
desertum domini audiens
concubinus amorem.

Da nuces pueris, iners
concubine; satis diu
lusisti nucibus; lubet
iam seruire Talasio.
Concubine, nuces da.

Sordebant tibi uilicae,
concubine, hodie atque heri;
nunc tuum cinerarius
tondet os. Miser, a! miser
concubine, nuces da.

Diceris male te a tuis
unguentate glabris marite
abstinere; sed abstine.
Io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee.

Scimus haec tibi quae licent
sola cognita; sed marito
ista non eadem licent.
Io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee.

Nupta, tu quoque, quae tuus
uir petet, caue ne neges,
ni petitum aliunde eat.
Io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee.

Eis-te a casa – possante,
rica! – de teu marido:
permite-a te servir –
ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu! –

até que a idade em cãs,
movendo a fronte trêmula,
anua a todos "sim" –
ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu! –

com bom presságio avança
no umbral teus áureos pés
e adentra a porta em luz –
ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu! –

vê dentro como o esposo
em leito Tírio deita
e a ti se inclina inteiro.
Ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu!

Não menos que em teu peito
no dele íntima chama
arde, porém mais funda,
ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu!

Da noiva larga o suave
bracinho, moço em toga!,
ao leito vai do esposo;
ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu!

Vós, honradas mulheres,
de anciãos bem conhecidas,
a moça acomodai;
ó Himeneu, ó Hímen,
ó Hímen Himeneu!

En tibi domus ut potens
et beata uiri tui,
quae tibi sine seruiat,
io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee.

Vsque dum tremulum mouens
cana tempus anilitas
omnia omnibus annuit.
Io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee.

Transfer omine cum bono
limen aureolos pedes,
rasilemque subi forem.
Io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee.

Aspice, intus ut accubans
uir tuus Tyrio in toro
totus immineat tibi.
Io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee.

Illi non minus ac tibi
pectore uritur intimo
flamma, sed penite magis:
Io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee.

Mitte bracchiolum teres,
praetextate, puellulae,
iam cubile adeat uiri.
Io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee:

uos, bonae senibus uiris
cognitae bene feminae,
collocate puellulam.
Io Hymen Hymenaee io,
io Hymen Hymenaee.

Já podes vir, marido;
no leito a esposa espera,
seu rosto esplende flor:
qual branca matriciária e
papávero vermelho;

marido – que os celícolas
me ajudem – não és menos
belo em nada nem Vênus
te desleixa mas passa
o dia, vai, não tardes.

Não te tardaste tanto,
já vens e, boa, Vênus
vai te ajudar, que às claras
desejas teus desejos
e honesto amor não calas.

Que conte os grãos de areia
d'África e grãos de luz
(estrelas!) antes quem
quiser contar os gozos
mil, milhões, que tereis;

gozai como quiserdes
e filhos dai em breve:
não cabe nome tão
antigo ser sem filhos
mas sim de si gerar-se.

Torquato pequenino
do colo de sua mãe
as tenras mãos tirando
quero ver doce rir
ao pai, lábios abertos;

que seja parecido
com Mânlio, o pai, que todos
que o não conheçam vejam
pelo seu rosto o quanto
há de pudor na mãe;

Iam licet uenias, marite;
uxor in thalamo tibi est,
ore floridulo nitens,
alba parthenice uelut
luteumue papauer.

At, marite, (ita me iuuent
caelites) nihilo minus
pulcer es, neque te Venus
neglegit. Sed abit dies;
perge, ne remorare.

Non diu remoratus es,
iam uenis. Bona te Venus
iuuerit, quoniam palam
quod cupis cupis et bonum
non abscondis amorem.

Ille pulueris Africei
siderumque micantium
subducat numerum prius,
qui uostri numerare uolt
multa milia ludei.

Ludite ut lubet et breui
liberos date. Non decet
tam uetus sine liberis
nomen esse, sed indidem
semper ingenerari.

Torquatus uolo paruulus
matris e gremio suae
porrigens teneras manus
dulce rideat ad patrem
semihiante labello.

Sit suo similis patri
Manlio et facile inscieis
noscitetur ab omnibus,
et pudicitiam suae
matris indicet ore.

Vênus numa concha sobre as ondas
Pintura mural, casa de Vênus
marinha, Pompéia. Anterior a 79 d.C.

que à raça loas faça
a fama de uma boa
mãe, qual, única, a fama
que persiste a Telêmaco
da ótima Penélope.

Fechai as portas, virgens,
muito nos divertimos
com versos; bom casal,
bem vivei e afetuosos
gozai a juventude.

62

MOÇOS
Vésper surgiu, de pé, rapazes! Vésper já
no Olimpo enfim eleva a luz tão esperada.
É tempo já de erguer-se e deixar lautas mesas;
já vem a noiva e o himeneu se vai cantar.
Hímen, ó Himeneu, vem Hímen, Himeneu!

MOÇAS
Moças, olhai os moços! Vós, também erguei-vos,
pois que a estrela da tarde as luzes no Eta ostende.
É sim. Não vistes levantarem-se ligeiros?
E não à toa; é justo que vença o que entoem.
Hímen, ó Himeneu, vem Hímen, Himeneu!

MOÇOS
Companheiros, não nos espera fácil palma;
as moças, vede-as rebuscar o que estudaram;
não estudam em vão: se é decoro, decoram;
não admira: que a fundo inteiramente empenham-se.
Partidos temos cá a mente, ali ouvidos;
é jus perdermos; a vitória adora o empenho.
Por isso, agora ao menos, ficai bem atentos:
começam já cantar; já responder convém.
Hímen, ó Himeneu, vem Hímen, Himeneu!

Talis illius a bona
matre laus genus approbet,
qualis unica ab optima
matre Telemacho manet
fama Penelopeo.

Claudite ostia, uirgines;
lusimus satis. At, bonei
coniuges, bene uiuite et
munere assiduo ualentem
exercete iuuentam.

62

Vesper adest, iuuenes, consurgite; Vesper Olympo
expectata diu uix tandem lumina tollit.
Surgere iam tempus, iam pinguis linquere mensas;
iam ueniet uirgo, iam dicetur hymenaeus.
Hymen o Hymenaee, Hymen ades o Hymenaee!

Cernitis, innuptae, iuuenes? consurgite contra;
nimirum Oetaeos ostendit Noctifer ignes.
Sic certest; uiden ut perniciter exiluere?
Non temere exiluere; canent quod uincere par est.
Hymen o Hymenaee, Hymen ades o Hymenaee!

Non facilis nobis, aequalis, palma parata est;
aspicite, innuptae secum ut meditata requirunt.
Non frustra meditantur; habent memorabile quod sit.
Nec mirum, penitus quae tota mente laborant.
Nos alio mentes, alio diuisimus aures;
iure igitur uincemur; amat uictoria curam.
Quare nunc animos saltem conuertite uestros;
dicere iam incipient, iam respondere decebit.
Hymen o Hymenaee, Hymen ades o Hymenaee.

MOÇAS

Héspero, qual no céu é brilho mais cruel
que tu, que a filha arrancas dos braços da mãe?
Dos abraços da mãe a arrancas, que se agarra,
e a dás, menina casta, dom ao moço ardente.
Rasa a urbe, o que mais cruel imigos fazem?
Hímen, ó Himeneu, vem Hímen, Himeneu!

MOÇOS

Héspero, qual no céu é brilho mais alegre,
que tu, que firmas com teu lume os esponsais
que maridos e que antes pais compactuaram,
mas não uniram sem que teu fulgor se erguesse?
Que dom dos deuses é mais grato que esta hora?
Hímen, ó Himeneu, vem Hímen, Himeneu!

MOÇAS

Héspero, amigas, já raptou uma de nós:
POR ISSO A TODAS TRAZ PERIGOS QUANDO VEM;
A NOITE TODOS TEMEM, MENOS QUEM PROCURA,
HÉSPERO, O ALHEIO, E TU O INFLAMAS COM TEUS DOCES
RAIOS; MAS PRAZ AOS MOÇOS TE EXALTAR COM LOAS
INJUSTAS. E POR QUE LOUVAR QUEM VÃO TEMER?
HÍMEN, Ó HIMENEU, VEM HÍMEN, HIMENEU!

MOÇOS

HÉSPERO, AS MOÇAS LESAM-TE COM FALSO CRIME
pois quando vens a guarda sempre está alerta.
Ladrões a noite encobre e muita vez voltando,
Héspero, então de nome Aurora, os surpreendes.
Mas amam censurar-te com fingida queixa.
Que importa se caladas querem quem censuram?
Hímen, ó Himeneu, vem Hímen, Himeneu!

MOÇAS

A flor que nasce à parte, em horto envolto em sebes,
ignota ao gado, não ferida pelo arado,
que a brisa afaga, o sol vigora e as chuvas nutrem,
41b. E JÁ SE EXPANDE E EXALA ODORES BEM SUAVES,
muitos moços e muitas moças a escolhem;

Hespere, qui caelo fertur crudelior ignis?
Qui natam possis conplexu auellere matris,
conplexu matris retinentem auellere natam
et iuueni ardenti castam donare puellam.
Quid faciunt hostes capta crudelius urbe?
Hymen o Hymenaee, Hymen ades o Hymenaee!

Hespere, qui caelo lucet iocundior ignis?
Qui desponsa tua firmes conubia flamma,
quae pepigere uiri, pepigerunt ante parentes
nec iunxere prius quam se tuus extulit ardor.
Quid datur a diuis felici optatius hora?
Hymen o Hymenaee, Hymen ades o Hymenaee!

Hesperus e nobis, aequalis, abstulit unam
namque suo aduentu fert omnibus ille pericla;
nocte timent cuncti, nisi quos aliena petentes,
Hespere, tu radiis properas accendere blandiis.
At lubet iniusta pueris te extollere laude.
Quid tum, si laudant, sibi mox quem quisque timebunt?
Hymen o Hymenaee, Hymen ades o Hymenaee!

Hespere, te innuptae nunc falso crimine laedunt:
namque tuo aduentu uigilat custodia semper.
Nocte latent fures, quos idem saepe reuertens,
Hespere, mutato comprendis nomine Eous.
At lubet innuptis ficto te carpere questu.
Quid tum, si carpunt tacita quem mente requirunt?
Hymen o Hymenaee, Hymen ades o Hymenaee!

Vt flos in saeptis secretus nascitur hortis,
ignotus pecori, nullo conuolsus aratro,
quem mulcent aurae, firmat sol, educat imber;
41b. iam iam se expandit suauesque expirat odores;
multi illum pueri, multae optauere puellae;

mas colhida com unha aguda, quando murcha,
não mais os moços nem as moças a escolhem.
Assim também a moça intacta é cara aos seus;
mas quando, conspurcado o corpo, perde a flor,
aos moços não é grata nem é cara às moças.
   Hímen, ó Himeneu, vem Hímen, Himeneu!

MOÇOS
A vide – que sozinha nasce em campo nu,
não cresce nunca e uva doce nunca dá,
mas que, envergando ao peso o tenro corpo aos pés,
já quase toca as folhas altas na raiz –
nenhum agricultor e nenhum touro a zela.
Mas se ela acaso ao olmo seu marido se une,
muitos agricultores, muitos touros zelam.
Assim a moça intacta sem zelo envelhece.
Mas se em propício tempo obtém parelhas núpcias,
ao esposo é mais grata, ao pai é menos peso.
E com marido assim não lutes, noiva, é injusto
lutares contra aquele a quem te deu teu pai,
teu pai e tua mãe, aos quais é força ouvires.
A virgindade não é toda tua, em parte
é deles; do teu pai, um terço, outro da mãe,
e um terço apenas teu; não lutes contra os dois,
que ao genro deram seus direitos com o dote.
   Hímen, ó Himeneu, vem Hímen, Himeneu!

63

Átis, sobre alto-mar levado em lenho célere,
quando tocou ansioso em Frígio bosque os lestos
pés, no umbroso recinto em selvas, lar divino,
de irada fúria ali tomado, alheio o espírito,
cortou com pedra aguda o peso das virilhas.
Quando sentiu um corpo inerte e não um homem,
manchando chão e terra o sangue tão recente,
nas níveas mãos tomou ansiosa o leve tímpano,
o teu tímpano, ó mãe Cibele, os teus inícios,
batendo em cava pele táurea os tenros dedos,

idem cum tenui carptus defloruit ungui,
nulli illum pueri, nullae optauere puellae;
sic uirgo, dum intacta manet, dum cara suis est;
cum castum amisit polluto corpore florem,
nec pueris iucunda manet, nec cara puellis.
   Hymen o Hymenaee, Hymen ades o Hymenaee!

Vt uidua in nudo uitis quae nascitur aruo
numquam se extollit, numquam mitem educat uuam,
sed tenerum prono deflectens pondere corpus
iam iam contingit summum radice flagellum;
hanc nulli agricolae, nulli accoluere iuuenci;
at si forte eadem est ulmo coniuncta marito,
multi illam agricolae, multi accoluere iuuenci;
sic uirgo dum intacta manet, dum inculta senescit;
cum par conubium maturo tempore adepta est,
cara uiro magis et minus est inuisa parenti.
Et tu nei pugna cum tali coniuge, uirgo.
Non aequom est pugnare, pater cui tradidit ipse,
ipse pater cum matre, quibus parere necesse est.
Virginitas non tota tua est, ex parte parentum est,
tertia pars patri, pars est data tertia matri,
tertia sola tua est; noli pugnare duobus,
qui genero sua iura simul cum dote dederunt.
   Hymen o Hymenaee, Hymen ades o Hymenaee!

63

Super alta uectus Attis celerei rate maria
Phrygium ut nemus citato cupide pede tetigit
adiitque opaca, siluis redimita, loca deae,
stimulatus ibi furenti rabie, uagus animis,
deuolsit ilei acuto sibi pondera silice.
Itaque ut relicta sensit sibi membra sine uiro,
etiam recente terrae sola sanguine maculans
niueis citata cepit manibus leue typanum,
typanum tuom, Cybelle, tua, mater, initia,
quatiensque terga taurei teneris caua digitis

trêmula começou cantar às companheiras:
"Ei, Galas!, ide aos altos bosques de Cibele,
ide juntas, errante grei da mestra Díndima,
vós – que, buscando alheias terras, qual no exílio,
seguindo, companheiras, minha seita (eu guia),
sofrestes ondas brutas, truculento mar,
e o corpo emasculastes de ódio imenso a Vênus –
a senhora alegrai com rápidas corridas;
não tarde ao peito a espera, juntas, ei!, segui-me
à Frígia casa de Cibele, Frígios bosques,
onde ressoa a voz dos címbalos, reboam
tímpanos, troa o Frígio aulete ao curvo cálamo,
onde a cabeça agitam, plenas de hera, as Mênades,
onde gritos agudos guiam sacros ritos,
onde o séquito errante sói voltear à deusa,
aonde os saltos ágeis devem apressar-nos."
Átis, falsa mulher, assim que às companheiras
canta, o tíaso logo ulula em línguas trêmulas,
leve remuge o tímpano, ocos batem címbalos,
lépidos pés depressa o coro ao Ida verde
vai. E Átis, louca, errante, em delírio, expirante,
por bosque umbroso as guia, acompanhada ao tímpano,
qual novilha que evita, não domada, o jugo;
lépidos pés, ao guia as Galas seguem rápidas;
quando o templo tocaram de Cibele exaustas
do grande esforço caem no sono sem ter Ceres.
Torpor inerme em langue inércia os olhos fecha-lhes:
da mente em mole quiete esvai-se a fúria rábida;
mas quando, de áureo rosto, o Sol, radiante olhar,
correu o claro céu, os duros chãos, o fero
mar, e as sombras da noite expulsou com sonípedes,
fortes corcéis, fugiu o Sono e fez desperta
Átis (ao seio terno o recolhe Pasítea,
deusa). Então sem raivosa fúria e em mole quiete,
quando o que fez refaz na mente a própria Átis,
e calma viu bem onde e sem o quê estava,
com peito férvido de volta vai às ondas
e, lágrimas nos olhos, vendo o vasto mar,
chamando a pátria, assim se queixa miseranda:
"pátria que me criaste, ó pátria minha mãe,

canere haec suis adorta est tremebunda comitibus.
"Agite ite ad alta, Gallae, Cybeles nemora simul,
simul ite, Dindymenae dominae uaga pecora,
aliena quae petentes uelut exules loca
sectam meam executae duce me mihi comites
rapidum salum tulistis truculentaque pelagi
et corpus euirastis Veneris nimio odio,
hilarate erae citatis erroribus animum.
Mora tarda mente cedat; simul ite, sequimini
Phrygiam ad domum Cybelles, Phrygia ad nemora deae,
ubi cymbalum sonat uox, ubi tympana reboant,
tibicen ubi canit Phryx curuo graue calamo,
ubi capita Maenades ui iaciunt ederigerae,
ubi sacra sancta acutis ululatibus agitant,
ubi sueuit illa diuae uolitare uaga cohors;
quo nos decet citatis celerare tripudiis."
Simul haec comitibus Attis cecinit notha mulier,
thiasus repente linguis trepidantibus ululat,
leue tympanum remugit, caua cymbala recrepant,
uiridem citus adit Idam properante pede chorus.
Furibunda simul anhelans uaga uadit, animam agens,
comitata tympano Attis per opaca nemora dux,
ueluti iuuenca uitans onus indomita iugi;
rapidae ducem secuntur Gallae properipedem.
Itaque ut domum Cybelles tetigere lassulae,
nimio e labore somnum capiunt sine Cerere.
Piger his labante langore oculos sopor operit;
abit in quiete molli rabidus furor animi.
Sed ubi oris aurei Sol radiantibus oculis
lustrauit aethera album, sola dura, mare ferum,
pepulitque noctis umbras uegetis sonipedibus,
ibi Somnus excitam Attin fugiens citus abiit;
trepidante eum recepit dea Pasithea sinu.
Ita de quiete molli rapida sine rabie
simul ipsa pectore Attis sua facta recoluit,
liquidaque mente uidit sine queis ubique foret,
animo aestuante rusum reditum ad uada tetulit.
Ibi maria uasta uisens lacrimantibus oculis,
patriam allocuta maesta est ita uoce miseriter.
"Patria o mei creatrix, patria o mea genetrix,

Cibele no carro puxado por leões, observada por Átis. Relevo romano num altar do Oriente Próximo. 295 d.C.

que eu, mísero, deixei como ao dono um herífuga
criado e vim tocar meus pés nos bosques do Ida,
para habitar a neve e os antros frios das feras
e todos seus covis furiosa percorrer,
diz onde, em que lugar, ó pátria, eu creia estares;
por si cada pupila a ti dirige a vista,
no breve tempo em que a alma está sem fúria e raiva.
Longe de casa, vão levar-me a estes bosques?
Amigos, bens, meus pais vou deixar, meu país?
Deixar ginásios, fórum, estádios, palestras?
Infeliz, ah!, infeliz, queixar-te, ó alma, deves
mais e mais! Que figura ou tipo eu já não tive?
Mulher, adolescente, efebo, menino, eu
fui a flor do ginásio, era a glória do estádio.
Meus portões tinham turbas, meus umbrais, calor,
minha casa adornavam flóridas coroas,
quando ao sol nado, eu tinha que deixar meu quarto.
Fâmula de Cibele, aos deuses vou servir?
Eu Mênade, eu pedaço meu, serei estéril?
Eu nos gelos que o Ida verde veste em neve,
eu, viver sob os altos cimos Frígios como
javardo nemorívago ou cerva silvícola?
Já dói-me o que já fiz e já, já me arrependo.''
Quando, rápido, o som partiu dos róseos lábios,
levando a nova ao par de ouvidos numinosos,
Cibele então soltando os jugos dos leões –
flagelo ao gado – fala, atiçando o da esquerda:
''vai!'', disse, ''vai, feroz, faz que o abale a fúria,
faz que ferido desta fúria volte aos bosques
quem muito livre quer fugir ao meu império,
vai, bate a cauda às costas, sofre teus açoites,
faz tudo retumbar ao trom de teu rugido;
fero, a rútila juba lança ao dorso em músculos.''
Minaz, Cibele fala assim e solta os jugos.
Por si o monstro incita-se e, ávido, se anima,
vai, ruge, quebra arbustos com errantes patas,
e, quando a úmida, brilhante praia atinge,
e Átis vê, meiga, junto ao mármore do mar,
ataca e, louca, aos feros bosques ela foge
e aí por toda a vida sempre foi escrava.

ego quam miser relinquens, dominos ut erifugae
famuli solent, ad Idae tetuli nemora pedem,
ut aput niuem et ferarum gelida stabula forem
et earum omnia adirem furibunda latibula,
ubinam aut quibus locis te positam, patria, reor?
Cupit ipsa pupula ad te sibi dirigere aciem,
rabie fera carens dum breue tempus animus est.
Egone a mea remota haec ferar in nemora domo?
Patria, bonis, amicis, genitoribus abero?
Abero foro, palaestra, stadio et guminasiis?
Miser a! miser, querendum est etiam atque etiam, anime.
Quod enim genus figuraest, ego non quod obierim?
Ego mulier, ego adolescens, ego ephebus, ego puer,
ego gymnasei fui flos, ego eram decus olei;
mihi ianuae frequentes, mihi limina tepida;
mihi floridis corollis redimita domus erat,
linquendum ubi esset orto mihi sole cubiculum.
Ego nunc deum ministra et Cybeles famula ferar?
Ego Maenas, ego mei pars, ego uir sterilis ero?
Ego uiridis algida Idae niue amicta loca colam?
Ego uitam agam sub altis Phrygiae columinibus,
ubi cerua siluicultrix, ubi aper nemoriuagus?
Iam iam dolet quod egi, iam iamque paenitet."
Roseis ut huic labellis sonitus citus abiit,
geminas deorum ad auris noua nuntia referens,
ibi iuncta iuga resoluens Cybele leonibus
laeuumque pecoris hostem stimulans ita loquitur.
"Agedum" inquit "age ferox i, fac ut hunc furor agitet,
fac uti furoris ictu reditum in nemora ferat,
mea libere nimis qui fugere imperia cupit,
age caede terga cauda, tua uerbera patere,
fac cuncta mugienti fremitu loca retonent,
rutilam ferox torosa ceruice quate iubam."
Ait haec minax Cybelle religatque iuga manu.
Ferus ipse sese adhortans rapidum incitat animo.
Vadit, fremit, refringit uirgulta pede uago.
At ubi humida albicantis loca litoris adiit,
teneramque uidit Attin prope marmora pelagei,
facit impetum; illa demens fugit in nemora fera;
ibi semper omne uitae spatium famula fuit.

Deusa grande, ó Cibele, senhora do Díndimo:
longe de minha casa vá a tua fúria,
outros leva, agitados, outros leva insanos.

64

Pinhos (dizem), nascidos no cimo do Pélion,
outrora em ondas claras de Netuno, às águas
nadaram do rio Fásis e confins de Eeta,
quando seletos jovens, flor da raça Argiva,
ansiosos por tirar o velo de ouro aos Colcos,
em lesta nau ousaram ir no sal das vagas,
azul varrendo o mar sob os remos de abeto.
A própria deusa que reside nas acrópoles
lhes fez um carro que voava à leve brisa,
juntando pinhos à convexa quilha atados.
Ela a Anfitrite, rude em rotas, educou:
tão logo ela fendeu com rostro o mar ventoso,
e a onda, torturada a remo, embranqueceu
na espuma, do alvo abismo em fúria o rosto elevam
Nereides feitas de água, admirando o prodígio.
Naquele e só naquele dia mortais olhos
viram ninfas do mar de corpo nu erguer-se
do abismo embranquecido até nutrizes seios.
Então por Tétis, diz-se, ardeu de amor Peleu,
então Tétis não quis se abster de humano enlace,
então a Tétis houve o pai unir Peleu.
Ó nascidos em época de tão bons tempos,
heróis, salve!, dos deuses raça, ó bom rebento
23 b. de boas mães, de novo salve, SALVE, HERÓIS!
eu com meu canto muita vez vou invocar-vos,
mais que outros tu, ditoso em tão felizes núpcias,
Peleu, coluna da Tessália, a quem o próprio
Júpiter, pai dos deuses, cedeu seus amores.
A ti te teve Tétis, mais bela Nereide?
A ti levar a neta concederam Tétys
e Oceano, que abraça o mundo inteiro em mares?
Passado o tempo, assim que os desejados dias
chegaram, toda em peso vai até sua casa

Dea magna, dea Cybelle, dea domina Dindymei
procul a mea tuos sit furor omnis, era, domo;
alios age incitatos, alios age rabidos.

64

Peliaco quondam prognatae uertice pinus
dicuntur liquidas Neptuni nasse per undas
Phasidos ad fluctus et fines Aeetaeos,
cum lecti iuuenes, Argiuae robora pubis,
auratam optantes Colchis auertere pellem
ausi sunt uada salsa cita decurrere puppi,
caerula uerrentes abiegnis aequora palmis.
Diua quibus retinens in summis urbibus arces
ipsa leui fecit uolitantem flamine currum,
pinea coniungens inflexae texta carinae.
Illa rudem cursu prima imbuit Amphitriten.
Quae simul ac rostro uentosum proscidit aequor,
tortaque remigio spumis incanduit unda,
emersere feri candenti e gurgite uultus
aequoreae monstrum Nereides admirantes.
Illa, atque haud alia uiderunt luce marinas
mortales oculis nudato corpore Nymphas
nutricum tenus extantes e gurgite cano.
Tum Thetidis Peleus incensus fertur amore,
tum Thetis humanos non despexit hymenaeos,
tum Thetidi pater ipse iugandum Pelea sensit.
O nimis optato saeclorum tempore nati
heroes, saluete, deum genus, o bona matrum
23b. *progenies, saluete iterum, s*aluete, bonarum!
Vos ego saepe meo, uos carmine compellabo,
teque adeo eximie taedis felicibus aucte,
Thessaliae columen, Peleu, cui Iupiter ipse,
ipse suos diuum genitor concessit amores.
Tene Thetis tenuit pulcerrima Nereine?
Tene suam Tethys concessit ducere neptem,
Oceanusque, mari totum qui amplectitur orbem?
Quae simul optatae finito tempore luces
aduenere, domum conuentu tota frequentat

Peleu e Tétis
Pintura vascular (detalhe)
Proveniente de Vulci
Fim do século VI a.C.

a Tessália e de leda gente se enche o paço:
levam presentes, alegria está nos rostos;
desertam Ciros, deixam Tempe da Ftiótida,
moradias de Cránon, de Larissa muros,
vão à Farsália, lotam tetos de Farsália;
campos, ninguém cultiva, aos bois é leve o colo,
não limpa o curvo ancinho a vinha ao rés do chão,
não volve a terra o touro com aguda relha,
não tira sombra à vide a foice de quem poda.
Ferrugem suja invade arados desertados.
Mas a mansão, em cada canto da opulenta
moradia, refulge em ouro e prata esplêndidos:
marfim nos tronos brilha, à mesa os copos luzem.
A casa, toda em luz, reais goza tesouros;
em meio ao pátio põe-se o leito nupcial
da esposa-deusa, ao qual exornam ossos Índicos
e em róseos tons da cor da concha cobre a púrpura.

O manto, vário de figuras priscas de homens,
com fina arte heróis desenha e sua coragem.
Eis: da praia flutíssona de Dia, Ariadne,
olhando ao longe, vê Teseu zarpar com célere
frota e, no peito ardendo indômitos furores,
nem ela crê que vê aquilo que está vendo,
pois que, apenas desperta de um sono enganoso,
percebe-se, infeliz, deixada a areias sós.
Mas o jovem não lembra e foge e fere a onda
a remo e deixa a vã promessa à chuva, aos ventos.
Das algas, longe, olhinhos tristes, pétrea efígie
de bacante, ai! remira-o a filha de Minos.
Remira e em grandes vagas de aflição flutua:
não prende a tênue mitra seus cabelos loiros,
não usa vestes, só no corpo um véu bem leve,
não levam lisa faixa os seios seus de leite.
Com tudo que desliza de seu corpo inteiro,
ante seus próprios pés, salinas ondas brincam.
Mas nem da mitra nem das vestes flutuantes
cuidara; em vez, Teseu, perdida, em ti pensava
com peito inteiro, a alma inteira, inteiramente.
Ah! triste dela, a quem prostrou com muito choro,

Thessalia, oppletur laetanti regia coetu;
dona ferunt prae se, declarant gaudia uultu.
Deseritur Scyros, linqunt Pthiotica Tempe,
Crannonisque domos ac moenia Larisaea,
Pharsaliam coeunt, Pharsalia tecta frequentant.
Rura colit nemo, mollescunt colla iuuencis,
non humilis curuis purgatur uinea rastris,
non glebam prono conuellit uomere taurus,
non falx attenuat frondatorum arboris umbram,
squalida desertis rubigo infertur aratris.
Ipsius at sedes, quacumque opulenta recessit
regia, fulgenti splendent auro atque argento.
Candet ebur soliis, collucent pocula mensae,
tota domus gaudet regali splendida gaza.
Puluinar uero diuae geniale locatur
sedibus in mediis, Indo quod dente politum
tincta tegit roseo conchyli purpura fuco.

Haec uestis priscis hominum uariata figuris
heroum mira uirtutes indicat arte.
Namque fluentisono prospectans litore Diae
Thesea cedentem celeri cum classe tuetur
indomitos in corde gerens Ariadna furores,
necdum etiam sese quae uisit uisere credit,
ut pote fallaci quae tum primum excita somno
desertam in sola miseram se cernat harena.
Immemor at iuuenis fugiens pellit uada remis,
irrita uentosae linquens promissa procellae.
Quem procul ex alga maestis Minois ocellis,
saxea ut effigies bacchantis, prospicit, eheu!
prospicit et magnis curarum fluctuat undis,
non flauo retinens subtilem uertice mitram,
non contecta leui uelatum pectus amictu,
non tereti strophio lactentis uincta papillas,
omnia quae toto delapsa e corpore passim
ipsius ante pedes fluctus salis adludebant.
Sed neque tum mitrae neque tum fluitantis amictus
illa uicem curans toto ex te pectore, Theseu,
toto animo, tota pendebat perdita mente.
A! misera, assiduis quam luctibus externauit

a semear no peito espinhos de aflição
a deusa do Érix, desde que Teseu, feroz,
deixando os litorais recurvos do Pireu,
tocou do injusto rei os templos em Gortina.
Pois conta-se que outrora, por iníqua peste
coagida a expiar a morte de Androgeu,
Cecrópia eleitos jovens mais a flor das virgens
se habituara a dar, repasto, ao Minotauro.
Porque a muralha estreita deste mal sofria,
por si próprio Teseu, em prol de Atenas grata,
seu corpo preferiu expor, que a Creta fossem
levados de Cecrópia mortos sem ser mortos,
e em leve nau subindo, em lenes ventos vai
a Minos megalômano e soberbas sedes.
Assim que o viu com olhos cúpidos a filha
do rei, à qual o casto e exíguo leito, em levas
de suave olor, no abraço bom da mãe, criava,
como, ao fluir, o rio Eurotas gera mirtos
e a brisa primavera várias cores traz,
ela dele os candentes olhos não tirou
antes de receber no corpo todo a fundo
a chama, e inteira arder nas íntimas medulas.
Ah, cruel (pelo duro coração) menino
sagrado! Tu misturas gozo e dor nos homens,
e tu que reges Golgos e o frondoso Idálio,
em que ondas atirastes a menina a arder
na mente, a desejar bastante o loiro hóspede!
Que temores sentiu no brando coração!
Quanto empalideceu!, bem mais que o brilho do ouro,
quando, querendo contra um monstro atroz lutar,
Teseu buscava a morte ou prêmios de sua glória.
Ela dons não ingratos prometeu aos deuses,
em vão, porém, e votos fez com lábios mudos
pois qual tufão indômito no auge do Tauro
com sopro torce o tronco e derruba o carvalho
que bate os braços, ou conífero pinheiro
suando em sua casca (até a raiz feridos
à frente, longe, caem, quebrando tudo em torno),
assim Teseu prostrou, domado o corpo, a fera,
que à toa os cornos contra os ventos vãos lançava.

spinosas Erycina serens in pectore curas
illa tempestate, ferox quo ex tempore Theseus
egressus curuis e litoribus Piraei
attigit iniusti regis Cortynia templa.
Nam perhibent olim crudeli peste coactam
Androgeoneae poenas exsoluere caedis
electos iuuenes simul et decus innuptarum
Cecropiam solitam esse dapem dare Minotauro.
Quis angusta malis cum moenia uexarentur,
ipse suum Theseus pro caris corpus Athenis
proicere optauit potius quam talia Cretam
funera Cecropiae nec funera portarentur,
atque ita naue leui nitens ac lenibus auris
magnanimum ad Minoa uenit sedesque superbas.
Hunc simul ac cupido conspexit lumine uirgo
regia, quam suauis expirans castus odores
lectulus in molli complexu matris alebat.
Quales Eurotae progignunt flumina myrtus
auraue distinctos educit uerna colores,
non prius ex illo flagrantia declinauit
lumina, quam cuncto concepit corpore flammam
funditus atque imis exarsit tota medullis.
Heu misere exagitans immiti corde furores,
sancte puer, curis hominum qui gaudia misces,
quaeque regis Golgos quaeque Idalium frondosum,
qualibus incensam iactastis mente puellam
fluctibus in flauo saepe hospite suspirantem!
Quantos illa tulit languenti corde timores!
Quanto saepe magis fulgore expalluit auri,
cum saeuum cupiens contra contendere monstrum
aut mortem appeteret Theseus aut praemia laudis!
Non ingrata tamen frustra munuscula diuis
promittens tacito succepit uota labello.
Nam uelut in summo quatientem bracchia Tauro
quercum aut conigeram sudanti cortice pinum
indomitus turben contorquens flamine robur
eruit (illa procul radicitus exturbata
prona cadit, late quaeuiscumque obuia frangens),
sic domito saeuum prostrauit corpore Theseus
nequiquam uanis iactantem cornua uentis.

Ileso, então com grande glória, arreda o pé,
com tênue fio guiando passos erradios,
para as voltas do paço inextrincável não
lograrem-no ao sair do enredo labiríntico.
Mas por que eu, da canção primeira egresso, iria
mais coisas relembrar, como Ariadne, a face
do pai deixando, o abraço da irmã e o da mãe,
que tão perdidamente amava a triste filha,
quis mais que todos ter seu doce amor, Teseu,
ou como a nau levou-a às praias espumosas
de Dia, ou como, de olhos pregados de sono,
lá o amante a deixou, fugindo sem lembrar-se?
Contam que em fúria, seio em brasa, gritos ela
gritava altíssonos do fundo de seu peito,
e ora, triste, subia montes eminentes,
de onde lançava o olhar ao vasto mar vazio,
ora cortava adversas ondas de água trêmula,
erguendo o mole véu até as nuas pernas,
e, mesta, últimos queixumes, faces úmidas,
estas palavras disse, dando frios soluços:
"Pérfido, assim das aras de meu pai trazendo-me,
Teseu, me deixas, pérfido, em deserta praia?
Fugindo assim, dos deuses desprezando, imêmore,
o zelo, a casa levas malditos perjúrios?
Nada pôde dobrar-te a decisão cruel
da mente? Nada de clemência havia em ti,
que quisesse ter dó de nosso peito em dores?
Antes não me fizeste em branda voz promessas
tais nem aflita me exortaste a esperar isto,
mas ledas núpcias, desejados himeneus:
e tudo em vão, pelo ar disperso, pelo vento.
Mulher alguma creia em homem que faz juras,
não creia ser fiel a fala destes homens,
de quem a alma, enquanto anseia e almeja algo,
jamais teme jurar nem poupa prometer;
mas saciada a libido em sua mente cúpida,
não temem a promessa, em perjúrio não cuidam.
Eu, certo (tu te debatendo em meio a um vórtice
fatal) arrebatei-te e preferi o irmão
perder que a ti, traidor, faltar na hora extrema;

Inde pedem sospes multa cum laude reflexit
errabunda regens tenui uestigia filo,
ne labyrintheis e flexibus egredientem
tecti frustraretur inobseruabilis error.
Sed quid ego a primo digressus carmine plura
commemorem, ut linquens genitoris filia uultum,
ut consanguineae complexum, ut denique matris
quae misera in gnata deperdita laetabatur,
omnibus his Thesei dulcem praeoptarit amorem,
aut ut uecta rati spumosa a litora Diae
uenerit, aut ut eam deuinctam lumina somno
liquerit inmemori discedens pectore coniunx?
Saepe illam perhibent ardenti corde furentem
clarisonas imo fudisse e pectore uoces,
ac tum praeruptos tristem conscendere montes,
unde aciem in pelagi uastos protenderet aestus,
tum tremuli salis aduersas procurrere in undas
mollia nudatae tollentem tegmina surae,
atque haec extremis maestam dixisse querelis,
frigidulos udo singultus ore cientem.
"Sicine me patriis auectam, perfide, ab aris,
perfide, deserto liquisti in litore, Theseu?
Sicine discedens neglecto numine diuum
inmemor a! deuota domum periuria portas?
Nullane res potuit crudelis flectere mentis
consilium? tibi nulla fuit clementia praesto,
inmite ut nostri uellet miserescere pectus?
At non haec quondam blanda promissa dedisti
uoce mihi, non haec miserae sperare iubebas,
sed conubia laeta, sed optatos hymenaeos;
quae cuncta aerii discerpunt irrita uenti.
Nunc iam nulla uiro iuranti femina credat,
nulla uiri speret sermones esse fidelis;
quis dum aliquid cupiens animus praegestit apisci,
nil metuunt iurare, nihil promittere parcunt;
sed simul ac cupidae mentis satiata libido est,
dicta nihil metuere, nihil periuria curant.
Certe ego te in medio uersantem turbine leti
eripui, et potius germanum amittere creui,
quam tibi fallaci supremo in tempore deessem;

Ariadne abandonada por Teseu. Pintura mural (detalhe), Herculano. Século I d.C.

dilacerada, em paga, aos cães repasto e às aves
serei, e, morta, não me cobrirá a terra.
Que leoa te deu à luz sob ermas penhas?
Que mar que, prenhe, te cuspiu de espúmeas ondas?
Que Sirtes foi, que Cila ruim, que atroz Caribde,
por pagares um preço tal por doce vida?
Se ao coração as nossas núpcias não falavam,
por temeres de austero pai cruéis conselhos,
levar-me à tua casa ao menos tu podias,
para eu servir-te, escrava, em tarefas felizes:
dos pés lavar, tranqüila, os passos teus com puras
águas e no teu leito a púrpura estender.
Mas por que em vão por dor prostrada eu vou queixar-me
aos moucos ventos, que não podem, insensíveis,
ouvir nem responder às palavras que lanço?
Porém em meio às ondas ele já balança
e não surge nenhum mortal nas vácuas algas.
Assim, cruel demais, na hora extrema insulta-me
a Fortuna e não presta ouvido a minhas queixas.
Onipotente Júpiter, que nunca as naus
de Cecrópia tocassem litorais de Cnossos
nem que, ao levar tributo horrível ao touro indômito,
o nauta, em Creta, pérfido prendesse amarra
nem que, malvado, ações cruéis calando em doce
encanto, em nossa casa repousasse, hóspede.
Pois onde irei? Perdida, que esperança agarro?
Aos montes vou no Ida, ah!, quando um largo abismo,
um liso, truculento mar, no meio, impede-me?
Espero auxílio de meu pai, a quem deixei
por seguir, orvalhado em sangue irmão, um jovem?
Consolo-me no amor fiel desse marido
que foge e verga o remo dócil nesse abismo?
Praias sem tetos, ínsula tão solitária,
não se abrem rotas dentre o cinturão das ondas.
Não há fugir, não há esperança, tudo é mudo,
e tudo está deserto, tudo indica o fim.
Mas a morte não vai tornar meus olhos lânguidos,
os sentidos não vão abandonar meu corpo,
sem que, traída, eu peça aos deuses justa pena,
e à extrema hora a prece dê-me proteção.

pro quo dilaceranda feris dabor alitibusque
praeda, neque iniacta tumulabor mortua terra.
Quaenam te genuit sola sub rupe leaena,
quod mare conceptum spumantibus expuit undis,
quae Syrtis, quae Scylla rapax, quae uasta Charybdis,
talia qui reddis pro dulci praemia uita?
Si tibi non cordi fuerant conubia nostra,
saeua quod horrebas prisci praecepta parentis,
at tamen in uestras potuisti ducere sedes,
quae tibi iocundo famularer serua labore,
candida permulcens liquidis uestigia lymphis
purpureaue tuum consternens ueste cubile.
Sed quid ego ignaris nequiquam conquerar aureis,
externata malo, quae nullis sensibus auctae
nec missas audire queunt nec reddere uoces?
Ille autem prope iam mediis uersatur in undis,
nec quisquam apparet uacua mortalis in alga.
sic nimis insultans extremo tempore saeua
Fors etiam nostris inuidit questibus aures.
Iupiter omnipotens, utinam ne tempore primo
Gnosia Cecropiae tetigissent litora puppes,
indomito nec dira ferens stipendia tauro
perfidus in Creta religasset nauita funem,
nec malus hic celans dulci crudelia forma
consilia in nostris requiesset sedibus hospes!
Nam quo me referam? quali spe perdita nitor?
Idaeosne petam montes? a! gurgite lato
discernens ponti truculentum ubi diuidit aequor?
An patris auxilium sperem? quemne ipsa reliqui,
respersum iuuenem fraterna caede secuta?
Coniugis an fido consoler memet amore?
Quine fugit lentos incuruans gurgite remos?
Praeterea nullo litus, sola insula, tecto,
nec patet egressus pelagi cingentibus undis;
nulla fugae ratio, nulla spes; omnia muta,
omnia sunt deserta, ostentant omnia letum.
Non tamen ante mihi languescent lumina morte,
nec prius a fesso secedent corpore sensus,
quam iustam a diuis exposcam prodita multam,
caelestumque fidem postrema comprecer hora.

Então vós que punis o crime dos mortais,
Eumênides, serpentes por cabelo tendo
à fronte, que transpira lá do peito as iras,
aqui, aqui chegai e ouvi as minhas queixas,
que lanço à força desde as íntimas medulas,
desfeita, ardendo, cega de um furor demente.
Porque elas, justas, no mais fundo peito nascem,
vós não deixeis que seja vã a minha dor,
mas tal como Teseu sozinha me esqueceu,
assim, por esquecer, arruíne a si e aos seus."
Tão logo derramou ao triste peito as falas,
aflita, reclamando pena pelo crime,
com invicto meneio anui o rei celeste,
com o que se abalou a terra e o mar terrível,
e o céu estremeceu estrelas cintilantes.
Teseu, assim, disseminada a nuvem negra
na mente, as ordens demitiu do peito imêmore,
às quais constantemente até ali seguira,
e, descurando ao triste pai sinais felizes,
quando avistou o cais de Erecteu, não deu mostras
de vida: é que se diz que Egeu, confiando aos ventos
o filho, que deixava as muralhas de Atena,
esta ordem lhe dera, abraçado ao rapaz:
"Ó filho único, mais caro a mim que a vida
longa, filho que há pouco ao pai voltando ao fim
extremo da velhice, entrego a custo a um dúbio
acaso, já que o meu destino e teu valor,
malgrado meu, te furtam sem que aos meus tão velhos
olhos a imagem grata desse filho farte.
Não vou te despedir feliz, de peito alegre,
nem te deixar levar sinais de boa sorte,
mas antes vou tirar da mente muitas queixas
e minhas cãs sujar de terra e pó dispersos,
e então içar no mastro vago o linho em cores,
para que a vela Ibera, escura em tom ferrugem,
divulgue o nosso luto e o incêndio em nossa mente.
Se a íncola de Itono sacra, que anuiu
defender nossa raça e a terra de Erecteu,
der que respingues sangue do touro na destra,
então, guardando em coração lembrado minhas

Quare facta uirum multantes uindice poena,
Eumenides, quibus anguino redimita capillo
frons expirantis praeportat pectoris iras,
huc huc aduentate, meas audite querelas,
quas ego uae! misera extremis proferre medullis
cogor inops, ardens, amenti caeca furore.
Quae quoniam uerae nascuntur pectore ab imo,
uos nolite pati nostrum uanescere luctum,
sed quali solam Theseus me mente reliquit,
tali mente, deae, funestet seque suosque."
Has postquam maesto profudit pectore uoces,
supplicium saeuis exposcens anxia factis,
annuit inuicto caelestum numine rector
quo nutu tellus atque horrida contremuerunt
aequora concussitque micantia sidera mundus.
Ipse autem caeca mentem caligine Theseus
consitus oblito dimisit pectore cuncta
quae mandata prius constanti mente tenebat,
dulcia nec maesto substollens signa parenti
sospitem Erechtheum se ostendit uisere portum.
Namque ferunt olim, classi cum moenia diuae
linquentem gnatum uentis concrederet Aegeus,
talia complexum iuueni mandata dedisse.
"Gnate mihi longa iocundior unice uita,
gnate, ego quem in dubios cogor dimittere casus,
reddite in extrema nuper mihi fine senectae,
quandoquidem fortuna mea ac tua feruida uirtus
eripit inuito mihi te, quoi languida nondum
lumina sunt gnati cara saturata figura;
non ego te gaudens laetanti pectore mittam,
nec te ferre sinam fortunae signa secundae,
sed primum multas expromam mente querelas,
canitiem terra atque infuso puluere foedans,
inde infecta uago suspendam lintea malo,
nostros ut luctus nostraeque incendia mentis
carbasus obscurata dicet ferrugine Hibera.
Quod tibi si sancti concesserit incola Itoni,
quae nostrum genus ac sedes defendere Erechthei
annuit, ut tauri respergas sanguine dextram,
tum uero facito ut memori tibi condita corde

ordens, faze-as valer e o tempo não delir.
Eis: assim que teus olhos virem nossos montes,
que as vergas larguem de uma vez funestas vestes
e retorcidas cordas ergam brancas velas,
por que eu, assim que olhar, perceba alegremente
o gáudio ao te trazer de volta o tempo próspero."
E as ordens, que Teseu até ali constante
seguira, o abandonaram qual sopradas névoas
deixam o aéreo cimo da montanha em neve.
E o pai, que alçava ao longe a vista desde a acrópole,
com choro assíduo os olhos consumindo ansiosos,
tão logo viu o pano do velame inflado,
de cima do rochedo se atirou precípite,
pensando que a Teseu perdera em dura sorte.
Entrando assim na casa em luto pela morte
do pai, Teseu, feroz, a mesma dor que a Ariadne
dera, por ter a mente imêmore, colheu.
E, aflita, olhando ao longe a nau seguir, Ariadne,
ferida, muita dor revolvia no espírito.
Mas de outro lado Iaco em flor volteava (e o tíaso
de Sátiros e, nados em Nisa, os Silenos)
ardendo, Ariadne, querendo teu amor.
E ágeis, cá, lá, com ele deliram bacantes
loucas, evoé!, cabeça baixa, evoé!
Parte batia o tirso coberto de folhas,
parte brandia membros de um touro estroçado,
parte enlaçava o corpo com serpentes tortas,
parte objetos sagrados tinha em cesta ocultos,
objetos que um profano em vão quer conhecer,
outras batiam tímpanos na palma erguida
ou tiravam tinido agudo ao êneo címbalo.
Muitas sopravam roucos ribombos em cornos
e horrendo trino estridulava a flauta bárbara.

O manto com figuras tais bem decorado,
em véus de largas dobras revestia o leito.
E o povo da Tessália, farto já do ardor
de vê-lo, começou dar vez aos santos deuses.
Então, qual zéfiro ao remanso, matutino
mar encrista, elevadas ondas incitando,

haec uigeant mandata, nec ulla obliteret aetas,
ut, simul ac nostros inuisent lumina colles,
funestam antemnae deponant undique uestem,
candidaque intorti substollant uela rudentes,
quam primum cernens ut laeta gaudia mente
agnoscam, cum te reducem aetas prospera sistet."
Haec mandata prius constanti mente tenentem
Thesea ceu pulsae uentorum flamine nubes
aerium niuei montis liquere cacumen.
At pater, ut summa prospectum ex arce petebat,
anxia in assiduos absumens lumina fletus,
cum primum inflati conspexit lintea ueli,
praecipitem sese scopulorum e uertice iecit,
amissum credens immiti Thesea fato.
Sic funesta domus ingressus tecta paterna
morte ferox Theseus qualem Minoidi luctum
obtulerat mente immemori talem ipse recepit.
Quae tum prospectans cedentem maesta carinam
multiplices animo uoluebat saucia curas.
At parte ex alia florens uolitabat Iacchus
cum thiaso Satyrorum et Nysigenis Silenis,
te quaerens, Ariadna, tuoque incensus amore.
Quicum alacres passim lymphata mente furebant
euhoe bacchantes, euhoe capita inflectentes.
Harum pars tecta quatiebant cuspide thyrsos,
pars e diuolso iactabant membra iuuenco,
pars sese tortis serpentibus incingebant,
pars obscura cauis celebrabant orgia cistis,
orgia, quae frustra cupiunt audire profani,
plangebant aliae proceris tympana palmis
aut tereti tenuis tinnitus aere ciebant,
multis raucisonos efflabant cornua bombos
barbaraque horribili stridebat tibia cantu.

Talibus amplifice uestis decorata figuris
puluinar complexa suo uelabat amictu.
Quae postquam cupide spectando Thessala pubes
expleta est, sanctis coepit decedere diuis.
Heic, qualis flatu placidum mare matutino
horrificans Zephyrus procliuas incitat undas

Ritual de iniciação dionisíaca: flagelação
e bacante tocando tímpanos diante do tirso
Pintura mural, Vila dos Mistérios
Pompéia. Século I a.C.

que, ao vir a Aurora dos umbrais do Sol viageiro,
impelidas primeiro por clemente sopro,
vêm devagar em suaves sons de gargalhadas,
depois, crescendo o vento, mais e mais se encrespam,
e luz purpúrea ao longe brilham quando nadam,
assim, deixando o pátio régio do palácio,
por várias vias cada um p'ra casa ia.
Após partirem, desde o ápice do Pélion
primeiro Quíron vem e traz silvestres dons:
as flores todas que as campinas dão, que as Téssalas
terras em altos montes criam, que na beira
dos rios a brisa fértil do Favônio gera,
trançadas ele trouxe em guirlandas profusas,
e a casa, por um grato olor mimada, riu.
E Pênio logo vem de Tempe, verde vale, –
Tempe, que as selvas cingem sobrependuradas,
que as Náiades com danças Dóricas animam –
não vem de mãos vazias: altas faias traz,
com raiz e de tronco reto longos louros,
não sem o plátano de móvel cimo e a irmã
flexível de Faetonte em flamas e o cipreste
aéreo. Tudo isto pôs trançado em torno
à casa por que em véus de mole folha o pátio
verdeasse. E atrás vem Prometeu, de mente próvida,
não tendo quase a cicatriz da pena antiga,
que outrora, preso o corpo à pedra por grilhões,
sofreu, dependurado ao ápice escarpado.
Então, o pai dos deuses chega e a santa esposa
e os filhos, te deixando, Febo, só, no céu,
e, gêmea, a tua irmã, que habita os montes do Idro,
pois ela desprezou Peleu, tal como tu,
e as tochas conjugais não quis honrar de Tétis.
Após dobrar as pernas sobre assentos níveos,
dispõem-se à larga mesas de iguarias várias,
enquanto o corpo em movimento infirme as Parcas
agitando, iniciavam cantos verdadeiros.
Cobrindo o corpo trêmulo, uma branca túnica
rodeava os tornozelos, púrpura na borda;
nos seus cabelos brancos rósea fita usavam,
e mãos rituais fiavam seu trabalho eterno:

Aurora exoriente uagi sub limina Solis,
quae tarde primum clementi flamine pulsae
procedunt, leuiterque sonant plangore cachinni,
post uento crescente magis magis increbescunt
purpureaque procul nantes a luce refulgent,
sic tum uestibuli linquentis regia tecta
ad se quisque uago passim pede discedebant.
Quorum post abitum princeps e uertice Pelei
aduenit Chiron portans siluestria dona;
nam quoscumque ferunt campi, quos Thessala magnis
montibus ora creat, quos propter fluminis undas
aura parit flores tepidi fecunda Fauoni,
hos indistinctis plexos tulit ipse corollis,
quo permulsa domus iocundo risit odore.
Confestim Penios adest, uiridantia Tempe,
Tempe, quae siluae cingunt super impendentes,
Naiasin linquens Doris celebranda choreis,
non uacuos; namque ille tulit radicitus altas
fagos ac recto proceras stipite laurus,
non sine nutanti platano lentaque sorore
flammati Phaethontis et aeria cupressu.
Haec circum sedes late contexta locauit,
uestibulum ut molli uelatum fronde uireret.
Post hunc consequitur sollerti corde Prometheus,
extenuata gerens ueteris uestigia poenae,
quam quondam silici restrictus membra catena
persoluit pendens e uerticibus praeruptis.
Inde pater diuum sancta cum coniuge gnatisque
aduenit, caelo te solum, Phoebe, relinquens
unigenamque simul cultricem montibus Idri;
Pelea nam tecum pariter soror aspernata est
nec Thetidis taedas uoluit celebrare iugalis.
Qui postquam niueis flexerunt sedibus artus,
large multiplici constructae sunt dape mensae,
cum interea infirmo quatientes corpora motu
ueridicos Parcae coeperunt edere cantus.
His corpus tremulum complectens undique uestis
candida purpurea talos incinxerat ora,
at roseae niueo residebant uertice uittae,
aeternumque manus carpebant rite laborem.

na esquerda, a roca envolta em lã macia; o fio,
a destra, leve, ora a puxar, lhe punha forma,
de erguidos dedos, ora a torcê-lo no oblíquo
pólex, movia o fuso equilibrado em roda
exata; o dente aos cortes igualava a obra,
e a lã mordida aos lábios secos aderia,
ela que antes de um fio perfeito sobejara.
Diante dos pés cestinhos de vime guardavam
os moles flocos da candente lã. Então,
fiando os flocos, com preclara voz altíssona
desfiam tais destinos em divino canto,
canto que tempo algum dirá depois ser falso:
"Ó tu, que em grandes gestas aumentaste a exímia
glória, apoio da Emátia, ilustre pelo filho
serás, e o que as irmãs na festa contam ouve,
oráculo veraz, e vós, que os fados seguem,
   fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
Héspero já virá, trazendo o que aos maridos
praz; com faustosa estrela uma esposa virá,
que espalhará em tua mente amor flexânimo,
pronta a reunir contigo ao fim os sonos lânguidos,
sob teu pescoço forte a pôr os lisos braços.
   Fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
Nenhuma casa nunca amores tais cobriu,
nenhum amor em tal enlace uniu amantes,
qual a de Tétis, qual concórdia de Peleu.
   Fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
De vós irá nascer Aquiles sem temor,
do peito forte, não das costas noto aos hostes,
que, vencedor em lesta luta de corridas,
se adiantará aos flâmeos passos da ágil corça.
   Fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
Na guerra herói algum emulará com ele,
quando manarem sangue Teucro os Frígios campos,
e, assediando o Troiano muro em guerra longa,
vastá-lo o herdeiro tércio do perjuro Pélops,
   fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
Seus dons notáveis, seus preclaros feitos muito
vão confessar as mães nos funerais dos filhos,
ao soltar da cabeça em cãs cabelos rudes

Laeua colum molli lana retinebat amictum,
dextera tum leuiter deducens fila supinis
formabat digitis, tum prono in police torquens
libratum tereti uersabat turbine fusum,
atque ita decerpens aequabat semper opus dens,
laneaque aridulis haerebant morsa labellis,
quae prius in leui fuerant extantia filo;
ante pedes autem candentis mollia lanae
uellera uirgati custodibant calathisci.
Haec tum clarisona pellentes uellera uoce
talia diuino fuderunt carmine fata,
carmine, perfidiae quod post nulla arguet aetas.

O decus eximium magnis uirtutibus augens,
Emathiae tutamen opis, clarissime nato,
accipe, quod laeta tibi pandunt luce sorores,
ueridicum oraclum. Sed uos, quae fata secuntur,
   currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Adueniet tibi iam portans optata maritis
Hesperus, adueniet fausto cum sidere coniunx,
quae tibi flexanimo mentem perfundat amore
languidulosque paret tecum coniungere somnos
leuia substernens robusto bracchia collo.
   Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Nulla domus umquam tales contexit amores,
nullus amor tali coniunxit foedere amantes,
qualis adest Thetidi, qualis concordia Peleo.
   Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Nascetur uobis expers terroris Achilles,
hostibus haud tergo, sed forti pectore notus,
qui persaepe uago uictor certamine cursus
flammea praeuertet celeris uestigia ceruae.
   Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Non illi quisquam bello se conferet heros,
Cum Phrygiae Teucro manabunt sanguine terrae,
Troicaque obsidens longinquo moenia bello
periuri Pelopis uastabit tertius heres.
   Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Illius egregias uirtutes claraque facta
saepe fatebuntur gnatorum in funere matres,
cum incultum cano soluent a uertice crinem,

e tingir com infirmes palmas peitos pútridos.
Fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
Pois como um ceifador segando espigas densas
sob sol ardente ceifa os campos flavescentes,
com ferro infesto vai prostrar Troianos corpos.
Fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
Testemunha de grandes gestas será a onda
do Escamandro que escorre ao Helesponto rápido:
os montes mortos de seus corpos vai tornar
estreito o leito de água funda e quente em sangue.
Fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
Testemunha será a presa dada a ele
morto, ao guardar redonda tumba, erguida em celso
outeiro, os níveos membros da jovem golpeada –
fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos –
pois logo que aos Aqueus cansados der Fortuna
soltar Netúnios cintos da urbe Dardânia,
a tumba molhará o sangue de Políxena,
que, como a vítima ao bigúmeo ferro cai,
dobrando os joelhos tombará decapitada.
Fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
Eia, uni, pois, amores muitos desejados.
Que o esposo aceite a deusa em união feliz;
que a noiva seja dada ao cúpido marido.
Fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
Revendo-a de manhã não poderá a ama
cercar o seu pescoço com o fio da véspera;
fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos.
E ansiosa, a mãe não vai sofrer por ver discórdias
do leito nem deixar de esperar caros netos.
Fusos, girai, puxando os fios, girai, ó fusos."
Outrora predizendo a Peleu tais venturas,
louvaram esta loa as Parcas, voz divina.
Soíam visitar as casas dos heróis
tão castas e mostrar-se à turba dos mortais –
não morta ainda a fé – presentes, os celícolas.
Muita vez, ao rever o templo em luz, o pai
dos deuses, quando em dia festo, os ânuos sacros
ritos vinham, cem touros viu tombar na terra;
muita vez Líber, vago, do alto do Parnaso

putridaque infirmis uariabunt pectora palmis.
Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.
Namque uelut densas praecerpens messor aristas
sole sub ardenti flauentia demetit arua,
Troiugenum infesto prosternet corpora ferro.
Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Testis erit magnis uirtutibus unda Scamandri,
quae passim rapido diffunditur Hellesponto,
cuius iter caesis angustans corporum aceruis
alta tepefaciet permixta flumina caede.
Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Denique testis erit morti quoque reddita praeda,
cum teres excelso coaceruatum aggere bustum
excipiet niueos percussae uirginis artus.
Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Nam simul ac fessis dederit fors copiam Achiuis
urbis Dardaniae Neptunia soluere uincla,
alta Polyxenia madefient caede sepulcra,
quae, uelut ancipiti succumbens uictima ferro,
proiciet truncum summisso poplite corpus.
Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Quare agite, optatos, animi coniungite amores.
Accipiat coniunx felici foedere diuam,
dedatur cupido iam dudum nupta marito.
Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Non illam nutrix orienti luce reuisens
hesterno collum poterit circumdare filo;
currite ducentes subtegmina, currite, fusi,

anxia nec mater discordis maesta puellae
secubitu caros mittet sperare nepotes.
Currite ducentes subtegmina, currite, fusi.

Talia praefantes quondam felicia Pelei
carmina diuino cecinere e pectore Parcae.
Praesentes namque ante domos inuisere castas
heroum et sese mortali ostendere coetu

caelicolae nondum spreta pietate solebant.
Saepe pater diuum templo in fulgente reuisens,
annua cum festis uenissent sacra diebus,
conspexit terra centum procumbere tauros.
Saepe uagus Liber Parnasi uertice summo

trouxe as Tíades, cabelos soltos: "evoé!",
quando a correr p'ra fora da muralha os ledos
Delfos o deus acolhem ao fumo de altares.
Muita vez na letal guerreira luta Marte,
a deusa de Tritão veloz e a virgem Nêmesis,
presentes, deram força a armados bandos de homens.
Mas depois que impregnou a terra infando crime,
justiça foi expulsa à mente humana cúpida,
irmão banhou as mãos com o sangue do irmão;
não mais chorou o filho a morte de seus pais.
O pai quis ver os funerais do primogênito,
por conquistar a flor de uma jovem madrasta;
deitada a ímpia mãe sob o filho inocente,
ímpia, sequer temeu Penates profanar.
O fás e o nefas misturou uma loucura
má e afastou de nós a justa ação dos deuses.
Por isso não se dignam mais presenciar nossas
festas nem se deixar tocar à luz do dia.

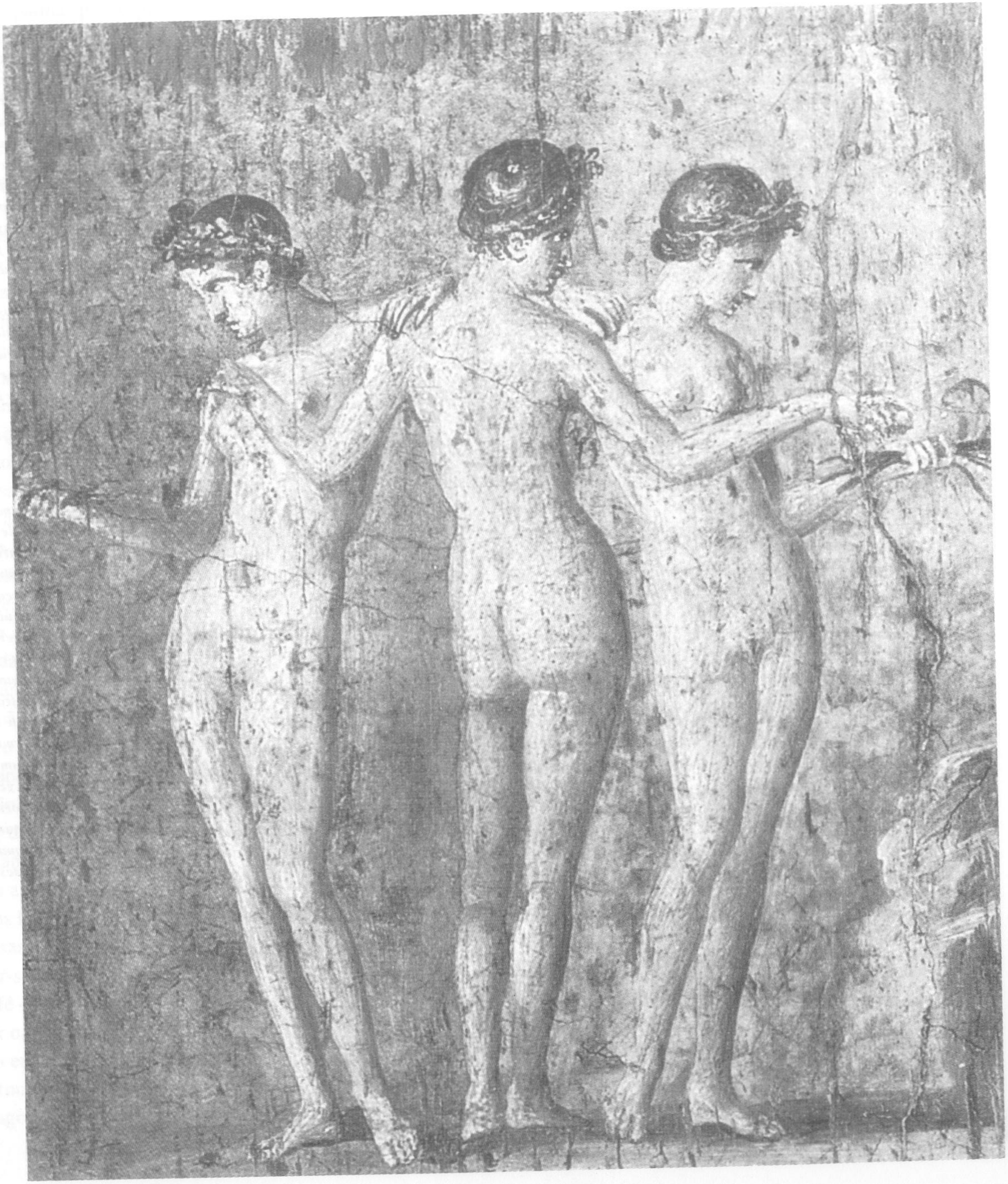
65

Embora, ilhado em mágoas, uma dor sem fim
me afaste, ó Hórtalo, das virgens doutas
nem bons frutos das Musas possa pensamento
gerar (que já flutua em tantos males
pois uma onda, há pouco manando do abismo
do Oblívio, os alvos pés banhou de meu
irmão, em quem, roubado a meus olhos, na praia
Retéia areias pesam de Tróia, ah!
Nunca mais conversar nem ouvir-te contar-me
teus feitos, nunca mais te ver, irmão
mais amável que a vida, e sempre vou te amar,
meu canto tornar triste por tua morte,
qual canta sob as sombras dos ramos tão densas –
ave – a Daulíade a gemer a ausência
de Ítilo); em tanta dor porém te envio, ó Hórtalo,
estes versos vertidos de Calímaco
por teus ditos, dispersos aos ventos volúveis,
em vão não creres voaram de meu peito,

Thyiadas effusis euantis crinibus egit,
cum Delphi tota certatim ex urbe ruentes
acciperent laeti diuum fumantibus aris.
Saepe in letifero belli certamine Mauors
aut rapidi Tritonis era aut Rhamnusia uirgo
armatas hominum est praesens hortata cateruas.
Sed postquam tellus scelere est imbuta nefando,
iustitiamque omnes cupida de mente fugarunt,
perfudere manus fraterno sanguine fratres,
destitit extinctos natus lugere parentes,
optauit genitor primaeui funera nati,
liber ut innuptae poteretur flore nouercae,
ignaro mater substernens se impia nato
impia non uerita est diuos scelerare penates;
omnia fanda nefanda malo permixta furore
iustificam nobis mentem auertere deorum.
Quare nec talis dignantur uisere coetus,
nec se contingi patiuntur lumine claro.

65

Etsi me assiduo confectum cura dolore
seuocat a doctis, Ortale, uirginibus,
nec potis est dulcis Musarum expromere fetus
mens animi (tantis fluctuat ipsa malis;
namque mei nuper Lethaeo in gurgite fratris
pallidulum manans alluit unda pedem,
Troia Rhoeteo quem subter litore tellus
ereptum nostris obterit ex oculis;
alloquar, audiero numquam tua facta loquentem,
numquam ego te, uita frater amabilior,
aspiciam posthac; at certe semper amabo,
semper maesta tua carmina morte tegam,
qualia sub densis ramorum concinit umbris
Daulias absumpti fata gemens Itylei)
sed tamen in tantis maeroribus, Ortale, mitto
haec expressa tibi carmina Battiadae,
ne tua dicta uagis nequiquam credita uentis
effluxisse meo forte putes animo,



As Graças
Pintura mural, Pompéia
Século I d.C.

como a maçã – furtivo presente do amante –
que cai do casto colo da menina
esquecida, coitada, do fruto escondido
entre as dobras do manto: vem a mãe,
ela salta e no chão foge o fruto, em sua face
infeliz um rubor lhe sobe cúmplice.

66

Todos os signos quem notou no céu imenso,
quem descobriu que estrelas nascem, morrem,
como se eclipsa a luz de fogo do sol áspero,
como os astros se vão em tempos certos,
como, oculto, levando Trívia aos breus do Latmo,
um doce amor retira-a de seu giro –
ele, célebre Cônon, em celeste luz
me viu, de Berenice eu sou a trança,
brilhando claramente, que ela a muitos deuses
prometeu, estendendo os leves braços,
quando o rei, mais afortunado por recentes
bodas, foi devastar Assírias terras,
levando as doces marcas da noturna luta,
que travou para os virginais despojos.
Noivas odeiam Vênus? Ou as alegrias
logram dos pais com falsas lagriminhas,
que vertem, fartas, no limiar de sua união?
Pelos deuses!, não choram de verdade.
Provou-me com queixumes mil minha rainha
ao ir o novo esposo à dura guerra.
Ou deixada choravas não um leito órfão,
mas o triste partir do irmão querido?
Quão fundo a dor queimou-te as íntimas medulas,
como de ti, ferida em todo peito
sem sentidos, fugiu toda a razão! Mas certo
desde menina, eu sei, tu és magnânima.
A bela ação não lembras, que te fez mulher
de rei e que ninguém mais forte ousou?
Mas que palavras tristes, despedindo o esposo!
Júpiter!, que infelizes mãos nos olhos!

ut missum sponsi furtiuo munere malum
procurrit casto uirginis e gremio,
quod miserae oblitae molli sub ueste locatum,
dum aduentu matris prosilit, excutitur;
atque illud prono praeceps agitur decursu,
huic manat tristi conscius ore rubor.

66

Omnia qui magni dispexit lumina mundi,
qui stellarum ortus comperit atque obitus
flammeus ut rapidi solis nitor obscuretur,
ut cedant certis sidera temporibus,
ut Triuiam furtim sub Latmia saxa relegans
dulcis amor guro deuocet aerio,
idem me ille Conon caelesti in lumine uidit
e Beroniceo uertice caesariem
fulgentem clare, quam multis illa dearum
leuia protendens bracchia pollicita est,
qua rex tempestate nouo auctus hymenaeo
uastatum finis iuerat Assyrios,
dulcia nocturnae portans uestigia rixae,
quam de uirgineis gesserat exuuiis.
Estne nouis nuptis odio Venus? anne parentum
frustrantur falsis gaudia lacrimulis,
ubertim thalami quas intra limina fundunt?
Non, ita me diui, uera gemunt, iuuerint.
Id mea me multis docuit regina querelis
inuisente nouo praelia torua uiro.
Et tu non orbum luxti deserta cubile,
sed fratris cari flebile discidium?
Quam penitus maestas exedit cura medullas!
Vt tibi tunc toto pectore sollicitae
Sensibus ereptis mens excidit! at te ego certe
cognoram a parua uirgine magnanimam.
Anne bonum oblita es facinus, quo regium adepta es
coniugium, quod non fortior ausit alis?
Sed tum maesta uirum mittens quae uerba locuta es!
Iupiter, ut tristi lumina saepe manu!

Que deus tão grande te mudou? Ou os amantes
não querem se afastar do corpo amado?
Então em prol do doce esposo aos deuses todos
me prometeste, não sem táureo sangue,
se a ti voltasse. E não em muito tempo a Ásia,
cativa, a Egípcias terras anexou.
Por estes feitos, dada ao grupo dos celícolas,
com novo dom dissolvo o antigo voto.
Não por querer deixei, rainha, tua fronte,
não por querer. Por ti, por tua vida
eu juro e sofra penas quem jurar em falso.
Mas quem pretenderia ombrear co'o ferro?
Também foi arrasado aquele, o maior monte,
que a alva raça de Tia sobrevoa,
e em naus, quando criaram Medos novo mar,
pelo Atos jovens bárbaros nadaram:
se o monte cede ao ferro, o que farão cabelos?
Dos Cálibes, ó Júpiter, que morra
toda a raça e o primeiro que buscou na terra
veios, moldando o ferro com dureza.
Choravam meu destino, então deixadas, minhas
irmãs madeixas, quando o filho único
do Etíope Mêmnon o ar moveu com asas fléxeis,
de Arsínoe Lócrida corcel alado:
veio, e, erguendo-me, voa em meio a etéreas sombras
e à Vênus, em seu casto seio, entrega-me.
A própria Zefirítide – íncola da Grécia
nas praias de Canopo – enviou-o, fâmulo,
por que na vária luz do divo céu não fosse
a coroa das têmporas de Ariadne
a única a constar, mas que lá constelássemos
também, de loira fronte espólio e ex-voto.
Úmida por chorar, chegada aos templos divos,
nova estrela entre antigas, deusa a mim
ele fez. Junto à luz da Virgem, do Leão
feroz, junto a Calisto Licaônide,
desço ao poente e, à frente vou, guio o Boieiro
lerdo, que a custo e tarde imerge no alto
Oceano. E se à noite os deuses com seus passos
tocam-me e o dia dá-me às cãs de Tétys,

Quis te mutauit tantus deus? an quod amantes
non longe a caro corpore abesse uolunt?
Atque ibi me cunctis pro dulci coniuge diuis
non sine taurino sanguine pollicita es
sei reditum tetulisset. Is haut in tempore longo
captam Asiam Aegypti finibus addiderat.
Quis ego pro factis caelesti reddita coetu
pristina uota nouo munere dissoluo.
Inuita, o regina, tuo de uertice cessi,
inuita; adiuro teque tuumque caput
digna ferat quod siquis inaniter adiurarit;
sed qui se ferro postulet esse parem?
Ille quoque euersus mons est, quem maximum in oris
progenies Thiae clara superuehitur,
cum Medi peperere nouum mare, cumque iuuentus
per medium classi barbara nauit Athon.
Quid facient crines, cum ferro talia cedant?
Iupiter, ut Chalybum omne genus pereat,
et qui principio sub terra quaerere uenas
institit ac ferri stringere duritiem!
Abiunctae paulo ante comae mea fata sorores
lugebant, cum se Memnonis Aethiopis
unigena impellens nutantibus aera pennis
obtulit Arsinoes Locridos ales equos,
isque per aetherias me tollens auolat umbras
et Veneris casto collocat in gremio.
Ipsa suum Zephyritis eo famulum legarat
Graiia Canopieis incola litoribus.
Hic dii uario ne solum in lumine caeli
ex Ariadneis aurea temporibus
fixa corona foret, sed nos quoque fulgeremus
deuotae flaui uerticis exuuiae,
uuidulam a fletu cedentem ad templa deum me
sidus in antiquis diua nouum posuit;
uirginis et saeui contingens namque Leonis
lumina, Callisto iuncta Lycaoniae,
uertor in occasum, tardum dux ante Booten,
qui uix sero alto mergitur Oceano.
Sed quamquam me nocte premunt uestigia diuum,
lux autem canae Tethyi restituit,

(permita-me que o diga, ó virgem de Ramnunte,
não vou cobrir com véu do medo o vero –
nem que os astros de infestos ditos me estraçalhem –
mas vou falar o que em meu peito cala)
nem mesmo assim estou feliz, porém, porque hei,
hei de partir da fronte dela, eu sofro,
ela com quem eu não senti perfumes quando
foi jovem, mas depois bebi milhares.
E vós, no dia desejado vindo as bodas,
não entregues sem veste o corpo, os nus
mamilos aos unânimes maridos, antes
de o ônix me ofertar olentes dádivas,
o ônix vosso, que as leis seguis em casto leito,
mas se a torpe adultério der-se alguém,
que o leve pó seus vãos, malditos dons consuma,
pois eu não busco prêmio algum de indignas.
Melhor é que a Concórdia, ó noivas, sempre em vossa,
que amor contínuo em vossa casa habite.
E tu, rainha, ouvindo estrelas, quando Vênus,
diva, aplacares em festivos dias,
eu, tua, não me deixes sem os teus perfumes,
mas antes dádivas me dá bem grandes.
Estrelas, por que mais? mais quero ser cabelos
régios! Que esplenda Oríon junto a Aquário.

67

POETA
Ó tu que és cara ao doce esposo, cara ao pai,
salve!, te faça benefícios Júpiter,
Porta, que – dizem – muito bem serviste outrora
Balbo, quando este ancião morou na casa,
mas que, em vez, muito mal – se diz – serviste as bodas
ao possuir-te, morto o velho, cônjuges.
Ei!, diz por que de ti se conta que, mudada,
a antiga fé ao dono desertaste.

PORTA
Não (que assim a Cecílio agrade, que é meu dono)

(pace tua fari hic liceat, Rhamnusia uirgo;
namque ego non ullo uera timore tegam,
nec si me infestis discerpent sidera dictis,
Condita quin uere pectoris euoluam);
non his tam laetor rebus, quam me afore semper,
afore me a dominae uertice discrucior,
quicum ego, dum uirgo quondam fuit, omnibus expers
unguentis, una milia multa bibi.
Nunc uos, optato quom iunxit lumine taeda,
non prius unanimis corpora coniugibus
tradite nudantes reiecta ueste papillas,
quam iocunda mihi munera libet onyx,
uester onyx, casto colitis quae iura cubili.
Sed quae se impuro dedit adulterio,
illius a! mala dona leuis bibat irrita puluis;
namque ego ab indignis praemia nulla peto.
Sed magis, o nuptae, semper Concordia uostras
semper amor sedes incolat assiduus.
Tu uero, regina, tuens cum sidera diuam
placabis festis luminibus Venerem,
unguinis expertem non siris esse tuam me,
sed potius largeis affice muneribus
(sidera cur iterem?) iterum ut coma regia fiam:
proximus Hydrochoi fulgeret Oarion!

67

O dulci iocunda uiro, iocunda parenti,
salue, teque bona Iupiter auctet ope,
Ianua, quam Balbo dicunt seruisse benigne
olim, cum sedes ipse senex tenuit,
quamque ferunt rursus uoto seruisse maligne,
postquam es porrecto facta marita sene.
Dic age de uobis, quare mutata feraris
in dominum ueterem deseruisse fidem.

Non (ita Caecilio placeam, cui tradita nunc sum)

é culpa minha embora digam que é
nem pode alguém de mim dizer algum deslize
porém a toda a gente a causa é a Porta,
pois toda vez que algum delito se descobre
todos gritam-me: "ó Porta, a culpa é tua!"

POETA
Não basta dizer isto numa só palavra,
melhor fazer que todos sintam, vejam.

PORTA
Como posso? Ninguém procura ou quer saber.

POETA
Eu quero; não hesites em dizer-me.

PORTA
Primeiro – contam – virgem veio-nos a jovem;
é falso: o esposo a não tocou primeiro.
Nele, a broxa, pendendo mais mole que acelga,
nunca se levantou em meio à túnica.
Mas fala-se que o pai violou do próprio filho
o leito e conspurcou a casa mísera.
Porque, ímpia de um cego amor, ardia a alma
ou porque o filho inerme tinha estéril sêmen,
era preciso alguém que mais nervo tivesse
no que soltasse o cinto virginal.

POETA
Falas de um pai distinto, de zelo admirável,
que ejaculou no seio caro ao filho.

PORTA
E não só disso Bríxia diz que está sabendo,
Bríxia aos pés do mirante do rei Cicno,
vila em que o flavo Mela em moles fluxos corre,
Bríxia – mãe bem amada de Verona
minha – mas de Postúmio e do amor de Cornélio,
aos quais a jovem deu-se em adultério.
Alguém dirá: "mas como, Porta, sabes disto,

culpa mea est, quamquam dicitur esse mea,
nec peccatum a me quisquam pote dicere quicquam;
uerum istis populis ianua quidque facit,
qui, quacunque aliquid reperitur non bene factum,
ad me omnes clamant: "Ianua, culpa tua est."

Non istuc satis est uno te dicere uerbo,
sed facere ut quiuis sentiat et uideat.

Qui possum? nemo quaerit nec scire laborat.

Nos uolumus; nobis dicere ne dubita.

Primum igitur, uirgo quod fertur tradita nobis,
falsum est. Non illam uir prior attigerit,
languidior tenera cui pendens sicula beta
numquam se mediam sustulit ad tunicam;
sed pater illius gnati uiolasse cubile
dicitur et miseram conscelerasse domum,
siue quod impia mens caeco flagrabat amore,
seu quod iners sterili semine natus erat
et quaerendus is unde foret neruosius illud
quod posset zonam soluere uirgineam.

Egregium narras mira pietate parentem,
qui ipse sui gnati minxerit in gremium.

Atqui non solum hoc se dicit cognitum habere
Brixia Cycneae supposita speculae,
flauus quam molli percurrit flumine Mella,
Brixia Veronae mater amata meae.
Sed de Postumio et Corneli narrat amore,
cum quibus illa malum fecit adulterium.
Dixerit hic aliquis: "qui tu istaec, ianua, nosti,

se dos umbrais de teu senhor não sais,
o povo não escutas, mas presa em batentes
sóis apenas fechar e abrir a casa?"
Muita vez eu a ouvi falar com voz furtiva
sozinha com as amas seus excessos
e mencionar o nome desses que eu citei,
pensando que eu não tinha língua e ouvidos,
e acrescentava um outro de quem não direi
o nome por não dar-me rubro olhar.
É um homem alto, a quem outrora grandes lides
trouxe a farsa de um feto, falsa prole.

68

Que, oprimido por dura sorte e desventura,
me envias esta carta escrita em lágrimas,
por que um náufrago eu salve das ondas que espumam
no mar, e do portal da morte eu tire
a quem nem Vênus deusa em doce sono deixa,
deserto, descansar em leito só,
nem a Musa no canto de antigos poetas
deleita, e a mente aflita faz vigília –
isto me apraz pois, vejo, me tens teu amigo,
e dons da Musa pedes e de Vênus;
mas não esqueças, Álio, meus agravos nem
creias que odeie meus deveres de hóspede,
e vê as vagas de infortúnio em que eu afundo:
não peças alegria a um infeliz.
No tempo em que vesti a toga branca, quando
a vida em flor trazia primaveras,
muito me diverti com versos, nem me esquece
a deusa que ata doce e amaro a amor:
mas tal empenho, em luto, a morte irmã tolheu-me
(eu, mísero), ah irmão!, de mim roubado,
tu, irmão, ao morrer, partiste minha calma,
contigo nossa casa está enterrada,
contigo foi-se embora, vã, nossa alegria
que em vida teu gentil amor nutria.
Por sua morte afugentei da mente inteira

cui numquam domini limine abesse licet,
nec populum auscultare, sed heic suffixa tigillo
tantum operire soles aut aperire domum?"
Saepe illam audiui furtiua uoce loquentem
solam cum ancillis haec sua flagitia,
nomine dicentem quos diximus, ut pote quae mi
speret nec linguam esse nec auriculam,
praeterea addebat quendam, quem dicere nolo
nomine, ne tollat rubra supercilia.
Longus homo est, magnas quoi lites intulit olim
falsum mendacei uentre puerperium.

68

Quod mihi fortuna casuque oppressus acerbo
conscriptum hoc lacrimis mittis epistolium,
naufragum ut eiectum spumantibus aequoris undis
subleuem et a mortis limine restituam,
quem neque sancta Venus molli requiescere somno
desertum in lecto caelibe perpetitur,
nec ueterum dulci scriptorum carmine Musae
oblectant, cum mens anxia peruigilat,
id gratum est mihi, me quoniam tibi dicis amicum,
muneraque et Musarum hinc petis et Veneris;
sed tibi ne mea sint ignota incommoda, mi Alli,
neu me odisse putes hospitis officium,
accipe, quis merser fortunae fluctibus ipse,
ne amplius a misero dona beata petas.
Tempore quo primum uestis mihi tradita pura est,
iocundum cum aetas florida uer ageret,
multa satis lusi; non est dea nescia nostri,
quae dulcem curis miscet amaritiem;
sed totum hoc studium luctu fraterna mihi mors
abstulit. O misero frater adempte mihi,
tu mea tu moriens fregisti commoda, frater,
tecum una tota est nostra sepulta domus,
omnia tecum una perierunt gaudia nostra,
quae tuus in uita dulcis alebat amor.
Cuius ego interitu tota de mente fugaui

tais empenhos e da alma tais delícias;
quando então dizes, Álio, "é tolice, Catulo,
ficares em Verona, que um Romano
já esquenta o frio dos pés no leito que deixaste",
isto não é tolice, mas tristeza;
perdoarás se o que este luto me tomou –
meus dons – não te conceda: não consigo,
e livros eu não tenho aqui comigo muitos
(em Roma vivo: aí é minha casa,
aí, minha morada, aí desfruto a vida)
se dentre todos, poucos me acompanham.
Assim não vás pensar que por maldade ou muita
ingratidão no peito eu faça isto:
nenhum verso verter dos dois pedidos teus;
bem mais faria se algo mais pudesse.

Não posso calar, deusas, como Álio ajudou-me,
ou com quantos favores me ajudou.
Nem o tempo, fugindo nos séc'los que olvidam,
com cega noite cubra o seu empenho;
mas eu vos direi, vós logo a muitos dizei:
nem que antigo, o papel fazei falar,
POR QUE EM MEUS VERSOS VIVA MESMO APÓS MORRER;
morto seja lembrado mais e mais,
nem alta aranha, urdindo tênue teia, a obra
erga sobre o perdido nome de Álio.
Pois a dor que me deu a dúplice Amatúsia
sabeis e como fez por corroer-me,
quando ardi tanto quanto as penhas da Trinácria
e, no Eta, as águas Málias das Termópilas:
tristes de assíduo choro os olhos consumiam-se
e afundava-se a face em ondas míseras,
qual luzindo nas cimas de etérea montanha
salta um riacho da mucosa pedra
e que a rolar precípite do vale prono
em meio a denso povo faz caminho,
doce alívio ao suor do viandante lasso,
quando a estiagem sulca a terra exausta.
Então, tal qual ao nauta em meio a negro vórtice,
soprando afável, vem um vento leve

haec studia atque omnes delicias animi.
Quare, quod scribis Veronae turpe Catullo
esse, quod hic quisquis de meliore nota
frigida deserto tepefactat membra cubili,
id, mi Alli, non est turpe, magis miserum est.
Ignosces igitur, si, quae mihi luctus ademit,
haec tibi non tribuo munera, cum nequeo.
Nam, quod scriptorum non magna est copia apud me,
hoc fit, quod Romae uiuimus; illa domus,
illa mihi sedes, illic mea carpitur aetas;
huc una ex multis capsula me sequitur.
Quod cum ita sit, nolim statuas nos mente maligna
id facere aut animo non satis ingenuo,
quod tibi non utriusque petenti copia parta est:
ultro ego deferrem, copia siqua foret.

Non possum reticere, deae, qua me Allius in re
iuuerit aut quantis iuuerit officiis;
nec fugiens saeclis obliuiscentibus aetas
illius hoc caeca nocte tegat studium;
sed dicam uobis, uos porro dicite multis
milibus et facite haec carta loquatur anus,
uersibus ut nostris etiam post funera uiuat
notescatque magis mortuus atque magis,
nec tenuem texens sublimis aranea telam
in deserto Alli nomine opus faciat.
Nam, mihi quam dederit duplex Amathusia curam,
scitis, et in quo me corruerit genere,
cum tantum arderem quantum Trinacria rupes
lymphaque in Oetaeis Malia Thermopylis,
maesta neque assiduo tabescere lumina fletu
cessarent tristique imbre madere genae.
Qualis in aerii perlucens uertice montis
riuus muscoso prosilit e lapide,
qui cum de prona praeceps est ualle uolutus,
per medium densi transit iter populi,
dulce uiatori lasso in sudore leuamen,
cum grauis exustos aestus hiulcat agros;
hic, uelut in nigro iactatis turbine nautis
lenius aspirans aura secunda uenit

da prece a Pólux já, já rezada a Castor,
assim foi Álio auxílio para mim.
Ele as vias me abriu largas em campo ocluso,
me deu morada e deu-me à sua dona,
e lá comuns nós praticávamos amores
e clara minha deusa em passo manso
entrou e os pés sobre alisado umbral luzentes
deteve entre sandálias sonorosas,
qual Laodamia outrora ardendo pelo esposo
à casa veio de Protesilau,
de mau começo até que os celestes senhores
sacro aplacasse o sangue de uma vítima.
Que eu não venha a querer nada, ó virgem Ramnúsia,
que contrários senhores mal acolhem.
Com quanta sede o altar queria o pio cruor
viu Laodamia ao partir seu marido,
do novo esposo os braços tendo que largar
antes que um após outro a vir invernos
amor voraz em longas noites saturassem,
para aturar viver, rompido o enlace.
Já sabiam as Parcas: partiria em breve,
se partisse soldado aos muros de Ílio
pois do rapto de Helena, primeiros Argivos,
Tróia atraía homens junto a si.
Tróia, nefas!, comum sepulcro a Europa e Ásia,
Tróia – aos fortes, às forças, todos, áspera
cinza – tão miserável morte ao meu irmão
trouxe, ah irmão roubado a mim tão triste,
de ti tão triste, irmão, ah, luz também roubada,
contigo nossa casa está enterrada,
contigo foi-se embora, vã, nossa alegria
que em vida teu gentil amor nutria.
E agora longe estás, nem dentre conhecidas
tumbas nem junto às cinzas de parentes;
mas em Tróia fatal, Tróia cruel, areias,
terras alheias lá têm-te enterrado,
às quais se diz que às pressas juntos jovens Gregos
foram abandonando arcanos lares
por que Páris, gozando a amante que raptou,
em calmo leito não fruísse fácil

iam prece Pollucis, iam Castoris implorata,
tale fuit nobis Allius auxilium.
Is claussum lato patefecit limite campum,
isque domum nobis isque dedit dominam,
atque ubi communes exerceremus amores.
Quo mea se molli candida diua pede
intulit et trito fulgentem in limine plantam
innixa arguta constituit solea,
coniugis ut quondam flagrans aduenit amore
Protesilaeam Laudamia domum
inceptam frustra, nondum cum sanguine sacro
hostia caelestis pacificasset eros.
Nil mihi tam ualde placeat, Rhamnusia uirgo,
quod temere inuitis suscipiatur eris.
Quam ieiuna pium desideret ara cruorem,
docta est amisso Laudamia uiro,
coniugis ante coacta nouei dimittere collum,
quam ueniens una atque altera rursus hiems
noctibus in longis auidum saturasset amorem,
posset ut abrupto uiuere coniugio,
quod scibant Parcae non longo tempore abisse,
si miles muros isset ad Iliacos;
nam tum Helenae raptu primores Argiuorum
coeperat ad sese Troia ciere uiros,
Troia (nefas) commune sepulcrum Asiae Europaeque,
Troia uirum et uirtutum omnium acerba cinis
quaene etiam nostro letum miserabile fratri
attulit. Ei misero frater adempte mihi!
Ei misero fratri iocundum lumen ademptum!
Tecum una tota est nostra sepulta domus,
omnia tecum una perierunt gaudia nostra,
quae tuus in uita dulcis alebat amor.
Quem nunc tam longe non inter nota sepulcra
nec prope cognatos compositum cineris.
Sed Troia obscena, Troia infelice sepultum
detinet extremo terra aliena solo.
Ad quam tum properans fertur simul undique pubes
Graeca penetralis deseruisse focos,
nei Paris abducta gauisus libera moecha
otia pacato degeret in thalamo.

ócio: então te roubaram, linda Laodamia,
teu enlace mais doce que alma e vida
pois te absorvendo em tanto vórtice de amor
a ardência a abismo te levou abrupto,
qual o de Fêneo de Cilene, os Gregos dizem,
que haurindo humores seca o solo píngüe,
que (é fama) fez, talhando as medulas do monte,
de falso pai o filho de Anfitrião
quando com certas setas no Estinfalo os monstros
matou a mando de um senhor pior
para a porta do céu a mais deuses abrir-se
e Hebe não ser de longa virgindade.
Mas teu amor mais fundo foi que fundo abismo
pois te ensinou sofrer, domada, o jugo:
nada mais grato ao pai pela idade abalado
que um neto temporão que a filha embala,
que, herdeiro, vindo enfim, da fortuna do avô,
seu nome faz lavrar no testamento,
que aos risos do parente causando irrisão,
o espanta, abutre, da cabeça em cãs.
Nem tem tanto prazer com o seu branco par
a pomba que, se diz, desfruta beijos
das bocas sempre a dar mordidas, menos proba
que a mulher que por muitos tem quereres.
Mas tu sozinha a estes furores venceste,
ao reveres de vez teu loiro esposo.
A esta pouco ou nada tendo a conceder,
Minha Luz a meus braços entregou-se
e correndo-lhe à volta aqui e ali Cupido
claro brilhava em túnica açaflor,
e embora com um só Catulo não contente,
porque é discreta, as raras fugas vamos
tolerar (não causemos tédio como os tolos).
Até Juno, a maior entre os celícolas,
calou muito ódio ardente às culpas do marido –
Jove, o de muito querer, muitas fugas.
Mas não é justo comparar homens a deuses
NEM MALES NÓS SOFREMOS TANTOS COMO
JUNO; ENTÃO DEIXA AS QUEIXAS E FIRME, CATULO,
larga a tarefa ingrata de pais trêmulos,

Quo tibi tum casu, pulcerrima Laudamia,
ereptum est uita dulcius atque anima
coniugium; tanto te absorbens uertice amoris
aestus in abruptum detulerat barathrum,
quale ferunt Grai Peneum prope Cylleneum
siccare emulsa pingue palude solum,
quod quondam caesis montis fodisse medullis
audit falsiparens Amphitryoniades,
tempore quo certa Stymphalia monstra sagitta
perculit imperio deterioris eri,
pluribus ut caeli tereretur ianua diuis,
Hebe nec longa uirginitate foret.
Sed tuus altus amor barathro fuit altior illo,
qui tum te domitam ferre iugum docuit;
nam nec tam carum confecto aetate parenti
una caput seri nata nepotis alit,
qui, cum diuitiis uix tandem inuentus auitis
nomen testatas intulit in tabulas,
impia derisi gentilis gaudia tollens
suscitat a cano uolturium capiti;
nec tantum niueo gauisa est ulla columbo
compar, quae multo dicitur improbius
oscula mordenti semper decerpere rostro
quam quae praecipue multiuola est mulier;
sed tu horum magnos uicisti sola furores,
ut semel es flauo conciliata uiro
aut nihil aut paulo cui tum concedere digna
Lux mea se nostrum contulit in gremium,
quam circumcursans hinc illinc saepe Cupido
fulgebat crocina candidus in tunica.
Quae tamenetsi uno non est contenta Catullo,
rara uerecundae furta feremus erae,
ne nimium simus stultorum more molesti.
Saepe etiam Iuno, maxima caelicolum,
coniugis in culpa flagrantem condidit iram,
noscens omniuoli plurima furta Iouis.
Atqui nec diuis homines componier aequm est,
nec mala quot Iuno quantaue, nos patimur,
tolle igitur questus, et forti mente, Catulle,
ingratum tremuli tolle parentis onus.

Zeus e Hera. Métopa de calcário
de um templo de Selinunte
Sicília. 460 a.C.

pois ela pela mão do pai trazida não
veio à casa a exalar olor Assírio,
mas numa noite incrível dons furtivos deu-me,
próprios dos braços de seu próprio esposo;
basta-me, pois, que só a mim foi dado um dia
que ela marca com pedra bem mais branca.
Para ti o que pude, um dom, perfeito em versos,
te dou, Álio, por teus favores todos,
por que ferrugem não te cubra o nome, espessa
cada dia que passa, todo dia.
Que os deuses tragam cá seus dons sem fim, que Têmis
soía dar aos homens bons de antanho.
Sede felizes, tu e os que são tua vida,
a casa em que gozamos, a senhora,
e a hóspede, que desde o início deu-me abrigo;
de quem todo o meu bem primeiro veio;
que mais que todos é mais grata a mim que eu mesmo:
Minha Luz. Viva, é doce meu viver.

69

Não te admires por que mulher alguma, Rufo,
queira trançar contigo as coxas tenras
nem que a abale o regalo de um vestido raro
ou mesmo a luz, delícias de um diamante.
Tua ruína é a história ruim dum bode horrível
que habita o vale de tuas axilas.
Temem-no todos, não espanta: a fera é má,
com quem meninas belas não se deitam.
Por isso, ou mata a peste fatal aos narizes
ou deixa de admirar-te por que fogem.

70

Minha mulher me diz que com ninguém se casa
menos eu, nem se Júpiter pedir.
Diz. Mas o que a mulher diz ao amante ardente
convém 'screver no vento e na água rápida.

*Nec tamen illa mihi dexstra deducta paterna
fragrantem Assyrio uenit odore domum,
sed furtiua dedit mira munuscula nocte,
ipsius ex ipso dempta uiri gremio.
Quare illud satis est, si nobis is datur unis
quem lapide illa diem candidiore notat.
Hoc tibi, quod potui, confectum carmine munus
pro multis, Alli, redditur officiis,
ne uostrum scabra tangat rubigine nomen
haec atque illa dies atque alia atque alia.
Huc addent diui quam plurima, quae Themis olim
antiquis solita est munera ferre piis;
seitis felices et tu simul et tua uita
et domus ipsi in qua lusimus et domina,
et qui principio nobis terram dedit hospes
a quo sunt primo omnia nata bona,
et longe ante omnes mihi quae me carior ipso est,
Lux mea, qua uiua uiuere dulce mihi est.*

69

*Noli admirari, quare tibi femina nulla,
Rufe, uelit tenerum supposuisse femur;
non si illam rarae labefactes munere uestis
aut perluciduli deliciis lapidis.
Laedit te quaedam mala fabula, qua tibi fertur
valle sub alarum trux habitare caper.
Hunc metuunt omnes. Neque mirum; nam malla ualde est
bestia, nec quicum bella puella cubet.
Quare aut crudelem nasorum interfice pestem,
aut admirari desine cur fugiunt.*

70

*Nulli se dicit mulier mea nubere malle
quam mihi, non si se Iupiter ipse petat.
Dicit; sed mulier cupido quod dicit amanti
in uento et rapida scribere oportet aqua.*

71

Se a alguém com jus o bode infame das axilas
lesa, ou se alguém merece a gota lerda,
é o teu rival, que faz amor com teus amores,
que um e outro mal de ti pegou – incrível –
pois quanto ele a fodeu, foi quanto aos dois puniu:
nela pôs mau cheiro e ele tem a gota.

72

Outrora, Lésbia, tu dizias só existir
Catulo e a mim nem preferir ter Júpiter.
Então te quis, não como o povo quer amantes
mas como um pai os filhos quer e os genros.
Agora te conheço e bem que muito eu queime,
não vales tanto nem te levo em conta.
"Como?", dizes. Injúria tal leva quem ama
a amar bem mais, porém bem querer, menos.

73

Desiste de esperar de alguém alguma coisa
ou crer que alguém será reconhecido.
É tudo ingratidão, em nada é bom ter feito o
bem, não!, dá tédio, mais: faz mal qual fez
comigo, a quem ninguém mais grave e fundo fere
que quem só eu de amigo teve e único.

74

Gélio ouvira que o tio soía censurar
quem delícias contasse ou quem fizesse.
Não quis passar por isto, então comeu a esposa
do tio e desse tio fez um Harpócrates.
Fez o que quis porque, por mais que foda a boca
do tio, o tio não falará palavra.

71

Si quoi iure bono sacer alarum obstitit hircus,
aut si quem merito tarda podagra secat,
aemulus iste tuus, qui uostrum exercet amorem,
mirifice est a te nactus utrumque malum.
Nam quotiens futuit, totiens ulciscitur ambos;
illam affligit odore, ipse perit podagra.

72

Dicebas quondam solum te nosse Catullum,
Lesbia, nec prae me uelle tenere Iouem.
Dilexi tum te non tantum ut uulgus amicam,
sed pater ut gnatos diligit et generos.
Nunc te cognoui; quare etsi impensius uror,
multo mi tamen es uilior et leuior.
Qui potis est? inquis. Quod amantem iniuria talis
cogit amare magis, sed bene uelle minus.

73

Desine de quoquam quicquam bene uelle mereri
aut aliquem fieri posse putare pium.
Omnia sunt ingrata, nihil fecisse benigne
prodest, immo etiam taedet obestque magis,
ut mihi, quem nemo grauuius nec acerbius urget
quam modo qui me unum atque unicum amicum habuit.

74

Gellius audierat patruum obiurgare solere,
si quis delicias diceret aut faceret.
Hoc ne ipsi accideret, patrui perdepsuit ipsam
uxorem et patruum reddidit Harpocratem.
Quod uoluit fecit; nam, quamuis irrumet ipsum
nunc patruum, uerbum non faciet patruus.

Casal de amantes
Relevo esculpido na tampa de um espelho de bronze, Roma
Século I d.C.

75

Tanto errou pensamento por tua culpa, minha
Lésbia, por seu fervor tanto perdeu-se,
que te querer não pode, se fores seu bem,
nem deixar de amar, se todo seu mal.

76

Se ao homem que recorda os feitos bons de outrora
existe algum prazer ao ver que é pio,
que não faltou à fé jurada nem do nome
usou dos deuses por perder os homens
num pacto, a ti, Catulo, é grande, vida afora,
em paga, a dita deste ingrato amor.
Pois quanto os homens podem bendizer ou bem
fazer está por ti já dito e feito.
E tudo terminou confiado a um peito ingrato.
Por que então te torturas tanto assim?
Por que não firmas o ânimo e, senhor de si,
e deuses contra, deixas de ser triste?
Difícil é deixar súbito um longo amor.
É difícil, mas tenta como podes.
Só isto é salvação, isto tens de fazer.
Que o faças, se impossível ou possível.
Ó deuses, se é de vós ter pena ou se já a alguém
último auxílio destes na sua morte,
olhai-me triste e se uma vida levei pura,
arrancai-me esta peste e perdição,
que sub-reptícia qual torpor nos membros dentro
alegria expulsou do peito inteiro.
Eu já não quero de sua parte que me queira,
e – impossível – que venha a ter pudor.
Quero estar bem, deixar esta dor ruim. Deuses!
Isto me dai por minha piedade.

75

Huc est mens deducta tua, mea Lesbia, culpa,
atque ita se officio perdidit ipsa suo,
ut iam nec bene uelle queat tibi, si optuma fias,
nec desistere amare, omnia si facias.

76

Siqua recordanti benefacta priora uoluptas
est homini, cum se cogitat esse pium,
nec sanctam uiolasse fidem, nec foedere nullo
diuum ad fallendos numine abusum homines,
multa parata manent tum in longa aetate, Catulle,
ex hoc ingrato gaudia amore tibi.
Nam quaecumque homines bene cuiquam aut dicere possunt
aut facere, haec a te dictaque factaque sunt;
omniaque ingratae perierunt credita menti.
Quare cur te iam amplius excrucies?
Quin tu animum offirmas atque istinc teque reducis
et deis inuitis desinis esse miser?
Difficile est longum subito deponere amorem.
Difficile est, uerum hoc qua lubet efficias.
Vna salus haec est, hoc est tibi peruincendum;
hoc facias, siue id non pote siue pote.
O dei, si uestrum est misereri, aut si quibus unquam
extremam iam ipsa in morte tulistis opem,
me miserum aspicite et, si uitam puriter egi,
eripite hanc pestem perniciemque mihi,
quae mihi subrepens imos ut torpor in artus
expulit ex omni pectore laetitias.
Non iam illud quaero, contra ut me diligat illa,
aut, quod non potis est, esse pudica uelit;
ipse ualere opto et taetrum hunc deponere morbum.
O dei, reddite mi hoc pro pietate mea.

77

Rufo!, que à toa e em vão pensei ser meu amigo
(à toa? Não, por alto preço e dano):
tu me traíste e assim, queimando minhas vísceras,
de mim tão triste todo bem roubaste?
Roubaste. Ah!, que veneno bem cruel em minha
vida, e à nossa amizade, ah!, perdição!

78

Galo tem dois irmãos, dos quais a esposa de um
é lindíssima e é lindo o filho do outro.
Galo é fino, pois doces junta amores: deixa
deitar com jovem fino fina jovem.
Galo é um tolo: não viu ainda que é marido
e tio, e ensina a se trair um tio.

78b

EU NÃO ME QUEIXARIA, LÉSBIO, DE TEUS MAUS
COSTUMES SE POLUÍSSES SÓ TEUS PARES.
Mas dói-me que em meninas puras, puros lábios,
tua saliva imunda lá mijou.
Mas não sairás impune, os séc'los todos vão
saber, velha, dirá quem és a fama.

79

Lésbio é pulcro, não é? Lésbia o quer mais, Catulo,
do que a ti, do que toda tua gente.
Mas que este pulcro venda Catulo e sua gente
se achar quem chegue até o terceiro beijo.

77

Rufe, mihi frustra ac nequiquam credite amice,
(frustra? immo magno cum pretio atque malo),
sicine subrepsti mei, atque intestina perurens
ei misero eripuisti omnia nostra bona?
Eripuisti, eheu nostrae crudele uenenum
uitae, eheu nostrae pestis amicitiae.

78

Gallus habet fratres, quorum est lepidissima coniunx
alterius, lepidus filius alterius.
Gallus homo est bellus; nam dulces iungit amores,
cum puero ut bello bella puella cubet.
Gallus homo est stultus nec se uidet esse maritum,
qui patruus patrui monstret adulterium.

78b

Lesbi, non quererer te foedis moribus esse,
si turpes tantum pollueres socios:
sed nunc id doleo, quod purae pura puellae
sauia conminxit spurca saliua tua.
Verum id non impune feres; nam te omnia saecla
noscent, et qui sis fama loquetur anus.

79

Lesbius est pulcer; quid ni? quem Lesbia malit
quam te cum tota gente, Catulle, tua.
Sed tamen hic pulcer uendat cum gente Catullum,
si tria notorum sauia reppererit.

80

Por que teus lábios róseos, Gélio, estão mais brancos
que a neve, quando cedo sais de casa
ao frio, ou quando a oitava hora te desperta
de suave sesta após um dia estivo?
Não sei ao certo. É vero o que sussurra a fama,
devoras o que é teso e grande em homens?
É certo: rotas clamam virilhas de Vítor,
coitado, e marcas de esperma em teus lábios.

81

Não havia, Juvêncio, em povo tão imenso,
um homem belo a quem quisesses mais
que esse aí de Pisauro em ruínas, teu hóspede,
mais pálido que estátua redourada,
que mora no teu peito e que ousas querer mais
que a mim? Não vês o crime que cometes!

82

Se queres, Quíntio, que te dê Catulo os olhos,
ou mais, se algo mais caro há que seus olhos,
não vás tolher o que é muito mais caro a ele
que seus olhos, se algo há mais caro que olhos.

83

Lésbia, na frente do marido, fala mal
de mim, prazer enorme ao imbecil.
Sua besta, nada vês! Se, esquecida de mim,
calasse, ela estaria sã, mas berra,
xinga, pois não só lembra, mas – o que mais forte –
tem ódio, isto é, já arde; logo, fala.

80

Quid dicam, Gelli, quare rosea ista labella
hiberna fiant candidiora niue,
mane domo cum exis et cum te octaua quiete
e molli longo suscitat hora die?
Nescio quid certe est; an uere fama susurrat
grandia te medii tenta uorare uiri?
Sic certe est; clamant Victoris rupta miselli
ilia et emulso labra notata sero.

81

Nemone in tanto potuit populo esse, Iuuenti,
bellus homo, quem tu diligere inciperes,
praterquam iste tuus moribunda a sede Pisauri
hospes inaurata pallidior statua,
qui tibi nunc cordi est, quem tu praeponere nobis
audes? ei! nescis quod facinus facias.

82

Quinti, si tibi uis oculos debere Catullum
aut aliud, si quid carius est oculis,
eripere ei noli multo quod carius illi
est oculis, seu quid carius est oculis.

83

Lesbia mi praesente uiro mala plurima dicit;
haec illi fatuo maxima laetitia est.
Mule, nihil sentis. Si nostri oblita taceret,
sana esset; nunc quod gannit et obloquitur,
non solum meminit, sed, quae multo acrior est res,
irata est; hoc est, uritur et loquitur.

84

Árrio dizia "rúbrica" em vez de rubrica
e por pudico "púdico" dizia
e achava que falava tão incrivelmente
que, se podia, "púdico" dizia.
Creio que assim a mãe, assim o tio liberto,
assim o avô materno e a avó falavam.
Foi à Hispânia e os ouvidos descansaram todos;
as palavras soavam leves, lindas
e tais palavras nunca mais ninguém temeu.
Súbito chega a hórrida notícia:
os Iberos, depois que Árrio foi para lá,
Iberos já não eram, eram "Íberos".

85

Odeio e amo. Talvez queiras saber "como?"
Não sei. Só sei que sinto e crucifico-me.

86

Para muitos Quíntia é bela, para mim é
clara, esguia, bem feita; isto eu aceito,
de todo nego aquele "bela". Pois beleza
alguma, nenhum gosto há em tão grande
corpo. Lésbia sim é linda: toda belíssima,
só ela a todas roubou toda a graça.

87

Mulher alguma pode se dizer bastante
amada quanto amada é por mim Lésbia.
Em pacto algum jamais houve tanta confiança
quanto a que em mim se viu em teu amor.

84

Chommoda dicebat, si quando commoda uellet
dicere, et insidias Arrius hinsidias,
et tum mirifice sperabat se esse locutum,
cum quantum poterat dixerat hinsidias.
Credo, sic mater, sic liber auunculus eius,
sic maternus auus dixerat atque auia.
Hoc misso in Syriam requierant omnibus aures;
audibant eadem haec leniter et leuiter,
nec sibi postilla metuebant talia uerba,
cum subito affertur nuntius horribilis,
Ionios fluctus, postquam illuc Arrius isset,
iam non Ionios esse, sed Hionios.

85

Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.

86

Quintia formosa est multis, mihi candida, longa,
recta est. Haec ego sic singula confiteor,
totum illud "formosa" nego; nam nulla venustas,
nulla in tam magno est corpore mica salis.
Lesbia formosa est, quae cum pulcerrima tota est,
tum omnibus una omnis subripuit ueneres.

87

Nulla potest mulier tantum se dicere amatam
uere, quantum a me Lesbia amata mea es.
Nulla fides nullo fuit umquam foedere tanta,
quanta in amore tuo ex parte reperta mea est.

88

O que faz, Gélio, quem com mãe e com irmã
se excita e nu as noites passa em claro?
O que faz quem ao tio não deixa ser marido?
Não sabes que comete crime enorme?
Comete, Gélio, o que nem Tétys, cerca-mundo,
nem, pai das ninfas, o Oceano lava.
Pois crime algum não há maior que o seu, nem que ele
baixe a cabeça e engula-se a si mesmo.

89

Gélio é magrinho, não? Quem tem tão boa mãe,
tão dadivosa, e tem irmã tão linda,
e tio tão bom, de todo lado tendo moças
por parentes, não ia ser tão magro?
Se bem não toque em nada em que tocar é nefas
verás razões demais por que ele é magro.

90

Do nefando conúbio de Gélio e a mãe surja
um mago e aprenda o aruspício Persa.
De mãe com filho é que convém que venha um mago –
se é vera a ímpia religião dos Persas –
por que, propícios por seu canto, os deuses louve
e queime vísceras em píngüe chama.

91

Se eu esperava, Gélio, que ias ser fiel
neste meu triste, neste amor perdido,
não foi por conhecer-te bem, te achar constante,
em quem a mente afasta a infâmia torpe,
mas por não ser nem tua mãe nem tua irmã

88

Quid facit is, Gelli, qui cum matre atque sorore
prurit et abiectis peruigilat tunicis?
Quid facit is patruum qui non sinit esse maritum?
Ecquid scis quantum suscipiat sceleris?
Suscipit, o Gelli, quantum non ultima Tethys
nec genitor nympharum abluit Oceanus;
nam nihil est quicquam sceleris quo prodeat ultra,
non si demisso se ipse uoret capite.

89

Gellius est tenuis; quid ni? cui tam bona mater
tamque ualens uiuat tamque uenusta soror,
tamque bonus patruus, tamque omnia plena puellis
cognatis, quare is desinat esse macer?
Qui ut nihil attingat nisi quod fas tangere non est,
quantumuis quare sit macer inuenies.

90

Nascatur magus ex Gelli matrisque nefando
coniugio et discat Persicum aruspicium;
nam magus ex matre et gnato gignatur oportet,
si uera est Persarum impia religio,
gratus ut accepto ueneretur carmine diuos,
omentum in flamma pingue liquefaciens.

91

Non ideo, Gelli, sperabam te mihi fidum
in misero hoc nostro, hoc perdito amore fore,
quod te cognossem bene constantemue putarem
aut posse a turpi mentem inhibere probro,
sed neque quod matrem nec germanam esse uidebam

esta por quem um grande amor tragava-me.
E embora eu tendo estreitas relações contigo,
não quis crer que esta causa te bastasse.
Bastou-te. E para ti prazer está em toda
falta em que há qualquer coisa criminosa.

92

Lésbia só fala mal de mim, sempre, e não cala
nunca; que eu morra se ela não me ama.
Como sei? Também tenho tal sintoma; ataco-a
muito: que eu morra, sim, se não a amo.

93

Pouco me importa, César, querer te agradar,
nem quero saber se és Grego ou Troiano.

94

Sim. Pinto tem amantes. Tem amantes Pinto?
O nome, como dizem, faz o homem.

95

Esmirna de meu Cina, após a nona messe,
do início após o nono inverno surge
enquanto Hortênsio FÉTIDO num ANO *só*
milhares DE VERSINHOS VOMITOU.
Esmirna vai às ondas côncavas do Sátraco.
Esmirna séculos em cãs vão ler.
E os *Anais* de Volúsio em Pádua vão morrer
e aos peixes muita vez dar largas túnicas.
Que eu em meu coração seus minimonumentos
guarde e, túmido, a turba queira Antímaco.

hanc tibi, cuius me magnus edebat amor,
et quamuis tecum multo coniungerer usu,
non satis id causae credideram esse tibi.
Tu satis id duxti; tantum tibi gaudium in omni
culpa est, in quacumque est aliquid sceleris.

92

Lesbia mi dicit semper male nec tacet umquam
de me; Lesbia me dispeream nisi amat.
Quo signo? quia sunt totidem mea; deprecor illam
assidue, uerum dispeream nisi amo.

93

Nil nimium studeo, Caesar, tibi uelle placere,
nec scire utrum sis albus an ater homo.

94

Mentula moechatur. Moechatur mentula? Certe.
Hoc est quod dicunt, ipsa olera olla legit.

95

Zmyrna mei Cinnae nonam post denique messem
quam coepta est nonamque edita post hiemem,
milia cum interea quingenta Hortensius uno
uersiculorum anno putidus euomuit,
Zmyrna cauas Satrachi penitus mittetur ad undas,
Zmyrnam cana diu saecula peruoluent.
At Volusi Annales Paduam morientur ad ipsam
et laxas scombris saepe dabunt tunicas.
Parua mei mihi sint cordi monumenta sodalis,
at populus tumido gaudeat Antimacho.

96

Se à muda cinza algum carinho e agrado, ó Calvo,
pode dar nossa dor – esta saudade
com que nós renovamos antigos amores
e choramos perdidas amizades,
certo Quintília já não sofre pela morte
tão precoce, mas goza teu amor.

97

Não creio (deuses me socorram) perceber
se a boca ou o cu de Emílio estou cheirando.
Uma não é mais limpa nem mais sujo é o outro.
Mesmo assim é mais limpo o cu, melhor,
pois não tem dentes: dentes a boca tem sesqui-
pedais, gengivas quais de um velho assento,
além de um ricto igual sói ter a vulva, aberta
pelo calor, da mula quando mija.
E muitas ele fode, faz-se de elegante,
e no moinho ou burro não o punem?
Se alguma o toca, não diremos que é capaz
de o cu lamber de um mórbido carrasco?

98

Bem contra ti, se contra alguém, é Véctio fétido,
dizível o que dizem a verbosos
fátuos: com língua tal, se é caso, poderias
lamber uns cus e solas de tamanco.
Se queres, Véctio, a todos nós perder de vez,
abre a boca e de vez virá o que anseias.

96

Si quicquam muteis gratum acceptumue sepulcris
accidere a nostro, Calue, dolore potest,
quo desiderio ueteres renouamus amores
atque olim missas flemus amicitias,
certe non tanto mors immatura dolorist
Quintiliae quantum gaudet amore tuo.

97

Non (ita me di ament) quicquam referre putaui,
utrum os an culum olfacerem Aemilio.
Nilo mundius hoc, nihiloque immundius illud,
uerum etiam culus mundior et melior;
nam sine dentibus est; dentis os sesquipedalis,
gingiuas uero ploxeni habet ueteris,
praeterea rictum qualem diffissus in aestu
meientis mulae cunnus habere solet.
Hic futuit multas et se facit esse uenustum;
et non pistrino traditur atque asino?
Quem siqua attingit, non illam posse putemus
aegroti culum lingere carnificis?

98

In te, si in quemquam, dici pote, putide Vecti,
id quod uerbosis dicitur et fatuis;
ista cum lingua, si usus ueniat tibi, possis
culos et crepidas lingere carpatinas.
Si nos omnino uis omnes perdere, Vecti,
deiscas; omnino quod cupis efficies.

99

Brincavas, meu Juvêncio de mel, e um beijinho
doce roubei, mais doce que ambrosia,
mas não impune pois por uma hora ou mais
senti-me atado à ponta de uma cruz,
me desculpando, mas meus prantos não dobraram
nem um tantinho da maldade tua.
Feito o que fiz, teus lábios, úmidos de muitas
gotas, secaste com teus dedos todos,
por não dar minha boca algum contágio, qual
saliva suja em putas em que mijam,
e mais: não me cessavas de entregar a Amor
cruel e de excruciar-me de mil jeitos,
até aquele beijo de ambrosia, em mim,
tornar-se amargo, mais que o amargo heléboro.
Porque esta é a pena que atribuis a um triste amor,
eu beijos!, nunca mais hei de roubar.

100

Célio a Aufileno, Quíntio a Aufilena, os dois morrem
de amor – a flor dos jovens de Verona –
um ao irmão, à irmã o outro. É como dizem,
tão suave harmonia fraternal.
A quem dou meu pendor? Célio, a ti, pois foi única
tua amizade, fora do comum,
quando flamas me ardiam na medula insanas.
Sê feliz, Célio, sê, no amor, prudente.

101

Por muitos povos e por muitos mares vindo,
chego, irmão, a teu túmulo infeliz
para última dar-te dádiva de morte
e só falar à muda cinza em vão
pois Fortuna tolheu-me de tudo que foste,
ah! triste irmão tão cedo a mim roubado!

99

Surrupui tibi, dum ludis, mellite Iuuenti,
sauiolum dulci dulcius ambrosia.
Verum id non impune tuli; namque amplius horam
suffixum in summa me memini esse cruce,
dum tibi me purgo nec possum fletibus ullis
tantillum uostrae demere saeuitiae.
Nam simul id factum est, multis diluta labella
guttis abstersti omnibus articulis,
nei quicquam nostro contractum ex ore maneret,
tamquam commictae spurca saliua lupae.
Praeterea infesto miserum me tradere Amori
non cessasti omnique excruciare modo,
ut mi ex ambrosia mutatum iam foret illud
sauiolum tristi tristius elleboro.
Quam quoniam poenam misero proponis amori,
numquam iam posthac basia surripiam.

100

Caelius Aufilenum et Quintius Aufilenam
flos Veronensum depereunt iuuenum,
hic fratrem, ille sororem. Hoc est, quod dicitur, illud
fraternum uere dulce sodalitium.
Cui faueam potius? Caeli, tibi; nam tua nobis
perspecta egregie est unica amicitia,
cum uesana meas torreret flamma medullas;
sis felix, Caeli, sis in amore potens.

101

Multas per gentes et multa per aequora uectus
aduenio has miseras, frater, ad inferias,
ut te postremo donarem munere mortis
et mutam nequiquam alloquerer cinerem,
quandoquidem fortuna mihi tete abstulit ipsum,
heu miser indigne frater adempte mihi.

Cena pederástica
Cópia de uma taça de prata
romana em alto-relevo
Século I a.C.-I d.C.

Agora o que por longa tradição dos pais
   ao túmulo se traz – dádiva ingrata –
aceita em muito choro fraterno banhada.
   E para sempre, irmão, olá e adeus.

102

Se algo pode um amigo confiar a quem cala,
   em quem muita se viu fidelidade,
verás, Cornélio, que por jura eu sou um desses
   e crê-me transformado em Harpócrates.

103

Vai, Silão, ou devolve os meus dez mil sestércios,
   e quanto queiras sê cruel, durão,
ou, se as moedas te deleitam, deixa, insisto,
   de ser um gigolô cruel, durão.

104

Tu crês que eu pude maldizer a Minha Vida,
   essa que mais que meus dois olhos amo?
Não pude e, se pudesse, eu não amava insano.
   Mas tu, com Tapo, em tudo vês prodígios.

105

Pinto agora deseja ascender ao Parnaso.
   As Musas monte abaixo a pau o expulsam.

106

Vês um menino lindo e, ao lado, um pregoeiro:
   não crês que está querendo se vender?

Nunc tamen interea haec prisco quae more parentum
   tradita sunt tristi munere ad inferias,
accipe fraterno multum manantia fletu,
   atque in perpetuum, frater, aue atque uale.

102

Si quicquam tacito commissum est fido ab amico,
   cuius sit penitus nota fides animi,
meque esse inuenies illorum iure sacratum,
   Corneli, et factum me esse puta Harpocratem.

103

Aut, sodes, mihi redde decem sestertia, Silo,
   deinde esto quamuis saeuus et indomitus;
aut, si te nummi delectant, desine, quaeso,
   leno esse atque idem saeuus et indomitus.

104

Credis me potuisse meae maledicere uitae,
   ambobus mihi quae carior est oculis?
Non potui, nec, si possem, tam perdite amarem;
   sed tu cum Tappone omnia monstra facis.

105

Mentula conatur Pipleium scandere montem;
   Musae furcillis praecipitem eiciunt.

106

Cum puero bello praeconem qui uidet esse,
   quid credat nisi se uendere discupere?

107

Se alguém, que anseia e quer, atinge o que não mais
esperava, isto alegra bem a alma.
Assim, alegra-me também (mais vale que ouro)
que estás de volta, Lésbia, a mim, que anseio,
de volta a quem te anseia e não espera vens
a mim, ah!, dia de tão clara marca!
Quem vive mais feliz do que eu ou quem dirá
que há coisas mais queridas nesta vida?

108

Se a júri popular vier, Comínio, tua
velhice branca suja de maus modos,
já vejo tua língua, inimiga dos bons,
logo arrancada e entregue a abutres ávidos;
negro corvo escavar teus olhos, devorá-los;
tuas vísceras, cães; e o resto, lobos.

109

Minha Vida!, me dizes que este nosso amor
será feliz aos dois, será eterno.
Deuses grandes, fazei que prometa a verdade,
que sincera e de coração o diga
e que nos seja dado, a vida inteira, sempre
este pacto viver de amor sagrado.

110

Aufilena, as amigas boas ganham loas;
do que querem fazer levam a paga.
Tu prometeste e me negaste: és inimiga;
pegas e nunca dás: cometes crime.
As leais fazem, as pudicas nem prometem,
Aufilena; mas quanto deu raptar,

107

Si quicquam cupido optantique obtigit umquam
insperanti, hoc est gratum animo proprie.
Quare hoc est gratum nobis quoque, carius auro,
quod te restituis, Lesbia, mi cupido,
restituis cupido atque insperanti, ipsa refers te
nobis. O lucem candidiore nota!
Quis me uno uiuit felicior, aut magis hac res
optandas uita dicere quis poterit?

108

Si, Comini, populi arbitrio tua cana senectus
spurcata impuris moribus intereat,
non equidem dubito quin primum inimica bonorum
lingua execta auido sit data uolturio,
effossos oculos uoret atro gutture coruus,
intestina canes, cetera membra lupi.

109

Iocundum, mea uita, mihi proponis amorem
hunc nostrum inter nos perpetuumque fore.
Dei magni, facite ut uere promittere possit,
atque id sincere dicat et ex animo,
ut liceat nobis tota perducere uita
aeternum hoc sanctae foedus amicitiae.

110

Aufilena, bonae semper laudantur amicae;
accipiunt pretium, quae facere instituunt.
Tu quod promisti mihi quod mentita, inimica es,
quod nec das et fers saepe, facis facinus.
Aut facere ingenuae est, aut non promisse pudicae,
Aufilena, fuit; sed data corripere

frustrando o efeito, é bem de meretriz avara,
tal, que se prostitui com todo o corpo.

111

Aufilena!, viver feliz com um só homem
é o louvor dos louvores das esposas.
Mas é melhor deitar quando e com quem quiser
do que, mãe, com o tio gerar irmãos.

112

Falas bem e ninguém de bem, Nasão, contigo
dá na praça: Nasão, és bem veado.

113

Quando Pompeu foi cônsul primeiro, dois, Cina,
freqüentavam Mecília. Outra vez cônsul,
ficaram estes dois: de cada um brotaram
mil. É fértil o sêmen do adultério.

114

Com uma quinta em Firmo, Pinto é rico, julgam
com razão, porque há coisas formidáveis,
viveiro, os peixes todos, campos, pastos, bichos.
Em vão: o lucro não atinge os gastos.
Concedo assim que é rico, mas a quinta é péssima;
louvo a quinta, mas Pinto é indigente.

fraudando effectu est plus quam meretricis auarae,
quae sese toto corpore prostituit.

111

Aufilena, uiro contentam uiuere solo,
nuptarum laus est laudibus ex nimiis;
sed cuiuis quamuis potius succumbere par est,
quam matrem fratres ex patruo parere.

112

Multus homo es, Naso, neque tecum multus homost qui
descendit; Naso, multus es et pathicus.

113

Consule Pompeio primum duo, Cinna, solebant
Moecillam; facto consule nunc iterum
manserunt duo, sed creuerunt milia in unum
singula. Fecundum semen adulterio.

114

Firmano saltu non falso Mentula diues
fertur, qui tot res in se habet egregias,
aucupium, omne genus piscis, prata, arua ferasque
nequiquam; fructus sumptibus exuperat.
Quare concedo sit diues, dum omnia desint.
Saltum laudemus, dum modo ipse egeat.

115

Pinto tem bens: tem trinta jeiras de pastagem,
quarenta de lavoura e o resto é mangue.
Não venceria Creso em riqueza quem tem
num só barranco tanta propriedade –
campos e pastos, muitos bosques, mato, pântano –
até ao Oceano e aos Hiperbóreos?
Tudo tem grande, e ele, entretanto é o maior,
não homem, porém pinto, o perigoso.

116

Com zelo de quem caça eu procurava como
poder mandar-te versos de Calímaco
(já que o cultivas) por dobrar-te e te impedir
de mandar-me na face infestas lanças.
Agora vejo: tudo, Gélio, foi em vão
e foi inútil toda a minha prece.
Co' manto evito tuas lanças: trespassado
das minhas passarás grandes tormentos.

Fragmento 1

Dedico e te consagro este bosque, Priapo,
na lei que vige em Lâmpsaco, teu lar, Priapo.
Em suas urbes sobretudo a ti cultua
o Helesponto, mais rico em ostras que outras praias.

115

Mentula habet instar triginta iugera prati,
quadraginta arui; cetera sunt maria.
Cur non diuitiis Croesum superare potis sit,
uno qui in saltu tot bona possideat,
prata, arua, ingentis siluas saltusque paludesque
usque ad Hyperboreos et mare ad Oceanum?
Omnia magna haec sunt, tamen ipsest maximus ultro,
non homo, sed uero mentula magna minax.

116

Saepe tibi studioso animo uenante requirens
carmina uti possem mittere Battiadae,
qui te lenirem nobis, neu conarere
tela infesta meum mittere in usque caput,
hunc uideo mihi nunc frustra sumptum esse laborem,
Gelli, nec nostras hinc ualuisse preces.
Contra nos tela ista tua euitamus amictu;
at fixus nostris tu dabis supplicium.

FRAGMENTVM 1

Hunc lucum tibi dedico consecroque, Priape.
Qua domus tua Lampsaci est quaque lege Priape.
Nam te praecipue in suis urbibus colit ora
Hellespontia ceteris ostriosior oris.

ANTOLOGIA

Esta coletânea reúne todos os tradutores que, com sua verve, possibilitaram haver poesia de Catulo em português (excetuando-se a tradução inglesa de Fernando Pessoa). Exibir aqui suas versões é prestar-lhes justa homenagem: Francisco Achcar, Nelson Ascher, Haroldo de Campos, Antônio Feliciano de Castilho, Isabel De Lorenzo, José Dejalma Dezotti, Luiz Antônio de Figueiredo, Ênio Aloísio Fonda, Almeida Garrett, Aires de Gouveia, Francisco Otaviano, José Paulo Paes, Lucindo Pereira Passos Filho, Fernando Pessoa, Péricles Eugênio da Silva Ramos.

Poema 2

A Morte do Passarinho

Gracioso passarinho,
Delícias da minha amada;
Tu que tens parte em seus brincos,
Em seu regaço pousada;

Que o dedinho lhe provocas,
E a quem ela, com prazer,
O dedinho logo entrega,
Excitando-te a morder!

Quando está de mim saudosa,
E então lhe dá na vontade
Buscar em brincos mais ternos
Alívio à dura saudade,

Por calmar, segundo eu cuido,
Do seu peito o amante ardor,
E dar um consolozinho
Solitária à sua dor,

Contigo brinca. Esses brincos
Não os poder eu brincar!
Ai! tivesse-te eu como ela,
Que me rira do penar!

O bem, o bem, passarinho,
Que eu te havia de querer!
O tal fruto douradinho
Que à moça de bom correr

O virgíneo esquivo cinto
Se diz ter soltado enfim,
Certo não lhe era mais grato
Do que o tu foras a mim!

Antônio Feliciano de Castilho

Ao Pardal de Lésbia

Pardal, delícias da minha bela,
Que ora te escondes no seio dela,
Ora apeteces o seu dedinho
E nele formas cruel biquinho;
Tu que a divertes da impaciência
Com que suporta a minha ausência;
Pudesse eu, também contigo
Brincando alegre, achar abrigo
Contra a tristeza que me aquebranta!
Tu me serias, belo pardal,
O pomo d'ouro que de Atalanta
Soltou a cinta bem virginal.

Francisco Otaviano

Poema 2b

Tão caro a mim quanto à moça
de pernas ágeis (dizem)
a maçã de ouro
graças à qual desatou a cintura
longamente ligada.

Haroldo de Campos

Poema 3

O Pardal de Lésbia

Chorai, ó Vênus e Cupidos, e em vós, homens,
tudo o que for sensível à beleza:
já não vive o pardal de minha amada,
o pardal que era todo o seu encanto
e ela queria mais que os próprios olhos.
Puro mel para a dona, conhecia-a
assim como a filhinha a própria mãe;
em tempo algum lhe abandonava o seio,
mas saltitando para um lado e outro
pipilava somente para ela.
Agora vai pelo caminho escuro
donde é sabido que ninguém retorna:
maldição para vós, ó trevas do Orco,
cruéis que devorais tudo o que é belo:
tão lindo era o pardal que arrebatastes!
Oh triste fado! oh mísero pardal!
Por ti a bem-amada traz os olhos
inchados e vermelhos de chorar.

Péricles Eugênio da Silva Ramos

Poema 5

A Lésbia

Vivamos, minha Lésbia, amemos sempre,
E os rumores dos velhos rabugentos
Saibamos desprezar, tê-los em nada.
O sol pode morrer, tornar de novo;
Nós, se uma vez a breve luz nos morre,
Uma e perpétua noite dormiremos.
Oh! mil beijos me dá, depois um cento,
E mil outros depois, mais outro cento,
E outros mil, e outros cem; e quando ao cabo
Muitos milhares ajuntarmos deles,
Em maga confusão juntá-los-emos,
Que não saibamos nós, que ninguém saiba,
Nem maldoso nenhum possa invejar-nos,
Se de tantos souber, tão doces beijos.

Almeida Garrett

A Lésbia

Do amor, minha Lésbia,
vivamos nas leis;

que os chascos dos velhos
não valem três réis.

O sol põe-se, e volta
do mundo ao festim;
a nós, vindo o ocaso,
a noite é sem fim.

Oh! dá-me mil beijos,
mais mil e mais cem;
mil outros, cem outros,
mais mil dar-me vem.

E, quando fizermos
já muito milhar,
a conta devemos
depois transtornar.

Tal soma de beijos
convém não saber;
podia invejar-nos
um tolo qualquer.

Aires de Gouveia

Vivamos, Minha Lésbia

Vamos viver e amar-nos, minha Lésbia,
sem atribuir o mínimo valor
aos murmúrios de anciães os mais severos.
Os sóis podem morrer e retornar;
mas quando morre a nossa breve luz
dormimos uma só e perpétua noite.
Dá-me pois beijos mil, mais cem depois,
logo mil outros, e um segundo cento,
em seguida outros mil, mais cem depois.
Quando o número andar por muitos mil,
melhor é não saber, perder a conta:
assim ninguém nos dará azar, de inveja,
sabendo quantos beijos nos trocamos.

Péricles Eugênio da Silva Ramos

Vivamos, minha Lésbia, e amemos,
e as graves vozes velhas
– todas –
valham para nós menos que um vintém.
Os sóis podem morrer e renascer:
quando se apaga nosso fogo breve
dormimos uma noite infinita.
Dá-me pois mil beijos, e mais cem,
e mil, e cem, e mil, e mil e cem.
Quando somarmos muitas vezes mil
misturaremos tudo até perder a conta:
que a inveja não ponha o olho de agouro
no assombro de uma tal soma de beijos.

Haroldo de Campos

Poema 7

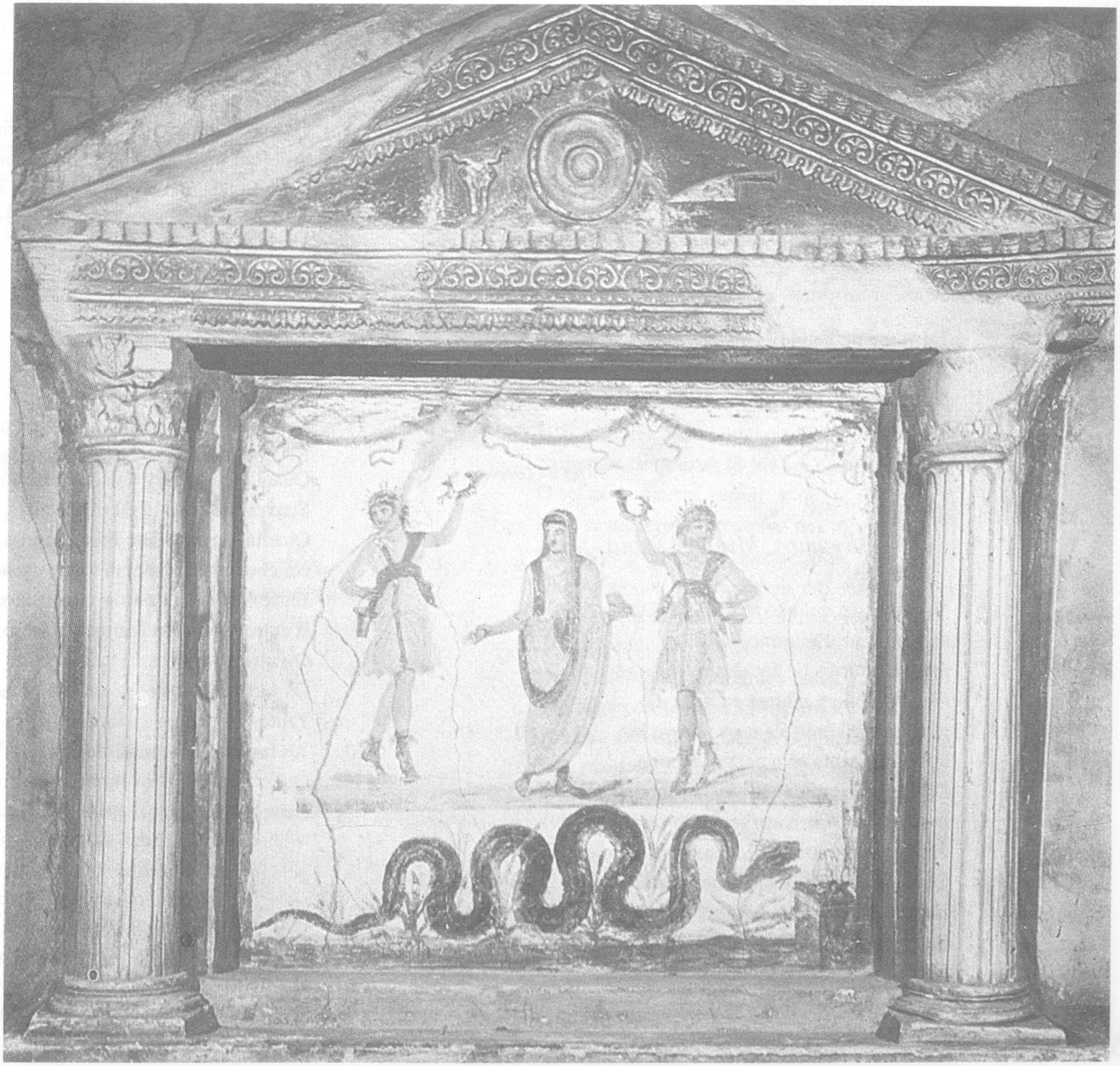
A Lésbia

Quantos me podem saciar, ó Lésbia,
Suaves beijos teus saber desejas?
Quantas se espraiam líbicas areias
Na cheirosa Cirene em longo espaço,
Entre o orác'lo de Jove tempestuoso
E entre o de Bato moimento sacro;
Ou quantos astros na calada noite
Os furtivos amores vêem dos homens:
Tantos só podem saciar mil beijos
Ao lascivo, ardentíssimo Catulo;
Quais nem curiosos numerá-los possam,
Nem ousem línguas más dar-lhes quebranto.

Almeida Garrett

Perguntas, Lésbia minha, quantos beijos
Podem saciar a minha sede ardente?
Quantos nos campos de Cirene ubérrima
Os grãos de areia Líbica se contam

Lararium: o *paterfamilias* ladeado dos Lares,
divindades protetoras da casa e dos membros da família;
abaixo, a serpente *agathodémon*, "portadora de felicidade".
Casa dos Vetii, Pompéia. Anterior a 79 d.C.



Entre o de Bato venerando túmulo
E o sacro templo de Jove;
Ou quantos astros nas silentes noites
Os amores furtivos iluminam;
Quantos beijos em ti Catulo insano
Anseia dar para acalmar-se, tantos
Que os não possam contar os invejosos,
Nem a sua má língua envenená-los.

Lucindo Pereira Passos Filho

A Lésbia

Perguntas-me, Lésbia, quantos
beijos teus me fartarão?
Olha a Líbia: tantos, tantos,
quantas areias estão
entre o templo a Jove adusto
e o sepulcro a Bato augusto,
na pirétrica Cirena:
ou do céu quantos fulgores
contemplam em noite amena
de homens furtivos amores.
Para fartar seus desejos,
com tantos e tantos beijos
te quer Catulo beijar,
que nem possam numerá-los
curiosos, nem daná-los
das más línguas o contar.

Aires de Gouveia

Poema 8

A Si Mesmo

Basta, infeliz Catulo, de loucuras,
O que viste morrer dá por perdido,
Para ti já fulgiram sóis brilhantes.
Quando a mulher que cegamente amavas,
Como nenhuma mais será amada,
Te levava após si. Que de delícias
Por acordo de ambos se gozaram!
Ela fazia seus os teus desejos.
Sim, para ti cândidos sóis fulgiram!
Mas ela não quer mais o que tu queres
E não deves querer o que não podes,
Nem seguir quem te foge, e andar tristonho,
Domina-te: sê homem sem fraquezas.
Adeus, moça; Catulo endureceu-se,
Não te requesta mais; deixa-te livre
E quando, à noite, ó pérfida, sozinha
Te vires sem as súplicas do amante,
Hás de chorar. Que sorte ora te aguarda?
Quem te irá ver? Quem te achará formosa?
E a quem amarás tu? A quem (oh! raiva!)
Darás teus beijos? Morderás os beiços?...
Catulo é tua sorte – não fraqueies.

Francisco Otaviano

Poema 9

Verânio, dos meus trinta mil amigos
primeiro para mim, tu então vieste
de volta a casa para os teus Penates,
os teus irmãos e a tua velha mãe?
Vieste. Ó mensageiros da alegria!
De novo são e salvo eu te verei
e te ouvirei contar, como costumas,
lugares, feitos e nações da Ibéria,
e te abraçando eu beijarei teus olhos
e a tua bela boca. Homens felizes,
que pode haver de mais feliz do que eu?

Francisco Achcar

Poema 10

Levou-me a ver seus amores
Varo que me achou na praça
E vi logo que a pequena
Não deixava de ter graça.

Mal chegamos,
Em várias conversações
De Bitínia veio a talho
De falarmos – no que era,
Do estado em que se achava,
Que dinheiro me rendera.
"Contudo dizem que lá,
Não obstante, arranjaste
Com que a tua cadeirinha
De bons escravos montaste?"

Eu querendo co'a pequena
Arrotar de cabedal
"Não" – disse – "apesar de tudo,
Não me foi por lá tão mal
Que de oito guapos escravos
Inda assim me não provesse."
"E eu nenhum, nem cá nem lá
Jamais tive que pudesse
De um catre velho levar
Aos ombros um pé quebrado."
Diz-me ela – que isso era um traste
mesmo corrido e safado –
"Fazes favor, meu Catulo,
De mo mandar arranjar
Um pouco só, para ao templo
De Serapis me levar."
"Amanhã" – disse eu – "menina,
Isto é... eu enganei-me,
Meu amigo Gaio Cina
Ele é que os tem.
Mas dele ou meus, o que importa,
Que proveito daí me vem,
Se como se eu os comprara
Me sirvo deles também.
Mas tu, pequena, és terrível,
Safa, que és dos meus pecados
E é necessário contigo
Estar com sete cuidados."

Almeida Garrett

Poema 11

A Fúrio e Aurélio

Ó sócios de Catulo, Aurélio e Fúrio,
Sócios, quer ele aos derradeiros Indos,
Onde co' a vaga ressoante Eoa
Referve ao longe a praia,
Quer aos Hircanos penetrar se atreva,
Árabes moles ou frecheiros Partos,
Ou onde o Nilo dando cor aos mares
Se espraia em bocas sete.
Ou além ouse dos erguidos Alpes,
Do grande César monumentos vendo,
O Reno, os Galos e os Bretões selvagens
Afrontar denodado.
Ó vós que tudo arrostareis comigo
A qualquer parte onde levar-me o fado.
Meus acres ditos, derradeiros, fortes,
Levai à minha bela.
Viva co's seus tafuis, com eles folgue,
Abrace amantes mil, todos a um tempo,
E, sem amar nenhum, fatigue a todos
Seu furor desregrado.
Que o meu antigo amor não mais o espere;
Que esse em meu coração, por culpa dela,
Qual tenra flor, caiu, do curvo arado
Na carreira cortada.

Almeida Garrett

Fúrio e Aurélio, que Iríeis com Catulo...

Fúrio e Aurélio, que iríeis com Catulo
se este se dirigisse à extrema Índia,
em cujo litoral soam as ondas
do mar do Oriente,
ou fosse à Hircânia ou voluptuosa Arábia,
ou à terra dos Sagas ou à Pártia,
ou bem às águas que por sete bocas
colore o Nilo,

ou inda se passasse os altos Alpes
para ver sinais do grande César
e o Reno gálico e os bretões
horríveis e longínquos,

vós que estais prontos a afrontar comigo
os riscos a que o céu me possa expor,
levai estas palavras sem doçura
à minha amante:

Viva em paz com os trezentos libertinos
que ela abraça a um só tempo, sem amar
nenhum deveras, mas extenuando-se
com todos eles;

já não conte com o amor que eu lhe votava,
porque por sua culpa ele está morto:
assim na orla de um campo morre a flor
que o arado corta.

Péricles Eugênio da Silva Ramos

Poema 13

Ode a Fábulo

Cedo comigo se lhe apraz aos numes
mui lautamente cearás, ó Fábulo
se farta boa ceia e generoso
vinho, e mais galhofeiras bagatelas,
(sem que alva moça apetitosa esqueça)
as trouxeres contigo: sim, meu caro,
se as trouxeres, terás mui lauta ceia:
que o teu pobre, o teu mísero Catulo
tem às aranhas alugada a bolsa;
em troca te darei pelos amores,
ou se mais guapa, mais suave que eles,
alguma coisa houver, dar-ta-ei contente.
Perfumes te darei, que à minha bela
deram Graças, e Amor, Cupidos deram:
tais, que ao provar-lhe o cheiro delicioso
aos deuses pedirá, Fábulo, amigo,
que em nariz todo inteiro te convertam.

Almeida Garrett

Poema 26

Fúrio: tua casa lá no campo
não recebe já do Sul bom vento
nem do Noroeste belo tempo,
mas uma hipoteca de quinhentos.
Ora vento feio e pestilento!

Isabel De Lorenzo

Poema 31

À Península de Sírmion

Oh de quantas penínsulas, de quantas
Ilhas no vasto mar líquidos plainos
Um e outro Netuno encerra imenso,
Olho brilhante, ó Sírmion! – quão gostoso,
quão ledo torno, e satisfeito a ver-te!
Quase me custa a crer que alfim deixasse
A Tínia, os campos Bitinos, e a salvo
Me veja descansado no teu seio.

Jovem entornando
perfume num frasco
Pintura mural
proveniente da casa
de Farnesina
Roma. 27 a.C.-14 d.C.

Que ventura há maior que a vida isenta
De insofridos cuidados? – Quando a mente
O peso enorme dos trabalhos pousa,
Aos nossos lares, quando enfim chegamos,
De viajeiras fadigas alquebrados,
E descansamos no ansiado leito;
Vale isto só por todos os trabalhos.
– Salve, ó Sírmion venusta! Exulta e folga:
Lídias ondas, folgai, no lago ameno:
Todos quantos lá sois, festivo bando
De risos brincalhões, folgai comigo.

Almeida Garrett

Volta ao Lar

Ó Sírmio, gema entre as penínsulas e as ilhas
que um dúplice Netuno oferta aos lagos límpidos
e ao vasto mar, com que alegria eu te revejo!
Custa-me crer, ao contemplar-te em segurança,
que já deixei a Tínia e os campos dos bitínios.
Que há de melhor do que estar livre de cuidados,
se o nosso espírito depõe a sua carga,
e fatigados com os trabalhos no estrangeiro
regressamos ao lar e ao desejado leito?
Eis meu único prêmio pelas idas penas.
Salve, ó formosa Sírmio, entrega-te à alegria!
Alegrai-vos também, ondas do lago lídio,
e ria em minha casa tudo o que for riso.

Péricles Eugênio da Silva Ramos

Poema 32

DESEIOTEIPSITILAEQVEMECHAMES
ESTATARDEAOSDELEITESEDELITOS
DETEVLEITOPORÉMCVIDAQVEOVTRO
NÃOBATALOGOAPORTAEMMINHACARA
NÃOSAIASPOISMASTEPREPARAPARA
NOVEROVNDSETESÃOININTERRUPTO
CASOQVEIRASCONVIDAMEDEPRESSA
POISALMOÇADOCVRTOAMINHASESTA
AGORAAQVIDEITADOEEMDEVANEIOS
COMMEVPINTOAVARARCVECAECALÇA

Nelson Ascher

Te peço, minha doce Ipsitila,
Delícias minhas, graça, mimos meus,
Ordena que, finda a sesta, eu te procure.
E caso ordenes, cogita tais cuidados:
Despe de trava ou tranca a tua porta.
Não te assaltem coceiras de sair.
Mas fica em casa, em raro preparo
De nove, gota a gota, nove fodas.
Se assim quiseres, pressa!, não hesites,
Que eu, já almoçado, e farto à farta,
Perfuro a um só tempo toga e túnica!

Luiz Antônio de Figueiredo e
Ênio Aloísio Fonda

Eu te peço, minha doce Ipsitila,
Delícia e encanto deste meu viver:
Convida-me a passar contigo a sesta.
Caso me convidares, cuida bem
De que não ponham tranca em tua porta
E não te dê vontade de sair.
Fica em casa, tranqüila, preparando-te
Para nove trepadas sucessivas.
Se preferires, vou agora mesmo:
Almocei bem e ora farto, ressupino,
Furo, de impaciência, túnica e toga.

José Paulo Paes

Por amor, minha doce Ipsitila,
meu prazer e delícia, convida-me
a dormir hoje a sesta contigo.
Pensa nisto, se me convidares:
que ninguém tranque a porta de entrada
e nem queiras sair por aí;
fica em casa, querida, e prepara-nos
umas nove contínuas trepadas.
Se assim fazes avisa-me logo:
almoçado, saciado e inchado
minha túnica furo e meu manto.

Isabel De Lorenzo

Poema 33

Ó mais genial ladrão dos balneários,
Vibênio, o pai, e o filho pederasta
(o pai tem a mão destra mais corrupta,
o filho tem o mais voraz dos cus),
por que não ides ao exílio em longes
terras, pois se as rapinas mil do pai
o povo já conhece, e a tão peluda
bunda, filho, não vendes por um nada?

Isabel De Lorenzo

Poema 34

Diana nos acompanha,
meninas e meninos puros,
a Diana, meninos puros
e meninas, cantemos.

Ó Latônia, grande
estirpe de Júpiter altíssimo,
que a mãe depôs junto
à Délia oliveira,

por que fosses senhora dos montes
das selvas verdecentes
dos bosques recônditos
dos rios melodiosos,

tu chamada Juno
Lucina das dores do parto,
tu, soberana Trívia, és luz
refletida da Lua:

a viagem de teu mês, deusa,
mede a passagem do ano,
tu fartas com bons frutos as rudes
casas do campo.

Sejas sagrada em qualquer nome
que te agrade,
e como sempre sê propícia
à gente de Rômulo.

Isabel De Lorenzo

Poema 38

Está mal, Cornifício, o teu Catulo.
Mal, e – por Hércules –, penosamente.
E mais e mais a cada dia e hora.
E tu – seria o mínimo e o facílimo –
Lavraste *uma* palavra de consolo?
Tenho-te em ira. Onde os meus amigos?
Quisera uma palavra, ainda que à míngua,
Ou mais triste que o pranto de Simônides.

Luiz Antônio de Figueiredo e
Ênio Aloísio Fonda

Diana Caçadora
Pintura mural proveniente
da cidade de Estábias
Século I d.C.

Poema 40

Que espécie de demência, parvo Rávido,
te impele aos trambolhões contra meus versos?
E que sorte de deus, mal-invocado,
Te açula a incitar furiosa rixa?
Tua mira é ouvir teu nome boca-em-boca?
Que queres? Quais tuas tramas para a fama?
Tu a terás: pois longo tempo em vão
Tentaste seduzir os meus amores.

Luiz Antônio de Figueiredo e
Ênio Aloísio Fonda

Que péssima idéia, pobre Ravido,
te fez desafiar os meus iambos?
Que deus mal invocado te inspirou
a loucura de armar briga comigo?
Que queres? Cair na boca do povo?
Desejas ser notado a qualquer custo?
Serás, porque quiseste meus amores
amar, então terás longo castigo.

Isabel De Lorenzo

Poema 43

Salve, moça de nariz não mínimo,
de pé não lindo,
de olhos não negros,
de dedos não longos,
de boca não breve,
de linguagem não muito distinta,
amiga do debochado Formiano.
A ti, beleza de província,
comparam minha Lésbia?
Ó século sem graça e sem raça.

Haroldo de Campos

Salve, menina de nariz não mínimo,
de pés não belos, de olhos não escuros,
dedos não longos, boca nada seca,
e fala nem um pouco refinada,
amante do falido Formiano.
Por acaso a província te acha bela?
Te querem comparar à minha Lésbia?
Ó tempos néscios, século sem graça!

Isabel De Lorenzo

Poema 52

Eh, Catulo, por que demoras em morrer?
Nônio, escrófula, está sobre o assento do cargo,
Vatínio jura em falso, por um consulado:
eh, Catulo, por que demoras em morrer?

Isabel De Lorenzo

Poema 56

Mas que coisa mais ridícula e jocosa,
Digna, Catão, de teu riso e teus ouvidos.
Ri, pois, tanto quanto amas, Catão, Catulo,
Que a coisa é assaz ridícula e jocosa.
Há pouco vi um menino e uma menina
Engatados; e então nele, praza a Vênus,
De pronto engatei a minha vara rija.

José Paulo Paes

Poema 58

Ah! Célio, a nossa Lésbia, aquela Lésbia,
A própria Lésbia a quem Catulo amou
Mais que a todos os seus, mais que a si próprio,
Agora, nas encruzilhadas e nos becos,
Esfola os netos do magnânimo Remo.

Luiz Antônio de Figueiredo e
Ênio Aloísio Fonda

Poema 59

Não, não pasmes, ó Rufo, porque fêmea alguma
Queira te sobpor as tenras ancas, mesmo
Que lhe ofertes o mimo de um raro vestido
Ou faíscas-delícias de um diamante em chispas.
Lesam-te alguns rumores sobre um feroz bode
Que tenazmente habita o vale de tuas asas.
A ele todos temem – e não é pra menos:
Como jazer uma bela menina
Colada ao lado de tal fera e sua fúria?
Ou extirpas a cruel peste dos narizes,
Ou não te espantes mais com a fuga das fêmeas.

Luiz Antônio de Figueiredo e
Ênio Aloísio Fonda

Poema 60

Gerou-te assim, com negripétreo coração,
Acaso uma leoa das montanhas líbias,
Ou a Cila que ladra do fundo do ventre,
Para aviltares a voz que a ti rogava
No extremo da desgraça – ó tu, alma feroz?

Luiz Antônio de Figueiredo e
Ênio Aloísio Fonda

Foi acaso uma leoa das montanhas
da Líbia, ou foi Cila, a de cães nas virilhas
quem gerou-te – alma tão tétrica e atroz –
pois desprezas quem suplica de maneira
nunca vista, ah, coração demais feroz?!

Isabel De Lorenzo

Poema 69

Não fiques, Rufo, espantado
Se não há nenhuma trouxa
Que queira sob teu corpo
Colocar a tenra coxa,
Mesmo quando em tua lábia
Ofereces de presente
Tentações de um manto raro,
Ou de pedras reluzentes.

É que corre por aí
Um boato que te fode:
Dizem que nos teus sovacos
Habita um terrível bode.

E dele todas têm medo.
Não pasmes; é de amargar
A fera e nenhuma bela
Com ela quer se deitar.

Por isso ou põe fim à peste
Para os narizes maldita,
Ou pára de ficar pasmo
Se a mulherada te evita.

José Dejalma Dezotti

Poema 70

My sweet swears to love none but me
That Jove should beg her grace in vain:
But what a woman tells her hungering Swain –
Oh, write it on the winds that flee,
And on the swift waves of the sea!

Fernando Pessoa

Diz a Amada...

Diz a amada que a mim somente quer unir-se,
ainda que a requeste o próprio Júpiter.
Sim, ela o diz; mas o que diz qualquer mulher
ao incitado amante, é bem melhor
escrevê-lo no vento e na água rápida.

Péricles Eugênio da Silva Ramos

Com ninguém diz minha amada,
Só comigo quer unir-se,
Ainda que o próprio Júpiter
A procurasse e pedisse.
Ela o diz; mas o que diz
A mulher ao louco amante,
Convém escrever no vento
Ou na rápida vazante.

José Dejalma Dezotti

Poema 71

Se alguém merece que o bode
Dos sovacos prejudique;
Se alguém merece que a gota
Paralise e mortifique,

É esse cara, o teu rival,
Que transa a tua pequena.
Graças a ti, ele junta
Lindamente as duas penas.

Pois, quando trepam, os dois
Um duro castigo levam:
A ela aflige o fedor,
A ele a gota o entreva.

José Dejalma Dezotti

Poema 72

Que eras só de Catulo,
Outrora, Lésbia, dizias.
E nem mesmo pelos braços
De Jove me trocarias.

Amei-te, mas não somente
Com amor vulgar de cama.
Te amei também como um pai
Seus filhos e genros ama.

Mas agora te conheço.
E embora com mais ardor
Te deseje, és para mim
Coisa nula, sem valor.

Como é possível? Dirás.
É que o amante traído
Tem a paixão aumentada
E o amor diminuído.

José Dejalma Dezotti

Poema 74

Gélio ouvira que seu tio
Costumava criticar
Quem falasse ou praticasse
As delícias de transar.

Pra evitar a mesma sorte
Dele a esposa seduziu
E transformou, desse modo,
Em Harpócrates seu tio.

Deu no que quis, pois, embora
Consiga que o próprio tio
Agora chupe seu pau,
O tio não dará um pio.

José Dejalma Dezotti

Poema 78

Galo possui dois irmãos:
Um tem lindíssima esposa;
O outro, por sua vez,
Tem um filho que é uma rosa.

Galo é o charme em pessoa,
Pois doce união promove,
Fazendo o belo rapaz
Deitar-se co'a bela jovem.

Galo é a tolice em pessoa:
Não se dá conta o imbecil
Que, sendo tio e marido,
Ensina a trair um tio.

José Dejalma Dezotti

Poema 79

Lésbio é belo. Como não?
Se Lésbia o põe simplesmente
Acima de ti, Catulo,
E de toda tua gente.

Contudo, Catulo e os seus
Pode esse belo vender,
Se daqueles que o conhecem
Três beijos só receber.

José Dejalma Dezotti

Poema 80

Ó Gélio, como explicar
Que esses teus lábios rosados
Se tornem assim tão brancos,
Mais do que os campos nevados,

Quando tu sais de manhã
E quando, num longo dia,
A oitava hora te acorda
De tua sesta vadia?

Não sei não. Será verdade
O que corre nas tavernas:
Que engoles a coisa grossa
Que os homens têm entre as pernas?

É, sim, pois do pobre Vítor
Nos diz o saco esgotado,
Nos dizem também teus lábios
Sujos do leite ordenhado.

José Dejalma Dezotti

Poema 85

Amo e odeio ao mesmo tempo.
Como pode ser? (perguntas)
Duas coisas tão opostas
Ao mesmo tempo tão juntas?

Como pode ser ignoro;
Sei que o sinto, a causa és tu,
E sei que é tão cru tormento,
Que o não pode haver mais cru.

Antônio Feliciano de Castilho

Poema 86

Para muitos Quíncia é bela,
Para mim é branca, alta,
Esbelta. Sim, reconheço,
Nenhum desses dons lhe falta.

Mas daí dizer que é BELA!
Isso não, pois essa tal
É sem encanto, é sem charme,
É um corpo imenso sem sal.

Bela é Lésbia, pois além
De ser inteirinha bela,
Roubou a todas encantos
Todinhos só para ela.

José Dejalma Dezotti

Poema 88

Que faz, Gélio, quem se coça
Na própria mãe e na irmã
E passa as noites, sem roupa,
Desperto até de manhã?

Que faz, Gélio, que não deixa
O próprio tio ser marido?
Sabe acaso que comete
O crime mais desmedido?

Comete, Gélio, uma infâmia
Que nem Tétis mais longínqua,
Nem Oceano, pai das Ninfas
Poderão torná-la limpa.

Pois não pode haver no mundo
Crime que a esse ultrapasse,
Nem se alguém, todo encurvado,
A si próprio se chupasse.

José Dejalma Dezotti

Poema 89

Gélio está magro. Pudera!
Tem u'a mãe tão bondosa
E tão cheia de saúde;
Tem uma irmã tão gostosa,

Tem um tio tão complacente,
Tem primas por todo lado,
Como é que ele poderia
Deixar de ser tão mirrado?

Ainda que só tocasse
Naquilo que é interdito,
Mesmo assim compreenderias
Por que ele está um palito.

José Dejalma Dezotti

Poema 90

Tomara que nasça um mago
Dessa relação perversa
Do Gélio com sua mãe
E aprenda o aruspício persa.

Pois se a ímpia religião
Dos Persas é pra valer,
Do incesto entre mãe e filho
Um mago há de nascer

Pra que possa honrar os deuses
Com canto e preces legítimas,
Enquanto o fogo derrete
Gordas entranhas das vítimas.

José Dejalma Dezotti

Poema 92

Sem calar-se um só instante,
Lésbia sempre me difama.
Pois que eu morra esturricado,
Se essa mulher não me ama.

Como sei? Pois é a mesma
A situação em que estamos:
Eu sempre a cubro de injúrias,
Que eu morra se não a amo!

José Dejalma Dezotti

Casal de amantes
Cunho em terracota
para copa aretina
40-20 a.C.

Poema 93

Não faço o mínimo, César, para te agradar.
Nem quero saber se és branco ou preto.

Haroldo de Campos

Não ligo a mínima, César,
Se estou mal em seu conceito.
Nem mesmo quero saber
Se você é branco ou preto.

José Dejalma Dezotti

Poema 94

Sr. Caralho corneia.
Corneia o Sr. Caralho?
Certamente, é como dizem,
"Cada macaco em seu galho".

José Dejalma Dezotti

Poema 101

Depois de percorrer mil nações e mil mares,
Eis-me com as súplices prendas para os deuses
Subterrâneos – derradeiras oferendas
Fúnebres para ti, irmão –, e a endereçar
Às tuas mudas cinzas meu verbo impotente,
Pois fortuna, a ti, apartou de mim.
Mísero irmão de mim cruelmente apartado.
Porém, por ora, como rezam rituais
Antepassados, colhe as oblações em luto,
Dádiva gotejante de fraterno pranto.
E para sempre te saúdo, irmão, adeus.

Luiz Antônio de Figueiredo e
Ênio Aloísio Fonda

Poema 108

Se, Comínio, fosse o povo
Que julgasse e decidisse
O fim de tua canosa
E depravada velhice,
Não duvido que tua língua
Que os bons nunca deixa em paz,
Seria cortada e dada
A um abutre voraz;

Teus olhos desorbitados
Comeria um negro corvo;
Teus intestinos, os cães,
E os demais membros, os lobos.

José Dejalma Dezotti

Poema 111

Aufilena, contentar-se
Com um só homem na vida,
Para uma esposa é das glórias
A glória mais aplaudida.

Mas transar com um qualquer
É bem menor desatino
Do que de um tio parir filhos
E ser mãe dos próprios primos.

José Dejalma Dezotti

Poema 113

No primeiro consulado
De Pompeu, eram somente
Dois que Mecila comiam.
Feito cônsul novamente

Permaneceram os dois
Mas cada um – ô mistério! –
Multiplicou-se por mil:
Fecundo grão do adultério.

José Dejalma Dezotti

NOTAS

MÉTRICA

O esquema básico dos metros utilizados por Catulo é o seguinte:

1. Hexâmetro datílico (*62*, *64*):

– ⏔ | – ⏔ | – ⏔ | – ⏔ | – ⏑⏑ | – ⏓

2. Dístico elegíaco, formado de um hexâmetro datílico e um pentâmetro (*65-116*):

– ⏔ | – ⏔ | – ⏔ | – ⏔ | – ⏑⏑ | – ⏓

– ⏔ | – ⏔ | – | – ⏑⏑ | – ⏑⏑ | ⏓

3. Trímetro jâmbico puro ou senário jâmbico, se se desconsiderar a divisão ternária (*4*, *29*):

⏑ – | ⏑ – | ⏑ – | ⏑ – | ⏑ – | ⏑ ⏓

4. Trímetro jâmbico (*52*):

⏓ — | ⏑ — | ⏓ — | ⏑ — | ⏓ — | ⏑ ⏓

5. Coliambo ou escazonte – "jambo manco" no último pé (*8*, *22*, *31*, *37*, *39*, *44*, *59*, *60*):

⏒ — | ⏑ — | ⏒ — | ⏑ — | ⏑ — | — ⏓

6. Galiambo (*63*):

⏑⏑ — ⏑ | — ⏑ — — | ⏑⏑ — ⏑⏑ | ⏑⏑ ⏓

7. Hendecassílabo falécio (*1-3*, *5-7*, *9*, *10*, *12-16*, *21*, *23*, *24*, *26-28*, *32*, *33*, *35*, *36*, *38*, *40-43*, *45-50*, *53-58*):

⏓ ⏒ | — ⏑⏑ — ⏑ | — ⏑ | — ⏓

8. Asclepiadeu maior (*30*):

— — | — ⏑⏑ | — | — ⏑⏑ | — | — ⏑⏑ | — ⏑ | ⏓

9. Estrofe sáfica menor (*11*, *51*):

— ⏑ | — ⏓ | — ⏑⏑ | — ⏑ | — ⏓
— ⏑ | — ⏓ | — ⏑⏑ | — ⏑ | — ⏓
— ⏑ | — ⏓ | — ⏑⏑ | — ⏑ | — ⏓
— ⏑⏑ | — ⏓

O glicônio segundo catalético

— ⏓ | — ⏑⏑ — ⏑ | ⏓

e o ferecrácio segundo acatalético

— ⏓ | — ⏑⏑ | — ⏑

são combinados por Catulo de três maneiras:

10. No mesmo verso, formando o metro priapeu (*17*, *Fragmento 1*):

— ∪ | — ∪∪ | — ∪ | — | — ∪ | — ∪∪ | — ⏓

Em versos diferentes, formando estrofe:

11. De quatro versos, três glicônios e um ferecrácio (*34*).

12. De cinco versos, quatro glicônios e um ferecrácio (*61*).

POEMA 1

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: GRAÇA DE LIVRO: *libellum*, literalmente "livrinho"; ver "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 2: FOLHAS BURILADAS: *pumice expolitum*, "polido com a pedra-pomes", refere-se ao costume de lixar as extremidades do rolo de papiro, o *uolumen*; ver 22, 8, *aparo à pedra-pomes* e "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 3: CORNÉLIO: Cornélio Nepos (99-24 a.C.): autor de poemas ligeiros e obras eruditas, entre as quais uma cronologia universal em três volumes, *Chronica*, hoje perdida. Cisalpino como Catulo, foi provavelmente editor de seu *liber*; ver poema *102*, 3.

v. 4: NUGAS: ver "Introdução", 20.

v. 7: VOLUMES: *cartis*. Tanto o termo latino *charta* quanto o termo originário grego *khártes* significavam "folha de papiro" e depois "rolo", "volume". Catulo utiliza a palavra sem deixar de enfatizar o sentido original, em nítido contraste com a magnitude do assunto de que Cornélio trata ("toda História"). O poeta dá a entender que Cornélio, por ter conseguido ser breve em tal situação, é pessoa apta a compreender sua poética e, por isso, receber seus poemas; ver "Introdução" 6, 7, 8, 12, 20.

JÚPITER: o Zeus grego, filho do Titã Crono e de Réia. Matou o pai, porque impedia os filhos de nascer. Assim Júpiter é principalmente manifestação do poder e da soberania, explicitados pela relação de paternidade com outros deuses (*Iupiter*, de *Iouis + pater*), ou por fenômenos celestes, como a luz do dia – sua clarividência – e como o raio e o trovão – sua severidade. Numa espécie de afrouxamento desses sentidos, é mencionado em exclamações de tom coloquial.

v. 10: DEUSA VIRGEM: *patrona uirgo*, "virgem protetora", é uma das Musas ou Minerva/Atena, que também PATROcinava a poesia; ver *65*, 2-3.

POEMA 2

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: DELÍCIAS: ver "Introdução", 24.

v. 9: AH PODER: adotou-se *posse,* segundo lição de Goold.

v. 11: MENINA: Atalanta. Não queria casar-se e, sendo veloz, desafiava à corrida os pretendentes, vencendo sempre, menos Hipômenes, que a conquistou lançando-lhe aos pés uma MAÇÃ DE OURO. A maçã é o fruto de Afrodite/Vênus, desafiada pela virgindade da heroína; ver *65*, 19-24; sobre significado de OURO, ver *61*, 167, e sobre Vênus, ver logo adiante, *3*, 1.

v. 13: CINTO: faixa presa à cintura das virgens e solta pelo marido no leito nupcial; ver *61*, 53 e *67*, 28.

POEMA 3

O elogio fúnebre de animais é tópico na poesia grega helenística, evidente sobretudo na *Antologia Palatina*, livro 7. Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: VÊNUS: *Veneres,* plural de *Venus.* Nascida do sangue do falo decepado de Urano/Saturno e da espuma do mar (em grego *aphrós*, ver Hesíodo, *Teogonia*, 195), era cultuada em Idálio, Golgos e Amatunte (cidades na ilha de Chipre), em Cnido (cidade da Cária, na atual Turquia, onde havia a famosa estátua de Afrodite de Praxíteles), em Ancona (porto no Adriático), no monte Érix (Sicília, atual Erice, em que há cidade homônima) e Dirráquio (cidade portuária do Epiro, no Adriático, hoje Durazzo, na Albânia). Ver "Introdução", 24, *uenustus.*

CUPIDOS: *Cupidines*, plural de *Cupido*, os Desejos ou os Amores personificados, integrantes do cortejo de Vênus.

v. 5: MAIS QUE SEUS OLHOS: ver *82*, 2, MAIS CARO QUE OLHOS; *104,* 2, MAIS QUE MEUS DOIS OLHOS.

v. 9: AQUI E ALI: ver *68*, 133, onde a expressão se refere a Cupido, presentificado aqui pelo pássaro.

v. 13-14: ORCO QUE DEVORAIS AS BELAS COISAS TODAS: imagem tomada a Calímaco: *ho pánton harpaktès Áides*, "Hades devorador de tudo" (*Epigrámmata*, 2, 5). Orco, o Hades grego, é o deus do mundo infernal.

POEMA 4

Metro: trímetro jâmbico puro ou senário jâmbico. Sobre a relação do metro com o ritmo da tradução, ver "Introdução", 36.

v. 1: BARQUINHO: possivelmente seja um ex-voto em modelo reduzido, cuja fala é aqui transmitida por um narrador; ver "Introdução", 15.

v. 7: CÍCLADES: ilhas do mar Egeu.

RODES: grande ilha do mar Egeu.

v. 8: PROPÔNTIDA DA TRÁCIA: o atual mar de Mármara. Trácia é região situada ao norte da Grécia.

v. 9: PONTO EUXINO: o mar Negro.

v. 11: CITORO: monte da Paflagônia, Ásia Menor, às costas do mar Negro, atual Aroudagh.

v. 13: AMÁSTRIS: cidade banhada pelo mar Negro na costa da Bitínia (norte da Ásia Menor), próxima ao monte Citoro.

v. 15: ÚLTIMAS ORIGENS: porque o poeta parte do presente; sobre a imagem, ver *64*, 1, PINHOS.

v. 20: JÚPITER: ver *1*, 7.

v. 27: GÊMEO DE CASTOR: Pólux; estes deuses gêmeos, os Dioscuros, protegiam os navegantes; ver *37*, 2, DIOSCUROS e *68*, 65.

POEMA 5

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: LÉSBIA: ver "Introdução", 21.

v. 2: VELHOS MAIS SEVEROS: ver *64*, 159, AUSTERO.

v. 10: BEIJOS BEIJARMOS... AOS MILHARES: ver *16*, 12 e *48*, 2.

O último verso alude à tradução de Almeida Garrett, ver "Introdução", 10 e 29.

Para outras traduções comentadas deste poema, ver "Introdução", 29.

POEMA 6

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: FLÁVIO: desconhecido; desafeto da *persona* lírica; ver "Introdução", 23.

DELÍCIAS: *deliciae*; ver "Introdução", 24.

v. 2: SEM GRAÇA E ELEGÂNCIA: *inlepidae atque inelegantes*; ver "Introdução", 24.

v. 6: SOLTEIRAS NOITES: ver *68*, 6, LEITO SÓ.

v. 8-9: PERFUMES SÍRIOS: perfumar-se, além de ser sinal de refinamento, integra os rituais do ato amoroso, e sua menção participa da tópica amorosa. Os perfumes orientais (SÍRIOS, por metonímia) eram muito procurados; ver *13*, 11; *66*, 77, 91; *68*, 146, OLOR ASSÍRIO.

v. 12: CALAR... COITOS: ver *7*, 9, AMORES FURTIVOS.

v. 14: INÉPCIAS: *ineptiarum*, de *ineptiae*; ver "Introdução", 20 e 24.
v. 17: LIGEIRO VERSO: ver "Introdução", 10, 20 e 24.

POEMA 7

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 3: GRÃOS DE AREIA LÍBICA: ver *61*, 206-7.

v. 4: CIRENE: cidade grega da Pentápole, ao norte da África, pátria de Calímaco; ver "Introdução", 11.

LÁSER: laserpício, resina aromática extraída do *silphium*, utilizada em culinária, farmácia e perfumaria. Era produzida e exportada pela cidade de Cirene, capital da Líbia antiga.

v. 5: JÚPITER: Júpiter Amón, que tinha um templo no oásis de Siwah, entre a Líbia e o Egito; ver *1*, 7.

v. 6: BATO: lendário fundador e primeiro rei de Cirene (século VII a.C.), onde estariam suas cinzas. Seria também o ancestral de Calímaco, o Batíades, "o filho de Bato", razão de sua importância para Catulo.

v. 9: FURTIVOS: ver *6*, 12, CALAR COITOS; *25*, 5, LUA... MULHERENGOS; *62*, 34, LADRÕES; *68*, 147, DONS FURTIVOS.

v. 10: INSANO: *uesano*; ver *100*, 7, INSANAS; *104*, 3, INSANO; ver ainda *8*, 9, LOUCO e *76*, 15, SALVAÇÃO.

POEMA 8

Metro: coliambo.

Ver "Introdução", 18, 26 e 36.

v. 5: AMADA... SERÁ: ver *37*, 12 e *87*, 1, MULHER ALGUMA.

v. 9: LOUCO: *inpotens*, "que não é senhor de si"; ver *100*, 8, PRUDENTE; *7*, 10, INSANO; *76*, 15, SALVAÇÃO, e "Introdução" 25, nota 52.

POEMA 9

É o primeiro poema do ciclo de Verânio e Fabulo, *personae*, nos poemas, dos melhores amigos do poeta. Juntos, ocorrem nos poemas *12*, *28* e *47*. Fabulo, sozinho, é mencionado no poema *13*, tal como aqui apenas Verânio. Este poema pertence ao gênero do *prosphonetikón*, "boas-vindas ao viajante que chega aonde está o narrador", e possui nove de seus vinte tópicos: expressões de afeto ao viajante; verbo que anuncia sua che-

gada; menção enfática do lar; recepção do viajante por outros; repetição do verbo que anuncia a chegada; alegria pelo retorno; ênfase na segurança do retorno; menção do local onde estivera o viajante; suas narrações; demonstrações de afeto com abraços e beijos; alegria pelo retorno; ver F. Cairns, *Generic Composition in Greek and Roman Poetry* (Edinburgh, University Press, 1972), pp. 21 ss. e 122, e F. Achcar, *Lírica e Lugar-Comum* (São Paulo, Edusp, 1994), pp. 29-32. Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: VERÂNIO: desconhecido, cujo nome desempenha o papel de um dos melhores amigos do poeta; ver "Introdução", 23.

v. 3: PENATES: divindades protetoras da casa. Seu nome deriva de *penus*, "despensa", "provisões", porque velavam tanto pelas condições básicas e materiais da subsistência quanto pela vida íntima da família. Eram cultuados junto à lareira ao lado de Vesta. Sob o nome de *Dii Penates Publici*, Deuses Penates Públicos, protegiam também o Estado; ver *64*, 404.

v. 11: MAIS FELIZ: ver final dos poemas *45* e *107*, e *62*, *30*, MAIS GRATO.

POEMA 10

O poema contém elementos do mimo grego, ver "Introdução", 18. Sobre a viagem de Catulo à Bitínia, ver *28* e "Introdução", 2. Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: VARO: pode ser Quintílio Varo, amigo de Virgílio e Horácio (que lamenta sua morte na ode 1, 24), ou Públio Alfeno Varo, cônsul em 39 a.C.; ver *22* e *30*.

v. 2: ÓCIO: conceito fundamental na cultura romana (*otium* em oposição a *negotium*, em grego *skholé*), refere-se ao tempo de que todo cidadão deve dispor para exercer atividades filosóficas, artísticas e recreativas; ver *44*, 15; *50*, 1; *51*, 13 e *68*, 105.

v. 4: SEM ELEGÂNCIA OU SEM ENCANTO: *inlepidum neque inuenustum*; ver "Introdução", 24.

v. 7: BITÍNIA: província da Ásia Menor, às costas do mar Negro.

v. 11: PERFUMASSEM SEUS CABELOS e HOMENS P'RA LITEIRA, v. 16: sinal de prosperidade e refinamento.

v. 12: PRETOR: Caio Mêmio, pró-pretor na BITÍNIA em 57-56 a.C.; ver *28*, 9, MÊMIO e "Introdução", 2.

FODE-BOCAS: *irrumator*; ver "Introdução", 25.

v. 13: COORTE: comitiva; ver "Introdução", 2 e *28*, 1.

v. 27: SERÁPIS: divindade egípcia. Seu culto difundiu-se entre os romanos no século I a.C. e seu templo era no Campo de Marte.

v. 29: CAIO CINA: Caio Hélvio Cina, poeta neotérico, que Catulo menciona no poema *113*, e cuja obra *Esmirna*, hoje fragmentos, elogia no poema *95*. Escreveu também um *Prosempticon* (ver *12*, 1, ASÍNIO MARRUCINO); ver ainda "Introdução", 3, 13 e 23. Para seus fragmentos, ver *62*, 35, OS SURPREENDES e "Bibliografia" II, LEONI.

POEMA 11

Primeiro poema do ciclo de Fúrio e Aurélio (ver "Introdução", 23). Alude às campanhas gálicas de César e à primeira expedição que fez à Britânia; ver "Introdução", 21, 22a e 22b. Os outros poemas do ciclo são *15*, *16*, *21*, *23*, *24*, *26*. Metro: estrofe sáfica menor.

v. 1: FÚRIO: Talvez o poeta Fúrio Bibáculo, de Cremona, ao norte da Itália, citado por Horácio (*Sátiras*, 2, 5, 40-1), Tácito (*Anais*, 4, 34, 5) e Quintiliano (*Instituições Oratórias*, 10, 1, 96). Escreveu poemas com ataques a César e também um em que decanta a campanha gálica; ver *56*, 1, CATÃO.

AURÉLIO: desconhecido.

v. 2: EXTREMOS INDOS: ver *45*, 6, ÍNDIA TÓRRIDA.

v. 5: HIRCANOS: povo da Hircânia, província da Ásia Anterior, próxima à Média.

ÁRABES: significa povo oriental muito distante.

v. 6: SAGAS: povo cítio do norte da Pérsia.

PERSAS: os persas, iranianos de hoje, são identificados pelos antigos com os partos e os medos.

v. 10: DO GRANDE CÉSAR: pode-se entender como aproximação de Catulo e César ou alusão de Catulo ao poema de Fúrio Bibáculo.

v. 11: BRETÕES HORRENDOS: antigo povo celta habitante das ilhas britânicas, chamados de horrendos provavelmente pelo costume de pintar ou tatuar o corpo de azul para aterrorizar os inimigos na batalha (Júlio César, *Comentários sobre a Guerra Gálica*, 5, 14, 2).

v. 12: ÚLTIMO POVO: muito distante; ver *29*, 4, ÚLTIMA BRITÂNIA.

v. 23-24: ARADO... A TOCOU: ver *62*, 40, NÃO FERIDA PELO ARADO.

POEMA 12

Poema do ciclo de Verânio e Fabulo (ver "Introdução", 23), aqui mencionados juntos pela primeira vez; ver nota introdutória ao poema *9*. Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: ASÍNIO MARRUCINO: irmão mais velho de Asínio Polião. Asínio Polião foi político, escritor, protetor das letras, fundador da primeira biblioteca pública em Roma; a ele Cina (ver *10* e *95*) dedica o *Prosempticon,* e Virgílio, a 4ª Bucólica.

v. 2: MÃO ESQUERDA: "nascida para os furtos", segundo Ovídio (em *Metamorfoses*, 13, 111: *nataeque ad furta sinistrae*). Além disso, o ambiente descrito no poema e o roubo de um lenço sugerem uso bastante singular da mão esquerda; ver *47*, 1.

v. 4: FINO: *salsum*, "que tem sal"; ver "Introdução", 24.

v. 5: FEIO E SEM ENCANTO: *sordida et inuenusta*; ver "Introdução", 24.

v. 9: GRAÇA E ELEGÂNCIA: *facetiarum*, de *facetiae*, e *leporum*, de *lepor*; ver "Introdução", 24.

v. 10: DECASSÍLABOS: ver "Introdução", 33 e *42*, 1; Catulo usa com o mesmo sentido IAMBOS, *36*, 5; *40*, 2; *54*, 6; sobre a afinidade destes termos com elementos da invectiva e desta com os mimos e a sátira, ver "Introdução", 14, 18, 26 e 36.

v. 14: SÉTABIS: cidade da Hispânia, que produzia o melhor linho europeu (ver Plínio, o Velho, *História Natural*, 19, 9). Ver *25*, 7.

POEMA 13

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: FABULO: ver nota introdutória ao poema *9* e "Introdução", 23.

v. 8: TEIAS DE ARANHA: aqui é sinal de pobreza; ver *68*, 49, ALTA ARANHA.

v. 11: UM PERFUME: ver *6*, 8; o poema explora a tópica do perfumar-se, tratando-se aqui do perfume da própria Vênus, o perfume de mulher e do amor.

v. 12: VÊNUS E CUPIDOS: ver *3*, 1.

POEMA 14

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 2: CALVO: Caio Licínio Calvo, poeta neotérico e orador aticista; ver *50*, 1; *53*, 3; *96*, 1 e "Introdução", 13, 22a, 22b e 23.

v. 3: COM ÓDIO DE VATÍNIO: "com o mesmo ódio que Vatínio tem por ti"; ver *52*, 3 e *53*, 3, VATÍNIO.

VATÍNIO: Públio Vatínio, cesariano, questor em 63, pretor em 55 e cônsul em 47 a.C., por apenas poucos dias; em 56 foi acusado por Cícero, que nos informa sua aspiração ao consulado (ver *Discurso contra Vatínio*, 6 e 11), muito embora o tenha defendido dois anos depois. Foi também diversas vezes atacado violentamente por Calvo.

v. 7: ÍMPIOS: maus escritores, contrários ao verdadeiro poeta, que é pio para com as Musas. O conceito romano de *pietas* envolve o respeito à *fides*; ver "Introdução", 25. Aqui ambas dizem respeito, especificamente, aos princípios poéticos do grupo de Catulo; ver "Introdução", 22a, 23, e *44*, 19.

v. 9: SILA: desconhecido.

GRAMÁTICO: *literator* (*grammatistés*), "professor das primeiras letras", em oposição a *litteratus* (*grammatikós*), "professor de literatura".

v. 15: SATURNAIS: festas que ocorriam de 17 de dezembro ao fim da semana seguinte. Nestas festividades, trocavam-se presentes em comemoração à OPULÊNCIA da Idade de Ouro, quando Saturno viveu entre os homens.

TÃO BOM: *optimo*, que em latim revela não só um juízo, como nomeia um fato, já que se prende a *ops*, "recursos", "riqueza", "OPULÊNCIA"; ver *64*, 22, TÃO BONS TEMPOS e *68*, 155, TÊMIS.

v. 16: PÉRFIDO: adotei *false*, de Merrill, Mynors, Cornish, Fodyce e Bardon; ver no poema *44* o efeito em Catulo da má literatura.

v. 17: LIVREIROS: *scrinia librariorum*, "caixas dos livreiros"; colocavam-se nestes *scrinia* os rolos de papiro; ver "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 18: CÉSIO: poetastro desconhecido.

AQUINO: poetastro mencionado por Cícero, *Tusculanas*, 5, 63.

v. 19: SUFENO: poetastro desconhecido; ver *22*.

v. 22: PÉS: em duplo sentido, parte do corpo e medida poética.

POEMA 14b

Discute-se se o fragmento seria parte de um segundo proêmio ou dedicatória do *libellus*. A reconstituição, indicada em caracteres maiúsculos, é de Goold (*Catullus*, 1989). A partir daqui, de fato, é direta e precisa a linguagem que descreve práticas sexuais; ver "Introdução", 25. Metro: hendecassílabo falécio.

v. 2: INÉPCIAS: *ineptiarum*, de *ineptiae*; ver "Introdução", 20 e 24.

POEMA 15

Este texto pertence ao ciclo de Fúrio/Aurélio (ver nota introdutória ao poema *11*) e ao mesmo tempo inicia o conjunto de poemas pederásticos. Este conjunto – exemplo da *moûsa paidiké* – inclui epigramas (ver "Introdução", 16) e é chamado ciclo de Juvêncio. Juvêncio é o nome do menino favorito de Catulo, o *puer* não nomeado aqui. Completam o ciclo os poemas *16, 21, 32, 24, 26, 40* (talvez), *48, 81* e *99*. Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: CONFIO: ver *14*, 7, ÍMPIOS.

AMORES: ver "Introdução", 24.

v. 2: AURÉLIO: desconhecido; ver *11*, 1.

v. 5: MENINO: *puer* (ver "Introdução", 16 e 25), o favorito do poeta.

v. 19: MUGENS: *mugilesque*, tipo de peixe; RÁBÃOS: *raphani*, tipo de rabanete, rábano. A pena era reservada aos adúlteros pegos em flagrante; ver Horácio, *Sátiras* (1, 2, 131-3): *...egomet mi./ Discincta tunica fugiendumst et pede nudo,/ ne nummi pereant aut* PUGA *aut denique fama*, "Eu mesmo [...] / descalço, com a túnica de rojo,/ busque as NALGAS salvar, a bolsa, a honra..." (tradução de António Luís de Seabra, Rio de Janeiro, Jackson, 1970, p. 12 ["Clássicos Jackson", IV]). Juvenal, *Sátiras* (10, 317), cita o pró-

prio termo *mugiles*: ...*necat hic ferro, secat ille cruentis/ uerberibus, quosdam moechos et* MUGILES INTRAT, "Com o ferro o Esposo os pune; / São outros açoitados té morrerem./ Outros O PEIXE CABRA AFLIGE, e mata" (tradução de Francisco Antônio Martins de Bastos, Rio de Janeiro, Tecnoprint, s/d., p. 101). Aristófanes, *As Nuvens*, 1083, para referir a pena, utiliza um verbo cognato de *raphanus*: *Tí d'èn* HRAPHANIDOTHÊI *pithómenós soi?* "E se ele [...] o adúltero, te dando ouvidos, for ENRABANADO [...]?" (tradução de Custódio Magueijo, Lisboa, Editorial Inquérito, 1984, p. 98-99).

POEMA 16

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: MEU PAU NO CU, NA BOCA: *pedicabo*, *irrumabo*, de *pedicare* e *irrumare*; ver "Introdução", 25.

v. 2: AURÉLIO, FÚRIO: ver nota introdutória ao *11*, o verso 1 e "Introdução", 23.

v. 5: A UM POETA... NÃO HÁ LEI: versos importantíssimos, que explicitam a distinção entre poética e vida do poeta, mas que não evitaram interpretações de cunho biográfico; ver "Introdução", 21.

PIO: ver *14*, 7, ÍMPIOS.

v. 11: JOGO DE CINTURA JÁ NÃO TÊM: *nequeunt mouere lumbos*, "não conseguem mover o dorso"; ver "Introdução", 35.

v. 12-13: BEIJOS... AOS MILHARES JÁ LESTES: pode referir-se ao poema *5* ao *48*; ver nota introdutória ao *15*.

POEMA 17

Metro: priapeu.

v. 1: COLÔNIA: a cidade de Verona.

v. 3: TROÇOS: adotei *axulis*, de Cornish, Mynors, Fordyce, Bardon e Goold.

v. 5: SÁLIOS: sacerdotes de Marte, que percorriam a cidade em procissão dançando e tripudiando, gesto este visível na raiz *sal-*, do verbo latino *SALio*, "SALtar".

v. 12: SEM SAL: *insulsissimus*, superlativo de *insulsus*; ver "Introdução", 24.

v. 13: LASSO: ver *61*, 51, TREMENTE.

v. 14: FLOR: ver *24*, 1; *61*, 59, 193; *63*, 64; *64*, 4, 78, 251; *68*, 16; *100*, 2. Na acepção de "virgindade", ver *62*, 46; *64*, 402.

v. 18: TRONCO DA LIGÚRIA: no texto latino o termo *Liguri* refere-se a *securi*, "machado". A Ligúria era fornecedora de madeira náutica; ver Estrabão, 202.

POEMA 21

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: AURÉLIO: ver nota introdutória ao poema *11*, o v. 1 e "Introdução", 23.

v. 4: PÔR NO CU: *pedicare*; ver "Introdução", 25.

MEUS AMORES: ver "Introdução", 24; designa Juvêncio, o favorito, o *puer*, de Catulo; ver nota introdutória ao poema *15*.

v. 7: VOU METER NA TUA BOCA: *irrumatione*, de *irrumatio*; ver "Introdução", 25.

v. 13: LHE: refere-se a PUDOR.

DE PAU NA BOCA: *irrumatus*, de *irrumare*; ver "Introdução", 25.

POEMA 22

Sobre a relação entre o metro coliambo e o tom do poema, ver "Introdução", 36.

v. 1: SUFENO: poetastro desconhecido; ver *14*, 19, e "Introdução", 23.

VARO: ver *10*, 1 e "Introdução", 23.

v. 2: GRACIOSO, URBANO: *uenustus, urbanus*; ver "Introdução", 24.

v. 3: VERSOS INFINDÁVEIS: ver "Introdução", 12 e 13.

v. 5-8: PALIMPSESTO (*palimpseston*), PAPEL FINO (*cartae regiae)*, VOLUMES (*libri*), CORREIA EM COURO PÚRPURA (*lora rubra membranae*), PAUTAS A CHUMBO (*derecta plumbo*) caracterizam os metapoemas; ver "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 8: APARO À PEDRA-POMES: *pumice aequata*; ver *1*, 2, FOLHAS BURILADAS.

v. 10-11: TERRA, GADO: *caprimulgus, fossor*, literalmente "cabreiro", "cavador", signos de rusticidade; ver "Introdução", 24.

O verso final alude à fábula esópica dos dois sacos (ver Fedro, 4, 10, 1 ss.) que o homem deve carregar por ordem de Júpiter: um sobre o ombro, com seus vícios, outro junto ao peito, com os alheios.

POEMA 23

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: FÚRIO: ver nota introdutória ao poema *11*, o verso 1 e "Introdução", 23. A ira da *persona* lírica Catulo deve-se ao fato de Fúrio ser, tal como Aurélio, seu rival na relação com Juvêncio; ver nota introdutória ao poema *15*.

DINHEIRO OU BOLSO: *neque seruos... neque arca*, literalmente "nem escravos nem cofre"; ver "Introdução", 35 e 37.

v. 19: SALEIRO: por suas propriedades purificadoras, o sal era usado nos sacrifícios e guardado com muito cuidado; ver *101*, 3, ÚLTIMA DÁDIVA.

POEMA 24

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: FLOR DOS JUVÊNCIOS: antigo e aristocrático clã, originário de Túsculo, mas ramificado também em Verona; ver Cícero, *Discurso em Defesa de Plâncio*, 19 e nota introdutória ao poema *15*.

FLOR: ver *17*, 14.

v. 4: MIDAS: legendário rei da Frígia, que tornava em ouro tudo o que tocava; ver *115*, 3, CRESO.

v. 5: ÀQUELE QUE NÃO TEM DINHEIRO OU BOLSO: Fúrio; ver *23*, 1.

v. 7: HOMEM BELO: Fúrio; ver nota introdutória ao poema *11*, o verso 1 e a nota introdutória ao *15*.

POEMA 25

Metro: trímetro jâmbico cataléctico.

v. 1: TALO: nome grego, criptônimo ou nome de escravo ou liberto; desconhecido.

BICHA: *cinaede*, de *cinaedus*; ver "Introdução", 25.

v. 5: LUA... MULHERENGOS: a noite propicia buscar relações com mulheres. No entanto, para Talo, *cinaedus* e ladrão, facilita-lhe roubar; ver *7*, 9, FURTIVOS.

MULHERENGOS: adotou-se *mulierarios,* de Gubernatis e Silva.

v. 7: SÉTABIS: ver *12*, 14.

TÍNIOS: relativo à Tínia, região próxima à Bitínia, onde Catulo esteve; ver nota introdutória ao poema *10* e o verso *7.*

POEMA 26

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: FÚRIO: ver nota introdutória ao poema *11*, o verso 1, *23*, 1 e "Introdução", 23.

v. 2: VENTO SUL: *flatus Austri*, "sopro do Austro", vento sul; ver "Introdução", 37.

QUE VEM DO OESTE: *Fauoni*, "Favônio", o Zéfiro, vento que na primavera sopra do Ocidente, e pelo que a raiz indica, FAVOrável; ver *62*, 41, BRISA AFAGA e *64*, 282.

v. 3: O DO NORTE: *Boreae*, "do Bóreas", vento norte.

O DO LESTE: *Apheliotae*, "do vento do leste".

POEMA 27

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: FALERNOS: vinho da Campânia, região do sul da Itália, amargo quando velho e quando não misturado com água (mero), como era costume beber.

v. 2: MINISTRO: jovem escravo (*puer*) encarregado de pequenos serviços, das coisas MÍNImas (ver "Introdução", 24), em oposição a *MAGIStratus* (magistrado) e mesmo a *MAGISter* (professor), ofício este mais importante na antiga Roma do que alhures.

v. 3: POSTÚMIA: talvez a mulher de Sérvio Sulpício Rufo, também amante de César.

A MESTRA: o simposiarca, presidente do banquete, é aqui uma mulher, contrariamente à tradição romana.

v. 7: BACO: *Thyonianus*, "filho de Tione", pois Baco, o Dionísio dos gregos, divindade da embriaguez orgiástica, é filho de Júpiter e Sêmele, ou, segundo outra versão, de Tione.

POEMA 28

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: PISÃO: Lúcio Calpúrnio Cesonino, procônsul na Macedônia de 57 a 55 a.C., em cuja comitiva seguiram Verânio e Fabulo. Talvez seja aquele contra quem Cícero escreveu o *Discurso contra Pisão*.

COORTE: comitiva; ver *10*, 13.

MÍSERA: pobre, sem sucesso na obtenção de vantagens financeiras; ver "Introdução", 2.

v. 3: VERÂNIO, FABULO: ver nota introdutória ao poema *9*.

v. 6: LIVRO: livro contábil.

v. 7: "DEVE": termo dos livros contábeis (DEVE - HAVER). Catulo, não muito honestamente, sugere aos amigos considerarem como lucro o que na verdade devem; ver "Introdução", 2.

v. 9: MÊMIO: Caio Mêmio, pró-pretor na Bitínia em 57-56 a.C.; ver "Introdução", 2 e *10*, 12, PRETOR.

v. 10: METESTE-ME NA BOCA: *irrumasti*, de *irrumare*, signo do dano sofrido e do fracasso; ver "Introdução", 25.

v. 13: ARRANJA: expressão da fala, semelhante a "isso é o que dá arranjar..."

v. 15: VERGONHA DE RÔMULO E REMO: ambíguo e irônico, porque, nos primórdios da cidade que fundaram, os gêmeos eram ladrões salteadores, de modo que Fabulo e Verânio causam-lhes vergonha, como ladrões; ver Tito Lívio, 1, 4, 9.

POEMA 29

Primeiro de uma série de poemas com violentos ataques a Mamurra, que, segundo Plínio, o Velho (*História Natural*, 36, 6, 48), era um cavaleiro (*eques*) de Fórmias e foi comandante dos engenheiros (*praefectus fabrum*) de César na Guerra Gálica. Apoiando-se na autoridade de Cornélio Nepos (ver *1*, 3 e "Introdução", 23), Plínio em seguida afirma que Mamurra foi o primeiro romano a construir uma casa, no monte Célio, com paredes e colunas só de mármore. Cícero, na *Carta a Ático* 7, 7, 6 alude à riqueza honesta de Mamurra e na carta 13, 52, 1 menciona a calma com que César recebeu a notícia de sua morte. Além de satirizá-lo sob o nome Mamurra (este poema *29* e o *57*) Catulo ataca-o sob os codinomes *Mentula*, literalmente PINTO (*94*, *105*, *114*, *115*), e FORMIANO (*41*, *43*), por causa da terra natal. Como esse Mamurra era sabidamente o favorito de César e como, neste poema *29* e no *57*, ambos são invectivados conjuntamente, os ataques de Catulo a ele devem ser entendidos como ao próprio César, haja vista o general ter maior notoriedade (ver poema *11*, 10) e ser também alvo solitário das farpas do poeta. Assim, são poemas do ciclo de César/Mamurra: *29*, *41*, *43*, *54*, *57*, *93*, *94*, *105*, *114*, *115*. Mamurra, em particular, é satirizado por Catulo, a julgar pelo apelido, por causa da jactância de sua própria virilidade, signo de tudo que nele é desmedido e excessivo (ver "Introdução", 21), como o rápido enriquecimento, a prodigalidade e a falência. Metro: trímetro jâmbico puro ou senário jâmbico.

v. 2: VEADO: *impudicus*, o mesmo que *pathicus*; ver "Introdução", 25.

VICIADO EM JOGO: o jogo tornara-se paixão obsessiva entre jovens romanos e foi reprimido por lei; ver Cícero, *Filípicas*, 13, 2, 24.

v. 3: GÁLIA COMADA: a transalpina, onde se usavam cabelos longos, por isso "comada", em oposição à Gália togada, cisalpina, onde se imitavam costumes romanos.

v. 4: ÚLTIMA BRITÂNIA: região que, após as primeiras expedições de César, despertou para os romanos grandes esperanças de riqueza, depois frustradas; ÚLTIMA significava que era muito distante; ver *11*, 12, ÚLTIMO POVO.

v. 5: RÔMULO: é o mítico fundador de Roma, filho de Marte e Réia Sílvia, irmão gêmeo de Remo. Abandonados junto ao Tibre, foram amamentados por uma loba, depois criados por Aca Larêntia. Tito Lívio (1, 4, 7) cogita que a loba era a própria Aca Larêntia, uma prostituta (*lupa* em latim, donde até hoje, "LUPAnar"). Ver *49*, 1, FILHOS DE RÔMULO.

RÔMULO CHUPADOR: *cinaede Romule*, de *cinaedus* (ver "Introdução", 25). Trata-se de César, na qualidade de um fundador romano invertido, de quem os soldados cantavam: "César submeteu as Gálias, Nicomedes submeteu César", em Suetônio, *Os Doze Césares*, 1, 50.

v. 8: ADÔNIS: na mitologia, adolescente de beleza extraordinária; ver *95*, 1, *Esmirna*.

v. 11: COMANDANTE ÚNICO: que não tem concorrentes, em duplo sentido, político e moral.

v. 12: ILHA ÚLTIMA: Britânia.

v. 18-19: DESPOJOS PÔNTICOS, IBÉRICOS: tomados, respectivamente, na guerra mitridática, conduzida por Pompeu em 66-65 e na expedição de César à Lusitânia em 61 a.C.

v. 23: Ó MAIS POTENTES: César e Pompeu, que, com Crasso, formaram o 1º triunvirato; ver "Introdução", 2 e *55*, 6, POMPEU.

v. 24: SOGRO, GENRO: Pompeu casou-se com Júlia, filha de César, em 59 a.C.

POEMA 30

O poema utiliza a tópica da queixa ao amigo; ver nota introdutória ao *73*. Metro: asclepiadeu maior. Quanto ao metro utilizado na tradução, ver "Introdução", 34.

v. 1: ALFENO: talvez Públio Alfeno Varo; ver *10*, 1 e "Introdução", 23.

v. 3: PÉRFIDO: *perfide*, literalmente "o que trai a *fides*"; ver "Introdução", 25.

v. 6: FÉ: ver "Introdução", 25.

v. 9: SAIS FORA: ver "Introdução", 35.

v. 10: VENTOS... EM VÃO: ver *64*, 59, VÃ PROMESSA... VENTOS; 142, EM VÃO... VENTO; *65*, 17-18; *70*, 4, NO VENTO. A imagem é de Homero, *Odisséia* (8, 408) *épos d'ei pér ti bébaktai deinón, áphar tò phéroien anarpáxatai áellai*, "Espalhe o vento irrefletidas vozes" (tradução de Manuel Odorico Mendes, edição de Antonio Medina Rodrigues, São Paulo, Edusp, p. 169), utilizada por Teócrito (22, 167), *Ískon toiáde pollá, tà d'eis hygròn óikheto kŷma/ pnoiè ékhois' anémoio*, "Estas palavras falava eu muita vez, mas o sopro do vento, arrebatando-as, levou-as à volúvel onda".

v. 12: FÉ: divinizada, pela menção de "deuses".

POEMA 31

Sobre a relação do metro do texto latino, que é o coliambo, e tom do poema, ver "Introdução", 36.

v. 1: SÍRMIO: É a atual cidade de Sirmione, península do lago Benaco (hoje lago de Garda), próximo a Verona, onde o poeta tinha casa.

v. 3: UM NETUNO E OUTRO: por proteger águas salgadas e doces.

v. 5-6: TÍNIA... BITÍNIOS: ver *25*, 7, TÍNIOS e "Introdução", 2.

v. 13: ONDAS LÍDIAS DO LAGO: do lago de Garda, habitado por etruscos, que antiga tradição dizia provirem da Lídia, província da Ásia Menor.

v. 14: GARGALHADAS: imagem de Ésquilo, *Prometeu* (89), *pontíon te kymáton anérithmon gélasma*, "das marinas ondas/ inúmero riso" (tradução de Jaa Torrano, São Paulo, Roswitha Kempf, 1985, p. 33); ver *64*, 273.

POEMA 32

Metro: hendecassílabo falécio.

Para outras traduções deste poema, ver "Introdução", 30.

v. 1: HIPSITILA: adotou-se *Hypsithylla*, sugerido por T. P. Wiseman, *Catullus and his World; a Reappraisal* (Cambridge, University Press, 1985) p. 133, n. 16, que aí vê um nome grego, forjado a partir do advérbio *hýpsi*, "para cima", e do adjetivo *ithýs*, "ereto", leitura confirmada pelo verso final do poema; ver *45*, 1, ACME.

v. 2: DELÍCIAS, ENCANTOS: *deliciae*, *lepores*; ver "Introdução", 24.

v. 3: DORMIR A SESTA: *meridiatum*. É hora aprazível; ver v. 10 e *61*, 119, MEIO-DIA.

v. 6: SAIR POR AÍ FORA: ver "Introdução", 35.

v. 7: TREPADAS: *fututiones*, de *fututio*; ver "Introdução", 25.

v. 11: A TÚNICA EU FURO: ver em *67*, 22 situação oposta a esta.

POEMA 33

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: LADRÃO DOS BALNEÁRIOS: onde eram tão comuns os furtos de roupas (Plauto, *Rudens*, 382 ss.; Petrônio, 30, 8) que o *Digesto* consagra um capítulo aos *fures balnearii*, 47, 17.

v. 2: VEADO: *cinaede*, de *cinaedus*; ver "Introdução", 25.

POEMA 34

Hino a Diana, a Ártemis dos gregos, filha de Leto, irmã de Apolo, deusa virgem da caça. É identificada com Juno Lucina, entidade protetora das parturientes; com Hécate, divindade noturna venerada nas encruzilhadas (em latim *triuium*, daí "Trívia"), e também com a Lua. Sobre hinos, ver "Introdução", 18. Este poema inspirou a ode 1, 21 de Horácio: *Dianam tenerae.* Metro: glicônico segundo catalécto.

v. 1: DÁ-NOS PROTEÇÃO: *sumus in fide*, "estamos na (relação de) fé"; ver "Introdução", 25, *fides*.

v. 2: PURAS: *integri*, literalmente "não tocados"; ver *62*, 45, INTACTA.

v. 5: JÚPITER: ver *1*, 7.

v. 6: PROGÊNIE GRANDE E GENEROSA: a tradução alude ao verso de Camões "Progênie generosa de Joane", *Os Lusíadas* (8, 37, 2).

v. 7: DELOS: ilha grega, onde havia o famoso templo de Apolo.

v. 21: EM QUALQUER NOME QUE TE AGRADE: porque os deuses tinham muitos nomes, *polyonymía*, essa era a forma habitual de os antigos prevenirem-se, nos hinos, contra possíveis omissões.

POEMA 35

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: CECÍLIO: poeta de Como, desconhecido, talvez ancestral de Caio Plínio Cecílio Segundo, conhecido como Plínio, o Jovem (61-c.112 d.C.), também de lá, onde floresceram Cecílios, conforme indicam inscrições.

POETA DE TERNURAS: *tenero*, de *tener*; ver "Introdução", 24 e *50*, 3, DELICADOS.

v. 2: PAPEL: *papyre*; ver "Introdução", 27.

v. 4: NOVA COMO: assim chamada após o assediamento de César em 59 a.C. Fica próxima a Milão, às margens do atual lago de Como, antigo lago Lário.

v. 14: DÍNDIMA: relativo ao monte Díndimo, na Frígia, onde se prestava culto a Cibele.

v. 15: ÍNTIMA MEDULA: ver *45*, 16; *64*, 93 e 196; *66*, 23; *100*, 7 e *72*, 5, MUITO EU QUEIME *76*, 21, TORPOR NOS MEMBROS DENTRO e *77*, 3, QUEIMANDO MINHAS VÍSCERAS.

v. 17: SAFO: poetisa grega arcaica da ilha de Lesbos, chamada por Platão de "a décima Musa"; ver "Introdução", 21 e poema *51*.

v. 17-18: BELA ESTÁ CIBELE: ver nota introdutória ao poema *95*.

CIBELE: divindade de origem frígia venerada no monte Díndimo, na Ásia Menor. É a Mãe dos deuses, a Grande Mãe, que, diferente de Ceres, representa o poder criador da natureza selvagem, e que foi associada a Réia e a Ops dos latinos.

POEMA 36

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: *ANAIS*: ver "Introdução" 3.

VOLÚSIO: poetastro desconhecido.

PAPÉIS: *cartae* eram material de boa qualidade, estragado pelos poemas nele grafados; ver *22*, 5, PALIMPSESTO, e "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 5: IAMBOS: pé característico da invectiva desde Arquíloco (ver Horácio, *Arte Poética*, 79), passando a designar não o metro mas o conteúdo dessa poesia (ver *40*, 2 e *54*, 6). Catulo usa também o termo DECASSÍLABOS, *12*, 10, ver nota, e *42*, 1.

v. 6-7: PÉSSIMO POETA: em duplo sentido; moral ("cruel") para a menina, e estético ("poetastro") para Catulo.

DEUS DE TARDO PÉ: Vulcano/Hefesto, deus artífice de perfeições, que, ironicamente, era coxo.

v. 8: LENHOS INFECUNDOS: onde se deveriam queimar as criaturas monstruosas (ver Macróbio, *Saturnais*, 3, 20, 3); ver *95*, 8, LARGAS TÚNICAS.

v. 10: LÉPIDA: ver "Introdução", 24.

v. 11: DEUSA DO MAR AZUL NASCIDA: Vênus; ver *3*, 1 e "Introdução", 24.

v. 12: ÚRIOS: com bastante incerteza se relaciona o adjetivo a Úria, cidade da Apúlia, entre Taranto e Brındisi.

v. 17: SEM GRAÇA E SEM ENCANTO: *inlepidum, inuenustum*; ver "Introdução", 24.

v. 19: RUSTICIDADE: *pleni ruris*, de *rus*; ver "Introdução", 24.

FEIOS: *inficetiarum*, de *in + facetiae*; ver "Introdução", 24.

POEMA 37

Sobre a metalinguagem neste poema, veja-se o excelente comentário de Vasconcellos: "diante da evidente impossibilidade de tal façanha [*irrumare* a todos], Catulo assegura que cumprirá mesmo o ato, e explica: através de inscrições difamatórias na fachada do bordel. Assim, a ameaça se "concretiza" pela enunciação lingüística da ação" (em *O Cancioneiro de Lésbia*, São Paulo, Hucitec, p. 28). Metro: coliambo; ver "Introdução", 36.

v. 2: NONA COLUNA: à porta de cada taberna, a coluna servia de pilar para cartazes com dizeres informativos do que havia dentro.

DIOSCUROS: os gêmeos Castor e Pólux; ver *4*, 27, GÊMEO DE CASTOR.

v. 4: COMER: *confutuere*, de *con + futuere*; ver "Introdução", 25.

v. 8: METER NA BOCA: *irrumare*; ver "Introdução", 25.

v. 9: COMENSAIS: um dos sentidos de *sessores*, "que estão sentados para jantar"; o outro, obsceno, é "que sentam", como se vê logo abaixo, no cognato *consedit*.

CACETES: *sopionibus*, termo cuja significação precisa é incerta, mas vinculado por Gubernatis (p. 72) à prática da bissexualidade, isto é, ser ativo e também passivo, com o significado que isso tem (ver "Introdução", 25), o que, na linguagem do poema, será o efeito da punição de Catulo a seus interlocutores. Cognato de *sopio* é *prosapia* ("estirpe", "raça"), que em português, provavelmente pela verbosidade característica da posição social, é também "fanfarrice", da qual se preserva o conseqüente enfado, além das alusões sexuais, com a tradução adotada.

v. 10: GRAFAR: ver "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 12: AMADA... SERÁ: ver *8*, 5.

v. 18: CELTIBÉRIA: Hispânia central, habitada por celtas.

v. 19: EGNÁCIO: desconhecido; ver *39*, 1.

v. 20: DENTES LIMPOS COM URINA IBÉRICA: ver *39*.

POEMA 38

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: CORNIFÍCIO: Quinto Cornifício, orador, a quem se atribui hoje a *Retórica a Herênio*, autor de poemas eróticos e do epílio *Glauco*. Pertenceu ao grupo de poetas novos; ver "Introdução", 3 e 13.

v. 6: SINTO ÓDIO: queixas e imprecações contra quem fora amigo são tópicas; ver nota introdutória ao poema *73*.

AMORES: ver "Introdução", 24.

v. 8: SIMÔNIDES: Simônides de Ceos, poeta grego (séculos V-IV a.C.), famoso por seus cantos fúnebres.

POEMA 39

Sobre o metro coliambo, ver "Introdução", 36. Sobre o tom satírico do poema, ver "Introdução", 14, 18 e 26; ver também nota introdutória aos poemas *37* e *97*.

v. 1: EGNÁCIO: ver *37* e "Introdução", 23.

BRANCOS TEM OS DENTES: ver *37*.

v. 10: ROMANO: *urbanus*, o que é da *Vrbs*, Roma; ver "Introdução", 24.

TIBURTINO: natural de Tíbur, cidade do Lácio, hoje Tívoli.

v. 11: SABINO: natural da Sabínia, na Itália Central, a nordeste de Roma; ver *44*, 1.

UMBRO: natural da Úmbria, província da Itália Central.

ETRUSCO: da Etrúria, atual Toscana.

v. 12: LANUVINO: da cidade de Lanúvio, no Lácio.

v. 13: TRANSPADANO: da região além do rio Pó (*Padus*), terra natal de Catulo.

v. 16: TOLO: *inepto*, cognato de *ineptiae*, "inépcias"; ver "Introdução", 20.

v. 17: CELTIBÉRIA: Hispânia Central, habitada por celtas; ver *37*, 18.

v. 18-19: COM O QUE... GENGIVA: o uso de urina como dentifrício é testemunhado por Diodoro Sículo (5, 33, 5) e Estrabão (3, 163).

POEMA 40

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1-3: QUE PENSAMENTO MAU... QUE DEUS MAL INVOCADO: alusão a versos de Arquíloco de Paros, *frag*. 159 e 161 (LB), *...poîon ephráso tóde;/ tís sás paréeire phrénas ...*, "como pensaste isso?/ Quem te perturbou o senso?..."; *tís ára dáimon kài téou kholóumenos*, "que daimon então contigo irritado?..." (tradução de José Cavalcante de Souza, em Iumna Maria Simon [org.], *Remate de Males – Revista do Departamento de Teoria Literária*, n. 4 – "Território da Tradução", Campinas, 1984, p. 91).

RAVIDO: desconhecido; ver "Introdução", 23.

v. 2: IAMBOS: ver *36*, 5 e *54*, 6.

v. 7: MEUS AMORES: ver "Introdução", 24; designa possivelmente Juvêncio; ver nota introdutória ao poema *15*.

POEMA 41

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: AMEANA: desconhecida, a quem se dirige também o poema *43*; ver "Introdução", 23.

TÃO FODIDA: *defututa*, *de* + *fututa* de *futuere*; ver "Introdução", 25.

v. 2: DEZ MIL: ver *103*, 1, DEZ MIL SESTÉRCIOS.

v. 3: DE NARIZ TODO DISFORME: por ser grande; ver *43*, 1.

v. 4: FALIDO FORMIANO: ver nota introdutória ao poema *29*.

v. 7-8: NÃO É SÃ... COMO ELA É: adotou-se *non est... imaginosum*, de Merrill e Mynors.

POEMA 42

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: DECASSÍLABOS, ver "Introdução", 33 e *12*, 10; ver *36*, 5, iambos.

v. 3: PUTA: *moecha*; ver "Introdução", 25.

v. 5: TABUINHAS: *pugillaria*, pequenas tabuletas, assim nomeadas porque se podiam empunhar (*pugillus*, "pequeno punho"), e revestidas com uma camada de cera, para serem assim reaproveitadas; ver "Introdução", 6, 20 e 27.

PARA VER SE SUPORTAIS: para Gubernatis (p. 78) os cadernos continham convite semelhante ao feito a Hipsitila, *32*, e que a dama recusou, de modo que o poeta recorre à invectiva agressiva de seus próprios poemas para tê-los de volta.

v. 11: CADERNOS: *codicillos*, o mesmo que *pugillaria*, mas designado agora por causa do material, o *caudex* ou *codex*, casca do tronco de árvore, com que se faziam os CÓDices, códigos; ver "Introdução", 6, 20 e 27.

POEMA 43

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: DE NARIZ NÃO MÍNIMO: ver *41*, 3.

v. 5: FALIDO FORMIANO: ver nota introdutória ao poema *29*.

v. 6: PROVÍNCIA: ver "Introdução", 24, *urbanus*.

v. 8: ESTÚPIDO ...SEM GRAÇA: *insapiens et infacetum!*; ver "Introdução", 24.

Metro: coliambo; ver "Introdução", 36.

v. 1: SABINO OU TIBURTINO: da Sabínia ou Tíbur; ver *39*, 10-11.

v. 6-7: SUBURBANA VILA: localizado em Tíbur, nas planícies sabinas aos arredores da *Vrbs*, o sítio fica mesmo "abaixo" de Roma, não tendo SUBURBANA cunho pejorativo.

v. 10: SÉSTIO: Públio Séstio, tribuno da plebe em 57 a.C., que Cícero defendeu no *Discurso em Defesa de Séstio*. Escritor medíocre e orador *glacial*, pelo que é zombado por Catulo.

v. 11: ÂNCIO: supõe-se que seja Caio Âncio Restião, nome que comparece em moedas cunhadas entre 49 e 45 a.C.

DISCURSO CONTRA ÂNCIO, CANDIDATO: ainda que fictícia, se for, a referência não é tanto ao conteúdo (CHEIO DE VENENO E PESTILÊNCIA) quanto ao gênero do discurso; ver nota seguinte, e *49*, 2, CÍCERO.

v. 13: CORIZA FRIA, TOSSE: causados por Séstio; ver no poema *14* evento semelhante.

v. 15: ÓCIO: ver *10*, 2.

v. 18: ESCRITOS: ver "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 19: ÍMPIOS: ver nota ao poema *14*.

v. 21: FAZ: adotou-se *fecit* de Goold.

LIVROS: ver "Introdução", 6, 20 e 27.

POEMA 45

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: SEPTÍMIO: desconhecido; é *nomen* de tradicional família romana.

ACME: nome grego de mulher, pseudônimo talvez de uma liberta, ou, segundo Merrill (p. 77), de uma libertina. Não são de desprezar, para o sentido do poema *45*, as nuances sugeridas pelo significado do termo, "ponta", "extremidade", "ponto máximo de alguma coisa ou situação"; ver *32*, 1, HIPSITILA.

SEUS AMORES: ver "Introdução", 24.

v. 6-7: LÍBIA: notória pelos seus leões (ver Horácio, *Odes*, 1, 22, 15 e Plínio, *História Natural*, 6, 195); por extensão, significa África.

ÍNDIA TÓRRIDA: região notória pelo calor (ver Virgílio, *Geórgicas*, 4, 425 e Tibulo, 2, 3, 55) e pelo marfim (ver *61*, 114, BRANCOS PÉS); mencionada muita vez para expressar local remotíssimo; ver *11*, 2, EXTREMOS INDOS.

ENFRENTAREI... LEÕES DE VERDES OLHOS: a imagem remonta a Homero, *Ilíada*, 20, 172, *[léon] glaukióon d'ithỳs phéretai ménei*, mas é tomada diretamente de Simônides de Amorgos, 12: *anèr léont' édeisen... moûnos... symphesón*.

v. 8-9: SE COM A ESQUERDA ANTES, COM A DIREITA...: os gregos consideravam sinistros os presságios vindos da esquerda, ao contrário dos romanos, que, imitando o uso etrusco, os consideravam favoráveis. Os poetas adotam tanto um quanto outro critério: aqui comparece o primeiro.

v. 13: VIDA: designa a pessoa amada; ver *68*, 157; *104*, 1; *109*, 1.

v. 14: SENHOR: uma estátua ou imagem do Amor, diante do qual estavam os jovens.

v. 16: MEDULAS: ver *35*, 15.

v. 22: SÍRIAS: região que os romanos tinham como rica e fértil, como se vê em Cícero, *Aos Pontífices a respeito de Sua Casa*, 23.

BRITÂNIAS: ver *29*, 4, ÚLTIMA BRITÂNIA.

v. 23: FIEL: ver "Introdução", 25, *fides*.

v. 24: DELÍCIAS, PRAZERES: *delicias*, de *deliciae*; *libidines*, de *libido*; ver "Introdução", 24.

v. 25: MAIS FELIZES: ver final dos poemas *9* e *107*, e *62*, 30, MAIS GRATO.

POEMA 46

Poema de adeus ao exílio, talvez a Bitínia; ver "Introdução", 2. Inspirou a ode 4, 7 de Horácio: *Diffugere niues*. Quanto ao ritmo do verso português, ver "Introdução", 33. Metro: hendecassílabo falécio.

v. 2: FUROR NO EQUINÓCIO DO CÉU: os períodos equinociais de outono e inverno traziam tempestades, que impediam navegar.

v. 4: FRÍGIA: região central da Ásia Menor.

v. 5: NICÉIA: capital da Bitínia, à margem do lago Ascânio, de onde Catulo voltou na primavera de 56 a.C.

v. 6: ÁSIA: referida pelas belas, opulentas cidades que possui e por Tróia, em cujas redondezas morreu e foi sepultado o irmão de Catulo.

POEMA 47

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: PÓRCIO: desconhecido, de certa posição social a julgar pelo nome.

SOCRÁTION: desconhecido, provavelmente um liberto grego, talvez um dos favoritos mencionados por Cícero no *Discurso contra Pisão*, 27, 67.

MÃOS ESQUERDAS: ver *12*, 2.

v. 2: PISÃO: ver *28*, 1.

v. 3: PRIAPO: filho de Baco e Vênus, nascido com falo descomunal, por causa do ódio de Juno à deusa. Abandonado nas montanhas, tornou-se símbolo da fecundidade,

deus apotropaico, protetor de jardins, pomares, bosques e colheitas; ver *Fragmento 1*, após o poema 116.

SEM PREPÚCIO: circuncidado, conforme León Poliakov: "[...] o símbolo da eleição, i.e., a prática da circuncisão, deveria suscitar, sem dúvida, nos espíritos, ressonâncias perturbadoras (*curtis iudaeis*, escreveu Horácio; *recutitus liuius*, ironizava Marcial, e Catulo fala de *uerpus Priapus ille*)", em *A História do Anti-Semitismo I. De Cristo aos Judeus da Corte* (São Paulo, Perspectiva, 1979), p. 7.

v. 4: VERANINHO, FABULO: ver *9*, 1.

POEMA 48

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: JUVÊNCIO: o menino favorito de Catulo; ver "Introdução", 16 e 25, *puer*, e a nota introdutória ao poema *15*.

v. 2: BEIJARIA MIL VEZES: ver *5*, 10 e *16*, 12.

POEMA 49

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: MAIS LOQUAZ: *disertissime*. O próprio Cícero contrapõe *eloquens* ("eloqüente") a *disertus* ("falante", LOQUAZ) em *O Orador*, 18. Catulo, ao utilizar o superlativo, provavelmente ironiza o orador.

FILHOS DE RÔMULO: "descendentes do fundador de Roma". Outro dito irônico, já que Cícero, para escárnio de seus adversários, era da província de Arpino; ver *29*, 5, RÔMULO.

v. 2: CÍCERO: ver "Introdução", 1, 3, 20, 21, 22b, 23, 27.

POEMA 50

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: ÓCIO: ver *10*, 2.

LICÍNIO: Caio Licínio Calvo; ver *14*, 2, CALVO.

LIDES MANTIVEMOS EM VERSO: traduz *lusimus*; ver abaixo LIDAVA; "Introdução", 9, 10, 28; *61*, 232 e *68*, 17, respectivamente DIVERTIMOS COM VERSOS, DIVERTI.

v. 2: CADERNOS: ver *42*, 5 e 11: *pugillaria* e *codicillos*. Aqui o termo é TABella, propriamente "TABuinha"; ver "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 3: DELICADOS: ambíguo, pois *delicatus* é adjetivo que acompanha normalmente a palavra *puer* (ver "Introdução", 25) e aqui é também sinônimo de *tener*; ver "Introdução", 24 e *35*, 1, POETA DE TERNURAS.

v. 4: ESCREVENDO: ver "Introdução", 6, 20 e 27.

VERSOS BREVES: *uersiculos*, ver "Introdução", 13.

v. 8: TUA GRAÇA E TEUS ENCANTAMENTOS: *lepore facetiisque*; ver "Introdução" 24.

v. 20: NÊMESIS: filha do Érebo e da Noite, é a deusa grega da justiça ultrajada e por isso da vingança. Punia a *hýbris*, qualquer tipo de excesso; ver *64*, 395. É referida também como VIRGEM DE RAMNUNTE, *66*, 71 e VIRGEM RAMNÚSIA, *68*, 77.

POEMA 51

Com exceção da última estrofe, o poema traduz a ode 31 LP de Safo; ver "Introdução", 21 e poema *11*. Metro: estrofe sáfica menor.

v. 5: DOCE RIR: ver *61*, 219.

v. 8: *DE VOZ NA BOCA*: *uocis in ore*. Suplemento de Ritter Döring, que Lafaye inclui.

v. 9: TORPECE-ME A LÍNGUA E LEVE OS MEMBROS: ver *76*, 21 TORPOR NOS MEMBROS.

v. 13: ÓCIO: ver *10*, 2.

v. 15: RICAS CIDADES: provavelmente Tróia, a cidade de Páris, servidor de Vênus/Afrodite. Tróia destruída é o arquétipo mítico-literário do conceito de que *civilizar* supõe reprimir a dimensão erótica da existência. Assim, no canto 4 da *Eneida*, vemos Enéias, troiano como Páris, abandonar Dido, para poder fundar a civilização romana.

POEMA 52

Sobre função política da lírica, ver "Introdução", 22a e 22b. Metro: trímetro jâmbico.

v. 2: NÔNIO: provavelmente Lúcio Nônio Asprenate, partidário de César. Pretor em 47 e procônsul na África em 46 a.C., é mencionado em pseudo-César, *Guerra da África*, 80, 4 e *Guerra da Hispânia*, 10,2; ver "Introdução", 23.

ASSENTO CURUL: assento colocado sobre carros, reservado aos reis, depois, na República, aos cônsules, pretores, edis. *Ocupar* o assento é estar num desses cargos da magistratura.

v. 3: VATÍNIO: ver *14*, 3.

FALSO CONSULADO: no jogo político de cartas marcadas, César já havia prometido o consulado a Vatínio.

POEMA 53

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 3: VATÍNIO: ver *14*, 3.

CALVO: ver *14*, 2.

v. 5: NANICO: *salaputium*, palavra de étimo incerto. Gubernatis cogita a formação *salax*, "lascivo", e *putium*, diminutivo de *putum*, "pênis", o que estabelece uma imagem jocosa, mas afetiva, de Calvo: o tipo do baixinho eloqüente.

POEMA 54

Sobre a relação da poesia lírica e a política, ver "Introdução", 22a e 22b. Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1-5: OTÃO, HÉRIO, LIBÃO, FUFÍCIO: desconhecidos.

v. 2: PERNAS SEMI-SUJAS... SUTIL: ver "Introdução", 14, 18, 26 e 36.

v. 6: IAMBOS: ver *36*, 5 e *12*, 10, DECASSÍLABOS.

v. 7: COMANDANTE ÚNICO: César; ver nota introdutória ao poema *29* e o verso 11.

POEMA 55

Nos códices, os versos de 14 a 23 não pertencem ao poema *55*, mas, isolados, vêm após o poema *58*, sob número *58b*. Lafaye e Gubernatis, seguindo antigos comentadores, inserem estes versos no poema *55*, após a linha 13. Assim, a numeração tradicional – que não pode levar em conta os versos inseridos sem que seja alterada – vem à direita do texto latino e da tradução. À sua esquerda, está a numeração seqüencial, que é a utilizada para a remissão das notas. Metro: hendecassílabo falécio, com um espondeu (— —) no lugar do dátilo (— ◡◡).

v. 2: PENUMBRA: refúgio para amores secretos.

v. 3: CAMPO: outro campo de Marte, situado no monte Célio.

v. 4: CIRCO: o Circo Máximo, situado entre o Palatino e o Aventino.

LIVROS: *libellis* no Fórum, livreiros expunham aos passantes sua mercadoria; ver, porém, "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 5: JÚPITER: ver *1*, 7.

v. 6: POMPEU: Cneu Pompeu Magno (106-48 a.C.), cônsul em 70, 55 e 52. Vencedor de Mitridates em 66, foi triúnviro, com César e Crasso, em 59. Derrotado em Farsália por César em 48, foi assassinado logo depois no Egito.

v. 10: CAMÉRIO: desconhecido.

v. 13-17: TOLERAR-TE... RESO: típica mostra de erudição alexandrina; ver "Introdução", 9.

HÉRCULES: Héracles dos gregos, figura mitológica notória pelos doze trabalhos, de cunho iniciático, que teve que cumprir por ordem de Euristeu; ver *68*, 112, O FILHO DE ANFITRIÃO, e 114, SENHOR PIOR.

v. 14: CRETA: ilha grega do Mediterrâneo, importante pela quantidade de mitos a ela associados: nascimento e matrimônio de Júpiter e sua união com Europa; cenário de um dos trabalhos de Hércules; estória do Minotauro e de Talo, gigante de bronze, guardião da ilha.

v. 15: PÉGASO: cavalo alado, filho de Netuno e do sangue de Medusa, jorrado quando Perseu lhe cortou a cabeça.

v. 16: LADAS: campeão de corridas dos jogos olímpicos no tempo de Alexandre, tornou-se lenda.

PERSEU: herói mitológico, filho de Júpiter e Dânae. Para buscar Medusa, recebeu o auxílio de sandálias aladas.

v. 17: RESO: herói trácio, combatente pelos troianos. Possuía cavalos brancos como neve, rápidos como vento.

v. 30: VÊNUS... FALA: na literatura erótica é motivo tópico não calar amores, "... se dermos crédito à voz corrente, que afirma ser mais belo amar à vista de todos do que às ocultas...", Platão, *O Banquete*, 182d (trad. de Maria T. S. de Azevedo, Lisboa, Verbo, 1973, pp. 222-223); ver ainda "Introdução", 24 (*Venus*) e *3*, 1.

v. 31-32: MAS SE PREFERES, CALA... MEU AMOR: é passo duvidoso nos manuscritos. O texto aqui adotado implica certo cinismo do poeta, que quer, quanto aos seus próprios amores, contar com a tácita cumplicidade de Camério.

POEMA 56

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: COISA DE RIR CATÃO, TÃO CHEIA DE GOZO: empréstimo de Arquíloco de Paros (século VII a.C.), *Erasmoníde Kharílae, khrêmá toi geloîon/ eréo, polỳ phíltath' hetáiron, térpseai d' akóuon*, "Carilau, mais amável de meus amigos, vou-te contar coisa risível, que ouvindo, vai te aprazer" (frag. 153 LB Lasserre – Bonnard, Paris, "Les Belles Lettres", 1968, p. 47).

CATÃO: Públio Valério Catão, gaulês. Gramático e poeta, é precursor imediato dos poetas novos, entre os quais Fúrio Bibáculo, que de Catão disse: *Latina Siren qui solus legit ac facit poetas* ("Sirene latina, que sozinho lê e faz poetas", frag. 1); ver Suetônio, *Sobre os Gramáticos*, 2, e sobre seus poemas eróticos, Ovídio, *Cantos Tristes*, 2, 436.

v. 5: RAPAZINHO: *pupulum*; ver "Introdução", 25.

v. 7: VÊNUS: *Dionae*, de *Diona*, outro nome de Vênus; ver "Introdução", 24 e *3*, 1.

POEMA 57

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: CHUPADORES: *cinaedis*, de *cinaedus*; ver "Introdução", 25.

v. 2: MAMURRA: ver nota introdutória ao poema *29*.

PASSIVO: *pathico*, de *pathicus*; ver "Introdução", 25.

v. 4: ROMANA ...FORMIANA: César era de Roma e Mamurra de Fórmias.

v. 7: PEDANTINHOS: *erudituli*. A erudição dizia respeito, a julgar pela obra de César, a outras formas de saber, além de poesia (ver "Introdução", 22a); ver nota introdutória ao *29*; sobre Mamurra poeta, ver *105*.

v. 8: A FIM DE AMANTES: no cortejo triunfal pela vitória nas Gálias, os soldados de César entoavam: "Cidadãos, guardai vossas mulheres: trouxemos o careca adúltero", em Suetônio, *Os Doze Césares*, 1, 51.

v. 9: COMPANHEIROS RIVAIS DE MENININHAS: ambíguo. Pode significar "rivalizam entre si, disputando mulheres" e "rivalizam com mulheres, agindo, ambos, como elas".

POEMA 58

Metro: hendecassílabo falécio.

v. 1: CÉLIO: no poema, é êmulo da *persona* Catulo. Possivelmente seja Marco Célio Rufo, amigo de Cícero, que no *Discurso em Defesa de Célio* defendeu-o da acusação feita por Clódia, que para muitos é Lésbia, de tentar envenená-la; ver "Introdução", 21, 22b e 23 e os poemas do ciclo de Célio e/ou de Rufo: *59*, *69*, *71*, *73*, *77* e *100*.

LÉSBIA: ver "Introdução", 21.

v. 5: DESCASCA: *glubit*, "debulha", próprio de linguagem rústica, contrasta com o termo épico *magnanimi*, que só aparece em Catulo nos *carmina docta*; ver "Introdução", 24 e 26.

REMO: ver *29*, 5, RÔMULO.

POEMA 59

Metro: coliambo.

v. 1: RUFA, RÚFULO: a semelhança dos nomes pode indicar parentesco – portanto incesto, ver *79*, LÉSBIO, LÉSBIA – e o diminutivo, desprezo por Rufo, que se pensou ser o mesmo Marco Célio Rufo. Como Rufa é esposa de Menênio, o nome Rufa, que é tam-

bém adjetivo, "vermelha", pode ser criptônimo. Ocorre em Horácio, *Sátiras*, 2, 3, 216 e numa inscrição de Pompéia, difícil coincidência: *Rufa, ita uale, quare bene fellas* ("Rufa, te saúdo, já que chupas bem", CIL IV, 2421). Sobre o tom, a dicção do poema e o metro coliambo, ver "Introdução", 14, 18, 26 e 36.

CHUPA: *fellat*, de *fellare*; ver "Introdução", 25.

v. 5: COVEIRO: traduziu-se assim o termo latino que designa o escravo cremador de corpos, *ustor*; ver "Introdução", 37.

POEMA 60

Metro: coliambo.

v. 1-5: LEOA, CÃES, CORAÇÃO: imagens com que Eurípedes, em *Medéia* (v. 1342 ss.), nega a feminilidade desta personagem, e que reaparecem no lamento de Ariadne, também abandonada (*64*, 154 ss). Cila, que em Homero (*Odisséia*, 12, 85 s.) é inteiramente monstro, é aqui representada segundo a concepção helenística, metade humana, metade monstro. A interpelação a amigo ou amante ingratos assemelha este poema ao *30* e ao *38*; ver *64*, 154-6, LEOA, CILA e CARIBDE.

MONTANHAS LÍBIAS: ver *45*, 6, LÍBIA.

v. 2: CILA: ninfa transformada em monstro marinho, com corpo de mulher e seis cabeças de cães nas virilhas. Habitava o lado itálico do estreito de Messina na Sicília, em frente a Caribde, e representava o mar em tempestade; ver *Os Lusíadas*, 2, 45, 5-6: "E, se o *piadoso* Enéias navegou/ De Cila e de Caríbdis o mar bravo".

POEMA 61

Este poema é exemplo de epitalâmio, canto nupcial, sob a forma de hino (ver "Introdução", 18) ao deus do casamento, Hímen/Himeneu, aqui, filho de uma das Musas. Com este texto, inicia-se o conjunto dos poemas longos, que se estende até o *68*; ver ainda "Introdução", 13, 17, 19 e 24. Metro: glicônico.

1-75: Invocação, que inclui exortação às moças, 36-45, e elogio a Himeneu, 46-75.

v. 1: HÉLICON: montanha da Beócia, moradia das Musas; ver Hesíodo, *Teogonia*, 1.

v. 2: URÂNIA: a "celeste" (em grego *ouranós*, "céu"), uma das nove Musas, mãe de Himeneu.

v. 4: HÍMEN: o deus do casamento, que as lendas referem como hábil músico. Numa delas fora amado por Héspero/Vésper, a Estrela da Tarde. Assim, quando surge esta estrela, consuma-se o Hímen. Cantando nas bodas de Ariadne e Baco, ficou repentinamente sem voz, de modo que todo casamento, repetição dessa hierogamia arquetípica, recordava o fato com o canto de Himeneu. HIMENEU, talvez, na origem, um adjetivo, é

outro nome de Hímen, invocado sempre sob duplo nome Himeneu Hímen ou na ordem inversa; ver *62*, 1, VÉSPER, e *64*, 328, HÉSPERO.

v. 7: AMÁRACO: a manjerona, planta odorífera.

v. 8: VÉU: o flâmeo, véu da cor da flama, com que as noivas se cobriam; *nubere*, da raiz de NUBlado, "encoberto", significava "cobrir-se com o véu", simbolizando a perda da liberdade por causa da passagem ao poder do marido, e passou a designar, só para as mulheres, "casar-se".

v. 16: JÚNIA: Júnia Aurunculéia, desconhecida.

MÂNLIO: talvez Lúcio Mânlio Torquato, pretor em 49 a.C., morto entre os partidários de Pompeu em 46 a.C. em Tapso. Cícero o faz porta-voz do Epicurismo no tratado *Sobre os Deveres*.

v. 17: VÊNUS/IDÁLIO: ver *3*, 1.

v. 18: PÁRIS: filho de Hécuba e Príamo, senhor de Tróia. Personifica o homem afeito à beleza e encanto de mulher, não de guerras. Encarregado por Júpiter de julgar a mais bela entre Juno, Atena e Vênus, escolheu a última e entregou-lhe a maçã, que passou a ser chamada o fruto de Vênus e também o Pomo da Discórdia. Raptando, ou antes, arrebatando a esposa de Menelau, Helena, que, seduzida pelo seu encanto, seguiu-o espontaneamente, causou a guerra e queda de Tróia; ver Homero, *Ilíada*, 24, 28 ss. e Safo de Lesbos, "Ode a Anactória".

v. 22: MURTA: de flores brancas, é consagrada a Vênus; ver *64*, 89. Aqui neste poema, ver v. 93 e 194-5.

v. 23: HAMADRÍADES: ninfas dos bosques, que protegiam as árvores, sobretudo carvalhos, junto dos quais nasciam, viviam por toda a vida e morriam. Calímaco, no "Hino a Delos" (v. 76-82), relata a angústia de uma ninfa por causa de um carvalho, ferido por um raio.

v. 27: TÉSPIAS: cidade aos pés do HÉLICON, fundada por Téspio, pai de cinqüenta filhas. Hércules, hospedado por ele, uniu-se a todas elas.

v. 27-28: GRUTAS AÔNIAS: Aônia é região adjacente ao Hélicon e antigo nome mitológico da Beócia, em homenagem a Áon, filho de Netuno, rei desse país.

v. 30: AGANIPE: fonte junto ao Hélicon, consagrada às Musas.

v. 36-37: VÓS, INTACTAS JOVENS: deste até o verso 45, exortação às noivas.

v. 44-45: BONS AMORES: amores conjugais.

v. 46: QUE DEUS...: deste até o verso 75, elogio a Himeneu.

v. 51: TREMENTE: porque é idoso. Próximo da morte, o pai quer casadas as filhas; ver adiante, v. 162, TRÊMULA e *17*, 13, LASSO; e ainda *62*, 58; *64*, 307, 351; *66*, 15-16; *68*, 144.

v. 53: CINTOS: ver *2*, 13 e *67*, 28.

v. 56: REGAÇO DA MÃE: ver *62*, 21-22 e *64*, 88.

v. 57: EM MÃOS: reminiscência do instituto jurídico romano da *conuentio in manus*, "passagem da mulher às mãos (ao poder) do marido"; ver acima VÉU.

v. 59: FLOR: ver *17*, 14.

v. 67: DAR FILHOS: ver Gaio, *Institutas*, 1, 64: "se alguém contrair núpcias vis e incestuosas, não se considera que tenha nem esposa nem livres descendentes".

v. 76: ABRI AS TRANCAS...: deste até o verso 120, há interpelação à noiva diante de sua casa, inclusa a apóstrofe ao leito, a partir do verso 111.

v. 78: CLARAS TRANÇAS: as chamas no alto das tochas, que, agitadas, as tornam mais vivas, sinal de bom agouro. A imagem é de Ésquilo, *Prometeu*, 1044: *pyròs amphékes bóstrykhos*, "ígnea bigúmea trança" (tradução de Jaa Torrano, São Paulo, Roswitha Kempf, 1985, p. 67).

v. 79-83: *POR QUE... PÉS*: conjectura Goold.

v. 85: CHORAS: ver *62*, 36, FINGIDA QUEIXA e *66*, 16, FALSAS LAGRIMINHAS.

v. 87: AURUNCULÉIA: Júnia Aurunculéia, ver acima, verso 16, JÚNIA.

v. 93: HIACINTO: flor de cor violeta. A passagem lembra Alceu, frag. 141 R, *ióplok' ágna meilikhómeide Sápphoi*, "de tranças violetas, pura Safo, sorriso de mel". Essa flor brota na primavera, estação de Vênus, e morre no outono; ver v. 22.

v. 99: TRANÇAS DE OURO: imagem de Píndaro, *Olímpicas*, 1, 1, *ho dè khrysòs aithómenon pyr*, "o ouro, flamejante fogo", tomada por Lucrécio, *Da Natureza das Coisas* (6, 205), *color aureus ignis*, "ígnea cor de fogo".

v. 106: VINHA FLÉXIL... ABRAÇO: imagem inversa à dos versos 34-35.

v. 111: Ó LEITO: deste até o verso 120 há apóstrofe ao leito nupcial.

v. 111-115: *QUE... FEZ/ TE ERGUE... TÁBUAS*: conjectura de Goold.

v. 113: *TIRO*: cidade da Fenícia, cujo nome e nomeada provêm da ninfa Tiro, amada de Hércules. Seu cão, tendo comido uma concha de púrpura (*murex*), ficara com o focinho colorido. A jovem se entregaria ao herói, se ele lhe desse um vestido daquela cor, que amara. Hércules descobriu a tinta, renome da cidade.

v. 114: BRANCOS PÉS... *ÍNDIA, EBÚRNEAS TÁBUAS*: ver *64*, 45, MARFIM e 48, ÍNDICOS e *45*, 6, ÍNDIA TÓRRIDA.

v. 119: MEIO-DIA: hora aprazível da sesta; ver *32*, 3 e 10.

v. 121: MOÇOS: os *pueri*, ver "Introdução", 25. A noiva se aproxima, vão todos partir em cortejo.

v. 122: VEJO... VÉU: a noiva está coberta.

v. 127: GRAÇA FESCENINA: referência à cidade etrusca de Fescênia. Paulo de Sesto, compendiador do século VIII, considerava que "os versos entoados nos casamentos são chamados fesceninos ou porque foram trazidos da cidade de Fescênia ou porque se crê que afastavam o quebranto" (76, 6 – Lindsay). Apoiado nisso, Gubernatis (p. 113) sustenta a segunda hipótese, fazendo fescenina derivar de *fascinum*, que significa "quebranto" e também "membro viril", e, reunindo esses dois significados, acredita tratar-se de amuleto fálico pendurado no pescoço dos meninos para afastar mau agouro das núpcias que se celebram.

v. 128: NOZES: entre os *pueri*, havia um FAVORITO, que lançava nozes, a significar, para ele, o fim de sua relação de serviços e favores com o senhor, e para os noivos, bom

agouro. A este costume, Catulo une a menção a outro, o dos meninos que brincam com nozes, símbolo da infância.

v. 130: AMOR DO DONO: era comum e normal cidadãos romanos terem escravos concubinos, intercurso que o poema considera ilícito para o casado; ver v. 148.

v. 134: TALÁSIO: companheiro de Rômulo, segundo Tito Lívio (1, 9, 12): quando do rapto das sabinas, os escravos de Talásio gritavam *Talasio!* ("é para Talasio") para que outro chefe não tomasse a bela jovem a ele destinada. O grito tornou-se ritual nos casamentos, assim como "Himeneu", para os gregos.

v. 139: CACHOS: cabelos compridos identificavam o favorito.

v. 143: GLABROS: depilados, outra marca dos *pueri delicati.*

v. 156: EIS-TE A CASA: o cortejo chega à casa do noivo, casa que será a do casal.

v. 158: SERVIR: casada, a noiva passa a ser *domina*, "dona", "senhora" da casa, *domus*.

v. 162-163: TRÊMULA... "SIM": o tremor da cabeça do ancião lembra o sinal de assentimento.

v. 166-168: COM BOM PRESSÁGIO... LUZ: era sinal de mau agouro e ofensa à Vesta um eventual tropeço da noiva sobre o limiar, passagem para a condição de casada, consagrado, por isso, a essa deusa da família. Assim surgiu o costume de, neste momento, a esposa ser carregada por alguém.

v. 167: ÁUREOS: é tópico, desde Homero, o ouro nos epítetos das deusas e atributo de objetos, como signo de majestade e excelência; ver *2*, 12, MAÇÃ DE OURO.

v. 168: PORTA EM LUZ: porque polida, assim como o umbral; ver *68*, 71.

v. 172: LEITO TÍRIO: ver acima v. 113, *TIRO*.

v. 182: MOÇO EM TOGA: um acompanhante da noiva, em toga pretexta. Eram três, segundo o uso em Roma, mas, por influência literária grega, aqui há só um, o *paraninfo*, na acepção antiga (do grego *pará* + *nymphé*, "ao lado da noiva").

v. 186: HONRADAS MULHERES: as *pronubae*, senhoras que "assistiam a noiva". Eram mulheres que haviam tido um só marido, *uniuirae*.

v. 187: CONHECIDAS: no sentido antigo de *conhecer*, que é "ter relações sexuais com alguém".

v. 188: ACOMODAI: *colocate*, termo técnico, "colocai no leito". O marido aguardava no átrio.

v. 191: JÁ PODES VIR...: até o verso 230, o poeta só se dirige ao esposo.

v. 193: FLOR: ver *17*, 14.

v. 194-195: BRANCA MATRICIÁRIA E PAPÁVERO VERMELHO: a matriciária ou camomila (*parthenice*) é a flor branca das virgens (do grego *parthenós*, "virgem"). Papávero é a papoula, flor rubra de Deméter, deusa da terra. Dessa papoula extrai-se a papaverina, afrodisíaco masculino. À terra estão associadas as transmutações, nascimento, morte etc., e rituais de passagem, como o casamento. Na Rússia, *permanecer papoula* é envelhecer bonita como menina. Branco/inocência, vermelho/pudor são da tradição literária; ver v. 23.

v. 196-197: QUE OS CELÍCOLAS ME AJUDEM: *ita me di ament* é asseveração coloquial; ver *66*, 18, PELOS DEUSES e *97*, 1, DEUSES ME SOCORRAM.

v. 198: BELO... VÊNUS: ver *3*, 1 e "Introdução", 24.

v. 202: BOA: ver o verso 44, BONS AMORES.

v. 203: ÀS CLARAS: com sanção religiosa e legal; ver "Introdução", 25, *fides*.

v. 206-207: GRÃOS DE AREIA D'ÁFRICA: ver *7*, 3.

v. 213-214: NOME TÃO ANTIGO: os Torquatos, patrícios de antiga linhagem; ver Cícero, *Discurso em Defesa de Públio Sula*, 8, 24.

v. 215: DE SI GERAR-SE: da própria cepa, não por adoção.

v. 216: TORQUATO: Mânlio Torquato; ver acima, verso 16, MÂNLIO.

PEQUENINO... SEMI-ABERTOS: "o que de mais delicado a romanidade nos deixou sobre as crianças", diz Pascoli, poeta italiano; ver "Introdução", 7.

v. 219: DOCE RIR: ver *51*, 5.

v. 229-230: TELÊMACO, PENÉLOPE: Penélope, mãe de Telêmaco e esposa de Ulisses, personifica a fidelidade conjugal feminina, por ter, durante vinte anos, esperado pelo esposo, resistindo aos pretendentes; ver Homero, *Odisséia*.

v. 232-233: DIVERTIMOS COM VERSOS: traduz *lusimus*, que aqui se refere ao verso fescenino; ver "Introdução", 9, 10, 28; *50*, 1-2, LIDES MANTIVEMOS EM VERSO e *68*, 17, DIVERTI COM VERSOS.

POEMA 62

Este poema é um epitalâmio, tal como o *61* (ver nota introdutória), mas difere dele porque não refere um matrimônio específico e porque o canto aqui é amebeu, isto é, entoado em turnos alternados por dois cantores ou coros. Neste poema *62*, um coro de rapazes e um de moças, presentes à festa, fazem considerações divergentes sobre o casamento. Metro: hexâmetro datílico.

v. 1: VÉSPER: é propriamente o *planeta* Vênus, a que chamamos estrela da tarde, VESPERtina. Vésper, conforme diferentes tradições mitológicas, é filho ou irmão de Atlas, que subiu no monte que leva esse nome para olhar estrelas, quando uma tempestade o arrebatou, sem deixar vestígios. Em determinadas condições (porém não no mesmo dia, como no poema) Vésper é a primeira estrela a surgir – os autores romanos chamam-na *Noctifer*, "a que traz a noite" – e a última a partir. Os autores helenísticos chamam-na o astro Fósforo, que os romanos com exatidão traduzem *Lucifer*, "portadora da luz", pois anuncia a chegada da manhã, a Aurora. Ainda hoje dizemos que Vênus é a estrela d'alva. *Lucifer*, na poesia latina, é um dos epítetos da deusa Vênus e Vésper é (a "estrela" de) Vênus; ver *61*, 4, HÍMEN, e *64*, 328, HÉSPERO.

v. 2: OLIMPO: nome de várias montanhas da Grécia, das quais a mais famosa é da Tessália, considerada a morada dos deuses.

v. 5: HÍMEN, Ó HIMENEU: ver *61*, 5.

v. 7: ETA: monte entre a Tessália e a Etólia, sobre o qual se ergueu a pira em que Hércules se lançou.

v. 11: PALMA: vitória.

v. 20: HÉSPERO: o nome grego de VÉSPER; ver acima v. 1.

MAIS CRUEL: idéia expressa em Calímaco, frag. 291, 3 (Pfeiffer): *hespérion philéousin, atàr stygéosin héoion*: "eles amam Vésper, mas repugnam a Aurora".

v. 21-22: BRAÇOS, ABRAÇOS DA MÃE: ver *61*, 56, REGAÇO DA MÃE.

v. 24: RASA A URBE: arrasada a cidade; IMIGOS: inimigos. Aqui o tom da tradução alude ao texto de Odorico Mendes, ao verter a *Odisséia* 1, 2: "Rasa Ílion santa...". Desde Homero (*Ilíada*, 9, 594), é tradicional a imagem do sofrimento imposto à cidade vencida.

v. 26: MAIS ALEGRE: ver logo acima v. 20, MAIS CRUEL e ver abaixo v. 33, GUARDA.

v. 28: MARIDOS: usado por antecipação.

v. 30: MAIS GRATO: ver o final dos poemas *9*, *45*, *107*.

POR ISSO... HIMENEU!: conjectura de Goold. Neste poema, diversamente do que ocorre no *61*, os versos restituídos não recebem numeração, porque a própria quantidade deles é objeto de conjectura.

v. 33: GUARDA: pessoas da família que vigiavam as moças ao anoitecer, quando surgia a estrela. Por isso as moças a odiavam.

v. 34: LADRÕES: em sentido próprio e figurado; ver *7*, 9, FURTIVOS.

v. 35: AURORA: adotou-se *Eous*, de Gubernatis, Mynors, Cornish e Goold. Trata-se de Eos (Aurora dos latinos), da geração primeira dos deuses, a dos Titãs, filha de Hipérion e de Tia, e irmã do Sol e da Lua. Os latinos, porém, a identificam com Vésper; ver v. 1.

OS SURPREENDES: os poetas desconsideram o fato de que Vésper é a primeira a surgir e última a sumir em diferentes estações do ano; ver Cina, frag. 8, *te matutinus flentem conspexit Eous et flentem paulo uidit post Hesperus idem*, "a Aurora matutina te viu chorando e pouco depois chorando te viu a mesma Vésper".

v. 36: FINGIDA QUEIXA: ver *66*, 16, FALSAS LAGRIMINHAS.

v. 40: NÃO FERIDA PELO ARADO: ver *11*, 23-4, ARADO A TOCOU.

v. 41: A BRISA AFAGA: o poder nutriz da brisa é tópico; ver *64*, 90, BRISA PRIMAVERA, 282, BRISA FÉRTIL DO FAVÔNIO; *26*, 2, VENTO SUL (*Flatus... Fauoni*) e Lucrécio, *Da Natureza das Coisas*, 1, 11: *reserata uiget genitabilis aura Fauoni*, "livre voa o zéfiro fecundo" (tradução de Antônio José de Lima Leitão, São Paulo, Cultura, 1941, p. 17).

v. 41b: *E JÁ... BEM SUAVES*: conjectura de Goold.

v. 45: INTACTA: o termo é da mesma raiz de *integer*, "íntegro" e "inteiro"; ver *34*, 2, *integri*, e PURAS.

v. 46: FLOR: virgindade; ver Safo, frag. 109 (Reinach): *Parthenía Parthenía, pôi lípois' apóikhei?/ oukéti éxo pròs sé oukét' éxo*, "Virgindade, Virgindade, me deixando aonde vais?/ 'nunca mais voltarei, a ti nunca mais voltarei"; ver também *64*, 402 e *17*, 14.

v. 57: PARELHAS NÚPCIAS: casamento de pessoas de mesma condição; ver Calímaco, Epigrama 1, "Introdução", 11. PARELHO, além de significar "igual", "semelhante", é ligado a *parelha, junta*, de animais, tal como *cônjuge, conjugal* ligam-se a *jugo* e *junta*, todos cognatos de *iunxere*, v. 29; *coniuncta*, v. 54; *coniuge*, v. 59.

v. 58: MENOS PESO: ver *61*, 51, TREMENTE.

v. 64: NÃO LUTES CONTRA OS DOIS: expressão proverbial desde Platão (*Fédon*, 89, c): *pròs dúo... oúd' ho Heraklês*, "contra dois, nem Hércules".

v. 65: GENRO: usado por antecipação.

SEUS DIREITOS... DOTE: no casamento *cum manu*, a mulher perdia os vínculos com o *paterfamilias* e a *gens*, só mantendo o nome gentílico; ver *61*, 57, EM MÃOS. O dote soía ser entregue no dia das núpcias.

POEMA 63

A matéria do poema é o acesso de loucura, a autocastração e o lamento de Átis, sacerdote de Cibele. Lucrécio menciona o culto à deusa na obra *Da Natureza das Coisas* (2, 598 ss.), uma das evidentes fontes de Catulo. Sobre a relação deste poema com o conjunto dos outros poemas longos, ver a nota introdutória ao poema *64*. Metro: galiambo.

v. 1: ÁTIS: na origem, um deus frígio, companheiro de Cibele, a quem seus servidores, os galos (*galli*), sacrificavam sua virilidade, em rituais orgiásticos. Introduzido em Roma em 205 a.C., o culto era celebrado no monte Palatino e, durante a República, seu sacerdócio foi interdito aos romanos. A lenda evoluiu de modo a que Átis, de divindade, passou a sacerdote da deusa.

v. 2: ANSIOSO, ANSIOSA, v. 8: proposital repetição do mesmo adjetivo no feminino. Depois da emasculação, o poeta não mais refere Átis como homem.

v. 8: TÍMPANO: espécie de tamborim ou marimba; ver *64*, 261.

v. 9: MÃE: ver Lucrécio, 2, 598: *Quare Magna deum Mater, Materque ferarum/ et nostri genetrix haec dicta est corporis una*, "Daqui provém que todos a proclamam/ *Dos deuses mãe, dos animais, dos homens*" (tradução de Antônio José de Lima Leitão, São Paulo, Cultura, 1941, p. 82, itálicos do original).

CIBELE: ver *35*, 18.

TEUS INÍCIOS: ritos iniciáticos.

v. 12: GALAS: Calímaco foi o primeiro a mencionar o rio *Gállos* na Frígia, que deu nome aos seguidores de Cibele (frag. 411 Pfeiffer) e foi o primeiro a empregar no feminino o termo, *Gállai metròs oréies philóthyrsoi dromádes,/ haîs éntea patageîtai kài*

khálkea krótala, "Galas, da mãe dos montes, que correis portando o tirso, com as quais ressoam armas e crótalos de bronze" (frag. 761 Pfeiffer); ver v. 1, ÁTIS.

v. 13: MESTRA DÍNDIMA: Cibele; ver *35*, 14.

v. 16: TRUCULENTO MAR: ver abaixo, FERO MAR e *64*, 179.

v. 17: VÊNUS: ver *3*, 1.

v. 21: CÍMBALOS: pratos, para percussão, não o instrumento de cordas; ver *64*, 262.

v. 23: MÊNADES: as "mulheres enlouquecidas" (em grego *manía*, "loucura"). Propriamente, são as seguidoras de Baco/Dionísio, e por semelhança, designam também as Galas do cortejo de Cibele.

v. 28: TÍASO: cortejo e coro propriamente de Baco e por semelhança também o de Cibele, as MÊNADES; ver *64*, 251.

v. 30: IDA: nome de uma montanha na Tróade, região de Tróia, na Ásia Menor, e de outra na ilha de Creta.

v. 36: CERES: por metonímia, "pão". Ceres é antiga divindade romana, que preside a capacidade de brotar da terra (a raiz é ligada a "crescer" e a "**cer**eal"). Foi identificada à Deméter grega, deusa da terra, do trigo, deusa mãe, nutriz.

v. 39: SOL: o deus Hélio dos gregos, filho de Hipérion e Tia, personificação do astro diurno.

v. 40-41: FERO MAR: ver acima, v. 16, TRUCULENTO MAR.

v. 42-43: SONO, PASÍTEA: Sono é filho da Noite, irmão da Morte. É o amado de Pasítea, uma das Graças.

v. 51: MÍSERO: no masculino, porque antes da emasculação; ver v. 2, ANSIOSO.

HERÍFUGA: que foge de seu senhor.

v. 63: EFEBO: faixa de idade entre a do *puer* e a do *adulescens*, em torno de 17 anos.

v. 64: FLOR: ver *17*, 14.

v. 66: FLÓRIDAS COROAS: decoravam-se com flor as portas da casa das pessoas amadas, como sinal de afeição; ver Teócrito, 2, 153: *kài pháto hoi stephánoisi tà dómata têna pykaxeîn*, "e disse que ia cobrir de coroas a casa dele [do amante]"; ver também Lucrécio, *Da Natureza das Coisas*, 4, 1177: *exclusus amator limina saepe/floribus sertis operit*, "o amador excluso/ Pendura-lhe os umbrais c'roas e flores" (*op. cit.*, p. 203).

v. 70: IDA: ver acima verso 30.

v. 76: JUGO DOS LEÕES: ver Lucrécio, 2, 600: *Hanc ueteres Graium docti cecinere poetae/sedibus in curru biiugos agitare leones*, "Os doutos vates da vetusta Grécia/ Cantaram-na sublime, indo num coche/ Por leões puxado" (*op. cit.*, p. 82). Simbolizam a força selvagem.

v. 88: MÁRMORE DO MAR: imagem de Homero (*Ilíada*, 14, 273) – *hála marmaréen*, "mármore de mar" – empregada também por Ênio (*Anais*, 372-3 Warmington), *marmore flauo/ caeruleum spumat sale*, "o mar, sal e azul, espuma em loiro mármore".

O poema é um epílio, pequena épica; ver "Introdução", 13. Os manuscritos o designavam "Epitalâmio de Tétis e Peleu", o que permitiria identificar certa unidade temática nos poemas longos até aqui, pensando no episódio de Átis, do *63*, como a impossibilidade para o matrimônio; ver nota introdutória ao poema 61. Comparecem os elementos mais notáveis da escola alexandrina – erudição mitológica, narrativa não linear, abandono do princípio de uma unidade *mais evidente*: destaque-se a descrição digressiva do manto nupcial (50-266), pretexto para, na verdade, narrar-se outra estória, a de Teseu e Ariadne, com que a primeira se relaciona apenas pelo tema, *subjacente*, de união conjugal. Essa técnica foi bastante empregada pelos alexandrinos – no epílio *Hécale* de Calímaco (ver "Introdução", 13), no 1º Idílio de Teócrito, no Idílio *Europa* de Mosco, nas *Argonáuticas* de Apolônio (1, 721-767) – mas remonta à *Ilíada*, na descrição do escudo de Aquiles (18, 478-608). É, porém, o encadeamento *concêntrico* dos assuntos digressivos, ausente em Homero, que chama atenção, por lembrar as estórias de *Calila e Dimna*, de Ibn-Al-Mukafa e *As Mil e Uma Noites*. Metro: hexâmetro datílico.

v. 1-30: preâmbulo. Espantadas pela novidade da navegação, as Nereides – entre elas Tétis – erguem-se do mar, e Peleu – um dos Argonautas – apaixona-se por ela.

v. 1-3: PINHOS... NADARAM: alusão ao mito dos Argonautas. A nau Argo, construída pelo herói que lhe deu o nome, é, para os latinos, o arquétipo mítico do navio. Mencionando PINHOS, PÉLION, NADARAM, o poeta flagra, na natureza, a primeira origem do navio (ou ÚLTIMAS, ver *4*, 15), e sua passagem a elemento de cultura.

DIZEM: mediação narrativa. O poeta conta o que já é conhecido, legendário; ver "Introdução", 18; em *67*, 3 o verbo refere-se a um fato presente.

PÉLION: montanha da Tessália.

v. 2: NETUNO: o Poseîdon grego, filho de Saturno e Cibele. Na partilha do mundo, coube-lhe dominar o mar.

v. 3: FÁSIS: deus fluvial da Cólquida, que matou a mãe por surpreendê-la em adultério. Perseguido pelas Fúrias, atirou-se no rio Arcturo, que passou a ter o seu nome.

EETA: rei legendário da Cólquida, pai de Medéia.

v. 4: FLOR: ver *17*, 14.

ARGIVA: referente à cidade de Argos, significando, por extensão, os gregos continentais, como na épica.

v. 5: COLCOS: povo da Cólquida, aonde foram os Argonautas para conquistar o Tosão de Ouro.

v. 6: LESTA: veloz, que é o significado de *argós* em grego.

v. 7: AZUL VARRENDO O MAR: imagem de Ênio (*Anais*, 372-2 Warmington): *uerrunt... placidum mare*, "varrem o plácido mar".

v. 8: A PRÓPRIA DEUSA... LHES FEZ: Atena. Catulo não menciona Argo como construtor da nave, como fez Apolônio, Argonáuticas (1, 111): *autè gàr kài nêa thoèn káme,*

sŷn dè hoi Árgos/teûxen... kéines hypothemosýneisi, "a própria deusa fez o rápido navio, e depois, Argo com as instruções dela o construiria".

v. 11: ANFITRITE: uma das Nereides, esposa de Netuno. Aqui, por extensão, o mar.

RUDE EM ROTAS: que não conhecia viagens, atividade que, por mar, segundo o mito, então se iniciava.

v. 14: NA ESPUMA... ELEVAM: adotou-se *emersere... uultus*, de Gubernatis e Silva.

v. 15: NEREIDES: as cinqüenta ninfas, filhas de Nereu e Dóris. Habitavam o fundo do mar e personificavam os elementos marinhos. Entre as mais célebres estavam Anfitrite e Tétis.

v. 16: adotei *Illa... alia*, de Mynors.

v. 19: TÉTIS: uma das Nereides, filhas de Nereu e Dóris. Júpiter, informado por Prometeu de que ela lhe daria um filho que iria destroná-lo, não quis desposá-la e apressou seu casamento com Peleu.

DIZ-SE: ver v. 1, DIZEM.

v. 21: HOUVE: adotou-se *sensit*, de Mynors, Merrill, Gubernatis, Cornish e Goold.

PELEU: rei de Farsália, um dos Argonautas sem maior destaque, pai de Aquiles, esposo de Tétis. Para unir-se a ela, que o evitava transformando-se em vários elementos, Peleu, instruído por Quíron, segurou-a violentamente até que voltasse à forma natural.

O PAI: Júpiter, pai dos deuses; ver *1*, 7.

v. 22: TÃO BONS TEMPOS: mito das cinco Raças ou Idades, primeiro mencionadas por Hesíodo (*Trabalhos e Dias* v. 106-201) – Idade do Ouro, da Prata, do Bronze, dos Heróis (aqui aludida) e do Ferro; ver adiante verso 397 e *14*, 15, TÃO BOM.

v. 23b: *SALVE...HERÓIS!*: conjectura de Goold.

v. 24: EU... INVOCAR-VOS: verso tomado a Teócrito, *Idílios*, 1, 144-5: *ô kháirete polláki Moîsai,/ kháiret' egò d' ýmmin kài es hýsteron hádion aisô*, "ó salve, Musas, outra vez salve: no futuro a vós com prazer eu vou cantar".

v. 26: TESSÁLIA: região ao norte da Grécia.

v. 27: CEDEU SEUS AMORES: Júpiter concedeu Tétis, objeto de seus amores, a Peleu; ver "Introdução", 24 (*amores*).

v. 29: TÉTYS: a "nutriz", uma das Titânias, filhas do Céu e da Terra, esposa de Oceano. Simboliza a fecundidade das águas. É mãe de Nereu, portanto, avó de Tétis.

v. 30: OCEANO: o mais velho dos Titãs, casado com sua irmã Tétys, ambos antigas divindades do mar.

ABRAÇA... MARES: epíteto de tipo homérico para Oceano; ver *Ilíada*, 18, 399, *apsorróou Okeanoîo*, "Oceano, que reflui sobre si mesmo".

v. 31: DESEJADOS DIAS: ver adiante, v. 141 e *66*, 79.

v. 32: SUA: de Peleu.

v. 33: PAÇO: o palácio real.

v. 35: CIROS: ilha do mar Egeu.

TEMPE: vale da Tessália, por onde corre o rio Pênio ou Peneu.

FTIÓTIDA: região no extremo sul da Tessália. Aqui a palavra é empregada como sinônimo de Tessália.

v. 36: CRÁNON, LARISSA: cidades da Tessália.

v. 37: FARSÁLIA: cidade da Tessália.

v. 45: MARFIM, ÍNDICOS, v. 48: ver *61*, 114, BRANCOS PÉS.

v. 50: O MANTO...: até v. 266, com descrever o manto, o poeta intercala o longo episódio de Ariadne e Teseu.

v. 52: DIA: antigo nome da ilha de Naxos, nas ilhas Cíclades.

ARIADNE: filha de Pasífae e de Minos, rei de Creta. Apaixonada por Teseu, deu-lhe um fio para que ele pudesse sair do Labirinto, onde matara o Minotauro.

v. 53: TESEU: herói e rei de Atenas, que, para libertar a cidade do tributo de vidas humanas ao MINOTAURO, penetrou o labirinto e matou-o, com o auxílio de Ariadne, em troca do que prometera desposá-la. Entretanto, Baco, apaixonado por Ariadne, fez Teseu perder a lembrança e abandoná-la. Sigo interpretação de Gubernatis.

v. 59: VÃ PROMESSA... VENTOS: ver adiante, v. 142, EM VÃO... VENTO, e *30*, 10, VENTOS... EM VÃO.

v. 60: ALGAS: praia, por metonímia.

v. 61: MINOS: rei de Creta, esposo de Pasífae, pai de, entre outros, Ariadne e Androgeu.

v. 63: LOIROS: cabelos loiros, por serem raros, eram muito apreciados em poesia; ver adiante, v. 98.

v. 64: NÃO USA... VÉU BEM LEVE: adotou-se *non contecta... amictu*, de Gubernatis, Merrill, Mynors e Cornish. Rigoroso, Gubernatis (p. 149) afirma que este véu é o *epíblema*, véu ligeiro, e não o *éndyma*, mais espesso.

v. 73: A DEUSA DO ÉRIX: Vênus, que tinha um templo no monte Érix, na Sicília; ver *3*, 1.

v. 74: PIREU: o porto de Atenas.

v. 75: INJUSTO REI: Minos.

GORTINA: cidade de Creta, próxima do Labirinto.

v. 76: POIS CONTA-SE QUE OUTRORA: o poeta interrompe a estória de Ariadne para relatar o motivo da viagem de Teseu a Creta; ver v. 1, DIZEM.

v. 77: ANDROGEU: filho de Minos, rei de Creta, morto por Egeu num acesso de ciúme.

v. 78: CECRÓPIA: Atenas, fundada por Cécrops, rei legendário.

FLOR: ver *17*, 14.

v. 79: MINOTAURO: monstro, filho de Pasífae, esposa de MINOS e de um touro. Desse animal, tinha a cabeça, e de homem tinha o corpo. Educado por Dédalo, foi encerrado no labirinto, onde se alimentava de carne humana, que o tributo de sete moços e sete moças atenienses provia, até ser morto por Teseu, o herói máximo de Atenas. O Mi-

notauro simboliza miticamente o domínio histórico da ilha de Creta sobre o continente, a que pôs fim uma expedição liderada por Atenas.

v. 82: CRETA: ver *55*, 14.

v. 88: ABRAÇO BOM DA MÃE: ver *61*, 56, REGAÇO DA MÃE.

v. 89: MIRTOS: ver *61*, 22.

EUROTAS: rio da Lacônia.

v. 90: A BRISA PRIMAVERA: ver *62*, 41, A BRISA AFAGA; PRIMAVERA aqui é adjetivo.

v. 93: ÍNTIMAS MEDULAS: ver *35*, 15.

v. 94-95: MENINO SAGRADO: Amor.

v. 95: MISTURAS GOZO E DOR: ver *68*, 18, ATA DOCE E AMARO A AMOR. A expressão parafraseia o composto grego *glykýpikros*, "doce-amargo", conceito tópico na poesia amorosa, que remonta a Safo (frag. 97-8 Reinach): *Éros deûte m'o lysyméles dónei/glykýpikron amákhanon óreton...*, "de novo Amor, dobra-membros, me atormenta, doceamara, invencível fera". Augusto de Campos, no "Poema do Retorno", emprega "Dulcamara" (em *Viva Vaia*, São Paulo, Duas Cidades, 1979, p. 21).

v. 96: E TU QUE REGES...: Vênus; ver *3*, 1.

GOLGOS, IDÁLIO: ver *3*, 1.

v. 98: LOIRO HÓSPEDE: ver v. 63.

v. 104: EM VÃO: ou porque Teseu, por sua coragem, venceria o monstro de toda forma, ou porque ele abandonaria Ariadne.

v. 105: TAURO: cadeia de montanhas na Ásia Menor.

v. 111: OS CORNOS CONTRA OS VENTOS VÃOS: Cícero, na *Carta a Ático*, 8, 5, 1, cita um verso grego anônimo, *pollà máten keráessin es eéra thyménanta*, "muitas vezes com os cornos golpeando em vão os ares".

v. 113: COM TÊNUE FIO: o fio que Ariadne lhe dera.

v. 116: CANÇÃO PRIMEIRA: não é a estória de Peleu e Tétis, já interrompida, mas a da paixão de Ariadne por Teseu.

POR QUE EU IRIA RELEMBRAR: técnica retórica da preterição.

v. 123: SEM LEMBRAR-SE: ver acima, v. 58.

v. 124: CONTAM: ver v. 1, DIZEM.

v. 129: VÉU: ver v. 64.

v. 130: MESTA: triste.

v. 132: "PÉRFIDO...: deste verso 132 até o 201, há o lamento de Ariadne, divisível em três partes: imprecações contra Teseu (132-163); desespero pelo abandono e desesperança de salvação (164-187) e pedido aos deuses de punição à infidelidade (188-201).

v. 134: IMÊMORE: sem memória; ver acima os versos 123 e 58. Para Ariadne, o esquecimento de Teseu, a despeito de ser provocado por Baco, confunde-se com ingratidão e infidelidade; ver também v. 200-1 e "Introdução", 25, *fides*.

v. 140: AFLITA: adotou-se *miserae*, de Gubernatis, Merrill e Mynors.

v. 141: MAS LEDAS... HIMENEUS: *Sed conubia laeta, sed optatos hymenaeos*: Virgílio imita alusivamente este verso no lamento de Dido, abandonada por Enéias – *per conubia nostra, per inceptos hymenaeos* (*Eneida*, 4, 316); ver "Introdução", 9 e 10.

DESEJADOS: ver acima, verso 31 e *66*, 79.

v. 142: EM VÃO... VENTO: ver v. 59, VÃ... VENTOS e *30*, 10, VENTOS...EM VÃO.

v. 150: O IRMÃO: o Minotauro, filho de Pasífae, como Ariadne.

v. 152: AOS CÃES REPASTO E ÀS AVES: alusão à *Ilíada* (1, 4), *helória teûkhe kýnessin/oionoîsi te pâsi*, "repasto os fez aos cães e aves todas".

v. 153: NÃO ME COBRIRÁ A TERRA: pela crença dos antigos, o corpo insepulto impedia a passagem da alma pelo Estige, rio infernal. Só três punhados de terra bastavam; ver Sófocles, *Antígona*, 245 ss. e Horácio, *Odes*, 1, 28, 36.

v. 154: LEOA, CILA, v. 156: ver *60*, 1-2, LEOA, CÃES, CORAÇÃO.

v. 156: SIRTES: dois recifes entre Cirene e Cartago, funestos aos navegantes.

CARIBDE: uma filha muitíssimo voraz de Netuno e da Terra, tornada em monstro por Júpiter. Absorvia a água e os navios que nela sobrenavegavam. Depois de engolir os navios, expelia a água. Habitava o lado siciliano do estreito de Messina. Do outro lado havia Cila.

v. 157: DOCE VIDA: imagem homérica, *glykỳs aión*, *Odisséia*, 5, 152.

v. 159: AUSTERO: o termo latino é *prisci*, "antigo", "antiquado", que significa também, por extensão, "austero"; ver em *5*, 2, a relação desses conceitos na expressão VELHOS MAIS SEVEROS.

v. 162: DOS PÉS LAVAR: tarefa comum das escravas; ver *Odisséia*, 19, 386.

v. 163: NO TEU LEITO, A PÚRPURA: usando estes mesmos termos, o poeta talvez queira lembrar ao leitor que ainda está descrevendo a púrpura do leito de Tétis; ver v. 50.

v. 164: MAS POR QUE... EU VOU QUEIXAR-ME?: de novo, a técnica da preterição; ver acima, verso 116.

v. 168: VÁCUAS ALGAS: praias vazias; ver acima v. 60.

v. 170: FORTUNA: a divindade do acaso, do que é FORTUito.

v. 171: JÚPITER: ver *1*, 7.

v. 172: CECRÓPIA: Atenas; ver acima, v. 78.

CNOSSOS: cidade da ilha de Creta, onde reinou Minos.

v. 173: TRIBUTO HORRÍVEL: os sete moços e sete moças que seriam sacrificados ao Minotauro.

v. 177: POIS ONDE IREI... IMPEDE-ME: ver fala da Medéia de Ênio, *Tragoedia*, 284 (Warmington): *quo nunc me uortam? Quod iter incipiam ingredi?*, "para onde agora me dirijo? Que caminho começo a percorrer?"

v. 178: IDA: aqui, montanha da ilha de Creta; ver *63*, 30.

v. 179: TRUCULENTO MAR: ver *63*, 16.

v. 181: SANGUE IRMÃO: sangue do Minotauro, irmão de Ariadne; ver v. 150.

v. 182: DESSE MARIDO: uso irônico do termo.

v. 193: EUMÊNIDES: as Fúrias (para os gregos, Erínias). Perseguiam e atormentavam os criminosos, até enlouquecê-los. Eumênides, "benevolentes", é designação eufemística com que se tentava aplacar seu caráter.

SERPENTES POR CABELO TENDO: esta imagem das Eumênides remonta a Ésquilo (*Coéforas*, 1049), *peplektaneménai pyknoîs drákousin*, "com tranças de espessas serpentes". É empregada por Ênio (*Tragoedia*, 30-36 Warmington), *caerulea incinctae angui*, "cingidas de azulada serpente".

v. 196: MEDULAS: ver v. 93.

v. 198: ELAS: as queixas.

v. 201: POR ESQUECER: ver v. 134, IMÊMORE.

v. 202: TÃO LOGO...: até o v. 250, narram-se o retorno de Teseu e a morte de Egeu.

v. 204: COM... MENEIO: adotou-se *nutu*, de Merrill.

v. 210: SINAIS FELIZES: sinais que indicariam Teseu estar vivo, mencionados logo abaixo (MOSTRAS DE VIDA), e explicados pouco adiante, v. 234-237.

v. 211: DE ERECTEU: de Atenas. Erecteu, herói e rei legendário de Atenas, que sacrificou uma das filhas em prol da cidade.

v. 212: É QUE SE DIZ: ver v. 1, DIZEM.

EGEU: rei de Atenas, que num acesso de ciúme matou Androgeu, filho de Minos, rei de Creta. Para aplacar os deuses, que por este crime haviam punido Atenas com uma peste, a cidade devia enviar a Creta sete moços e sete moças como presa ao Minotauro.

v. 213: MURALHAS DE ATENA: as muralhas e toda cidade de Atenas são atributo de Atena. Foi associada à Minerva dos latinos, deusa em armas, que personifica não propriamente a guerra, mas a inteligência e sabedoria necessárias para vencê-la. Conselheira dos deuses, de Ulisses, de Aquiles, preside as produções do espírito, como as artes, a poesia, e mesmo as invenções técnicas do intelecto, como a quadriga, o carro de guerra, a nau Argo, instrumentos agrícolas, a cultura da oliva.

v. 216: HÁ POUCO AO PAI VOLTANDO: Teseu passara a juventude com sua mãe Etra em casa de Piteu, pai dela, rei de Trezena. Quando foi para Atenas, Egeu era idoso.

v. 225: VAGO: vacilante.

v. 226: VELA IBERA: *carbasus Hibera*. É o cárbaso, linho produzido na Hispânia no tempo de Catulo. Também é possível ler *ferrugine Hibera*, "ibérica tinta de cor ferrugem". Ambos constituem anacronismo, já que a ação se passa nos tempos míticos.

v. 228: ÍNCOLA DE ITONO: Atena. Itono, a quem se atribui a instituição do culto a Minerva Itônia, é filho de Anfictião e nome de cidade e de montanha na Beócia.

v. 232: DELIR: apagar.

v. 251: MAS DE OUTRO LADO...: até v. 264 descreve-se o tíaso báquico; ver *63*, 28, TÍASO.

IACO: outro nome de Baco.

FLOR: ver *17*, 14.

v. 252: SÁTIROS: filhos de Baco e Nicéia, faziam parte do cortejo do deus, simbolizando as forças incontroláveis da natureza vegetal e animal. Sensuais, eram representados com a parte inferior do corpo em forma de bode ou cavalo, e, depois, como belos jovens, afeitos a música, dança e ninfas.

NADOS: forma arcaizante e erudita de nascidos; ver "Introdução", 35.

NISA: cidade e montanha da Índia, consideradas terra natal de Baco.

SILENOS: gênios agrestes da Frígia, semelhantes aos Sátiros, e também integrantes do cortejo de Baco. Eram representados com orelhas, cauda e patas de cavalo.

v. 254: E ÁGEIS... BACANTES: adotou-se *quicum... furebant*, de Gubernatis, com a substantivação de *bacchantes* para evitar a lacuna.

v. 256: TIRSO: o cajado das bacantes. Era um bastão de vinheira, ornado de hera ou pâmpano, com uma pinha na ponta.

v. 261: OUTRAS BATIAM... BÁRBARA: ver Lucrécio, *Da Natureza das Coisas*, 2, 618-20: *Tympana tenta tonant palmis et cymbala circum/ concaua, raucisonoque minantur cornua cantu,/ et Phrygio stimulat numero caua tibia mentis*, "Eles então ruidosamente rufam/ Apertado tambor, oco timbale:/ Impele da corneta retorcida/ Clangor minaz; e com a cavada tuba/ Em frígios sons os ânimos concitam" (tradução de Antônio José de Lima Leitão, *op. cit.*, p. 83).

TÍMPANOS: tamborim ou marimba; ver *63*, 8.

v. 262: CÍMBALO: pratos para percussão; ver *63*, 21.

v. 264: BÁRBARA: frígia.

v. 265: O MANTO... LEITO: com quase os mesmos versos com que iniciara, 51-2, o poeta conclui a descrição do manto e a narração da estória de Ariadne.

v. 267: E O POVO DA TESSÁLIA...: até v. 277, os mortais cedem lugar aos deuses.

v. 268: VÊ-LO: o leito.

v. 271: AURORA: ver *62*, 35.

SOL: ver *62*, 35, AURORA e *63*, 39, SOL.

v. 273: SONS DE GARGALHADAS: ver *31*, 14.

v. 275: ONDAS... [v. 270] QUANDO NADAM: imagem de Ênio (*Anais*, 536 Warmington), *fluctusque natantes.*

v. 279: PRIMEIRO: até o v. 300, chegam deuses, trazendo presentes.

QUÍRON: centauro de grande sabedoria que habitava uma gruta do PÉLION. Salvou PELEU e mostrou-lhe como convencer TÉTIS a desposá-lo. Ferido acidentalmente por uma flecha de Hércules, cedeu a PROMETEU sua imortalidade, para que, com a morte, deixasse de sofrer eternamente.

v. 282: BRISA FÉRTIL DE FAVÔNIO: ver *26*, 2, QUE VEM DO OESTE e *62*, 41, A BRISA AFAGA.

v. 284: POR GRATO OLOR MIMADA RIU: imagem tomada ao hino homérico "A Deméter", 13, *keódei d' odmêi pâs t'ouranòs egélasse*, "de fragrante odor o céu inteiro riu".

v. 285: PÊNIO: o rio, aqui divinizado, que corre pelo vale de Tempe na Tessália.

v. 286: TEMPE: ver v. 35.

v. 287: NÁIADES: ninfas do elemento líquido. Toda nascente e curso de água possuía sua ninfa.

DÓRICAS: lição incerta. Gubernatis (p. 173) conjectura a possível menção à mélica coral, surgida entre os dóricos, reunindo poesia, música e dança.

v. 290-291: IRMÃ FLEXÍVEL DE FAETONTE: o choupo. Ovídio (*Metamorfoses*, 2, 340 ss.) descreve a transformação das Helíades em choupos.

FAETONTE: filho do Sol (Hélio, dos gregos) e de Clímene, uma Oceânida. Tendo sua origem divina contestada por Épafo, Faetonte pediu ao pai que o deixasse conduzir seu carro, o carro do Sol. Quando, impetuosos, os corcéis perceberam ser outro o auriga, desenfrearam-se catastroficamente pelos ares, e o Sol, por preservar o universo, teve que fulminar Faetonte. Suas irmãs, as Helíades ("filhas de Hélio"), muito tristes, transformaram-se então em choupos; ver *67*, 32, CICNO.

v. 294: PROMETEU: filho de um Titã, aos homens deu o fogo, contra a vontade de Júpiter, que, como pena, fê-lo prender a uma penha no Cáucaso, por trinta anos. Hércules o soltou, por ordem do próprio Júpiter, agradecido por Prometeu tê-lo prevenido quanto ao perigo de casar-se com Tétis. No mito grego, Prometeu é aquele que de antemão (*pró*) tem o saber (*methés*, do verbo *mantháno*, "aprender"), atributo que seus epítetos, como "de mente próvida", só explicitam.

v. 298: PAI DOS DEUSES: Júpiter; ver o verso 21 e *1*, 7.

v. 299: FEBO: "luminoso" em grego, epíteto de Apolo.

v. 300: IDRO: nome de cidade, identificada com Ídrias, na Cária. O texto é incerto.

v. 305-322: entrada e descrição das Parcas e seu ofício.

v. 305: PARCAS: as Moiras gregas. Determinavam a PARte, o lote de cada um na existência. Deusas do destino, as Parcas presidiam os três momentos culminantes da vida humana, o nascimento, o casamento, a morte. Eram representadas como velhas, de aspecto grave e severo.

v. 307: TRÊMULO: ver INFIRMES, v. 351 e *61*, 51, TREMENTE.

v. 309: RÓSEA: adotou-se *roseae*, de Gubernatis, Merrill e Mynors.

v. 314: PÓLEX: polegar.

v. 315: DENTE: estando ambas as mãos ocupadas, o fio passava entre os lábios das tecelãs, que assim o alisavam e com os dentes aparavam as rebarbas.

v. 317: PERFEITO: usado por antecipação.

v. 323-381: canto das Parcas, o epitalâmio propriamente dito (ver nota introdutória), dividido em doze estrofes desiguais, pela inserção do verso recorrente.

v. 323: TU: Peleu.

v. 324: EMÁTIA: província da Macedônia; por extensão, designava a Tessália.

v. 328: HÉSPERO: consumava-se o casamento ao despontar dessa estrela, a estrela da tarde; ver *61*, 4, HÍMEN, e *62*, 1, VÉSPER.

v. 330: FLEXÂNIMO: que dobra o coração.

v. 335: ENLACE: *foedere*; *foedus* é literalmente *pacto*, *aliança*. Aqui ocorre entre os cônjuges (ver "Introdução", 25), mas *foedus* pode ser de natureza política (FEDERAção); ver adiante UNIÃO, verso 373, e PACTO, *76*, 5; *87*, 3; *109*, 6.

v. 338: AQUILES: filho de Peleu e Tétis, era o mais forte dos gregos que combateram em Tróia. Quando ia encontrar-se com Políxena (ver v. 368), foi morto pela seta desferida por Páris, que lhe acertou o calcanhar, seu único ponto vulnerável. Para retratá-lo, Catulo, a partir daqui, compreensivelmente alude com certa freqüência à *Ilíada*, que canta a ira de Aquiles.

v. 339: NÃO DAS COSTAS NOTO AOS HOSTES: léxico e sintaxe arcaizantes e eruditos. O sentido é "que não é conhecido aos inimigos pelas costas"; ver "Introdução", 35. Para a imagem, ver *Ilíada*, 13, 289-90, *ouk àn én aukhen' ópisthe pésoi bélos oud' enì nótoi,/allà ken è stérnon è nédyos antiáseie*, "Talvez serás ferido na refega,/Na nuca e dorso não, mas na arca e ventre" (tradução de Manuel Odorico Mendes, Rio de Janeiro, Jackson, 1950, p. 225).

v. 341: ÁGIL CORÇA: ver Píndaro, *Neméias*, 3, 87-90 [*Akhilèus*] *ktéinont' eláphous áneu ky-/ nôn dolíon th' erkéon/ possì gàr kráteske*, "Aquiles que matava corças sem cães nem dolosas redes, pois por seus pés superava-as". O epíteto mais comum de Aquiles na *Ilíada* é "o de rápidos pés", *okýpous*.

v. 344: FRÍGIOS: aqui, assim como TEUCRO, significa "troiano".

v. 346: VASTÁ-LO, TÉRCIO: arcaísmos eruditos, "devastá-lo", "terceiro"; ver "Introdução", 35. Os descendentes de Pélops eram Atreu, Tieste e Agamênon, o terceiro herdeiro.

PÉLOPS: lendário rei de Micenas, pai de Tieste e Atreu.

v. 350: AO SOLTAR... RUDES: adotou-se *cum incultum... crinem*, de Merrill, Mynors e Cornish.

RUDES: descuidados.

v. 351: TINGIR: fazer sangrar de tanto bater. Soltar os cabelos e bater as mãos no peito é imagem recorrente na poesia antiga para expressar luto; ver *Ilíada*, 18, 30, *khersì dè pâsai stêthea peplégonto*, "A punhos contundindo o seio belo" (*op. cit.*, p. 322).

INFIRMES: ver v. 307.

v. 353: POIS COMO UM CEIFADOR... CORPOS: símile homérico, *Ilíada*, 11, 67 ss.: "Quando centeio ou trigo os segadores/ Em farta messe opostos vão ceifando,/ O agro juncam de espigas: tais se prostram,/ Com mútua horrenda clade, Argeus e Teucros" (*op. cit.*, p. 183).

v. 358: ESCAMANDRO: rio da planície de Tróia, em que se travaram sangrentas batalhas na *Ilíada*.

HELESPONTO: o estreito de Dardanelos, que separa a Europa da Ásia; ver *Fragmento 1*, 4, após o poema *116*.

v. 359: OS MONTES MORTOS... SANGUE: na passagem da *Ilíada*, 21, 218, de novo aludida, é o próprio rio Escamandro que se queixa a Aquiles: "De mortos plena e estreita a clara veia,/ Não posso ao divo ponto abrir caminho" (*op. cit.*, p. 370).

v. 366: AQUEUS: o mesmo que ARGIVOS. Na *Ilíada*, aqueus (da Acaia), argivos (de Argos), dânaos (de Dânao, primeiro rei de Argos), são denominações de um mesmo povo, que chamamos gregos por oposição aos seus inimigos célebres, os troianos (estes também chamados de teucros). Sendo na verdade gregos todos eles, a oposição, a rigor, é imprópria.

v. 367: NETÚNIOS CINTOS: os muros de Tróia, construídos por Netuno.

URBE DARDÂNIA: Tróia, cuja cidadela foi erguida por Dárdano, pai de Ilo; ver *68*, 86, ÍLIO.

v. 368: POLÍXENA: filha de Príamo e Hécuba. Após a queda de Tróia, foi decapitada sobre o túmulo de Aquiles (a quem estava prometida) por Neoptóiemo, filho do herói.

v. 373: UNIÃO: *foedere*; ver v. 335, ENLACE.

v. 377: CERCAR O SEU PESCOÇO: acreditava-se que a perda da virgindade fazia engrossar o pescoço.

v. 382-408: epílogo.

v. 386: FÉ: *pietate*; ver "Introdução", 25.

v. 390: LÍBER: outro nome de Baco; ver *27*, 7.

PARNASO: montanha da Fócida, perto de Delos, morada de Apolo e das Musas.

v. 393: DELFOS: os habitantes da cidade, ligada ao culto de Dionísio e ao de Apolo; ver Ésquilo, *Eumênides*, 15-25. Sobre a inadequação da antinomia apolíneo/dionisíaco, formulada por Nietzsche, ver Giorgio Colli, *O Nascimento da Filosofia*, Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

v. 394: MARTE: o Ares, dos gregos, divindade que preside a guerra no seu aspecto imediato de matança, de carnificina. Para os romanos, era considerado o pai de Rômulo e Remo. De origem agrícola, Marte personifica, de fato, a força necessária para que todo ser consiga existir, como o rebento que quer brotar. Passa, por isso, a ser associado às guerras.

v. 395: TRITÃO: mais provavelmente o rio da Beócia, que o lago na Líbia. Uma lenda dizia que Atena nascera nessas águas.

NÊMESIS: ver *50*, 20.

v. 397: MAS DEPOIS... INFANDO CRIME: advento da Raça de Ferro, violenta, excessiva, e, por isso, odiosa aos deuses, que então abandonaram o convívio com os mortais; ver v. 22.

v. 399: SANGUE DO IRMÃO: ver Lucrécio, *Da Natureza das Coisas*, 3, 72, *crudeles gaudent in tristi funere fratris*, "Ímpios com os funerais do irmão jubilam" (tradução de Antônio José de Lima Leitão, *op. cit.*, p. 111).

v. 402: FLOR: virgindade; ver *62*, 46 e *17*, 14.

MADRASTA: termo usado por antecipação. A jovem seria madrasta do filho.

v. 403: ÍMPIA: ver *14*, 7, ÍMPIOS e "Introdução", 25.

v. 404: PENATES: ver *9*, 3.

v. 405: FÁS, NEFAS: justiça/injustiça para com os deuses em oposição àquela para com os homens, *ius*, *iniuria*.

v. 408: SE DEIXAR TOCAR À LUZ DO DIA: polissêmico, este verso pode significar "aparecer às claras", isto é, não envoltos em névoas, como amiúde na épica; ou "deixar-se tocar (ver) pelos olhos luminosos dos homens" (*lumen*, "luz", também é "olho", como no *51*, 12, *lumina*); ou ainda "deixar-se tocar pela luz do dia", acepção semelhante à primeira e que Gubernatis (p. 187) não considera própria dos clássicos.

POEMA 65

Aqui se inicia a seção elegíaca da obra de Catulo (ver "Introdução", 17), que se encerra com o último poema do livro, *116*. É de notar a menção de Calímaco (*Battiadae*, "filho de Bato") presente nestes dois lugares privilegiados, abertura e final da seção. Para a tradução métrica dos dísticos elegíacos, ver "Introdução", 32. Este poema *65* também anuncia a tradução, feita por Catulo (poema *66*, a seguir), de uma elegia de Calímaco, "A Trança de Berenice", de que hoje só restam fragmentos. Para a unidade temática deste com os poemas longos precedentes, ver nota introdutória ao *66*.

Metro: dístico elegíaco.

v. 1-4: EMBORA... GERAR: a idéia expressa nessas orações concessivas só se completa no verso 15, com a oração principal EM TANTA DOR PORÉM, após a longa intercalação parentética.

v. 2: HÓRTALO: provavelmente Quinto Hortênsio Hórtalo (114-50 a.C.), orador asianista; ver *95*, 3, HORTÊNSIO.

VIRGENS DOUTAS: as Musas; ver *1*, 10, DEUSA VIRGEM; o termo DOUTAS *(doctae)* anuncia, no princípio da seção elegíaca, o teor erudito que as elegias longas têm; ver "Introdução", 19.

v. 3: MUSAS: filhas de Memória e Júpiter. O dom das Musas é a poesia e seu poder de evitar o esquecimento.

v. 6: OBLÍVIO: o rio infernal do esquecimento, Lete, assim mencionado primeiro por Platão (*República*, 621c).

v. 7: IRMÃO: ver "Introdução", 2. A morte do irmão é assunto específico de uma elegia, o poema *101*, cujos versos são, como aqui, aludidos pelo próprio Catulo no poema *68*, v. 19-26 e v. 91-100; ver "Introdução", 9, 10 e 28.

v. 8: RETÉIA: refere-se ao litoral do mar Reteu na Tróade, onde, segundo a lenda, havia os túmulos de Ajax e Deífobo (*Eneida*, 6, 505) e, segundo o poema, o túmulo do irmão de Catulo.

TRÓIA: ver *51*, 15, RICAS CIDADES.

v. 14: DAULÍADE: "a nascida em Dáulis". É Filomela (em grego, "a que ama os cantos"), transformada em rouxinol ao matar por engano seu filho, Ítilo, cujo nome parece ser chamado pelo canto desse pássaro.

v. 16: VERTIDOS: *expressa*, "traduzidos", ver "Introdução", 38.

CALÍMACO: Calímaco de Cirene (300-240 a.C.), poeta grego da época helenística, o Batíades, porque dizia descender de Bato, fundador legendário dessa cidade. É o principal modelo da poesia de Catulo; ver "Introdução", 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e poemas *116*, 2 e *7*, 6.

v. 17-18: VENTOS... EM VÃO: ver *30*, 10.

v. 19: MAÇÃ: ver *2*, 12 e Teócrito, *Idílios*, 3, 10/15, *Eníde toi déka mála phéro... Nyn égnon tòn Érota*, "Eis, trago-te dez maçãs [...] Agora conheço o Amor".

POEMA 66

Tradução da elegia "A Trança de Berenice", que Calímaco compôs em homenagem à promessa que Berenice, filha de Magas, rei de Cirene, fez quando Ptolomeu III, Evérgetes, com quem se casara pouco antes, partiu para guerrear contra Seleuco II, rei da Síria (ver "Introdução", 4). Essa conterrânea de Calímaco prometera solenemente depositar uma trança de seus cabelos no templo de Arsínoe Zefirítide, se o marido, que era também seu primo, retornasse ileso. Obtida a graça, cumpriu-se o voto. Na manhã seguinte, porém, o desaparecimento da trança causou grande abalo na corte, oportunidade para que Cônon, astrônomo da casa real, declarasse havê-la descoberto no céu, certo levada por alguma divindade e tornada constelação. Assim, com fazer falar a própria trança (ver "Introdução", 15), Calímaco engenhosamente articula a menção implícita da Cirene natal, o encômio ao rei protetor e o teor científico-didático, emblema de uma poesia criada por intelectuais multidisciplinares no ambiente da Biblioteca de Alexandria (ver "Introdução", 11). Se, para o caso de Calímaco, há, no matrimônio factual que louva, traços de poesia palaciana, a tradução do poema feita por Catulo, por afastamento de espaço e tempo, neutraliza esses traços e apropria-se apenas (ver "Introdução", 9) do matrimônio temático, que é o quanto lhe interessa, por fazer relacionar a tradução, que agora é *seu poema*, e o *65*, que o anuncia, a todos os poemas longos precedentes; ver nota introdutória ao *64* e ainda "Introdução", 5, 7, 8, 10, 17. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: SIGNOS: por *lumina* ("luzes") Catulo traduziu o termo grego *gramaîssin* (frag. 110, 1 – Pfeiffer, "sinais" ou "signos"), cuja expressividade, pela sua relação de sinonímia com *semeîon*, do léxico astronômico-astrológico e também da escrita (ver "Introdução", 6 e 20), é mantida pela tradução literal.

v. 5-6: TRÍVIA... UM DOCE AMOR: apaixonada, Trívia, a Lua (ver nota introdutória ao *34*), encontrava-se em segredo com Endímion, belo pastor, nos bosques do monte Latmo, ausentando-se do céu, o que explica miticamente a fase da lua nova.

v. 7: ELE: retoma QUEM, do v. 1 e 2.

CÔNON: astrônomo, contemporâneo e amigo de Calímaco, que trabalhou em Alexandria.

v. 8: BERENICE: esposa de Ptolomeu III, Evérgetes; ver nota introdutória.

v. 12: ASSÍRIAS: sírias.

v. 15: VÊNUS: ver *3*, 1.

ALEGRIAS... LAGRIMINHAS, v. 16: ver *61*, 51, TREMENTE e 85, CHORAS; *62*, 36, FINGIDA QUEIXA.

v. 18: PELOS DEUSES: *ita me di iuuerint*; ver *61*, 196-7, QUE OS CELÍCOLAS ME AJUDEM.

v. 22: IRMÃO: Magas, pai de Berenice, era irmão do Ptolomeu II Filadelfo, que era pai de Ptolomeu III Evérgetes. Berenice, portanto, era prima do Evérgetes, seu marido. Em latim podiam-se chamar os primos de *frater*, *soror*, "irmão", "irmã". No entanto, Berenice era chamada *adélphe kài gyné*, "irmã e esposa", porque assim continuavam-se as relações de casamento entre parentes e mesmo irmãos, como a de Ptolomeu II com sua irmã Arsínoe, pelo que foi chamado de Filadelfo (*Philadelphós*, "o que ama a irmã"), e como a de Ptolomeu I Sóter com Berenice I, supostamente sua meia-irmã. Na verdade os reis gregos do Egito, para tornar mais eficaz seu poder sobre os nativos, imitavam o costume faraônico de casar entre irmãos, fato que tem como paradigma religioso a hierogamia arquetípica de Ísis e Osíris.

v. 23: MEDULAS: ver *35*, 15.

v. 26-28: DESDE MENINA... OUSOU?: após a morte de Magas, Ápama, sua esposa, mãe de Berenice, impediria a união, anteriormente estabelecida, entre Cirene e o Egito, cedendo a filha a seu amante, Demétrio, o Belo, irmão de Seleuco, rei da Macedônia. Desposando Berenice, Demétrio reinaria sobre Cirene. Berenice, apesar de seus quinze anos ("DESDE MENINA"), fez cumprir o antigo pacto, mandando matar Demétrio (*facinus*, "BELA AÇÃO" e também "crime"). Poupou, porém, a mãe.

v. 30: JÚPITER: ver *1*, 7.

v. 35-36: ÁSIA CATIVA: segundo versão das inscrições de Adulis e de Justino, 27, 1, 8-9: *uniuersae ciuitates... Ptolomaeo se tradunt, qui nisi in Aegyptum domestica seditione reuocatus esset, totum regnum Seleuci occupasset*, "todas as cidades rendem-se a Ptolomeu, que, se não fosse forçado a voltar ao Egito por causa de uma revolta interna, teria ocupado todo o reino de Seleuco".

v. 43: ARRASADO: a hipérbole expressa a transferência, na verdade metonímica, da grandeza do espanto causado pelo feito de Xerxes – que nas guerras médicas fez abrir um canal navegável através do istmo de Atos – para o resultado desta ação sobre a própria montanha.

v. 44: RAÇA DE TIA: o Sol; ver *63*, 39.

v. 45: MEDOS: povo da Média, região da Ásia, incorporada ao império persa.

v. 46: ATOS: montanha em uma das penínsulas da Calcídica.

v. 47: FERRO: elemento articulador da digressão (42-50). O mesmo ferro, v. 47 e 50, com que se "arrasam" montanhas e com que se lutam guerras, tal como fez o Evérgetes – por cujo retorno a trança foi prometida – é aquele, v. 42, com que ela agora está sendo cortada. Por isso há a maldição contra os inventores do ferro (PRIMEIRO QUE BUSCOU NA TERRA VEIOS) e seus artífices, A RAÇA DOS CÁLIBES; ver *64*, 22, TÃO BONS TEMPOS e 397, MAS DEPOIS...

v. 48: CÁLIBES: povo da Armênia, que a tradição considera os primeiros siderúrgicos.

v. 52-53: FILHO ÚNICO DO ETÍOPE MÊMNON: *Memnonis unigena*. Passagem muito discutida, pois unigena pode ser "nascido junto com Mêmnon" (*una genitus*), por isso seu irmão, ou "único nascido", "filho único" de Mêmnon (*uno genitus*), como aqui, aludindo-se à fabula do avestruz nascido das cinzas de Mêmnon, rei lendário da Etiópia, mencionado por Ovídio, *Metamorfoses*, 13, 576 ss. Gubernatis, de quem se acolhe a lição, em favor dela menciona a existência, referida por Pausânias (9, 31, 1), de um bronze no Hélicon, que representava Arsínoe, irmã e mulher do Filadelfo, sobre um avestruz (CORCEL ALADO). Outros crêem que a expressão designe Zéfiro.

v. 54: ARSÍNOE LÓCRIDA: esposa de Ptolomeu II, Filadelfo, que ao morrer foi divinizada e identificada com Vênus. Tinha um templo no promontório de Zefírion, entre Alexandria e Canopo, sendo assim chamada ZEFIRÍTIDE. Talvez tivesse outro em uma das várias cidades a que deu nome, como a da Pentápolis, na Cirenaica, região habitada por lócrios, pelo que também a chamam Lócrida.

v. 58: CANOPO: cidade do Egito na foz do Nilo e, por extensão, o próprio Egito; por isso Arsínoe, que é de origem grega, é dita ÍNCOLA, "habitante", (proveniente) DA GRÉCIA.

FÂMULO: servidor; é aposto de CORCEL ALADO.

v. 60: COROA DAS TÊMPORAS DE ARIADNE: coroa de ouro feita por Vulcano que Baco deu à esposa no dia das núpcias. Após a morte de Ariadne, a coroa se tornou constelação. Para o episódio de Ariadne, ver *64*, 50, O MANTO.

v. 63: TEMPLOS: no sentido etimológico de espaço demarcado (TEMplo é cognato do verbo grego *témno*, "cortar").

v. 65: ELE: refere-se a CORCEL ALADO, v. 54.

VIRGEM, LEÃO: constelações.

v. 66: CALISTO LICAÔNIDE: jovem, filha de Licáon, que, amada por Júpiter, foi transformada em estrela por Juno e incluída na Ursa Maior.

v. 67: BOIEIRO: constelação.

v. 69: OCEANO: ver *64*, 30.

v. 69-70: COM SEUS PASSOS TOCAM-ME: porque moram acima dela.

CÃS DE TÉTYS: o mar, onde na aurora esta constelação se põe a oeste; ver *64*, 29.

v. 71: VIRGEM DE RAMNUNTE: Nêmesis. Ramnunte é cidade da Ática, onde havia um importante templo de Nêmesis; ver *50*, 20.

v. 77: NÃO SENTI PERFUMES: ver *6*, 8. O fato aqui é sinal de virginal pudor.

v. 78: JOVEM: solteira.

v. 79: DIA DESEJADO: ver *64*, 31.

v. 82: ÔNIX: vaso de alabastro em que se guardavam perfumes.

v. 87: CONCÓRDIA: deusa romana do entendimento em todos os pactos, nacionais, sociais, familiares.

v. 89: TU, RAINHA: Berenice.

v. 93: ESTRELAS... CABELOS: adotou-se (*sidera cur iterem?*) *iterum ut coma regia fiam*: de N. Marinone, presente na anotação de A. Traina à tradução de E. Mandruzzato (Catullo, *I Canti*, Milano, Rizzoli, 1986), p. 311.

v. 94: ORÍON JUNTO A AQUÁRIO: marca a indiferença da Trança por assuntos celestes, já que estas constelações são muito distantes.

POEMA 67

Esta elegia apresenta o diálogo da *persona* lírica com a Porta, praticamente personificada, atualizando com inovações a tópica alexandrina do *kômos*, termo que designa a perambulação dos convivas pelas ruas após a festa. Este subgênero da lírica grega, como sugere o significado do termo, exibe palavras e ações do amante que, após um encontro com a amante em quaisquer situações simposiásticas, lamenta-se por não conseguir reencontrar-se com ela. Por outro lado, é notória a preocupação dos romanos com o limiar entre o mundo externo e o interno, consubstanciado no elemento físico dessa passagem, que é a porta, a ponto de a consagrarem a Jano, deus das passagens. Daí "porta" em latim ser *ianua*, cognato de *Ianus* e de nossa tão trivial "janela". Daí "JANeiro" ser o mês de Jano, o da *entrada/saída* do ano. O epíteto desse deus era LIMENtino, isto é, o que protegia o *limen*, o LIMiar, a passagem. Assim, ao se apropriarem do *kômos*, os romanos nele incluíram esta sua especificidade, pelo que os comentadores talvez, como aponta Cairns (p. 6), o designem erroneamente *paraclausíthyron* ("lamento do amante diante da porta fechada"). Como o diálogo incide sobre o comportamento de certa mulher casada, esta elegia integra-se ao tema matrimonial dos outros poemas longos (ver nota introdutória ao poema *64*). Sua estratégia é fazer o leitor/ouvinte participar de uma quase ação dramática, típica dos Mimos (ver "Introdução", 18), e dar, pela elegia, estatuto literário ao tom malicioso e moralizante de mexericos da cidade de Verona, onde ficticiamente, cremos, se passa esta ação. Entretanto, Gubernatis (p. 203) afirma: "Esta me parece a trama de uma composição enigmática que, divulgada num ambiente bem informado, terá sido tão compreensível aos leitores antigos, quanto é obscura aos modernos". Metro: dístico elegíaco.

v. 2: JÚPITER: ver *1*, 7.

v. 3: DIZEM: aqui o recurso a verbos desse tipo, comuns em todo o poema, não aponta algum caráter lendário do que se relata, mas transfere para o vulgo a narração, ressaltando o tom de bisbilhotice a respeito das personagens; ver *64*, 1, DIZEM.

v. 4: BALBO, CECÍLIO: respectivamente o antigo e o atual proprietário da casa; desconhecidos.

v. 5: MUITO MAL: adotou-se *maligne*, de Gubernatis e Merrill.

v. 8: FÉ: *fidem*; ver "Introdução", 25.

v. 19: CONTAM: ver acima, verso 3, DIZEM.

v. 22: TÚNICA: ver *32*, 11.

v. 25: ÍMPIA: ver "Introdução", 25.

v. 28: CINTO VIRGINAL: ver *2*, 13 e *61*, 53.

v. 32: BRÍXIA: cidade da alta Itália, atual Brescia.

CICNO: rei da Ligúria. Após a morte de Faetonte (ver *64*, 291), a quem amava, Cicno fez ouvir seus lamentos nas margens do rio Erídano, identificado com o Pó, e foi transformado em cisne por Apolo. Cicno (em grego *kýknos*) significa cisne, que é a ave de Apolo.

v. 33: MELA: rio próximo a Bríxia.

v. 34: MÃE... DE VERONA: não há indicações que Bríxia fosse *metrópole* de Verona. Talvez a expressão signifique que, pertencendo ambas ao antigo território dos cenomanos, aquela fosse apenas mais importante.

v. 35: POSTÚMIO: desconhecido.

CORNÉLIO: desconhecido.

v. 42: AMAS: em geral são confidentes de sua senhora. Quanto ao fato de se narrarem experiências amorosas, ver *55*, 30, VÊNUS... FALA.

v. 45: UM OUTRO: um outro amante.

v. 46: RUBRO OLHAR: sinal de hostilidade.

v. 47: LIDES: *lites*, disputas jurídicas.

v. 48: FARSA DE UM FETO: gravidez forjada, para questões de herança.

POEMA 68

Discute-se, com base em diferentes lições dos manuscritos para o nome do destinatário desta elegia (*Mallius*, *Allius*), e em suas distintas partes integrantes, se é unitária, como apresentada aqui, ou divisível em duas, a partir do verso 41, ou até em três, como fez Goold, isolando o *envoi* final, a partir do verso 151. Gubernatis e Mynors, editores importantes, a despeito de acolherem a duplicidade de nomes, já adotavam a tese unitária, provavelmente entendendo que a elegia, assim como outros poemas longos, por exemplo o *61* e o *64*, pode articular partes em sua unidade. A esse argumento soma-se a correção de Schöll – *Malli* para *mi Alli* – que eliminou a duplicidade *Mallius/Allius* e

que foi acolhida pela mais recente edição de Catulo, a de Bardon pela Teubner, datada de 1973, e não refutada pela pouco anterior de Fordyce, de 1961. Assim, o tema do casamento e das questões de fidelidade/infidelidade implicadas, que perpassam todos os textos longos (ver nota introdutória ao *64*), comparecem neste último poema douto por meio de um *exemplum* mitológico: o episódio de Laodamia. Como Catulo, ou melhor dizendo, a *persona catulliana*, compara sua amante a Laodamia, este poema pertence ao ciclo de Lésbia mesmo sem nomeá-la (ver "Introdução", 24, nota 46). Possibilitando exibir esses diversos *gêneros* e os respectivos tons que unifica, a elegia é iniciada (v. 1-40) como carta de Catulo, abatido pela morte do irmão, a Álio, negando-lhe, por pesar, favores amorosos e também poemas eróticos, dos quais, pela resposta, supõe-se, ele necessitava, amargurado por razões de amor (v. 3-8). Porém, o poeta reconsidera sua decisão (v. 41) e envia a Álio os "dons da Musa", porque se recorda de que, por laços de hospitalidade bem particulares ("deveres de hóspede", v. 12) que mantinha com o amigo, este lhe havia emprestado sua casa já com a sua própria amante dentro ("me deu morada e deu-me à sua dona", v. 68). Os "dons da Musa" consistem basicamente no episódio de Laodamia (v. 73-130), parte mitológica da elegia, em que o poeta mostra que é douto. Quanto aos "dons de Vênus", há a sugestão ou quase excusa de que, enquanto Catulo, ainda abatido, está em Verona, em Roma, o romano (v. 28) que, no leito deixado por ele, se aquece com Lésbia é o próprio Álio. Tanto é assim que, ironicamente, como é de se esperar nessa situação, a censura de Catulo à infidelidade de Lésbia é leve, civilizada (v. 135-6). É de notar que, ao fingir existir uma relação especular, já em si mesma interessante, entre "dons de Vênus" – favores para o amor – e "dons da Musa" – poemas de amor – em que aqueles são aludidos autobiograficamente por estes, e, ao mencionar uma carta do amigo e os acontecimentos que ela contém, Catulo engendra tanto a personagem quanto as vicissitudes, que, portanto, derivam do próprio intertexto, numa elaboração semelhante ao futuro estilo epistolar de, por exemplo, *As Ligações Perigosas*, de Laclos. Desse modo, o conteúdo amoroso da elegia é antes pretexto para um discurso sobre poesia (ver "Introdução", 27). Diga-se ainda que a *união* de Protesilau e Laodamia já tinha sido assunto do poema *Protesilaodamia*, de Lévio – o precursor imediato dos poetas novos (ver "Introdução", 3). Metro: dístico elegíaco.

v. 1-40: nesta "carta", a estratégia é assumir a poesia como panacéia dos males do amor, tema elegíaco por excelência; ver "Introdução", 3, *Erotikà Pathémata*.

v. 1: QUE: antecedente de ISTO, v. 9. A inversão e o longo parêntese comparecem no texto latino e foram mantidos na tradução por serem marcas do caráter douto dos poemas longos; ver "Introdução", 35. O sentido é "apraz-me que oprimido por dura sorte... me envies esta carta, para que eu salve..."

v. 4: DO PORTAL DA MORTE: *a mortis limine*, imagem de Lucrécio 2, 960, *leti limine*.

v. 6: LEITO SÓ: *lecto caelibe*, literalmente "leito solteiro"; ver *6*, 6, SOLTEIRAS NOITES.

v. 10: DONS DA MUSA... E DE VÊNUS: Merrill e Gubernatis entendem que seja *um* só pedido, poético e erótico, isto é, poemas de amor, o que torna difícil explicar a expressão "nenhum... dos dois pedidos" (*utriusque petenti*, v. 39) e evita que "dons de Vênus" seja entendido como o próprio amor ou facilidades para seu exercício, como adiante, verso 67-8 – "me deu morada e deu-me à sua dona,/ e lá comuns nós praticávamos amores"; ver *3*, 1, VÊNUS e *65*, 3, MUSAS.

v. 11: ÁLIO: desconhecido; ver nota introdutória.

v. 12: DEVERES DE HÓSPEDE: *officium hospitis*. O pacto de hospedagem (*hospitium*), muito importante entre os romanos, nestas circunstâncias bem elegíacas, implica que o anfitrião, além da casa, conceda também sua amante; ver adiante, v. 67-8, já citados, e 158, A CASA EM QUE GOZAMOS.

v. 15: TOGA BRANCA: *toga pura*, também chamada *libera* ("sem ornamentos") ou *uirilis* ("viril"), que o menino vestia por volta dos 16 anos de idade.

v. 16: FLOR: ver *17*, 14.

v. 17: DIVERTI COM VERSOS: traduz *lusi*; ver "Introdução", 9, 10, 28; *50*, 1-2, LIDES MANTIVEMOS EM VERSO e *61*, 232-3, DIVERTIMOS COM VERSOS.

v. 18: ATA DOCE E AMARO A AMOR: ver *66*, 95: MISTURAS GOZO E DOR.

v. 19: MORTE IRMÃ: construção do original, significa "morte do irmão"; ver "Introdução", 2 e *65*, 7 e *101*.

v. 27-30: com a fórmula epistolar *quare quod* (literalmente "por isso, quanto ao assunto que"), o poeta menciona outro trecho da carta de Álio.

v. 28: UM ROMANO: traduz *quisquis de meliore nota*, "alguém de melhor proveniência", que é o próprio Álio.

v. 33: LIVROS: *magna copia scriptorum*, "grande quantidade de escritores"; ver "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 34: EM ROMA VIVO: ver "Introdução", 24, *urbanus*.

v. 39: VERTER: adotou-se *parta*, de Merrill.

DOS DOIS PEDIDOS: ver acima, v. 10, DONS DA MUSA... E DE VÊNUS.

v. 41-160: nesta segunda parte, que não assume a forma epistolar, o poeta dirige-se às Musas, não a Álio, e reconsiderando a decisão de "nenhum verso verter", v. 39, compõe, em homenagem ao amigo, uma elegia amorosa, justamente este trecho, cujo tom, por isso, difere daquele anterior, e também por ser douto, cheio de referências mitológicas, sem o tom informal "da carta".

v. 41: DEUSAS: as Musas, filhas da Memória.

v. 43: SÉC'LOS QUE OLVIDAM: tempo que faz esquecer. Álio será eternizado pelas Musas, que são filhas de Júpiter e da Memória; ver *78b*, 3.

v. 44: CEGA NOITE: noite que cega.

v. 46: O PAPEL: *carta*; ver *22*, 5, PALIMPSESTO, e *36*, 1, PAPÉIS;

FAZEI FALAR: ver "Introdução", 6, 20 e 27.

v. 47: *POR QUE... MORRER*: suplementação de Goold.

v. 49: ALTA ARANHA: *sublimis aranea*; imagem imediatamente tomada de Hesíodo – *Trabalhos e Dias*, 777, *aersipótetos arákhnes*, "aranha suspensa no ar". Mas, como sinal de abandono, remonta a Homero (*Odisséia*, 16, 34), *Odysséos dé pou eunè khétei eneunáion kák' arákhnia keîtai ékhousa*, "talvez aranhas torpes/ Jazam de Ulisses no vazio leito" (tradução de Manuel Odorico Mendes, edição de Antônio Medina Rodrigues, São Paulo, Edusp, 1992, p. 276); ver *13*, 8, TEIAS DE ARANHA.

v. 51: DÚPLICE AMATÚSIA: epíteto de Vênus/Afrodite, cultuada em Amatunte. O termo DÚPLICE pode dever-se ao culto em Amatunte, onde havia uma estátua hermafrodita da deusa, ou ao fato de Vênus misturar GOZO E DOR; ver *64*, 95. Ou então por Afrodite ser, entre os gregos, *pándemos*, "de todo o povo", e também *ouranía*, "celeste".

v. 53: PENHAS DA TRINÁCRIA: o Etna. A Sicília é chamada Trinácria por sua forma triangular – *trìa ákria*, "três pontas" – e também por ter três promontórios; ver Tucídides, 6, 2, 2.

v. 54: ÁGUAS MÁLIAS: águas do golfo Malíaco.

TERMÓPILAS: "as portas quentes" (*thérmo + pýlai*). São as fontes termais situadas entre o golfo Malíaco (ao sul da Tessália) e o monte ETA; ver *62*, 7, ETA.

v. 56: FACE EM ONDAS MÍSERAS: imagem de Homero (*Ilíada*, 9, 14), *hístato dákry khéon hós te kréne melánydros*, "Ergue-se, e como de árdua penha brota/ Negro olho d'água em fio lagrimando..." (tradução de Manuel Odorico Mendes, Rio de Janeiro, Jackson, 1950, p. 145).

v. 59: VALE: adotou-se *ualle* de Merrill, Mynors, Gubernatis e Silva.

PRONO: inclinado.

v. 60: DENSO POVO: a imagem de algo que passa entre a turba é homérica, *Ilíada*, 15, 682: *laophóron kath'odón*, "caminho que carrega pessoas".

v. 65: PÓLUX, CASTOR: deuses gêmeos protetores dos navegantes; ver *4*, 27, GÊMEO DE CASTOR.

v. 68: MORADA: ver v. 12, DEVERES DE HÓSPEDE.

DONA: *dominae*, a senhora da casa (*domus*), da morada, as quais, ambas, Álio propiciou a Catulo. Por isso diz: "e lá comuns nós praticávamos amores". *Domina* é termo técnico da elegia e designa *amante*, expressando, porém, o *seruitium*, a submissão a ela, tratada a seguir como "deusa". *Domina* e *seruitium* farão parte do léxico comum dos poetas elegíacos da época de Augusto: Propércio, Tibulo e Ovídio.

v. 71: ALISADO UMBRAL: epíteto comum dos umbrais, desde Homero, *oudós xestós*; ver *61*, 168, PORTA EM LUZ.

PÉS LUZENTES: *plantam fulgentem*. Traduz em latim *liparòi pódes*, expressão tomada a Homero, que também emprega *argyrópeza*, "de argênteos pés".

v. 72: DETEVE: por um momento, que o poeta flagra, a jovem deteve-se no umbral, na *passagem*; ver nota introdutória.

v. 73-130: mito de Protesilau e Laodamia. O episódio permite ao poeta comparações eruditas com outros mitos, mencionados numa longa intercalação tipicamente ale-

xandrina. Esta intercalação é semelhante à do poema *64*, embora contenha certa ironia, própria do gênero elegíaco. Laodamia casou-se com Protesilau, rei da Tessália, o primeiro grego a morrer na guerra de Tróia, punido pelos deuses por apressar o casamento para ir à luta sem oferecer os sacrifícios necessários à consagração do enlace. Conta-se ainda que, por súplicas dela, os deuses o teriam, por algumas horas, devolvido à vida. Esgotado o prazo, ela suicidou-se.

v. 77: VIRGEM RAMNÚSIA: Nêmesis, cultuada em Ramnunte, na Ática; ver *50*, 20.

v. 78: SENHORES: deuses.

v. 79: CRUOR: o sangue derramado, como era comum nos sacrifícios.

v. 85: PARCAS: as Moiras gregas, que fiavam os destinos humanos; ver *64*, 323.

PARTIRIA, PARTISSE, v. 86: jogo de palavras do original, ***abisse***, ***isset*** *ad*.

v. 86: ÍLIO: Tróia, fundada por Ilo; ver *64*, 367, URBE DARDÂNIA.

v. 87: ARGIVOS: gregos; ver *64*, 366, AQUEUS.

v. 89: EUROPA E ÁSIA: Tróia fica na planície de Hissarlik, na parte asiática da atual Turquia. A expedição que foi assediá-la era majoritariamente da Grécia continental, na Europa.

NEFAS: ver *64*, 405. O que é injusto aqui não é tanto a guerra de Tróia, quanto a morte prematura do irmão, que é evocada por mencionar-se a região onde fora enterrado, assunto da pequena digressão, v. 91-100.

v. 91: IRMÃO: ver "Introdução", 2 e *65*, 7 e *101*.

v. 97-98: CONHECIDAS TUMBAS, CINZAS DE PARENTES: túmulos de pessoas conhecidas, com as quais se estabelecem as relações que unem pessoas nascidas no mesmo local.

v. 101: SE DIZ: mediação do narrador que acentua o caráter lendário do que se conta; ver *64*, 1 DIZEM e "Introdução", 18.

GREGOS: ver *64*, 366, AQUEUS.

v. 103: PÁRIS: ver *61*, 18.

AMANTE: *moecha*, ver "Introdução", 25. Esta expressão não muito gentil designa Helena; ver *61*, 18, PÁRIS.

v. 104-105: FÁCIL ÓCIO: ver *10*, 2.

v. 109: FÊNEO DE CILENE: junto ao monte Cilene, na Arcádia, há a cidade e o lago pantanoso de Fêneo. Às suas profundas águas se compara o amor de Laodamia. A Hércules atribui-se a drenagem do pântano.

OS GREGOS DIZEM: ver v. 101, SE DIZ.

v. 110: HAURINDO HUMORES: drenando a água.

PÍNGÜE: espesso.

v. 111: É FAMA: ver acima, v. 101, SE DIZ.

v. 112: O FILHO DE ANFITRIÃO: Hércules, que não era filho de Anfitrião (DE FALSO PAI), mas de Júpiter, que, para unir-se com Alcmena, a esposa, assumira o aspecto do marido. Assim Anfitrião emprestou seu nome a todos que recebem visitas; ver *55*, 13, HÉRCULES.

v. 113: CERTAS: certeiras.

ESTINFALO: cidade da Arcádia.

MONSTROS: aves que se alimentavam de carne humana, mortas por Hércules, no quinto trabalho.

v. 114: SENHOR PIOR: *deterioris eri*, que traduz *polỳ khéironi photí*, as mesmas palavras com que Hércules, na *Odisséia* (11, 621), designa Euristeu.

v. 115: A MAIS DEUSES: ao próprio Hércules, que, tendo cumprido seus trabalhos iniciáticos, ingressou no Olimpo e desposou HEBE, a Juventa ou Juventude dos antigos romanos.

v. 119-124: a alegria de Laodamia com o marido agora é comparada à do avô que consegue herdeiro para sua fortuna.

v. 123: IRRISÃO: escárnio.

v. 124: O ESPANTA: nascendo o herdeiro, frustram-se as expectativas alegres de herança para um parente ambicioso (ABUTRE). A imagem evoca o símile de Homero (*Ilíada*, 9, 481) – *kài m'ephíles' hos éi te patèr hón paîda philései moûnon telýgeton*, "Tratou-me o rei bem como único herdeiro/ Que em vastas possessões tardio houvesse" (tradução de Manuel Odorico Mendes, Rio de Janeiro, Jackson, 1951, p. 156) – e também de Píndaro, *Olímpicas*, 10, 106-8, *ploûtos ho lakhòn poiménal epaktòn allótrionl thnáiskonti stygerótatos*, "é a mais odiosa a fortuna que, ao morrermos, acaso cabe a um senhor intruso, estranho".

v. 125-130: o prazer de Laodamia com o marido compara-se agora à pomba, que é a ave de Afrodite/Vênus e simboliza a realização amorosa que a pessoa apaixonada oferece ao objeto de seu desejo. A sintaxe e as expressões MENOS PROBA e MULHER QUE POR MUITOS TEM QUERERES sugerem que Laodamia, na versão de Catulo, levou vida licenciosa após a morte do marido e que superou tais ímpetos (FURORES VENCESTE) ao reencontrar-se com ele no mundo infernal (REVERES DE VEZ).

v. 131-137: a Laodamia o poeta compara Lésbia (MINHA LUZ).

v. 133: CORRENDO-LHE... CUPIDO: a amante recebe os mesmos atributos de Vênus; ver Horácio, *Odes*, 1, 2, 33: *Erycina ridens,/quam Iocus circum uolat et Cupido*, "Vênus risonha,/ A cujo lado o riso, e as graças voam." (tradução de Elpino Duriense em *Obras Completas*, São Paulo, Cultura, 1941, p. 23). Assim também TÚNICA AÇAFLOR ("cor de açafrão") é o traje em que Safo (frag. 61 – Reinach) vê Eros: *élthont' ex oráno porphyrían perthémenon klámyn*, "[Eros] do céu descendo, vestido em túnica purpurina".

AQUI E ALI: ver *3*, 9.

CUPIDO: ver *3*, 1.

v. 135: COM UM SÓ CATULO: verso fundamental para a compreensão da poética de Catulo e dos elegíacos romanos; ver "Introdução", 24, nota 46.

v. 136: RARAS FUGAS: os raros amores furtivos, praticados aqui com Álio.

v. 138: JUNO: irônico, pois Juno, a Hera dos gregos, preside o amor conjugal, isto é, a relação amorosa que respeita as outras regulamentações sociais, pelo que se opõe à

radical experiência erótico-amorosa e mesmo trágica de Vênus, que não reconhece esses limites.

CELÍCOLAS: os que habitam o céu, os deuses.

v. 140: JOVE: Júpiter, esposo de Juno; ver *1*, 7.

v. 142-143: *NEM MALES... CATULO*: suplementação de Goold.

v. 144: PAIS TRÊMULOS: ver *61*, 51, TREMENTE.

v. 145: PELA MÃO DO PAI TRAZIDA: como esposa. A expressão não designa a condução da noiva pelo pai, que de fato não ocorria nas núpcias romanas, mas o consentimento dele.

v. 146: OLOR ASSÍRIO: ver *6*, 8. ASSÍRIO equivale a sírio.

v. 147: DONS FURTIVOS: ver *7*, 9.

v. 150: PEDRA BEM MAIS BRANCA: alusão ao costume de marcarem-se com pedras brancas os dias felizes e com negras, os infelizes; ver *107*, 6, TÃO CLARA MARCA.

v. 151-162: ENVOI, em que se conclui o elogio a Álio: o poeta se dirige novamente a ele, PARA TI.

v. 153: NÃO TE CUBRA O NOME: retoma com pequena variação o tema dos versos 43 e 49.

v. 155: TÊMIS: deusa da geração dos Titãs, filha do Céu e da Terra, personificação da Justiça. Recompensava, na Idade do Ouro, opulenta, os homens virtuosos. No final dessa era, quando surge, bélica, a geração de bronze, Têmis abandonou a terra; ver *14*, 15, TÃO BOM e *64*, 22, TÃO BONS TEMPOS e *64*, 397, MAS DEPOIS... INFANDO CRIME.

v. 157: TUA VIDA: as pessoas amadas; ver *45*, 13.

v. 158: A CASA, A SENHORA: que Álio emprestou a Catulo; ver nota introdutória.

GOZAMOS: traduz *lusimus*, de *ludere*, ver "Introdução", 9, 10 e 28.

v. 159: E A HÓSPEDE... ABRIGO: verso muito discutido, pela sua difícil leitura nos manuscritos. Adotou-se *et qui principio nobis terram dedit, hospes*, de Bardon. A hóspede é Lésbia, que fora também senhora da casa e de Catulo.

v. 162: MINHA LUZ: Lésbia; ver v. 132.

POEMA 69

Ainda na seção elegíaca (ver "Introdução", 19), este poema inicia o conjunto dos epigramas, ver "Introdução", 15, 17 e 24. Quanto ao tom satírico que tenham, ver "Introdução", 14, 18, 26 e 36. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: RUFO: ver *58*, 1, CÉLIO.

v. 4: DELÍCIAS: ver "Introdução", 24.

v. 5: UM BODE: ver *71*, 1.

v. 10: FOGEM: refere-se a meninas.

POEMA 70

Metro: dístico elegíaco.

v. 2: NEM SE JÚPITER PEDIR: ver *72*, 2, NEM PREFERIR TER JÚPITER e *1*, 3.

v. 4: NO VENTO: ver *30*, 10, VENTOS... EM VÃO.

'SCREVER NO VENTO e NA ÁGUA RÁPIDA: imagem de Sófocles (frag. 741) – *hórkous egò gynaikòs eis hýdor grápho*, "juramentos da mulher na água escrevo" – e de Platão (*Fedro*, 276c) – *ouk ára spoudê autà en hýdati grápsei*, "não escreverei precipitadamente estas coisas na água". Embora se utilize dessas imagens, o poema é *reelaboração* (ver "Introdução", 38) do epigrama 25 de Calímaco:

Calignoto jurou a Iônide jamais
  querer amigo, mais que a ela, e amiga.
Jurou. Mas, dizem, juras no amor verdadeiras
  aos ouvidos de um deus não vão. Em chamas
ele arde por um jovem. Dela, pobre noiva,
  qual Megários, não há quem fale ou lembre.

POEMA 71

Poema do ciclo de Célio/Rufo; ver *58*, 1, CÉLIO. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: SE A ALGUÉM: é procedimento comum elegias terem início com oração condicional; ver poemas *76*, *82*, *91*, *96*, *102*, *107*, *108*.

COM JUS: com justiça.

O BODE: ver *69*, 6.

v. 2: GOTA: doença que ataca os pés.

LERDA: que torna lerdas as pessoas.

v. 3: FAZ AMOR: *exercet amorem*.

TEUS AMORES: ver "Introdução", 24.

v. 5: FODEU: *futuit*, de *futuere*; ver "Introdução", 25.

v. 6: MAU CHEIRO: ver *69*, 6, UM BODE.

POEMA 72

Metro: dístico elegíaco.

v. 2: NEM PREFERIR TER JÚPITER: ver *70*, 2, nem se Júpiter pedir e *1*, 3.

v. 5: BEM QUE: se bem que; o sentido é concessivo.

MUITO EU QUEIME: ver *35*, 15, ÍNTIMA MEDULA.

v. 8: BEM QUERER: *bene uelle*; ver *75*, 3, QUERER. Para a oposição AMAR/BEM QUERER, ver dístico final do próprio poema *75*.

POEMA 73

Embora não nomeado, acredita-se que o destinatário seja Marco Célio Rufo (ver *58*, 1), que outrora tinha sido amigo do poeta, como se vê pelos poemas *77* e *100*. A queixa ou a imprecação dirigida a quem fora amigo (*renuntiatio amicitiae*, "renúncia à amizade") é tópica e remonta a Arquíloco de Paros (frag. 79 Diehl) "...e aí se farte de muitos males/ o pão escravo comendo.../ Isso eu queria ver,/ que ele me ofendeu, aos pés calcou as juras,/ ele que antes era amigo." (tradução de José Cavalcante de Souza, em Iumna Maria Simon [org.], *Remate de Males – Revista do Departamento de Teoria Literária*, n. 4 – "Território da Tradução", Campinas, 1984, p. 92). Ver nos poemas *30*, *38*, *77*, *91* e *102* o emprego variado dessa tópica. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: DESISTE: apóstrofe ao leitor.

v. 2: RECONHECIDO: *pium*; ver *14*, 7, ÍMPIOS. Um favor (*beneficium*) implica gratidão e alguém que não seja reconhecido não é pio.

v. 3-4: TER FEITO O BEM: ver *76*, 7-8 BENDIZER OU BEM FAZER.

POEMA 74

Primeiro poema do ciclo de Gélio, *persona* de um rival, que fora companheiro do eu-lírico catuliano (ver "Introdução", 23). Catulo atualiza a tópica do amigo transformado em inimigo (ver nota introdutória ao *73* e o poema *91*). É provável que Gélio seja o filho de L. Gélio Publícola, pois, segundo Valério Máximo (5, 9, 1), historiador do tempo de Tibério, Publícola acusou seu filho Gélio de sedução da madrasta (ver *88*, 1) e tentativa de parricídio (*in nouercam comissum stuprum et parricidium cogitatum*). O tio – também de nome Gélio – pode ser aquele que Cícero ataca como partidário de Clódio (ver "Introdução", 21 e *79*) no *Discurso em Defesa de Séstio*, 110. Os outros poemas do ciclo são *80*, *88*, *89*, *90*, *91* e *116*. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: CENSURAR: entre os romanos, é notória a severidade do tio paterno.

v. 2: DELÍCIAS: ver "Introdução", 24.

v. 4: HARPÓCRATES: divindade greco-egípcia, representada com o dedo indicador sobre os lábios, convidando ao silêncio; ver *101*, 4.

v. 5: FODA A BOCA: *irrumet*, de *irrumare*; ver "Introdução", 25.

POEMA 75

Metro: dístico elegíaco.

v. 3: TE QUERER: *bene uelle*, "te querer bem"; ver oposição AMAR/QUERER BEM no poema *72*, 8.

POEMA 76

Este poema, de 26 versos, está colocado entre os epigramas, embora seja maior do que o poema *65*, que tem 24 versos e é considerado *poema longo*. Assim como o *101*, é elegia, tanto pelo critério dos antigos, que é o metro, quanto pelo dos modernos, que é o tema (ver "Introdução", 17). O texto torna claro o inter-relacionamento, muita vez latente, das concepções romanas de piedade (*pietas*), gratidão (*gratia*), aliança (*foedus*) e da unidade fé/confiança/fidelidade, hoje conceitos fragmentados, mas expressos em latim por um único termo (*fides*); ver "Introdução", 25 e nota introdutória ao poema *73*. Metro: dístico elegíaco.

v. 1-10: afirmação de uma vida piedosa, dissimulada na articulação dissimétrica de uma longa oração condicional (v. 1-5), uma principal breve (5-6) e na justificação (6-9). Ver *71*, 1, SE A ALGUÉM.

v. 2: PIO: ver *14*, 7, ÍMPIOS e "Introdução", 25 e *73*, 2, RECONHECIDO.

v. 3: FÉ: ver "Introdução", 25.

v. 5: PACTO: *foedus*, ver *64*, 335, ENLACE.

v. 6: INGRATO: sentido passivo, "[amor] que não recebe retribuição ou reconhecimento".

v. 7-8: BENDIZER OU BEM FAZER: ver *73*, 3-4, TER FEITO O BEM.

v. 9: INGRATO: sentido ativo, "[peito] que não manifesta reconhecimento".

v. 10-16: resolução e auto-exortação de abandonar a mulher amada.

v. 15: SALVAÇÃO: *salus*. O termo, que significa "saúde", inclui a sanidade física; ver, no poema *51*, v. 5-12, o padecimento físico que o amor traz; ver ainda "Introdução", 3, *Erotikà Pathémata*, e *83*, 4, SÃ.

v. 17-26: prece aos deuses.

v. 21: TORPOR NOS MEMBROS DENTRO: ver *51*, 9, TORPECE-ME A LÍNGUA E LEVE OS MEMBROS e *35*, 15, ÍNTIMA MEDULA.

v. 25: DOR: *morbum*; literalmente significa "doença", "doença do amor". A palavra *morbum* ocupa a mesma posição que *amorem* do verso 13 e é objeto do mesmo verbo, *deponere*, "deixar".

v. 26: PIEDADE: ver nota introdutória, PIO, v. 2 e "Introdução", 25.

POEMA 77

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: RUFO: ver *58*, 1 CÉLIO.

MEU AMIGO: ver nota introdutória ao *73*.

v. 3: QUEIMANDO MINHAS VÍSCERAS: ver em *90*, 6, a expressão em sentido próprio e *35*, 15 [QUEIMAM A] ÍNTIMA MEDULA.

POEMA 78

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: GALO: desconhecido.

v. 2: LINDÍSSIMA: *lepidissima*; ver "Introdução", 24, *lepidus*.

v. 6: TIO: *patruus*, ver *74*, 1, CENSURAR.

POEMA 78 b

Metro: dístico elegíaco.

EU... PARES: conjectura de Goold.

LÉSBIO: ver *79*, 1.

v: 2: TUA SALIVA... MIJOU: pois Lésbio é *fellator*; ver "Introdução", 25.

v. 3-4: SÉC'LOS E VELHA... A FAMA: ver *68*, 43, SÉC'LOS QUE OLVIDAM.

POEMA 79

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: LÉSBIO: provavelmente Públio Clódio Pulcro, o tribuno da plebe acusado por Cícero de incesto com a irmã Clódia. Deve-se admitir que o incesto, aludido pela passagem "Lésbia o quer mais", abona, pelo paralelismo Lésbio/Clódio, a identificação Lésbia/Clódia. O jogo de palavras com "Pulcro", adjetivo significando "belo" e o sobrenome de Clódio, presente no epigrama, já havia sido feito por Cícero na *Carta a Ático*, 1, 16, 10: *pulcellus puer*. São várias as referências de Cícero a este incesto: no *Discurso contra Pisão*, 28; *Discurso em Defesa de Séstio*, 16; *Sobre as Respostas dos Arúspices*, 42 e 59. Sobre Lésbia, ver "Introdução", 21. Ver ainda *78b*, 1.

v. 4: TERCEIRO BEIJO: Clódio é considerado *fellator*; ver "Introdução", 25.

POEMA 80

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: GÉLIO: ver nota introdutória ao poema *74*.

v. 3: OITAVA HORA: duas da tarde.

v. 8: VÍTOR: desconhecido.

POEMA 81

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: JUVÊNCIO: ver nota introdutória ao poema *15*.

v. 2: HOMEM BELO: esta expressão designa Fúrio; ver *24*, 7 e *23*, 1, FÚRIO.

v. 3: PISAURO: cidade da Úmbria, hoje Pesaro.

HÓSPEDE: Fúrio ou antes Aurélio, os quais Catulo associa muita vez, apoiando-se no possível jogo de palavras entre *AURelius* e *inAURAta*, REDOURADA. Juvêncio preteriu Catulo por ambos; ver *23*, 1, FÚRIO.

POEMA 82

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: SE QUERES: ver *71*, 1, SE A ALGUÉM.

QUÍNTIO: personagem de Verona, rival do poeta (ver "Introdução", 23), amante da Aufilena do poema *100* e talvez também de Lésbia.

v. 2: MAIS CARO... QUE OLHOS; ver *3*, 5, MAIS QUE SEUS OLHOS.

v. 3: O QUE É MAIS CARO A ELE: Lésbia.

POEMA 83

Metro: dístico elegíaco.

v. 1-2: FALA MAL DE MIM: ver *92*, 1.

v. 3: NADA VÊS: apóstrofe ao marido.

v. 4: SÃ: livre da doença do amor; ver *76*, 15, SALVAÇÃO e 25, DOR.

v. 6: ARDE: ver *35*, 15, ÍNTIMA MEDULA.

FALA: adotou-se *loquitur*, de Merrill, Mynors, Cornish, Gubernatis e Goold.

POEMA 84

O poema latino satiriza o fenômeno do hiperurbanismo, isto é, o ato de corrigir a pronúncia de certas palavras que na verdade já eram corretamente pronunciadas. Em geral esse fenômeno ocorre para afetar uma condição ou posição social inexistentes. No caso do latim, incide sobre a aspiração no início das palavras, que já se perdia, e que Árrio recupera indevidamente. A tradução procura não o mesmo evento em português mas uma correspondência vernácula do fenômeno; ver "Introdução", 37. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: ÁRRIO: talvez Quinto Árrio, de que Cícero (*Bruto*, 242) pinta a imagem de arrivista: *fuit M. Crassi quasi secundarum... His enim rebus infimo loco natus et honores et pecuniam consecutus et gratiam, etiam in patronorum, sine doctrina, sine ingenio, aliquem numerum peruenerat* ("tinha papel secundário junto a Crasso... E assim, embora tivesse origem muito baixa, obteve cargos, dinheiro e credibilidade e, mesmo sem instrução e talento, chegou até a pertencer ao rol dos advogados").

v. 5: TIO LIBERTO: ex-escravo, o que denota a origem humilde de Árrio.

POEMA 85

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: ODEIO E AMO: sintoma da doença amorosa; ver *76*, 15, SALVAÇÃO e *25*, DOR. É poema do ciclo de Lésbia.

v. 2: CRUCIFICO-ME: *excrucior*; ver *99*, 4, ATADO A... UMA CRUZ.

POEMA 86

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: QUÍNTIA: comparada a Lésbia; ver *41*.

v. 3: BELEZA: *uenustas*; ver "Introdução", 24.

v. 4: GOSTO: *salis*, "sal"; ver "Introdução", 24.

v. 6: GRAÇA: *ueneres*, encantos de Vênus, que incluem e ultrapassam a beleza física; ver "Introdução", 24.

POEMA 87

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: MULHER ALGUMA: ver *8*, 5, AMADA... SERÁ.

v. 3: PACTO: *foedere*, de *foedus*; ver *64*, 335 ENLACE e "Introdução", 25.

CONFIANÇA: *fides*; ver "Introdução", 25 e nota introdutória ao poema *76*.

POEMA 88

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: GÉLIO: ver nota introdutória ao poema *74*.

MÃE, IRMÃ: madrasta e, provavelmente, a filha da madrasta, não a própria irmã de Gélio; ver nota introdutória ao *74*.

v. 5: TÉTYS, OCEANO, v. 6: ver *64*, 29-30.

POEMA 89

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: GÉLIO: ver nota introdutória ao *74*.

MÃE, IRMÃ: ver *88*, 1 e nota introdutória ao *74*.

v. 5: NEFAS: ver *64*, 405.

POEMA 90

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: GÉLIO: ver nota introdutória ao *74*.

MÃE: madrasta; ver *88*, 1 e nota introdutória ao *74*.

v. 2: ARUSPÍCIO: prognóstico feito pelo arúspice (*aruspex*), segundo as vísceras dos animais.

PERSA: Estrabão, 15, 735, menciona casamentos incestuosos entre os magos persas.

v. 6: QUEIME VÍSCERAS: ver em *77*, 3, esta expressão em sentido figurado.

POEMA 91

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: SE EU ESPERAVA: ver *71*, 1, SE A ALGUÉM.

GÉLIO: ver nota introdutória ao *74*.

FIEL: *fidum* ver "Introdução", 25 e nota introdutória ao *73*.

v. 5: MÃE, IRMÃ: ver *88*, 1 e a nota introdutória ao *74*.

POEMA 92

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: FALA MAL DE MIM: ver *83*, 1-2.

v. 3: SINTOMA: *signa*, termo elíptico subentendido pelo precedente *signo*; ver *83*, 4, SÃ.

POEMA 93

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: CÉSAR: ver nota introdutória ao poema *29*.

v. 2: GREGO OU TROIANO: *albus an ater*, literalmente "branco ou preto"; ver "Introdução", 37. Sobre este verso diz Quintiliano (*Instituições Oratórias*, 11, 1, 38): *Negat se magni facere aliquis poetarum "utrum Caesar ater an albus sit", insania; uerte ut idem Caesar de illo dixerit, arrogantia est*, "um certo poeta diz que não se importa se César é branco ou preto: loucura. Inverta-se a situação de modo que César fale o mesmo dele: seria arrogância". Ver *64*, 366, AQUEUS.

POEMA 94

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: PINTO: ver nota introdutória ao *29*.

TEM AMANTES: *moechatur*, verbo ligado a *moechus*; ver "Introdução", 25.

v. 2: O NOME, COMO DIZEM, FAZ O HOMEM: *ipsa olera olla legit*, provérbio que literalmente diz "cada panela recolhe as próprias couves". O sentido – realçado pelo jogo de palavras entre *olera* e *olla* – é "cada um para o que foi feito", algo como, "cada macaco no seu galho". Tenta-se manter esse jogo de palavras com a semelhança entre "nome" e "homem"; ver "Antologia", poema *94*.

POEMA 95

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: CINA: Caio Hélvio Cina, amigo de Catulo e poeta neotérico, de cuja obra só restam fragmentos; ver *10*, 29, *12*, 1, ASÍNIO MARRUCINO, "Introdução", 3, 13, 23. Para seus fragmentos, ver *62*, 35, OS SURPREENDES e "Bibliografia", II, LEONI. Era comum, já em Alexandria, poetas companheiros referirem-se aos versos uns dos outros (ver "Introdução", 9) e o próprio Cina saúda o poema *Dictina* de Catão, *saecula permaneat nostri*

Dictynna Catonis, "que *Dictina* de nosso Catão dure por séculos" (frag. 14), tal como Catulo faz aqui com *Esmirna*; ver "Introdução", 13 e *56*, 1, COISA DE RIR, CATÃO. Outro neotérico, Ticidas, elogia do mesmo Catão um outro poema: *Lydia doctorum maxima cura liber*, "*Lídia*, livro com o máximo esmero dos doutos [poetas]" Frag. 2; ver *35*, 17-18, BELA ESTÁ CIBELE. Segundo Plutarco (*Bruto*, 20, *Júlio*, 68) e Suetônio (1, 85), nos funerais de César, a turba indignada com seu assassinato matou Caio Hélvio Cina, por confundi-lo com Lúcio Cornélio Cina.

ESMIRNA: a obra perdida de Cina. Esmirna é uma personagem mitológica, também chamada Mirra, que se apaixonou por Cíniras, seu pai. Dessa relação nasceu Adônis; ver *29*, 8.

v. 3: HORTÊNSIO: provavelmente Quinto Hortênsio Hórtalo (114-50 a.C.), grande orador asianista, poeta enfatuado, de quem Aulo Gélio (19, 9, 7) diz: *Hortensius [fecit] inuenusta*, "Hortênsio fez versos sem graça" (ver "Introdução", 24). Veleio Patérculo (2, 16, 3) afirma que escreveu uns *Anais* (ver "Introdução", 1 e 3). Não obstante as divergências, Catulo, no poema *65*, dedica-lhe a tradução de "A Trança de Berenice". Hortênsio, defendendo Verres, foi adversário de Cícero e perdeu a causa. Mais tarde Cícero escreveu um tratado de oratória, hoje perdido, intitulado *Hortênsio*. Hortênsio foi também êmulo de Cícero, porque praticava um asianismo extremado, enquanto o outro propugnava por um asianismo moderado. Este asianismo ciceroniano era realizado sob a capa de um gênero retórico chamado *ródio*, proveniente da ilha de Rodes, onde Cícero fizera estudos retóricos. As características desse gênero não são bem conhecidas; o próprio Cícero (*Bruto*, 13), seguido por Quintiliano (12, 10, 16), considera-o intermediário entre aticismo e asianismo.

v. 3-4: *FÉTIDO, ANO, VERSINHOS VOMITOU*: conjectura de Goold.

v. 5: SÁTRACO: rio e cidade de Chipre, em que reinava Cíniras.

v. 7: *ANAIS* DE VOLÚSIO: ver *36*, 1.

PÁDUA: uma das desembocaduras do Pó, em contraste com SÁTRACO, talvez região onde nascera Volúsio.

v. 8: LARGAS TÚNICAS: embrulho para peixes ou, segundo Traina (p. 389), invólucro para cozinhá-los, de modo que os versos de Volúsio vão de novo para a fogueira; ver *36*, 8, LENHOS INFECUNDOS.

v. 9: MINIMONUMENTOS: ver "Introdução", 12, 13 e 15.

v. 10: TURBA: ver "Introdução", 12, Calímaco, Epigrama, 28, v. 1-2; "estrada que muitos leva" e v. 4, "me afasto de lugar comum".

ANTÍMACO: Antímaco de Cólofon, poeta do século V a.C., autor de *Lide*, elegia, e uma *Tebaida*, imensa epopéia. Segundo Porfírio, *Antimachus fuit cyclicus poeta; hic adgressus est materiam quam sic extendit ut uiginti quattuor uolumina impleuerit antequam septem duces usque ad Thebas perduceret*, "Antímaco foi poeta cíclico; abordou de tal maneira o assunto que encheu 24 volumes antes de conduzir a Tebas os sete co-

mandantes" (escólio a Horácio, *Arte Poética*, 146); Cícero (*Bruto*, 51) refere-se a esse poema como *magnum uolumen*, "um grande volume"; ver "Introdução", 12, 13 e 23.

TÚMIDO: *tumido* traduz o termo grego *pakhýs*, com que Calímaco se referia a *Lide* – *Lýde kài pakhỳ grámma kài òu torón* (frag. 398 – Pfeiffer), "*Lide* é letra inflada e não aguda"; ver "Introdução", 27.

POEMA 96

O poema é um lamento fúnebre, consolação de Catulo a Calvo, que perdera Quintília, sua esposa. Tal como o poema *76* e o *101*, é elegia nos padrões antigos e modernos. Propércio (2, 34, 89-90) nos informa sobre uma elegia de Calvo dedicada à esposa morta: *haec etiam docti confessa est pagina Calui/cum caneret miserae funera Quintiliae*, "a página de Calvo, douto, confessou tais coisas, quando cantou os funerais de Quintília, infeliz". Conservaram-se da elegia de Calvo dois versos, *cum iam fulua cinis fuero*, "quando eu já for cinza clara", e *forsitan hoc etiam gaudeat ipsa cinis*, "talvez a própria cinza com isso venha a comprazer-se". Ovídio (*Cantos Tristes*, 2, 431-2) deixa claro que o próprio Calvo, em seu poema, relata suas outras experiências amorosas: *par fuit exigui similisque licentia Calui/detexit uariis qui sua furta modis*, "foi igual, foi a mesma, a liberdade de Calvo, o baixinho, que revelou seus amores furtivos de vários modos". Conjectura-se que, no poema de Calvo, a sombra de Quintília aparece e a um Calvo arrependido diz o primeiro verso acima citado. Em seguida, Calvo, com o outro verso, responderia que, com seu remorso (*hoc*, "com isso"), as cinzas, isto é, as sombras de Quintília, talvez se confortassem. Ver "Introdução", 22 e 23. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: SE À MUDA CINZA: *mutis sepulcris*; ver *101*, 4; ver também *71*, 1, SE A ALGUÉM.

CALVO: ver *14*, 2.

v. 5: QUINTÍLIA: as esposas, ao contrário das amantes, eram designadas por seu próprio nome; ver "Introdução", 21.

v. 6: GOZA TEU AMOR: *gaudeat amore tuo*. Catulo alude aos próprios versos de Calvo; ver "Introdução", 9, 10 e 28.

POEMA 97

Ataque violento a um rival (ver "Introdução", 23) pela menção de defeitos físicos. Exceto pela virulência, o poema assemelha-se ao *39*; ver "Introdução", 14, 18, 26 e 36. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: DEUSES ME SOCORRAM: *ita me di ament*, ver *61*, 196-7, QUE OS CELÍCOLAS ME AJUDEM.

v. 2: EMÍLIO: desconhecido.

v. 5-6: SESQUIPEDAIS: termo técnico da poética, "de um pé e meio", que aqui significa "disforme", "exagerado"; ver "Introdução", 22b.

v. 6: QUAIS DE UM VELHO ASSENTO: flácidas.

v. 9: MUITAS: muitas mulheres.

FODE: *futuit* de *futuere*; ver "Introdução", 25.

ELEGANTE: *uenustus*; ver "Introdução", 24.

v. 10: MOINHO OU BURRO: vigiar o moinho e ao mesmo o tempo o animal que o movia era uma das mais duras tarefas do escravo, relegadas aos mais rudes. Apuleio, nas *Metamorfoses* (9, 12), descreve a condição desses escravos; ver *98*, 4, SOLAS DE TAMANCO.

v. 11: ALGUMA: alguma mulher.

v. 12: O CU LAMBER: *culum lingere*; ver *98*, 4, LAMBER UNS CUS.

POEMA 98

Ataque a um certo Véctio por algo que tenha dito. Se no texto corrigir-se *Vetti* para *Vecti*, pode tratar-se de Lúcio Vétio Júdex, que, em 62 a.C., acusou César de cumplicidade com Catilina, e, em 59 a.C., acusou, sem êxito, três importantes senadores de conspiração para o assassinato de Pompeu. Este homem incriminado por forjar suas provas, foi mandado à prisão e lá morreu; ver Suetônio, *Os Doze Césares*, 1, 17. Pode, porém, tratar-se também do Lúcio Vétio que Cícero menciona no *Discurso em Defesa de Célio*, 71. Este Vétio teria ofendido Clódia (ver "Introdução", 21), que dele se vingou, mandando que dois capangas o violentassem. No *Discurso contra Vatínio*, 24, Cícero diz sobre este mesmo Vétio: *tu indicem Vettium linguam e uocem suam sceleri et menti tuae praebere uoluisti*, "tu quiseste que Vétio, o delator, emprestasse sua língua e sua voz a tua mente e a tuas intenções criminosas". Ver também o poema *14*, 3; "Introdução", 23, e a nota introdutória ao *97*. Metro: dístico elegíaco.

v. 2-3: VERBOSOS FÁTUOS: aqueles cujas palavras são vazias. Donato, num escólio aos *Eunucos*, de Terêncio (v. 1079) distingue: *fatui sunt qui uerbis et dictis fatui sunt; insulsi uero corde et animo*, "fátuos são os que têm palavras e ditos fátuos; insossos, porém, aqueles são assim em seu espírito e ânimo".

v. 3: LÍNGUA: nos dois sentidos, "fala" e "parte do corpo".

v. 4: LAMBER UNS CUS: ver *97*, 12, O CU LAMBER.

SOLAS DE TAMANCO: *crepidas carpatinas*, literalmente "sandálias de couro cru", feitas de uma só peça, usada pelas classes mais baixas; ver *97*, 10, MOINHO OU BURRO.

v. 6: ABRE A BOCA: também, tal como LÍNGUA, em duplo sentido, no de "falar algo", pelo que Véctio está sendo invectivado, e no sentido próprio: praticante do que é descrito no verso 4, Véctio causará a morte de todos, por causa de seu hálito.

POEMA 99

Este é o maior e mais expressivo exemplo dos poemas pederásticos, a *moûsa paidiké* (ver "Introdução", 16), o ciclo de poemas a Juvêncio; ver nota introdutória ao *15*. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: BRINCAVAS: *ludis*, de *ludere*; ver "Introdução", 10.

v. 2: AMBROSIA: é o alimento dos deuses imortais (do grego *a*, "não" + *brotós*, "mortal").

v. 4: ATADO A... UMA CRUZ: ver abaixo, v. 12, *excruciar* (*ex* + *crucis*) e *85*, 2, CRUCIFICO-ME.

v. 10: SALIVA... EM QUE MIJAM: ver *78b*, 2, TUA SALIVA... MIJOU.

v. 14: HELÉBORO: erva medicinal muito amarga.

POEMA 100

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: CÉLIO: ver *58*, 1.

AUFILENO, AUFILENA: irmãos, desconhecidos, de origem veronense. Aufilena comparece nos poemas *110* e *111*, em que é atacada.

QUÍNTIO: ver *82*, 1.

v. 2: FLOR: ver *17*, 14.

v. 4: FRATERNAL: "em relação aos irmãos" e não "entre irmãos".

v. 7: MEDULA: ver *35*, 15.

INSANAS: *uesana*; ver *7*, 10, INSANO.

v. 8: PRUDENTE: *potens*, "que tem domínio sobre si"; ver *8*, 9, LOUCO. Opõe-se a INSANAS, do verso anterior, e participa da tópica do amor como doença; ver *76*, 15, SALVAÇÃO.

POEMA 101

Um dos mais famosos poemas de Catulo: mais que epigrama, é elegia no sentido antigo, por sua composição em dísticos, e no sentido moderno, pelo tom de lamento (ver "Introdução", 17). A morte do irmão já havia sido abordada com versos que aludem,

quase copiam os deste poema, se, pela especificidade temática, lhe dermos precedência: ver *65*, 7-12; *68*, 19-26 e 91-100. Metro: dístico elegíaco.

v. 2: TÚMULO: *inferias*, literalmente "sacrifícios" aos Manes.

v. 3: ÚLTIMA DÁDIVA: a *cena nouendialis*, ceia novendial, que os parentes ofereciam ao morto após nove dias de luto e que consistia basicamente de ovos, lentilhas, sal, vinho, leite, mel e flores. Tendo o irmão de Catulo morrido em terra estranha, não havia nenhum parente que lhe pudesse ter oferecido a ceia.

v. 4: MUDA CINZA: *mutam cinerem*; ver *96*, 1.

v. 8: INGRATA: sentido ativo, "que não causa agrado"; ver *76*, 9.

POEMA 102

Dirigido a um amigo, Cornélio, que pode ser Cornélio Nepos, o epigrama apresenta o início tópico da oração condicional (ver *71*, 1, SE A ALGUÉM). Este tipo de oração permite, segundo a verificação ou não da hipótese, a ambigüidade de se pensar, também, que Cornélio *não* é amigo e que, por conseqüência, Catulo *não* ficará em silêncio. Assim o poema pode conter a queixa do amigo traído; ver nota introdutória ao *73*. Metro: dístico elegíaco.

v. 1-2: CONFIAR, FIDELIDADE: termos cognatos, mostrando que a *fides* é recíproca; ver *14*, 7, ÍMPIOS e "Introdução", 25.

v. 3: CORNÉLIO: ver *1*, 3.

v. 4: HARPÓCRATES: divindade greco-egípcia que simboliza o silêncio; ver *74*, 4.

POEMA 103

Apóstrofe dilemática por recusar-se o poeta a admitir mais de um comportamento no interlocutor; ver *114*, 5, CONCEDO. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: SILÃO: desconhecido.

DEZ MIL SESTÉRCIOS: ver *41*, 2, DEZ MIL.

POEMA 104

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: VIDA: designa a pessoa amada; ver *45*, 13.

v. 2: MAIS QUE MEUS DOIS OLHOS: ver *3*, 5, MAIS QUE SEUS OLHOS.

v. 3: INSANO: *tam perdite*, "tão perdidamente"; ver *7*, 10, INSANO e *76*, 15, SALVAÇÃO.

v. 4: TAPO: desconhecido; como *cognomen* dos Valérios, ocorre em Tito Lívio (35, 10, 11; 20, 8; 37, 46, 11). Tapo pode ser uma figura da farsa dórica (*Thapôn*, em dórico, *Thepôn*, em ático) – o tipo que tudo admira e acha belo – que, pelos povos do sul da Itália, foi introduzido nos banquetes romanos. Valério Máximo (8, 1, 8) relata que um certo Valério, com o *cognomen* Tapo, foi o autor de uma Lei Tápula, paródica, e que escreveu versos tão desavergonhados, que sua recitação no tribunal bastou para absolver, contra todas as evidências, o homem que ele processava.

POEMA 105

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: PINTO: ver nota introdutória ao poema *29*.

ASCENDER AO PARNASO: *Pipleium scandere montem*, "escalar o monte Pipleu". Essa montanha fica na Piéria, consagrada às Musas; ver Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, 1: *Moûsai Pieriéthen, aoidêisi kléiousai*, "Musas Piérias que gloriais com vossos cantos" (tradução de Mary de Camargo Neves Lafer, São Paulo, Iluminuras, 1991, p. 23). Sobre a pretensão poética de Pinto, ver *57*, 7, PEDANTINHOS. Pipleu, na tradução, foi substituído por Parnaso (ver *64*, 390), termo comum na poesia brasileira; ver "Introdução", 37.

v. 2: A PAU: *furcillis eiciunt*, "com forcados lançam-no", é expressão proverbial latina; ver "Introdução", 37.

POEMA 106

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: MENINO LINDO: *puero bello*. O epigrama é pederástico (ver "Introdução", 16) e esse *puer* pode ser Juvêncio; ver nota introdutória ao poema *15* e "Introdução", 25.

PREGOEIRO: *praeconem*. O pregoeiro público intermediava qualquer tipo de venda em Roma.

POEMA 107

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: SE ALGUÉM: ver *71*, 1, SE A ALGUÉM.

v. 6: TÃO CLARA MARCA: ver poema *68*, 150, PEDRA BEM MAIS BRANCA.

v. 7: MAIS FELIZ: ver final do poema *9* e do *45*, e *62*, 30, MAIS GRATO.

POEMA 108

Metro: dístico elegíaco.

Melhor exemplo de *dira*, "imprecação", em Catulo; ver "Introdução", 14. É muito provável que Comínio seja um dos irmãos da cidade de Espoleto, mencionados por Cícero (*Discurso em Defesa de Cluêncio*, 100) como acusadores. Achegados aos aristocratas, sua impopularidade deveu-se a terem acusado, em 66 a.C., o tribuno da plebe C. Cornélio, que, segundo Ascônio, conseguiu, porém, comprar o silêncio dos acusadores. No ano seguinte, Públio Comínio tornou a acusar Cornélio, que foi defendido por Cícero e absolvido. Se este Cornélio for o mesmo do poema *102* e se a linguagem dele for considerada sincera, não irônica, a ira de Catulo explica-se pelo ataque de Comínio a um amigo do poeta.

v. 1: SE: ver *71*, 1, SE HÁ ALGUÉM.

v. 3: DOS BONS: dos homens bons, não dos *optimates*, aristocratas, grupo a que pertencia Comínio.

v. 3-4: LÍNGUA ARRANCADA: ainda que própria da invectiva, a situação descrita, em Roma como alhures, podia de fato ocorrer e o furor da turba dirigia-se aos órgãos culpáveis. Cícero, no mesmo discurso acima citado (187), descreve: *Stratonem... in crucem esse actum exsecta scitote lingua*, "Sabei que Estratão foi executado na cruz, tendo sido antes arrancada sua língua".

POEMA 109

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: VIDA: pessoa amada; ver *45*, 13. No caso, Lésbia; ver "Introdução", 21.

v. 6: PACTO: *foedus*, ver *64*, 335 e "Introdução", 25.

POEMA 110

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: AUFILENA: ver *100*, 1.

v. 4: DÁS: *das* (do verbo *dare*, "dar") em latim tem o mesmo sentido erótico que em português; ver em Ovídio, *Arte de Amar*, 1, 345, *quae dant quaeque negant, gaudent tamen esse rogatae*, "umas dão, outras negam, porém adoram ser solicitadas".

v. 5: FAZEM: *facere*, fazem amor.

v. 8: TODO O CORPO: alusão às diversas práticas sexuais, ver "Introdução", 25.

POEMA 111

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: AUFILENA: ver *100*, 1.

v. 4: TIO: *patruo*, de *patruus*, o tio paterno, que tinha, após o pai, a maior autoridade; ver *74*, 1, CENSURAR. Quaisquer relações, mesmo o matrimônio, entre tio e sobrinha eram consideradas incestuosas.

IRMÃOS: *fratres patrueles*, "irmãos primos", ou, como dizemos, "primos irmãos" precisamente.

POEMA 112

O epigrama, a despeito da extrema condensação, articula a concomitância de mais de uma leitura, pelo emprego de dois termos polissêmicos: o primeiro é *multus* – que significa "grande", "opulento", "verboso", "assíduo", "que está em toda a parte" e, por conseqüência, "excessivo", "chato". O outro é *descendit* – que significa "descer, ir até o Fórum, a praça", "competir", "inclinar-se, "abaixar-se para possibilitar a penetração". A combinação dessas possibilidades multiplica os sentidos do poema; ver "Introdução", 22b. Metro: dístico elegíaco.

v. 1: FALAS BEM: *Multus homo es.*

NINGUÉM DE BEM: *neque multus homost.*

NASÃO: desconhecido.

v. 2: DÁ NA PRAÇA: *descendit.*

VEADO: *pathicus*; ver "Introdução", 25.

POEMA 113

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: POMPEU: Cneu Pompeu Magno (106-48 a.C.), cônsul em 70, 55 e 52 a.C.; ver *29*, 23, Ó MAIS POTENTES.

CINA: Caio Hélvio Cina; ver *10*, 29, CAIO CINA; ver "Introdução", 22 e 23.

v. 2: FREQÜENTAVAM: *solebant*, que significa "costumavam", com o eufemismo de evitar o verbo principal.

POEMA 114

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: QUINTA: ver *115*, 1, BENS.

FIRMO: cidade de *Firmum*, hoje Fermo, a sudoeste de Ancona, no Piceno.

PINTO: *Mentula*, ver nota introdutória ao poema *29*.

v. 5: CONCEDO, MAS: dilema imposto pelo poeta; ver nota introdutória ao *103*.

POEMA 115

Metro: dístico elegíaco.

v. 1: PINTO: ver nota introdutória ao poema *29*.

BENS: ver *114*, 1, quinta.

v. 3: CRESO: rei da Lídia, de riqueza proverbial; ver *24*, 4, MIDAS.

v. 6: OCEANO: ver *64*, 29-30, TÉTYS E OCEANO.

HIPERBÓREOS: povo misterioso e legendário do norte da Europa.

v. 7: TUDO TEM GRANDE: ver "Introdução", 22b e nota introdutória ao *112*.

POEMA 116

Este epigrama encerra a seção elegíaca e o livro (ver nota introdutória ao *65* e "Introdução", 17), mencionando outra vez Calímaco. Metro: dístico elegíaco.

v. 2: VERSOS: traduções; ver nota introdutória ao *65* e v. 16 VERTIDOS.

CALÍMACO: ver *65*, 16.

v. 4: INFESTAS LANÇAS: ofensas, injúrias.

v. 5: GÉLIO: ver nota introdutória ao *74*.

v. 7: CO' O MANTO: em torno do braço, como escudo na hora de lutar; ver Petrônio, *Satyricon*, 80, 2, *intorto circa brachium pallio composui ad proeliandum gradum*, "com o manto enrolado em torno do braço, preparei-me para lutar".

v. 8: MINHAS: "minhas lanças", as invectivas e textos satíricos, que são os outros poemas do ciclo; ver "Introdução", 14, 18, 26, 36 e nota introdutória ao *74*.

FRAGMENTO 1

Este fragmento, em metro priapeu, é citado em Terenciano Mauro 2754, que o introduz afirmando: "Este metro é utilizado para poemas de Priapo pela maioria dos poetas; dentre eles, Catulo, que escreveu um poema desse tipo". Após transcrever o texto, arremata: "Sabemos que Catulo escreveu muitos outros semelhantes". O poema, em si mesmo, não é fragmentário; Bardon, na edição de 1973, coloca-o sob o número 117, após a seção elegíaca de Catulo, antes dos fragmentos propriamente ditos, que não repro-

duzimos, porque é incerta sua autoria. Os outros fragmentos autênticos de Catulo são: *...de meo ligurrire libido est* (fragmento 2, também em metro priapeu, citado em Nônio Marcelo, p. 124 M) "...o desejo de degustar o que é meu", e *At non effugies meos iambos* (fragmento 3, citado em Porfírio, *Comentário a Horácio*, 1, 16, 25), "mas não evitarás os meus iambos" (ver *36*, 5).

v. 1: PRIAPO: ver *47*, 3.

v. 2: LÂMPSACO: cidade da Ásia Menor, no Helesponto. Chamada antes de Pitiússas, ganhou novo nome em homenagem a Lâmpsace, heroína cuja brava ação salvou a cidade. Em Lâmpsaco, Priapo era venerado.

PRIAPO: *Priape*; adotei lição de Mynors, Silva e Bardon.

v. 4: HELESPONTO: ver *64*, 358.

BIBLIOGRAFIA

I. EDIÇÕES CRÍTICAS E COMENTÁRIOS

BARDON. Catullus. *Carmina*, iterum edidit Henricus Bardon. Stuttgart, Teubner, 1973.

CORNISH. *Catullus, Tibullus, Pervigilium Veneris*, translated by Francis Warre Cornish, J. P. Postgate and J. W. Mackail. Second edition, revised by G. P. Goold. Cambridge, Harvard University Press/London, Heinemann, 1988 [''Loeb Classical Library''].

FORDYCE. *Catullus*, a commentary by C. J. Fordyce. Oxford, Clarendon Press, 1973.

GOOLD. *Catullus*, edited with introduction, translation, and notes by G. P. Goold. London, Duckworth, 1989.

GUBERNATIS. *Il libro di Catullo*, introduzione, testo e commento di M. Lenchantin De Gubernatis. Torino, Chiantore, 1945.

LAFAYE. Catulle. *Poésies*, texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris, ''Les Belles Lettres'', 1984.

MERRILL. *Catullus*, edited by Elmer Truesdell Merril. New Rochelle/New York, Aristide D. Caratzas, 1988.

MYNORS. C. Valerii Catulli. *Carmina*, recognouit breuique adnotatione critica instruxit R. A. B. Mynors. Oxford, Clarendon Press, 1989.

SILVA. Catulo. *Poesias*, texto estabelecido e traduzido por Agostinho da Silva. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.

II. TRADUÇÕES

ASCHER, Nelson – Catulo 32 . Em *Ponta da Língua*. São Paulo, Edição do Autor, 1983.

BARCELOS. C. Valério Catulo. *Poesias*, texto latino e versão portuguesa por Ema Barcelos. Porto, Porto Editora/Coimbra, Livraria Arnaldo/Lisboa, Emp. Lit. Fluminense, 1975.

CASTILHO. "Catulo 2, 85". Em *Poesia*, seleção e prefácio de Ary de Mesquita. 2 vols. Rio de Janeiro, Jackson, 1970, vol. 1, p. 34-35 ["Clássicos Jackson", XXXVIII].

DE LORENZO, Isabel & OLIVA NETO, João Angelo. *Catulo. 20 Poemas*. São Paulo, Edição dos Autores/Selo Nugas, 1990.

ERRANTE. *La Poesia di Catullo*, scelta e traduzione em versi di Vicenzo Errante. 2 vols. Milano, Ulrico Hoepli, 1945.

FIGUEIREDO, Luiz Antônio de & FONDA, Aloísio. *Catulo, Poemas*. São Paulo, Expressão/Timbre, 1986.

GARRETT, Almeida. "Catulo 5, 7, 10, 11, 31". Em RAMALHO, Américo da Costa, "Garrett Tradutor de Catulo", *Colóquio*, 27, fev. 1964, p. 38-41.

GOUVEIA, Aires de. *As Elegias e os Carmes de Tibullo e Algumas Elegias de Propercio e Carmes Fugitivos de Catullo Traduzidos em Portuguez por um Curioso Obscuro*. Porto, Typ. da Emprêsa Litteraria e Typographyca, s/d [1912].

LEONI, G. D. *A Literatura de Roma*. São Paulo, Nobel, 1954, p. 136-139 (incluem-se traduções dos fragmentos de outros poetas novos: Valério Edítuo, Licínio Calvo, Hélvio Cina, Varrão Atacino, Cornélio Galo).

LUCINDO FILHO. "Catulo 7". Em *Poesia*, seleção e prefácio de Ary de Mesquita. 2 vols. Rio de Janeiro, Jackson, 1970, vol. 1, p. 36 ["Clássicos Jackson", XXXVIII].

MAGUEIJO, CARVALHO & CAMPOS. "Catulo". Em *Antologia de Poesia Latina Erótica e Satírica*, seleção, tradução e notas de Custódio Magueijo, J. Lourenço de Carvalho e J. António Campos. Lisboa, Edições Afrodite, 1975, p. 61-84.

NISARD. *Oeuvres Complètes d'Horace, de Juvenal, de Perse, de Sulpicia, de Turnus, de Catulle, de Properce, de Gallus et Maximien, de Tibulle, de Phèdre et de Syrus*, avec la traduction en français, publiées sous la direction de M. Nisard. Paris, Didot, 1864, p. 363-436.

OTAVIANO, Francisco. "Catulo 2, 8". Em PINHEIRO, Xavier de. *Francisco Otaviano, Carioca Ilustre nas Letras, no Jornalismo, na Política, na Tribuna, e na Diplomacia*. Esforço biográfico e seleção de Xavier de Pinheiro. Rio de Janeiro, Edição da Revista de Língua Portuguesa, 1925, p. 109 e 148.

PAES, José Paulo. "Catulo 32, 56". Em *Poesia Erótica em Tradução*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

PESSOA, Fernando. "Catulo 70". Em RAMALHO, Américo da Costa, "Um epigrama de Catulo traduzido por Fernando Pessoa", *Colóquio Letras*, 88, nov. 1985, p. 73-77.

QUASIMODO. Catullo. *Canti*, traduzione di Salvatore Quasimodo. Milano, Mondadori, 1990.

RAMOUS. Gaio Valerio Catullo. *Le Poesie*, introduzione, traduzione e note di Mario Ramous; prefazione di Luca Canali. Milano, Garzanti, 1991.

RAT. Catulle et Tibulle. *Oeuvres*, traduction nouvelle, introduction et notes de Maurice Rat. Paris, Garnier, 1931.

RIZZO. Catullo. *Le Poesie*, a cura di Tiziano Rizzo. Roma, Newton Compton, 1988.

SILVA RAMOS. *Poesia Grega e Latina*, seleção, notas e tradução direta do grego e do latim por Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo, Cultrix, 1964, p. 177-182.

TRAINA & MANDRUZZATO. Catullo. *I Canti*, introduzione e note de Alfonso Traina; traduzione di Enzo Mandruzzato. Milano, Rizzoli, 1989.

VASCONCELLOS. *O Cancioneiro de Lésbia*, introdução, tradução e notas de Paulo Sérgio de Vasconcellos. São Paulo, Hucitec, 1991.

WHIGHAM. *The Poems of Catullus*, translated with an introduction by Peter Whigham. London, Penguin Books, 1966.

ZUKOFSKY. "Catulo 58, 79, 85". Em MANN, Paul, "Translating Zukofsky's Catullus". *Translation Review*, 21-22 (1986), p. 3-9.

III. BIBLIOGRAFIA GERAL

ALLEN, Archibald. "Sincerity and the Roman Elegists", *Classical Philology*, 45 (3), 1950, p. 145-160.
ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética Clássica*, trad. Jaime Bruna. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1981.
BALDRY, H. C. "The Idea of Mankind", *Grecs et Barbares*. Genève, Vandoevres, 1961 [Entretiens sur L'antiquité Classique, tome VIII].
BARBOSA, João Alexandre. "Envoi, A Tradução como Resgate". *As Ilusões da Modernidade*. São Paulo, Perspectiva, 1986.
BAYET, Jean. "Catulle, la Grèce e Rome". *Mélanges de Littérature Latine*. Roma, Storia e Letteratura, 1967, p. 85-117.
________. *Littérature Latine*. Paris, Armand Colin, 1965.
BENJAMIN, Walter. "The Task of the Translator". *Illuminations*, trad. Harry Zohn. New York, Schocken, 1969, 69-82.
________. "La Tâche du Traducteur". *Oeuvres*. 2 vols., trad. Maurice de Gandillac. Paris, Les Lettres Nouvelles, 1971, vol. 1 – *Mythe et violence*, p. 261-275.
BICKEL, Ernst. *Historia de la Literatura Romana*, trad. José M. Diaz-Regañón López. Madrid, Gredos, 1982.
BONNARD, André. *A Civilização Grega*, trad. José Saramago. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
BRUN, Jean. *O Estoicismo*. Lisboa, Edições Setenta, 1986.
CAHEN, Émile. Callimaque, *Les Origines, Réponse aux Telchines, Élégies, Épigrames, Iambes et Piéces Lyriques, Hécale, Hymnes*, texte établi et traduit par E. Cahen. Paris, "Les Belles Lettres", 1972.
CALVINO, Italo. *Seis Propostas para o Milênio: Lições Americanas*, trad. Ivo Barroso. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
CAMPOS, Haroldo de. "A Palavra Vermelha de Hölderlin". *A Arte no Horizonte do Provável*. São Paulo, Perspectiva, 1977.
________. "Da Tradução como Criação e como Crítica". *Metalinguagem*. São Paulo, Cultrix, 1976.
________. "Para Transcriar a Ilíada", *Revista USP*, 12, dez.-jan.- fev. 1991-1992, p. 143-61.
________. "Píndaro hoje". *A Arte no Horizonte do Provável*. São Paulo, Perspectiva, 1977.
CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*, 2 vols. Belo Horizonte, Itatiaia /São Paulo, Edusp, 1975.
CANFORA, Luciano. *A Biblioteca Desaparecida. Histórias da Biblioteca de Alexandria*, trad. Federico Carotti. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
CLAUSEN, Wendell. *Virgil's Aeneid and the Tradition of Hellenistic Poetry*. Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1987.
COLLI, Giorgio. *O Nascimento da Filosofia*, trad. Federico Carotti. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.
COULANGES, Fustel de. *A Cidade Antiga. Estudos sobre o Culto, o Direito, as Instituições da Grécia e de Roma*, trad. Jonas C. Leite e Eduardo Fonseca. São Paulo, Hemus, 1975.
DELEUZE, Gilles. *A Lógica do Sentido*, trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo, Perspectiva, 1974.
DE LORENZO, Isabel. *Sobre o Melhor Gênero de Oradores de Cícero: Tradução e Comentário*. Monografia de iniciação científica para a FAPESP. São Paulo, 1992.
DODDS, E. R. *Os Gregos e o Irracional*, trad. Leonor Santos B. de Carvalho. Lisboa, Gradiva, 1988.
ECO, Umberto. *Pós-escrito a O Nome da Rosa*, trad. Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
ELIOT. T. S. "What is a Classic". *On Poetry and Poets*. London/Boston, Faber & Faber, 1986.
GAIUS. *Institutes*, texte établi et traduit par J. Reinach. Paris, "Les Belles Lettres", 1950.
GENTILI, Bruno *et al*. *Storia della Letteratura Latina*. Bari, Laterza, 1987.
GIGANTE, Marcello. *La Bibliothèque de Philodème et l'Épicurisme Romain*. Paris, "Les Belles Lettres", 1987.

GRANT, Michael. *History of Rome*. New York, Charles Scribner's Sons, 1978.

GUILLEMIN, A.-M. *L'Originalité de Virgile, Étude sur la Methóde Litteraire Antique*. Paris, "Les Belles Lettres", 1931.

_______. *Virgilio, Poeta, Artista y Pensador*, trad. Eduardo J. Prieto. Barcelona, Paidos, 1982.

JAKOBSON, Roman. "Aspectos Lingüísticos da Tradução". *Lingüística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1985, p. 63-72.

JAEGER, Werner. *Paideia. A Formação do Homem Grego*, trad. Artur M. Parreira. Lisboa, Editorial Aster, 1979.

GACHE, Ferdinand & PIQUET, J. Sully. *Cicéron et ses Ennemis Littéraires ou le Brutus, l'Orator et le De Optimo Genere Oratorum*, traduit d'une préface de M. O. Jahn suivi du texte annoté du *De optimo genere oratorum*. Paris, Klincksieck, 1886.

KITTO, H. D. F. *Os Gregos*, tradução do inglês de José Manuel Coutinho e Castro. Coimbra, Armênio Amado, 1980.

KORTE, A. & HENDEL, P. *La Poesía Helenística*. Barcelona, Labor, 1973.

LA PENNA, Antonio. *La Cultura Letteraria a Roma*. Bari, Laterza, 1986.

LESKY, Albin. *Historia de la Literatura Griega*, trad. José M. Díaz Regañón e Beatriz Romero. Madrid, Gredos, 1983.

MARROU, Henri-Irénée. *História da Educação na Antigüidade*, trad. Mário Leônidas Casanova. São Paulo, EPU, 1990.

MARTIN, Charles. *Catullus*. New Haven/London, Yale University Press, 1992.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização*, trad. Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

PAGLIARO, Antonino. *A Vida do Sinal. Ensaios sobre a Língua e Outros Símbolos*, trad. Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Gulbenkian, 1983.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*, trad. Manuel Losa, S.J. Lisboa, Gulbenkian, 1987.

PARKER, W. H. *Priapea: Poems for a Phallic God,* translated and edited by W. H. Parker. London, Croom Helm, 1988

PAZ, Octavio. "Verso e Prosa". *Signos em Rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1976, p. 11-36.

PETIT, Paul. *A Civilização Helenística*, trad. Gilson C. de Souza. São Paulo, Martins Fontes, 1987.

PFEIFFER, R. *Callimachus,* 2 vols., edidit Rudolfus Pfeiffer. Oxford, Clarendon Press, vol. 1 – *Fragmenta*, 1959; vol. 2 – *Hymni et Epigrammata*, 1963.

PIGNATARI, Décio. *Retrato do Amor quando Jovem: Dante, Shakespeare, Sheridan, Goethe*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

PLÍNIO. *C. Plini Secundi Naturalis Historiae*. vol. 5 (libri XXXI-XXXVII), edidit Carolus Mayhoff. Stuttgart, Teubner, 1967.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura*, trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1986.

QUINTILIANO. *Institution oratoire*, t. 4 (livres X-XII), texte revu et traduit avec intr. et notes par Henri Bornecque. Paris, Garnier, 1934.

REBELO, Luís de Souza, *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte, 1982.

REYES, Alfonso. "La Filosofia Helenística". *Obras Completas*, vol. 20. México, Fondo de Cultura Económica, 1979.

_______. "Libros y Libreros en la Antigüedad". *Obras Completas,* vol. 20. México, Fondo de Cultura Económica, 1979.

REYNOLDS, L. D. & WILSON, N. G. *D'Homère a Érasme. La Transmission des Classiques Grecs et Latins*, trad. C. Bertrand. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1984.

RICHLIN, Amy. *The Garden of Priapus. Sexuality and Aggression in Roman Humor*. New Haven/London, Yale University Press, 1983.

SANDYS, John Edwin. *A Companion to Latin Studies*. New York, Hafner, 1963.

SIMON, Marcel & BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*, trad. Maria S. Lacerda. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1987.

SNELL, B. *La Cultura Greca e Le Origini del Pensiero Europeo*. Torino, Einaudi, 1988.

________. *La Estructura del Lenguage*, trad. M. Macau de Lledó. Madrid, Gredos, 1966.

TARN, W. & GRIFFITH, G. T. *Hellenistic Civilisation*. London, Edward Arnold & Co., 1953.

TRYPANIS, C. A. *Greek Poetry – from Homer to Seferis*. Chicago, University of Chicago Press, 1981.

VERNANT, Jean Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*, trad. Ísis Borges da Fonseca. São Paulo, Difel, 1981.

VEYNE, Paul. *A Elegia Erótica Romana. O Amor, a Poesia e o Ocidente*, trad. Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo, Brasiliense, 1985.

________. (org.) *História da Vida Privada 1. Do Império Romano ao Ano Mil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

________. "L' Hellénisation de Rome et la Problématique des Acculturations", *Diogène – Revue International de Sciences Humaines,* 106 (1979), p. 3-29.

WARMINGTON, E. H. *Remains of Old Latin, in Four Volumes,* Vol. I, *Ennius and Caecilius*. London, Heineman/Cambridge, Massachussets, Harvard University Press, 1961 ["Loeb Classical Library"].

WENLEY, R. M. *Stoicism and its Influence*. New York, Cooper Square, 1963.

WILLIAMS, G. *Tradition and Originality in Roman Poetry*. Oxford, Clarendon Press, 1985.

ILUSTRAÇÕES

Página 17 Apud Danielle Porte, Rome: *L'esprit de lettres*. Paris: Éditions La Découverte, 1993, capa. Foto: Electa Art Postcards.

Página 21 Paris, Louvre. *Apud* Michael Grant (org.), *El Nascimiento de la Civilización Occidental: Grecia y Roma.* Barcelona: Editorial Labor, 1970, p. 192. Foto: Archives Giraudon.

Página 27 Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. *Apud Les Grands Siècles de la Peinture – La Peinture Romaine,* Genève: Editions d' Art Albert Skira, 1953, p. 69. Foto: Museo Archeologico Nazionale de Nápoles.

Página 29 Londres, Egypt Exploration Society. *Apud* D. Bowder, *Quem Foi Quem na Grécia Antiga.* São Paulo: Art Editora/ Círculo do Livro, 1988, p. 92. Foto: Egypt Exploration Society.

Página 32 Londres, British Museum. *Apud* John Boardman, Eugenio La Rocca, Antonia Mulas, *Eros in Grecia.* Milano: Arnoldo Mondadori, 1975, p. 9. Foto: Antonia Mulas.

Página 37 Roma, Museus do Capitólio. *Apud* Luisa Franchi dell' Orto, *Roma Antica: Vita e Cultura.* Firenze, Scala, Istituto Fotografico Editoriale, 1990, p. 53. Foto: Scala, Istituto Fotografico Editoriale.

Página 44 Bélgica, Rheinisches Landesmuseum. *Apud* Michael Grant (org.), *El Nascimiento de la Civilización Occidental: Grecia y Roma.* Barcelona: Editorial Labor, 1970, p. 243. Foto: Rheinisches Landesmuseum.

Página 47 Berlin, Pergamon Museum. *Apud* John Boardman, Eugenio La Rocca, Antonia Mulas, *Eros in Grecia.* Milano: Arnoldo Mondadori, 1975, p 13. Foto: Antonia Mulas.

Página 51 *Apud* Fausto Zevi, *Pompei 79.* Napoli: Gaetano Macchiaroli Editore, 1979, p. XVa. Foto: L. Parigi.

Página 58 Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. *Apud* Fausto Zevi, *Pompei 79*. Napoli: Gaetano Macchiaroli Editore, 1979, p. 46. Foto: Soprintendenza Archeologica delle Province di Napoli e Caserta.

Página 68 Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. *Apud* cartão da editora. Foto: Ed. Vincenzo Carcacavallo.

Página 69 *Apud* Moses Hadas (ed.), *Roma Imperial*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1980 (Biblioteca de História Universal Life), p. 111. Foto: Erich Lessing.

Página 73 *Apud* Bernard Andreae, *L' Art de l'ancienne Rome*. Paris: Editions d'art Lucien Mazenod, 1973, p. 349. Foto: Scala, Istituto Fotografico Editoriale.

Página 79 Boston, Museum of Fine Arts. *Apud* John Boardman, Eugenio La Rocca, Antonia Mulas, *Eros in Grecia*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1975, p. 81. Foto: Antonia Mulas.

Página 83 Roma, Museo della Civililtà Romana. *Apud* Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Lisboa: Editora Verbo, vol. 12, p. 367, s. v. "livro", 1971. Foto: Museo della Civililtà Romana.

Página 88 *Apud* Michael Grant e Cristina Mulas, *Eros a Pompei*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1977, p. 155. Foto: Antonia Mulas.

Página 89 Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. *Apud* Catherine Johns, *L'Eros Nell'Arte Antica*. Roma: Gremese Editore, 1992, p. 18. Foto: Antonia Mulas.

Página 95 Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. *Apud Les Grands Siècles de la Peinture – La Peinture Romaine,* Genève: Editions d' Art Albert Skira, 1953, p. 100. Foto: Museo Archeologico Nazionale de Nápoles.

Página 99 Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. *Apud Les Grands Siècles de la Peinture – La Peinture Romaine,* Genève: Editions d' Art Albert Skira, 1953, p. 83. Foto: Museo Archeologico Nazionale de Nápoles.

Página 101 Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. *Apud Les Grands Siècles de la Peinture – La Peinture Romaine,* Genève: Editions d' Art Albert Skira, 1953, p. 102. Foto: Museo Archeologico Nazionale de Nápoles.

Página 106 Roma, Museus do Vaticano. *Apud Les Grands Siècles de la Peinture – La Peinture Romaine*, Genève: Editions d'Art Albert Skira, 1953, p. 30. Foto: Museus do Vaticano.

Página 113 *Apud Les Grands Siècles de la Peinture – La Peinture Romaine,* Genève: Editions d' Art Albert Skira, 1953, p. 7. Foto: Museus do Vaticano.

Página 118 *Apud* Peter Clayton, *Great Figures of Mythology.* New York/ Avenel, New Jersey: Crescent Books, 1994, p. 63. Foto: C.M. Dixon, Photo Resources, Kingston, Kent.

Página 121 Berlin, Staaliche Museen. *Apud* John Boardman, Eugenio La Rocca, Antonia Mulas, *Eros in Grecia*. Milano: Arnoldo Mondadori, 1975, p. 93. Foto: Antonia Mulas.

Página 125 Londres, British Museum. *Apud* Michael Grant (org.), *El Nascimiento de la Civilización Occidental: Grecia y Roma.* Barcelona: Editorial Labor, 1970, p. 250. Foto: John J. O. Webb.

Página 129 *Apud* Michael Grant (org.), *El Nascimiento de la Civilización Occidental: Grecia y Roma.* Barcelona: Editorial Labor, 1970, p. 220. Foto: Eileen Tweedy.

Página 134 Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. *Apud* Michael Grant e Cristina Mulas, *Eros a Pompei.* Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1977, p. 10. Foto: Antonia Mulas.

Página 143 — *Apud* Peter Clayton, *Great Figures of Mythology.* New York/ Avenel, New Jersey: Crescent Books, 1994, p. 98. Foto: C. M. Dixon, Photo Resources, Kingston, Kent.

Página 146 — Roma, Museus do Capitólio. *Apud* Catherine Johns, *L'Eros Nell'Arte Antica.* Roma: Gremese Editore, 1992, p. 165. Foto: Antonia Mulas.

Página 155 — Oxford, Ashmolean Museum. *Apud* Catherine Johns, *L'Eros Nell'Arte Antica*, Roma: Gremese Editore, 1992, p. 123. Foto: Ashmolean Museum.

Página 166 — *Apud* Moses Hadas (ed.), *Roma Imperial*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1980. (Biblioteca de História Universal Life), p. 123. Foto: Emmett Bright.

Página 170 — Roma, Museo Nazionale delle Therme. *Apud Les Grands Siècles de la Peinture – La Peinture Romaine,* Genève: Editions d'Art Albert Skira, 1953, p. 29. Foto: Museo Nazionale delle Therme.

Página 173 — Nápoles, Museo Archeologico Nazionale. *Apud Les Grands Siècles de la Peinture – La Peinture Romaine,* Genève: Editions d'Art Albert Skira, 1953, p. 82. Foto: Museo Archeologico Nazionale de Nápoles.

Página 181 — Londres, British Museum. *Apud* John Boardman, Eugenio La Rocca, Antonia Mulas, *Eros in Grecia.* Milano: Arnoldo Mondadori, 1975, p. 164. Foto: Antonia Mulas.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Aca Larêntia, 195
Acaia, 226
Achcar, F., 161, 167, 187
Achilles, 131
Achiuus, 132
Ácio (batalha), 18
Acme, 97, 98
Acme, 97, 98, 202
Adoneus, 86
Adônis, 86, 195, 247
Adriático (mar), 71, 92
Adriaticus, 71
Adulis, 229
Aeetaeus, 120
Aegyptus, 136, 229
Aemilius, 153
Aethiops, 136
África, 112, 186, 202, 205, 213
Africus, 112
Afrodite, 184, 205, 235, 237
Agamênon, 225
Aganipe, 107, 210
Aganippe, 107
Áides, 184
Ajax, 227
Akhiléus, 225
Albânia, 184
Alceu
frag. 141 R, 211
Alcmena, 236
Alexandre, o Grande, 16, 18, 20 n., 207
Alexandria, 246
Alfeno (ver Varo), 45, 87, 196
Alfenus, 87
Alfieri, V., 53 n.
Álio, 45, 140, 141, 233, 234, 235, 237, 238
Allen, A., 38 n.
Allius, 139, 140, 144, 232
Alpes, 76
Alpes, 76, 168, 169
Amadryas, 107
Amastris, 71
Amástris, 71, 185
Amathus, 92
Amathusius, 140
Amatunte, 92, 184, 235
Amatúsia, 235
Ameana, 94
Ameana, 45, 94, 201
Amor, 97, 154
Amor, 97, 154, 169, 203, 220, 228
Amores, 184
Amphitrite, 120
Amphitryoniades, 142
Âncio (ver Restião), 97, 202
Ancona, 92
Ancona, 92, 184
Androgeoneus, 123
Androgeu, 123, 219, 222
Andronico, Lívio, 16, 61
Anfictião, 222
Anfitrião, 142, 236
Anfitrite, 120, 218
Antimachus, 152, 247
Antímaco de Cólofon, 45, 152
Lide, 247, 248
Tebaida, 247
Antius, 97
Antologia Palatina, 184
Áon, 210
Aônia, 210
Aonius, 107
Ápama, 229
Apheliotes, 85, 193
Apolo, 197, 224, 226, 232
Apolônio de Rodes, 25, 26, 28 n., 31
Argonáuticas, 26, 31, 217
Appendix Vergiliana, 31

Apuleio
Metamorfoses, 249
Apologia, 36 n.
Aquário, 137, 231
Aquiles, 217, 218, 222, 225, 226
Aquino, 78, 190
Aquinus, 78
Arábia, 169
Arabs, 76
Aratea, 62
Arato de Solos
Phainómena (*Os Fenômenos*), 62
Arcádia, 236, 237
Arcturo, rio, 217
Ares, 226
Argiuus, 120, 141
Argo (nau e herói epônimo), 217, 218, 222
Argonautas, 217, 218
Argos, cidade grega, 217, 226
Árgos, 218
Ariadna, 122, 128
Ariadnaeus, 136
Ariadne, 122, 124, 128, 136, 209, 217, 219, 220, 221, 223, 230
Aristófanes
As Nuvens, 191
Aristóteles, 20, 36
Poética, 26 n., 36 n.
Aroudagh, 185
Arpino, 204
Arquíloco de Paros, 39, 198
frag. 79 D-, 24
frag. 153 LB-, 207
frag. 159 LB-, 200
frag. 161 LB-, 200
Árrio, 150, 244
Árrio, Quinto, 244
Arrius, 150
Arsinoe, 136
Arsínoe Lócrida, Arsínoe Zefirítide, 136, 228, 229, 230
Ártemis, 197
Ascânio (lago da Bitínia), 203
Ascher, N., 54, 56, 57 e n., 161
Ascônio, 253
Asia, 98, 107, 136, 141
Ásia, 98, 136, 141, 185, 187, 188, 196, 198, 203, 216, 220, 225, 229, 236, 256
Asínio Marrucino, 76, 188
Asínio Polião, 188
Asinius, 76
Assyrius, 135, 144
Atalanta, 164, 184
Atálidas, 18
Atena, 127, 183, 210, 217, 222, 226
Atenas, 123, 219, 220, 221, 222
Athenae, 123
Athos, 136
Ática, 230, 236
Átis, 117, 119, 215, 217
Atlas, 213
Atos, 136, 229
Atreu, 225
Attis, 116, 117, 119
Auden, W. H., 26
Aufilena, 154, 157, 158
Aufilena, 45, 154, 157, 158, 180, 243, 250, 253, 254
Aufileno, 154, 250
Aufilenus, 154
Augusto, 16, 39, 40 e n., 235
Aulo Gélio, 247
Aurélio, 45,76, 78, 80, 81, 168, 169, 188, 190, 191, 192, 243
Aurelius, 76, 78, 80, 81
Aurora, 115, 130, 213, 214, 223
Auruncuféia, 109, 210, 211
Auster, 85, 193
Austro, 193
Aventino (colina de Roma), 206
Azevedo, M. T. S. de, 207

Baco, 85, 194, 203, 209, 216, 219, 220, 222, 223, 226, 230
Balbo, 137, 232
Balbus, 137
Baldry, H. C., 20 n.
Barbosa, J. A., 52 n., 61 n.
Bardon, H., 190, 191, 233, 238, 255, 256
Bastos, F. A. M. de, 191
Batíades (ver Calímaco), 186, 228
Bato, 72, 165, 167, 186, 227, 228
Battiades, 133, 159
Battus, 72
Baudelaire, C., 15, 36
Benjamin, W., 53 e n., 59
Benoit, A., 25 n.
Benvenuto Campesani de Vicenza, 66
Beócia, 209, 210, 222, 226
Berenice, 135, 228, 229, 231
Beroniceus, 135
Bickel, E., 24 n.
Bithynia, 75
Bithynus, 87
Bitínia, 75, 168, 187, 193, 194, 203
Boieiro, 136, 230
Bolonha, 105
"*Bomós*" - "Altar"- (ver Dosíadas de Creta), 23
Bonnard, A., 20 n., 24 n.
Bononiensis, 105
Bootes, 136
Boreas, 85, 193
Bóreas, 193
Borges, J. L., 22 e n., 24 n.
Brindisi, 199
Britânia, 86, 98, 188, 195, 196, 203
Britannia, 86, 98
Britannus, 76
Brixia, 138
Bríxia, 138, 232
Byron, G. G.,lorde, 53 n.

Caecilius, 91, 137
Caelius, 104, 154
Caesar, 76, 104, 152, 246
Caesius, 78
Cahen, É., 46 n.
Caio, 75
Cairns, F., 187, 231
Calcídica, 229
Calignoto, 239
Calímaco de Cirene, 23 n., 25, 28 e n., 30 n., 31, 33, 34, 63, 133, 159, 186, 229, 255
Áitia (*Origens*), 26, 28, 45 n.
Epigr. 1-, 30, 215
Epigr. 2-, 184
Epigr. 18-, 33
Epigr. 25-, 239
Epigr. 28-, 31, 247
frag. 110 Pf.-, 228
frag. 291 Pf.-, 214
frag. 398 Pf-, 248
frag. 411 Pf.-, 215
frag. 761 Pf.-, 216
Hécale, 31, 217
"Hino a Ártemis", 23 n.
"Hino a Delos", 210
Iambos, 34, 45, 46
Pínakes (*Catálogos*), 28, 63
"Trança de Berenice, A", 227, 228, 247

Calisto, 136, 230
Callisto, 136
Caluus, 77, 102, 153, 248
Calvino, I., 28 e n.
Calvo, Caio Licínio, 16 n., 31, 42 e n., 43, 45, 77, 102, 153, 189, 204, 206, 248
Camério, 103, 206, 207
Camerius, 103
Camões, L. V.de, *Lusíadas, Os* 197, 209
Campânia, 194
Campo (de Marte), 103, 187, 206
Campos, A. de, 220
Campos, H. de, 54, 55, 57 n., 161, 164, 165, 174, 180
Campus, 103
Cândido A., 53 n.
Canfora, L., 25 n.
Canopius, 136
Canopo, 136, 230
Caralho (ver Mamurra), 180
Cária, 184, 224
Caribde, Caríbdis, 126, 209, 221
Carilau, 207
Cartago, 221
Castilho, A. F. de, 53, 161, 163, 177
Castor, 71, 141, 185, 199, 235
Castor, 71, 141
Catão, 174
Catão, Públio Valério, 16 n., 31, 45, 104, 207
  Dictina, 246, 247
  Lídia, 247
Catilina, Lúcio Sérgio, 16, 249
Cato, 104, 247
Catullus, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 93, 96, 98, 100, 102, 104, 140, 142, 145, 147, 148, 149
Catulo, *passim*
  "Epitalâmio de Tétis e Peleu", 217
  "Trança de Berenice, A", 34
Cáucaso, 224
Cavalcante de Souza, J., 200, 240
Cecílio, 45, 91, 137, 198, 232
Cecílio, Caio Plínio (Plínio, o Jovem), 198
Cecrópia, 123, 126, 219, 221
Cécrops, 219
Célio, 45, 104, 154, 174, 208, 239, 240, 250
Célio (colina de Roma), 195, 206
Celtiber, 94
Celtiberia, 93, 94
Celtibéria, 93, 94, 199, 200
Ceres, 117
Ceres, 117, 198, 216
César, 16, 42 e n., 43, 76, 104, 152, 168, 169, 180, 194, 195, 196, 198, 206, 208, 246, 247, 249
  Comentários sobre a Guerra Gálica, 188
  Guerra da África, 205
  Guerra da Hispânia, 205
Césio, 78, 190
Céu, 218, 238
Chalybes, 136
Charybdis, 126
Chatelain, M., 66
Chipre, 184
Chiron, 130
Cibele, 91, 116, 117, 119, 120, 198, 215, 216, 217
Cícero, 15, 16, 35 e n., 38, 40, 43, 45, 48 n., 61 n., 62, 100
  Aos Pontífices a respeito de Sua Casa, 203
  Bruto, 244, 247, 248.
  Cartas a Ático 1, 16-, 243
    7, 2-, 15 n.
    7, 7-, 195
    8, 5-, 220
  Cartas aos Familiares, 48 n.
  Discurso contra Pisão, 194, 203, 243
  Discurso contra Vatínio, 189, 249
  Discurso em Defesa de Célio, 38, 208, 249
  Discurso em Defesa de Cluêncio, 253
  Discurso em Defesa de Plâncio, 193
  Discurso em Defesa do Poeta Árquias, 35
  Discurso em Defesa de Públio Sula, 213
  Discurso em Defesa de Séstio, 202, 240, 243
  Filípicas, 195
  Hortênsio, 247
  Orador, O, 15 n., 204
  Paradoxos, 35 n.
  Sobre as Respostas dos Arúspices, 243
  Sobre o Melhor Estilo de Oradores, 62 e n.
  Sobre os Deveres, 210
  Tusculanas, 15 n., 190
Cíclades, ilhas, 71, 185
Cicno, 138, 232
Cila, 105, 126, 175, 209, 221
Cilene, 142, 236
Cina, Caio Hélvio, 16 n., 18, 31, 45, 75, 152, 158, 168, 246, 254
  Esmirna, 31, 152, 187, 247
  frag. 8-, 214
  Prosempticon, 187, 188
Cina, Lúcio Cornélio, 247
Cíniras, 247
Cinna, 75, 152, 158
Cipiões, 42
Circo Máximo, 103, 206
Circus, 103
Cirena, Cirene, 165, 167, 186, 221, 228
Cirenaica, 230
Ciris, 31
Ciros, 122, 218
Citoro, 71, 185
Clausen, W., 28 n.
Clímene, 224
Clódia, 36 e n., 38, 39, 208, 243, 249
Clódio Pulcro, Públio, 36, 240, 243
Cnido, 92, 184
Cnossos, 126, 221
Colchus, 120
Colli, G., 226
Colônia, 80, 81, 191
Cólquida, 217
Comínio, 157, 180
Comínio, Públio, 253
Cominius, 157
Como (lago da Itália), 198
Comum Nouum, 91
Concordia, 137
Concórdia, 137, 231
Conon, 135
Cônon, 135, 228, 229
Cornélio, 67, 138, 156, 183, 232, 251, 253
Cornélio Nepos, 16 n., 45, 195, 251
  Chronica, 183
Cornelius, 67, 138, 156
Cornifícia, 16 n.
Cornifício, Quinto, 16 n., 31, 93, 172
  Glauco, 31, 200
  Retórica a Herênio, 200
Cornificius, 93
Cornish, F. W., 190, 191, 214, 218, 219, 225, 243
Cortynius, 123
Crannon, 122
Cránon, 122, 219
Crasso, 196, 206, 244
Crassus, 244
Creso, 159, 255
Creta, 123, 126
Creta, 103, 123, 126, 207, 219, 220
Cretes, 103
Crono, 183
Culex, 31
Cupidines, 70, 77, 92, 184

Cupido, 92, 142, 184, 237
Cupido, 142, 237
Cupidos, 70, 77, 164, 169, 189
Cybele, 117, 119
Cybelle, 116, 117, 119, 120
Cyclades, 71
Cycneus, 138
Cylleneus, 142
Cyrenae, 72
Cytorius, 71
Cytorus, 71

Dádiva, 180
Dânae, 207
Dânao, 226
Dardanelos, 225
Dardanius, 132
Dárdano, 226
Daulíade, 133, 228
Daulias, 133
Dáulis, 228
De Lorenzo, I.C., 59 n., 62 n., 161, 169, 172, 174, 175
Dédalo, 219
Deífobo, 227
Delfos, 226
Délia, 172
Delius, 90
Delos, 90, 197, 210, 226
Delphi, 133
Deméter, 212, 216
Demétrio, o Belo, 229
Demócrito, 26
Demóstenes, 62
Desejos, 184
Dezotti, J. D., 161, 175, 176, 177, 178, 180
Dia, 122, 124, 219
Dia, 122, 124
Diádocos (Império), 41 n.
Diana, 90, 172, 197
Diana, 90
Dictynna (ver Catão, Valério), 31, 247
Dido, 205, 221
Digesto, 197
Díndimo, 198, 120
Dindymenus, 117
Dindymus, 91, 120
Diodoro Sículo, 200
Diona, 104, 208
Dionísio, 194, 216, 226
Dioscuros, 92, 185, 199
Dirráquio, 92, 184
Dodds, E. R., 26 e n., 61 n.
Donato, 249
Döring R., 205
Doris, 130
Dóris, 218
Dosíadas de Creta, 23 n.
Duriense, E. (Antônio Ribeiro dos Santos), 237
Durrachium, 92

Eco, U., 31, 34 e n.
Eeta, 120, 217
Egeu, 127, 222
Egeu (mar), 185
Egina, 33
Egito, 229
Egnácio, 45, 93, 199, 200
Egnatius, 93
Eliot, T. S., 15 e n., 36, 62 n.
Emathius, 131
Emátia, 131, 224
Emílio, 45, 153, 249
Endímion, 228
Enéias, 205, 209, 221
Ênio, 15, 16, 50
    Anais, 16, 216, 217, 223
    Tragoedia, 221, 222
Eos, 214
Eous, 76, 115, 214
Épafo, 224
Epicurismo, 210
Epicuro, 26
Epiro, 184,
Epístola aos Coríntios, 22 n.
Érebo, 205
Erechtheus, 127
Erecteu, 127, 222
Erice, 184
Erídano, rio, 232
Erínias, 222
Érix, 123, 184, 219
Eros, 237
Éros, 220, 228, 237
Erycina, 123, 237
Escamandro, 132, 225
Esmirna (ver Cina), 247
Espártaco, 16
Ésquilo
    Coéforas, 222
    Eumênides, 226
    Prometeu, 196, 211
Ésquines, 62
Estige, 221
Estinfalo, 142, 237
Estrabão, 191, 200, 245
Estratão, 253
Eta, 114, 140, 214
Etiópia, 230
Etna, 235
Etólia, 214
Etra, 222
Etrúria, 200
Etruscus, 93
Euforião da Calcídia, 16, 31, 33
Eumenides, 127
Eumênides, 127
Eurípedes
    Medéia, 209
Euristeu, 207, 237
Europa, 141, 207, 217, 225, 236, 255
Europa (ver Mosco), 217
Europa, 141
Eurotas, 123, 220
Eurotas, 123

Fabullus , 77, 85, 98
Fabulo, 45, 77, 85, 98, 169, 186, 188, 189, 194, 204
Faetonte, 130, 224, 232
Falerno, 85, 194
Falernum, 85
Farsália, 122, 206, 218, 219
Fásis, 120, 217
Fauonius, 85, 130, 193
Favônio, 130, 193, 223
Fé, 196
Febo, 130, 224
Fedro, 192
Felipe II da Macedônia, 18
Fêneo, 142, 236
Fênix de Cólofon, 46 n.
Fermo, 255
Fescênia, 211
Fescenino (verso), 110, 211
Fides, 87
Figueiredo, L. A. de, 54, 56 e n., 161, 171, 172, 174, 175, 180
Filetas de Cós, 30 n.
Filomela, 228

Firmanus, 158
Firmo, 158, 255
Firmum, 255
Flauius, 72
Flávio, 45, 72, 185
Fócida, 226
Fonda, E. A., 54, 56 e n., 161, 171, 172, 174, 175, 180
Fordyce, C. J.,190, 191, 233
Formiano (ver Mamurra), 94, 96, 104, 174, 195, 201, 208
Formianus, 94, 96, 104
Fórmias, 195, 208
Fors, 126
Fortuna, 126, 132, 154, 221
Fórum, 75, 206, 254
Fósforo, 213
Frígia, 98, 117, 193, 203, 215, 223
Ftiótida, 122, 219
Fufício, 103, 206
Fuficius, 103
Fúrio, 45, 76, 80, 82, 84, 85, 168, 169, 188, 190-193, 243, 217, 222
Furius, 76, 80, 82, 84, 85
Fúrio Bibáculo, 16 n., 188, 207

Gaio, *Institutas*, 211
Gaius, 75
Gala, 117, 215, 216
Gália, 86, 195, 208
Galla, 117
Gallia, 86
Gallicanus, 96
Gallicus, 76
Gállos, 215
Galo, 177, 242
Galos, 168
Garrett, J. B. L. de A, 53, 54 e n., 161, 164, 165, 168, 169, 171
Gélio, 45, 145, 149, 151, 159, 176, 177, 178, 240, 243, 245, 255
Gellius, 145, 149, 151, 159
Gentili, B., 23 n., 40 n., 45 n.
Gigante, M., 42 n.
Glauco (ver Cornifício), 200
Gnidus, 92
Gnosius, 126
Goethe, J. W., 53
Golgi, 92, 123
Golgos, 92, 123, 184, 220
Goold, J. P., 184, 190, 191, 202, 211, 214, 218, 232, 234, 238, 242, 243, 247
Gortina, 123, 219
Gouveia, A. de, 53, 55, 161, 165, 167
Graças, 169, 216
Graecus, 141
Graius, 136, , 142, 216
Grécia, 136, 185, 213, 216, 218, 230, 236
Griffith, G. T., 19 n.
Grimal, P., 42 n., 49 n.
Gubernatis, M. L. de, 193, 199, 201, 206, 211, 214, 218, 219, 220, 223, 224, 227, 230, 231, 232, 234, 235, 243
Guerra Gálica, 195

Hades, 184
Hadria, 92
Hamadríades, 107, 210
Händel, P., 23 n
Harpocrates, 145, 156
Harpócrates, 145, 156, 176, 240, 251
Hebe, 142
Hebe, 142, 237
Hécate, 197
Hécuba, 210, 226
Hefesto, 198
Helena, 141, 210, 236
Helesponto, 132, 159, 225, 256
Helíades, 224
Hélicon, 105, 209, 210, 230
Heliconius , 105
Hélio, 216, 224
Hellespontius, 159
Hellespontus, 132
Hera, 237
Héracles, 207
Heráclito, 20, 26
Heraklês, 215
Hercules, 103
Hércules, 103, 172, 207, 210, 211, 214, 215, 223, 224, 236, 237
Hério, 103, 206
Heródoto, 36 n.
Hesíodo
  Teogonia, 184, 209
  Trabalhos e Dias, Os 218, 235, 252
Héspero, 115, 131, 209, 214, 224
Hesperus, 115, 131, 214
Hiberus, 74, 77, 86, 93, 127, 222
Hímen, 105, 107, 108, 110, 111, 114,115, 116, 209, 214
Himeneu, 105, 107, 108, 110, 111, 209, 210, 212, 214
Hiperbóreos, 159, 255
Hipérion, 214, 216
Hipômenes, 184
Hipsitila, 87, 197, 201
Hircânia, 150, 169, 188, 199, 222
Hissarlik, 236
Homero, 22, 28 n., 31, 53 n., 212
  "Hino homérico à Deméter", 223
  Ilíada 57 n., 202, 210, 214, 216, 217, 225, 226, 235, 237
  Odisséia, 16, 61, 196, 209, 213, 214, 221, 235, 237
Horácio, 28, 30 n., 38, 39, 40, 46 n., 50, 53 n., 187, 248
  Arte Poética, 198, 204
  *Od.*1,2-, 197, 237
  *Od.*1,22-, 202
  *Od.*1,28-, 221
  *Od.*4, 7-, 203
  Sátiras, 188, 190, 208
Hórtalo, 133, 227
Hortênsio, 43, 152, 247
Hortênsio Hórtalo, Quinto, 227
  Anais, 247
Hortensius, 152, 247
Hugo, V.,53
Hydrochous, 137
Hymen, 105, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 116
Hymenaeus, 105, 107, 108, 110, 111, 114, 115, 116
Hyperboreus, 159
Hypsithylla, 87
Hyrcanus, 76

Iacchus, 128
Iaco, 128, 222
Ianus, 231
Ibéria, 74, 167
Ibn-Al-Mukafa, 217
Ida, 119, 126, 216, 221
Ida, 117
Idaeus, 126
Idálio, 92, 107, 123, 184, 210, 220
Idalium, 92, 107
Ídrias, 224
Idro, 224
Idrus, 130

Iliacus, 141
Ílio, 236
Ilo, 226, 236
India, 97, 109
Índia, 97, 109, 169, 202, 211
Indus, 76, 122
Io (ver Calvo), 31
Iônide, 239
Ionius, 150
Ipsitila, 56, 171, 172
Ísis, 229
Itália, 188, 194, 200, 232, 252
Italus, 67
Ítilo, 133
Itônia, 222
Itono, 127, 222
Itonus, 127
Itylus, 133
Iunia, 107
Iuno, 91, 142
Iupiter, 67, 71, 72, 90, 103, 120, 126, 135, 136, 137, 144, 145
Iuuentius, 84, 98, 149, 154

Jaeger, W., 19 n.
Jano, 231
Joane, 197
Jove, 142, 165, 167, 175, 176, 238
Júlia, 196
Júnia, 107, 210, 211
Juno, 91, 142, 172, 197, 203, 210, 230, 237, 238
Júpiter, 67, 71, 72, 90, 103, 120, 126, 135-137, 144, 145, 172, 176, 183, 185, 186, 192, 194, 197, 206, 207, 210, 218, 221, 224, 227, 229, 230, 231, 234, 236, 238, 239
Júpiter Amón, 186
Justiça, 238
Justino, 229
Juvenal, 50
Juvenal
Sátiras, 190
Juvêncio, 33, 45, 84, 98, 149, 190, 192, 193, 201, 204, 243, 250, 252
Juventa, Juventude, 237

Kharílaos, 207
Kitto, H. D. F., 19 n.
Körte, A., 23 n.

La Penna, A., 41 n.
Lácio, 200
Laclos, P. C. de, 233
Ladas, 103, 207
Ladas, 103
Lafaye, G., 205, 206
Lafer, M. de C. N., 252
Lâmpsace, 256
Lâmpsaco, 159, 256
Lampsacus, 159
Lanuuinus, 93
Lanúvio, 200
Laodamia, 141, 142, 233, 235, 236, 237
Lário (lago de Como), 91, 198
Larisaeus, 122
Larissa, 122, 219
Larius, 91
Latmius, 135
Latmo, 135, 228
Latônia, 90, 172
Latonius, 90
Laudamia, 141, 142
Leão, 136, 230
Leitão, A. J. de L., 215, 223, 226
Leo, 136
Leoni, G. D., 187
Lesbia, 71, 72, 96, 102, 104, 145, 147, 148, 149, 150, 152, 157
Lésbia, 36, 38, 39, 43, 46 n., 54, 55, 71, 72, 96, 102, 104, 145, 147-150, 152, 157, 164, 165, 167, 174, 176-178, 185, 208, 233, 237, 238, 243, 244, 253
Lésbio, 148, 177, 242, 243
Lesbius, 148
Lesbos, 198
Lesky, A., 23 e n.
Lete, 227
Lethaeus, 133
Leto, 197
Lévio
Erotopaegnia (*Jogos de Amor*), 18
Protesilaodamia, 233
Libão, 103, 206
Liber, 132
Líber, 132, 226
Líbia, 97, 167, 175, 202
Libo, 103
Libya, 97
Libyssus, 72
Libystinus, 105
Licáon, 230
Licaônide (ver Calisto), 136
Licínio, 100, 204
Licinius, 100
Lico, 33
Lídia, 196
Ligur, 81
Ligúria, 81, 191, 232
Limentino, 231
Lindsay, W.M., 211
Lisânias, 31
Locris, 136
Lua, 172, 197, 214, 228
Luciano de Samosata, 30 n.
Lucifer, 213
Lucílio, 39, 46 n., 50
Lucina, 91, 172, 197
Lucina, 91
Lucindo Filho, 53
Lucrécio, 40
Da Natureza das Coisas, 211, 214-216, 223, 226, 233
Luna, 91
Lusitânia, 196
Lux, 142, 144
Luz, 142, 144, 237, 238
Lycaonius, 136
Lydius, 87

Macedônia, 194, 224, 229,
Machado de Assis, J. M., 30 n.
Macpherson, J. (Ossian), 53 n.
Macróbio
Saturnais, 198
Maenas, 117, 119
Magas, 228, 229
Magnus, 103
Magueijo, C., 191
Malíaco (golfo), 235
Malius, 140
Mallius, 232
Mamurra 42 n., 45, 86, 104, 195, 208
Mamurra, 86, 104
Mandruzzato, E., 231
Manes, 251
Mân.lio, 107, 112, 210, 213
Man.lius, 107, 112
Marcial, 48 n., 204
Marcus Tullius, 100
Marinone, N., 231
Mármara, 185

Marrou, H.-I., 18 n.
Marrucino, 76
Marrucinus, 76
Marte, 133, 191, 195, 206, 226
Martin, C., 41 n.
Mauors, 133
Mecila, 158, 180
Medéia, 217, 221
Média, 188, 229
Medina Rodrigues, A., 59, 196, 235
Mediterrâneo, 207,
Medus, 136
Medusa, 207
Mela (rio), 138, 232
Mella , 138
Mêmio, Caio, 16, 86, 187, 194
Memmius, 86
Memnon, 136
Mêmnon, 136, 230
Memória, 227, 234
Mênades, 117, 119, 216
Mendes, M. O., 53 n., 196, 214, 225, 235, 237
Eneida Brazileira, 63
Virgílio Brazileiro, 63
Menelau, 210
Menênio, 105, 208
Menenius, 105
Mentula, 86, 158, 159, 195, 255
Merrill, E. T., 190, 201, 202, 218, 219, 220, 222, 224, 225, 232, 234, 235, 243
Messina, 209, 221,
Micenas, 225
Midas, 84, 193
Midas, 84
Mile Uma Noites, As, 217
Mimo, 231
Minerva, 183, 222
Minois, 122, 128
Minos, 122, 123 219, 221, 222
Minotauro, 123, 207, 219, 220, 221, 222
Minotaurus, 123
Mirra, 247
Mitridates, 206
Moecilla, 158
Moiras, 224, 236
Moîsa (ver *Moûsa)*, 218
Momigliano, A., 18 n., 62 n.
Moore, T., 53 n.
Morte, 216
Mosco
Europa, 217
Moûsa, 252
Musa, 133, 139
Musa de Lesbos (ver Safo), 39
Musas, Musa, 91, 133, 139, 156, 183, 189, 198, 209, 210, 218, 226, 227, 233, 234, 252
Musset, A. de, 53 n.
Mynors, R. B. A., 190, 191, 201, 214, 218, 219, 220, 224, 225, 232, 235, 243, 256

Náiades, 130, 224
Naias, 130
Nasão, 45, 254
Naso, 158
Naxos, 219
Negro (mar), 185, 187
Nemesis, 100
Nêmesis, 100, 133, 205, 226, 230, 236
Neoptólemo, 226
Neptunius, 132
Neptunus, 87, 120
Nereides, 120, 217, 218
Nereine, 120
Nereis, 120
Nereu, 218
Netuno, 87, 120, 169, 171, 196, 207, 210, 217, 218, 221, 226
Névio
Guerra Púnica, 16
Nicaea, 98
Nicéia, 98, 203, 223
Nicomedes, 195
Nietzsche, F., 226
Nilo, 76, 168, 169, 230
Nilus, 76
Ninfas, 178
Nisa, 128, 223
Noctifer, 114, 213
Noite, 205, 216
Nônio, 102, 174, 205
Nônio Marcelo, 256
Nonius, 102
Norden, E., 18 n.
Noroeste, 169
Nova Como (cidadelatina), 91, 198
Nympha, 120
Nysigena, 128

Oarion, 137
Oblívio, 133, 227
Oceânidas, 224
Oceano, 120, 136, 151, 159, 218, 230, 245, 255
Oceanus, 109, 120, 136, 151, 159
Odysséus, 235
Oetaeus, 114, 140
Okeanós, 218
Olimpo, 114, 213, 237
Oliva Neto, J. A., 59 n.
Olympus, 114
Ops, 198
Orco, 70, 164, 184,
Orcus, 70
Oriente, 169
Oríon, 137, 231
Ortalus, 133
Osíris, 229
Ossian (Macpherson, J.), 53 n.
Otão, 103, 206
Otaviano, F., 53 e n., 54 n., 161, 164, 167
Oto, 103
Ovídio, 40 n., 235
Amores, 38
Arte de Amar, 253
Cantos Tristes, 207, 248
Metamorfoses, 18, 188, 224, 230
Padua, 152
Pádua, 152, 247
Padus, 200
Paes, J. P., 54, 56 e n., 161, 171, 174
Paflagônia, 185
Palatino (colina de Roma), 206, 215
Paratore, E., 41 n., 42 n.
Parcae, 130, 132, 141
Parcas, 130, 132, 141, 224, 236
Paris, 141
Páris, 107, 141, 205, 210, 236
Parnaso, 132, 156, 226, 252
Parnasus, 132
Partênio de Nicéia
Erotikà Pathémata (*Sofrimentos do Amor*), 18, 233, 241
Metamórphoseis, 18
Parthus, 76
Pártia, 169
Pascoli, G., 213
Pasífae, 219, 221
Pasítea, 117, 216
Pasithea, 117
Passos Filho, L. P., 161, 167

Paulo de Sesto, 211
Pausânias, 230
Pegaseus, 103
Pégaso, 103, 207
Peleu, 120, 130, 131, 132, 217, 218, 220, 223, 224, 225
Peleus, 120, 130, 131, 132
Peliacus, 120
Pelion, 130
Pélion, 120, 130, 217, 223
Pelops, 131
Pélops, 131, 225
Penates, 74, 133, 167, 187, 227
Penates, 187
Penélope, 114, 213
Penelopeus, 114
Peneu, 218
Peneum, 142
Pênio, 130, 218, 223
Penios, 130
Pentápolis, 230
Persa, 151
Perseu, 103, 207
Perseus, 103
Persicus, 151
Pérsio Flaco, Aulo, 50
Pesaro, 243
Pessoa, Fernando, 161, 175
Petrônio, *Satyricon*, 197, 255
Phaethon, 130
Pharsalia, 122
Phasis, 120
Phoebus, 130
Phrygia, 119
Phrygius, 98, 107, 116, 117, 119, 131, 223
Phryx, 117
Piceno, 255
Piérias (ver Musas), 252
Pignatari, D., 59 e n.
Píndaro, 28 n.
Neméias, 3-, 225
Olímpicas, 1-, 211
10-, 237
Pinto (ver Mamurra), 86, 158, 159, 195, 246, 252, 255
Pipleius, 156, 252
Pipleu, 252
Piraeus, 123
Pireu, 123, 219
Pisão, 85, 98, 194, 203
Pisão, Lúcio Calpúrnio Cesonino, 194
Pisauro, 149, 243
Pisaurum, 149
Piso, 85, 98
Pitágoras, 22
Piteu, 222
Pitiússas, 256
Platão, 198
Banquete, O, 207
Crátilo, 20
Fédon, 215
Fedro, 20, 239
República, A, 227
Plauto, 61
Rudens, 197
Plínio, o Jovem, 198
Plínio, o Velho
História Natural, 189, 195, 202
Plutarco
Júlio, 247
Bruto, 247
Pó, 232, 247
Poliakov, L., 204
Polião, 77
Políxena, 132, 225, 226
Pollio, 77
Pollux, 141
Pólux, 141, 185, 199, 235
Polyxenius, 132
Pompéia, 209
Pompeius, 158
Pompeu, Cneu (dito Magno), 103, 158, 180, 196, 206, 210, 249, 254
Ponticus, 71, 86
Ponto Euxino, 71, 185
Pórcio, 98, 203
Porcius, 98
Porfírio, 247, 256
Posêidon, 217
Postumia, 85
Postúmia, 85, 194
Postúmio, 138, 232
Postumius, 138
Pound, E., 55 n.
Praxíteles
Afrodite, 184
Príamo, 210, 226
Priapea, 48 n.
Priapo, 48 n., 98, 159, 203, 255, 256
Priapus, 98, 159, 256
Prometeu, 130, 218, 223, 224
Prometheus, 130
Propércio, 30 n., 38, 40 n., 235, 248
Propôntida da Trácia, 71, 185
Propontis, 71
Protágoras, 19 n.
Protesilaeus, 141
Protesilau, 141, 233, 235
Pthioticus, 122
Ptolomaeus, 229
Ptolomeu I, Sóter, 24, 229
Ptolomeu II, Filadelfo, 25 e n., 28, 229, 230
Ptolomeu III, Evérgetes, 228, 229, 230
Ptolomeus, 18, 25, 40
Publícola, Lúcio Gélio, 240

Queronéia (batalha), 18
Quíncia, 177
Quintia, 150
Quíntia, 244
Quintilia, 248
Quintília, 153, 248
Quintiliano
Instituições Oratórias, 188, 246, 247
Quíntio, 45, 149, 154, 243, 250
Quintius, 149, 154
Quíron, 130, 218, 223

Ramalho, A. da C., 54 n.
Ramnunte, 137, 205, 230, 236
Ramnúsia, 141, 205, 236
Ramos, P. E. da S., 161, 164, 165, 169, 171, 176
Rauidus, 94
Ravido, 45, 94, 174, 200
Réia, 183, 198
Réia Sílvia, 195
Reinach, T., 215, 220, 237
Remo, 46 n., 86, 104, 174, 194, 195, 208, 226
Remus, 86, 104
Reno, 76, 168, 169
Reso, 103, 207
Reteu, 227
Retórica a Herênio (ver Cornifício), 200
Rhamnusia, 133, 137, 141
Rhenum, 76
Rhesus, 103
Rhodus, 71
Rhoeteus, 133
Richlin, A., 38 n., 39 n., 48 n.
Rodes, 71, 185, 247

Roma, 86, 140, 188, 194, 195, 200, 202, 204, 208, 212, 215, 233, 234, 252, 253
Roma, 140
Rômulo, 86, 91, 100, 172, 194, 195, 204, 212, 226
Romulus, 86, 91, 100, 195
Rufa, 105, 208
Rufa, 105
Rufo, 38, 144, 148, 175, 208, 238, 239, 242
Rufo, Célio, 38
Rufo, Sérvio Sulpício, 194
Rúfulo, 105, 208
Rufulus, 105
Rufus, 144, 148
Rússia, 212

Sá Rego, E. de, 30 n.
Sabínia, 200, 202
Sabinus, 93, 96,
Saetabus, 77, 85
Safo, 39, 91, 198, 211
  Ode à Anactória, 210
  Od. 31 LP, 205
  frag. 61 R, 237
  frag. 97-8 R, 220
  frag. 109 R, 215
Sagae, 76
Salisubsilus, 81
Sapphicus, 91
Sapphó, 211
Sarapis, 75
Sátiros, 128, 223
Satrachus, 152
Sátraco, 152, 247
Saturnais, 78, 189
Saturnalia, 78
Saturno, 184, 189, 217
Satyrus, 128
Scamander, 132
Schiller, F., 53 n.
Schöll, 232
Scylla, 105, 126
Scyros, 122
Seabra, A. L. de, 190
Selêucidas (reinos helenísticos), 18
Seleuco, 229
Seleuco II, 228
Seleucus, 229
Sêmele, 194
Septimillus, 97
Septímio, 97, 98, 202
Septimius, 97, 98
Serápis, 75, 168, 187
Sestianus, 97
Séstio, 97
Séstio, Públio, 202
Sestius, 97
Sétabis, 77, 85, 189, 193
Shakespeare, W., 53 n., 59
Shelley, P. B., 53 n.
Sicília, 209, 219, 235
Sila, 78, 189
Silão, 45, 156, 251
Silenos, 128, 223
Silenus, 128
Silo, 156
Silva, A. da, 54, 193, 218, 235, 256
Silva Ramos, P. E., 54
Simias de Rodes
  "*Oón*" ("Ovo"), 23 n.
  "*Péleky*", "Machado", 23 n.
  "*Ptéryges*" ("Asas"), 23 n.
Simões, J. G., 42 n.
Simon, I. M., 25, 200, 240
Simônides, 93, 172
Simônides de Amorgos, 202
Simônides de Ceos, 200
Simonideus, 93
Siren, 202
Sirene, 202
Síria, 98, 203
Sirmio, 87
Sírmio, Sírmion, 87, 169, 171, 196
Sirmione, 196
Sirtes, 126, 221
Socration, 98
Socrátion, 98, 203
Sófocles
  Antígona, 221
  frag. 741-, 239
Sol, 117, 130, 214, 216, 223, 224, 229
Sol, 117, 130
Somnus, 117
Sono, 216
Souza Rebelo, L. de, 53 n.
Strato, 253
Stymphalius, 142
Suetônio
  Vida dos Doze Césares, 42 n., 195, 208, 247, 249
  Sobre os Gramáticos, 207
Sufeno, 45, 78, 82, 190, 192
Suffenus, 78, 82
Sul, 169
Sulla, 78
Syria, 98, 150
Syrius, 72
Syrtis, 126

Tácito
  Anais, 188
Tagus, 86
Talásio, 110, 212
Talasius, 110
Talo, 45, 84, 85, 193, 207
Tapo, 45, 252
Tappo, 156
Tapso, 210
Tápula,lei, 252
Taranto, 199
Tarn, W., 19 n.
Tauro, 123, 220
Taurus, 123
Tebas, 247
Tejo, 86
Telemachus, 114
Telêmaco, 114, 213
Têmis, 144, 238
Tempe, 122, 130, 218, 223
Tempe, 122, 130
Teócrito de Siracusa, 22, 25, 33
  Idílios, 1-, 217, 218;
    2-, 216
    3-, 228
    22-, 196
  "*Syrinx*" ("Sírinx"), 22 n.
Terenciano Mauro 2754, 255
Terêncio, 61
  Eunucos, 249
Termópilas, 140, 235
Terra, 218, 221, 238
Teseu, 122, 123, 124, 127, 128, 217, 219, 220, 222
Téspias, 107, 210
Téspio, 210
Tessália, 120, 122, 128, 213, 214, 217, 218, 219, 223, 224
Tethys, 120, 136, 151
Tétis, 120, 130, 131, 178. 217, 218, 220, 221, 223, 224, 225
Tétys, 120, 136, 151, 218, 230, 245
Teucrus, 131

Thallus, 84, 85
Thapôn, Thepôn, 252
Thebae, 247
Themis, 144
Thermopylae, 140
Theseus, 122, 123, 124, 127, 128
Thespius, 107
Thessalia, 120, 122
Thessalus, 128, 130
Thetis, 120, 130, 131
Thia, 136
Thracius, 71
Thyias, 133
Thynia, 87
Thynus, 85
Thyonianus, 85, 194
Tia, 136, 214, 216, 229
Tíade, 133
Tibério, 240
Tibulo, 38, 40 n., 202, 235
Tíbur, 200
Tiburs, 93, 96
Tícidas, 16 n., 247
Tieste, 225
Tínia, 87, 169, 171, 193, 196
Tione, 194
Tiro, 211
Titânia, 218
Titãs, 214, 218, 238
Tito Lívio, 195, 212, 252
Tívoli, 200
Torquato, 210, 213
Torquatus, 112
Torrano, J. A. A., 196, 211
Toscana, 200
Trácia, 185
Traina, A., 46, 231, 247
Transpadanus, 93
Trezena, 222
Trinacria, 140
Trinácria, 140, 235
Tritão, 133, 226
Triton, 133
Triuia, 91, 135
Trívia, 91, 135, 172, 197, 228
Tróade, 216
Troia, 133, 141
Tróia, 133, 141, 203, 205, 210, 225, 227, 236
Troicus, 131
Troiugena, 132
Trypanis, C. A., 35 n.
Turquia, 184, 236
Túsculo, 193
Tyrius, 111
Tyros, 109

Uhland, L., 53 n.
Ulisses, 213, 222, 235
Úmbria, 200
Urânia, 105, 209
Urano, 184
Úria, 199
Ursa Maior, 230

Valério, 252
Valério Máximo, 240, 252
Varo, 75, 82, 187, 192
Varo, Públio Alfeno, 187, 196
Varo, Quintílio, 187
Varrão Atacino, 16 n.
Varus, 75, 82
Vasconcellos, P. S. de, 199
Vatinianus, 77, 102
Vatínio, 42 n., 77, 102, 174
Vatínio, Públio, 189, 205, 206
Vatinius, 102
Véctio, 153, 249, 250
Vectius, 153
Veleio Patérculo, 247
Veneres, 70, 77, 150, 184
Venus, 46, 70, 77, 92, 98, 104, 107, 108, 112, 117, 135, 136, 137, 139, 184, 207
Vênus, 46, 70, 77, 92, 98, 104, 107, 108, 112, 117, 135-137, 139, 164, 174, 184, 189, 199, 203, 205, 207, 208, 210, 211, 213, 216, 219, 220, 229, 230, 233, 234, 235, 237, 238, 244
Verânio, 45, 74, 77, 85, 98, 167, 186, 187, 188, 194, 204
Veraniolus, 77, 98
Veranius, 74, 77, 85
Verona, 91, 138, 140, 154, 191, 193, 196, 231, 232, 233, 243
Verona, 91, 138, 140
Veronensis, 154
Verres, 247
Vesper, 114
Vésper, 209, 213, 214
Vesta, 187, 212
Vétio, Lúcio, 249
Veyne, P., 18 n., 39 n.
Vibênio, 45, 90, 172
Vibennius, 90
Victor, 149
Virgem, 136, 230
Virgílio, 28 e n., 30 n., 40 n., 53 n., 187
  Bucólicas, 33
  Bucólicas, 4-, 188,
  Eneida, 16, 28 n., 205, 221, 227
  Geórgicas, 202
Vítor, 149, 177, 243
Vmber, 93
Volúsio, 45, 92, 152, 198, 247
Volusius, 92, 152
Vrania, 105
Vrii, 92
Vulcano, 198, 230

Wen.ley, R. M., 20 n.
Williams, G., 24 n., 39, 40 n.
Wiseman, T. P., 197

Xerxes, 229

Zefírion, 230
Zefirítide, 136, 230,
Zéfiro, 128, 193, 230
Zephyritis, 136
Zephyrus, 98, 128
Zeus, 183
Zmyrna (ver Cina), 152

ENVOI

Ter colhido no ar a tradição mais viva
ou num belo olho antigo a flama inconquistada
Isto não é vaidade.
Aqui, o erro todo consiste em não ter feito.
Todo: na timidez que vacilou.

EZRA POUND, *Cantares*, 81*

* Trad. *op. cit.*, p. 7.